



CARLIE FERRER

DESDE
QUE
ERREI



CAROL FERRER

DESDE
QUE
ERREI

Copyright 2020 © Carlie Ferrer

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capa

Arte: Dri K. K. Design

<https://www.instagram.com/drikkdesign/>

Revisão

Rayane Marqueli

Introdução

23 DE NOVEMBRO DE 2016

— Até mais, cara.

— Vai com Deus, JP.

— Juízo dessa vez, não quero vê-lo aqui de novo nunca mais — o carcereiro Montez, um dos únicos considerados gentis aqui dentro, diz dando tapinhas leves nas minhas costas.

Pego as coisas que possuía quando cheguei aqui, cinco anos atrás. Um Rolex Daytona, roupas já manchadas pelo tempo e minha aliança.

A aliança.

Giro a pequena peça entre os dedos, o nome dela gravado do lado de dentro. A coloco no dedo, sentindo-me incerto sobre isso. Afinal de contas, não soube nada sobre ela nos últimos cinco anos. Foi como se ela houvesse se convertido em um mero sonho apaixonado meu. Encaro a porta, a última barreira entre essa prisão e minha liberdade e não sei bem o que espero encontrar do lado de fora.

— Algum problema, JP? — Montez pergunta confuso por eu não dar o passo para minha tão almejada liberdade.

Dou de ombros, um sorriso resignado surge em meu rosto. Sinto-me de

repente mais velho e cansado do que na verdade estou.

— Não, nenhum. Não é como se tivesse alguém me esperando do lado de fora, não é?

— Há alguém esperando você do lado de fora — confirma o policial.

Meu coração parece prestes a pular no peito. Será que ela veio? Cinco anos de silêncio foram seu castigo, merecido aliás, pelo que fiz? Será que está aqui, com minha filha para que possamos recomeçar?

Heitor, o policial, abre a porta se despedindo e dou um passo para a luz forte do sol. Há um carro do outro lado da rua, um SUV preto. A porta dele abre e espero ansioso ver seus cabelos negros, sua pele morena e seus olhos pequenos. Um sorriso duvidoso de quem não tem certeza se deve se aproximar e nossa filha ao seu lado, tão ansiosa quanto a mãe. Feliz por finalmente poder conhecer o pai.

Mas quem desce do carro e me recebe do lado de fora com um sorriso travesso é Christopher Becker. A lenda Becker. O cara esteve preso comigo há dois anos, e conseguiu fugir da prisão. Ele se tornou uma espécie de lenda lá dentro. Pouco depois, sua inocência foi provada, assim como o risco que sua vida correu enquanto esteve preso.

— Christopher? Não esperava você aqui — admito dando um abraço no meu amigo.

— Alguém tinha que recebê-lo aqui fora, não é mesmo? — brinca, observa-me dos pés à cabeça com uma careta nada boa. — Para poder avisá-lo que você está horrível, não pode procurar sua mulher assim.

— Não somos mais casados — constato aceitando que ela não veio.

— Mas você colocou a aliança de volta no dedo. Venha comigo, vamos comer alguma coisa e depois passar no barbeiro. É sério, JP, você está horrível!

Toco o cabelo desgrenhado e a barba grande demais.

— Talvez ela volte a me amar desse jeito, no modo rústico.

Ele me observa dos pés à cabeça mais uma vez.

— Eu acho que não — diz por fim.

Entro em seu carro, nem tento esconder a decepção por não ser ela, mas no fundo eu sabia, sempre soube. Laura não é uma pessoa que muda de opinião. Ela não é do tipo que perdoa. Ela me disse isso inúmeras vezes. Ela me deu uma única chance e eu a desperdicei da pior maneira possível.

— O que sabe sobre ela? — pergunto a Christopher, porque tenho certeza que o motivo de ele ter se dado ao trabalho de vir até aqui me buscar, é porque sabia que ninguém mais viria.

— Não muito, na verdade. Sei que se chama Laura Martins, órfã, trabalhou na empresa do seu pai, onde imagino que tenham se conhecido. — Confirmo com um único gesto de cabeça, as lembranças daquele primeiro encontro me tomando de repente, tornando quase difícil respirar. — Sei que estão divorciados. Sua filha se chama Eva, tem cinco anos, como você já sabe. E claro, sei que ela não se casou de novo.

Solto a respiração e só então percebo que a estava prendendo.

— Ela vive com alguém? Você provavelmente não sabe sobre isso, não é? — tento.

— Apenas com sua filha. Ela não teve qualquer relacionamento amoroso desde que você se foi. Mas João Pedro — alerta ao ver o sorriso em meu rosto — ela odeia você.

O sorriso some.

O carro para em frente uma barbearia e Christopher me estende uma sacola com peças de roupas novas.

— Achei que Joaquim viesse me buscar — comento enquanto descemos. — E que fôssemos comer primeiro.

— Instruí o motorista a parar no que aparecesse primeiro, o restaurante ou a barbearia. Sorte sua que foi aqui. Joaquim ia vir, falei com ele há poucos dias, mas infelizmente não pôde.

Percebo que há algo mais, um motivo oculto para o fato de meu irmão, meu único visitante nesses cinco longos anos, não ter vindo me buscar.

— Você viu a minha filha? — pergunto enquanto me sento e sou

coberto com a capa.

— Sim, ela é sua cara. Se sua esposa fosse infiel, você não precisaria de um exame de DNA — brinca.

O sorriso volta, quente e bem-vindo dessa vez.

— Quando era pequena, era mais parecida com a mãe, Joaquim em trouxe uma foto dela uma vez. Era incrivelmente linda, a Laura é...

— Linda, eu sei. Eu a vi também.

O encarro curioso e o barbeiro chama minha atenção.

— Você precisa ser mais específico do que isso, Becker — peço ao perceber que ele não pretende explicar porque a viu. — Primeiro, você disse que não sabia quase nada sobre ela, mas parece que sabe o bastante.

— Elas estavam passando por dificuldades, ofereci um emprego à sua mulher. A vi porque eu mesmo fiz a entrevista. E foi assim que descobri que ela não se casou de novo.

Engulo em seco e praguejo contra Joaquim. Ele devia ter cuidado delas. Eu deixei dinheiro, muito dinheiro, ele devia ter... então me ocorre a verdade. Eu deixei dinheiro daquilo que a fez me odiar, ela jamais aceitaria qualquer ajuda de um dinheiro sujo. Ela jamais aceitaria qualquer ajuda da minha família. Ninguém dela. Eu devia saber.

Quantas coisas elas não devem ter passado nesses cinco anos? Laura era órfã, acostumada a ser sozinha, foi difícil fazer com que se abrisse para mim. Como se virou tendo uma filha pequena para cuidar? Para manter, proteger, ensinar? Ela perdeu o pai ainda criança, sofreu muito por isso. Era seu maior pesadelo que um filho seu passasse pelo que passou com a mãe. E eu infligi isso a ela.

— Qualquer mulher honrada negaria a ajuda oferecida por seu irmão, João Pedro — Christopher diz de repente.

— O que você quer dizer?

— Você vai descobrir.

O barbeiro volta a chamar minha atenção e ficamos em silêncio até que

me encaro no espelho. O cabelo escuro e curto de sempre, a barba cerrada, o mesmo sorriso, porém, a maior diferença está nos meus olhos. Agora são olhos tristes.

Enquanto comemos, tento fazer com que Christopher me conte o que mais sabe sobre a ajuda que Joaquim ofereceu a Laura. Mas ele me corta dizendo que não vai se meter em nada relacionado à minha família.

— Como isso aconteceu? Como vocês se apaixonaram a ponto de você abrir mão da sua herança, do seu sobrenome e da sua família? Como você entrou nesse mundo errado? O que deu errado entre vocês, JP? — pergunta um tempo depois, quando percebe que não vou esclarecer nada disso por vontade própria.

Deixo o resto da sobremesa de lado, sentindo-me mais satisfeito do que me lembro de já ter estado. Há anos não comia tanto assim. Pouco mais de cinco anos.

— Eu vou te contar, Becker. Eu preciso contar isso para alguém.

Ele deixa o vinho de lado e me observa. E tudo vem à minha mente como em um filme. Como uma história de amor, uma como qualquer outra que eu vi acontecer. É como narrar cenas lidas em um livro, ou assistidas em uma tela. Pois jamais conseguirei expressar em palavras o amor que sinto por ela. Como me apaixonei, como a escolhi acima de tudo. Ou a dor de como a perdi. Não, não posso expressar isso, ele não vai entender, será apenas um espectador de fato. Então conto a ele meu filme.

Tudo começou no final do outono de 2009, era junho, um mês mais frio do que os últimos no ano desde então. Minha família é dona da maior rede de joias da América, as Joalherias Nobre. E eu, desde sempre, me divertia desenhando joias e mais joias. Eu apenas me encantava com a beleza das pedras, adorava o poder de transformá-las em outra coisa. De moldá-las à minha vontade, de dar vida a elas. Às vezes, eu me escondia em uma das nossas várias lojas, em qualquer lugar do mundo, apenas para ver o momento em que um noivo escolhia um anel, quando os olhos de uma mãe brilhavam

ao receber um par de brincos, ou uma filha adolescente se sentir uma rainha com a pedra brilhando em seu colar.

Esse era meu caminho, como o do meu pai, Otavio Fagundes, um respeitado designer de joias. Eu tinha a vida que todo garoto queria ter, vinte e um anos, bonito, rico, com todas as oportunidades possíveis, muitos amigos, uma coleção de carros, viagens e muito dinheiro. Muito mais do que seria capaz de gastar um dia. Era o meu dinheiro, não vinha do meu pai, como o dinheiro do meu irmão mais velho. Era meu, eu o ganhei com as joias que desenhei. E eu era arrogante e orgulhoso por isso.

Meu pai havia contratado cinco novas funcionárias em meio período. Era uma maneira ridícula de pagar menos pela mesma mão de obra. Em uma tarde fria, eu estava aborrecido como o garoto mimado que era, fui ao terraço do prédio onde funcionam os escritórios da Nobre, observar a rua. Eu fazia isso com frequência, sempre aborrecido por coisas fúteis. Sentia-me um bosta por não poder ir às minas, extrair pedras, como sonhava desde pequeno. Meu pai achava perigoso demais, era a única coisa em que ele me dizia não. E eu não sabia aceitar sua recusa.

Sentia-me infeliz e sufocado, então subi no parapeito, observando as pessoas pequenas abaixo de mim, havia, claro, mais um bom pedaço de piso abaixo dos meus pés depois do parapeito, eu não corria o risco de cair na rua, vinte e dois andares abaixo e morrer. Mas ela não sabia disso.

Naquele momento eu não sabia o que ela havia ido buscar tão alto, numa área proibida a funcionários, e foi tudo rápido demais. De repente eu observava a rua abaixo de mim e no segundo seguinte, uma mulher gritou um sonoro não e se jogou contra mim.

Ela era magra e mais baixa do que eu, mas seu golpe foi inesperado e forte o bastante para me desequilibrar. Me segurei nela, quando minhas pernas perderam o equilíbrio e ela dizia repetidamente:

— Não se mate! Não faça isso!

— Eu não... — tentei dizer que não ia fazer isso, mas não deu tempo, caímos nós dois para além do parapeito, enquanto ela gritava desesperada achando que íamos despencar em direção a nossa morte.

Seu olhar de choque quando sentiu o piso sob seu corpo e percebeu que não havíamos morrido quase me fez rir. Quase. Porque eu estava furioso com ela.

— O que você pensa que está fazendo? — gritei me desvencilhando de seu corpo e sentindo imediatamente a dor.

Para protegê-la durante a queda, cobri seu corpo com o meu, de forma que apenas eu encontrei o chão com o corpo, a maluca estava ileso e sorria como a maluca que era olhando para baixo.

— Não era a rua! Tinha mais terraço depois do parapeito. Quem diria? — De repente, percebeu seu erro e me encarou receosa — Você não ia se matar.

— Não, eu não ia. Por que eu faria isso?

— Não sei, eu não conheço você. Só o vi parado ali, parecendo tão perdido, eu pensei... — Ela pigarreou e desviou os olhos castanhos e pequenos dos meus. — Eu pensei que estava salvando a sua vida.

— Como você pode ver, eu não ia me matar. E se fosse esse o caso, você apenas teria morrido junto comigo. O seu salvamento foi péssimo!

— Você é um mal-agradecido, sabia?

— E você é uma maluca! O que pensou? Que demonstrando sua bravura fosse conseguir algo aqui dentro?

A confusão em seu rosto não podia ser fingida. Ela tentou me ajudar a levantar, mas não aceitei sua ajuda. Claramente algo estava muito errado com meu ombro. Se a dor insuportável não fosse um claro indício disso, o olhar espantado e a boca escancarada da maluca com certeza eram.

Ela apontou o dedo em minha direção e parecia prestes a desmaiar.

— Seu braço! Não é normal, você...

— Eu caí com tudo na maldita laje para que a donzela maluca aí não se machucasse! — expliquei entredentes.

Ela engoliu em seco e deu um passo em minha direção.

— Obrigada? — arriscou.

— Eu vou matar você. Assim que formos tirados daqui e meu ombro voltar para o lugar, vou matá-la — prometi e ela retrocedeu seu passo, se encolhendo em seu casaco surrado.

Peguei o celular e proferi um palavrão ao ver sua tela quebrada. Mas consegui ligar para o meu segurança. Pouco depois, fomos resgatados.

E então vi a pessoa mais apavorada que já havia visto na vida, quando meu pai se aproximou de mim preocupado e ela percebeu quem eu era. Ela realmente não sabia. Eu sabia que se dissesse a verdade ela seria demitida e a julgar por suas roupas, ela precisava muito do emprego. Encarei seus pequenos olhos castanhos, eles eram meio puxados nos cantos, deixando seu rosto com uma simetria estranha, uma vez que seus lábios eram volumosos e grandes.

— A senhorita ali me ajudou, pai. Eu caí do parapeito e ela pulou para me ajudar ao perceber que eu havia me machucado. Se não fosse por ela, só Deus sabe o que teria acontecido comigo.

Sua expressão surpresa foi engraçada, meu pai a encarou agradecido e ela gaguejou todas as respostas para as perguntas dele. No final do dia, a maluca recebeu um abono por ter salvo a vida do filho do chefe.

Alguns dias depois, eu ainda não havia retornado à empresa, e quando finalmente já não sentia qualquer dor ao mexer o braço, meu pai resolveu dar uma festa em comemoração à minha recuperação. Ao menos, foi isso o que acreditei no início. Logo, ficou claro que o tal baile à fantasia oferecido por ele era apenas uma desculpa para impressionar sua nova pupila: Filipa Albuquerque, uma socialite portuguesa que havia acabado de herdar todo o dinheiro da tradicional família com a morte do pai. Ela procurava uma sociedade vantajosa, um lugar onde pudesse investir seu capital sem precisar se preocupar em administrá-lo. A rede de joalherias da família já era suficientemente conhecida e valiosa, papai não precisava de mais dinheiro. Mas era como minha mãe sempre dizia: quanto mais dinheiro uma pessoa tem, mais dinheiro uma pessoa quer. E papai não era uma exceção à regra. Sua ambição foi o que os separou. Sua frieza foi o que a levou à morte tão jovem, quando eu tinha apenas quinze anos.

— Joaquim e João Pedro, vocês dois estarão impecáveis nesta noite, os quero próximos à herdeira Albuquerque. Um de vocês precisa convencê-la de que a Nobre é o lugar certo para o seu dinheiro.

— Você não precisa desse dinheiro, pai — ousei observar.

Sua expressão de desdém e incredulidade quase foi divertida. Se não fosse a pior reprimenda possível vinda do meu pai. Seu olhar gelado. Ele me dava pesadelos quando eu era criança.

— Faça o que eu estou mandando, João Pedro. Você também, Joaquim. É apenas a merda de um advogado, mas talvez ela queira alguém inferior a ela para diverti-la. Faça o seu papel.

Percebi Joaquim engolir em seco e não dizer nada. Ele nunca, em nenhuma hipótese, contestava nada do que nosso pai dizia, mas eu não o julgava. Otavio Fagundes não era um homem paciente o suficiente para ter que repetir suas sentenças. E tinha uma predileção exagerada e desnecessária por mim. Apenas porque Joaquim não seguiu os passos da família. Embora trabalhasse na Nobre como advogado, e ele era realmente brilhante, nosso pai enxergava apenas a mim. O designer, como ele. O filho que aumentou seu patrimônio, seu melhor investimento, como deixava claro constantemente.

O tal baile seria no mesmo terraço onde conheci a novata maluca. E pela primeira vez desde que eu me lembrava, os funcionários haviam sido convidados. Depois descobri ter a ver com a herdeira Albuquerque, e sua relação próxima com seus empregados. Por isso, papai decidiu fingir que sua relação também era próxima com eles, convidando-os à festa. Não que ele destratasse ou humilhasse qualquer funcionário, ele os respeitava. Apenas eram substituíveis para ele. Quase tudo era substituível para ele. Ele, claro, não pensou em nenhum momento que aquelas pessoas não tinham quem ficasse com seus filhos para que fossem a uma festa, que não tinham dinheiro para comprar as fantasias deslumbrantes que ele esperava exibir para Filipa. Elas não iam ver esta como uma oportunidade de diversão, e sim, de tortura.

Estava pensando em como dar um jeito nisso, quando alguém bateu à minha porta, duas semanas depois do pequeno incidente, quando finalmente voltei à empresa. A maluca se aproximou receosa. Tinha o cabelo negro

preso na mesma trança que usava na outra vez, seus olhos pequenos reluziam em expectativa e ela respirava fundo como se estivesse prestes a fazer algo difícil.

— Você. Como tem passado com sua vida secreta de super-heroína?

Ela revirou os olhos claramente irritada, não se importando com o pequeno detalhe de que eu era seu chefe.

— Prometo que a próxima vez em que o vir em perigo, vou deixá-lo morrer. E vou rir disso — respondeu fazendo-me rir.

Ela me fez rir de verdade, gargalhar até. Coisa que nunca acontecia quando eu estava na presença de uma mulher. Pensando bem, eu não era alguém que ria com facilidade. Sempre compromissos demais, trabalho demais, farra demais. Era nesse último onde meus risos eram vistos, mas não eram completos. Não faziam minha barriga doer, ou deixavam meus olhos cheios, como aconteceu agora.

— O que você quer? Me agradecer? — provoquei.

— Na verdade, sim — respondeu surpreendendo-me e sentando-se, ainda que sem ser convidada de frente para mim. — Obrigada por não ter dito a verdade, eu seria demitida, se não fosse presa. Mas você sabia disso.

— Não há de quê.

— Eu também gostaria de te devolver isso.

Ela colocou um envelope sobre a mesa e o empurrou em minha direção. Dentro dele estava uma quantia em dinheiro. A bonificação que recebeu do meu pai.

— Não é justo que eu fique com isso quando meu ato de heroísmo não foi verdadeiro. Você salvou a minha pele e isso já é mais do que suficiente. Não posso ficar com seu dinheiro.

— Na verdade, é o dinheiro do meu pai, e você não só pode, como deve ficar com ele. Desculpe, não sei como chamá-la.

— Laura. Sou Laura Martins, senhor Fagundes.

— Me chame de João Pedro, detesto essa coisa de sobrenomes. Me

sinto um velho ranzinza como o meu pai.

Ela assentiu e se levantou para deixar a sala, assim, tão de repente quanto surgiu nela. Quando tive a ideia perfeita.

— Laura, espere! Pegue este dinheiro, distribua entre os funcionários que querem ir à festa. Você acha que isso é suficiente para que possam comprar fantasias, pagar babás e o que mais for necessário para que compareçam à festa?

Algo aconteceu com ela naquele momento. Seus olhos adquiriram um brilho encantador. Ela abriu a boca, mas nada saiu e olhou para mim como se eu fosse o melhor dos homens. Confesso que adorei a sensação de ser admirado por ela daquela maneira.

— Seria mais do que suficiente. Se o senhor realmente permitir, eu farei isso. Sei quem vai, quem tem filhos, quem precisa mais de ajuda, isso seria perfeito! Quase ninguém tem condições de ir e ninguém quer deixar de ir porque é a primeira vez que são convidados para algo assim pelo dono. Isso vai fazer com que todos possam ir.

Estendi o envelope e ela o pegou da minha mão, um sorriso admirado no rosto. Eu não fui capaz de dizer nada em resposta porque estava contemplando aquele sorriso de pura admiração destinado a mim.

— Muito obrigada senhor... João Pedro — disse me abraçando de repente e nesse momento meu pai entrou na minha sala.

Seu olhar ao ver a cena não foi nada gentil e Laura saiu rapidamente ao perceber sua presença. Estranhamente, meu pai repetiu o meu dever nessa festa por todo o resto da tarde, como se eu estivesse pensando em não o cumprir. E algo nele parecia estranho, desconfiado até, sempre que Laura passava por nós.

Pobre menina, por causa de um abraço bobo, um gesto de gentileza, meu pai a mandaria embora. Eu tinha certeza disso.

O baile aconteceu no sábado seguinte. Filipa Albuquerque era uma mulher linda, refinada e gentil. Mas faltava algo nela. Sua fantasia era de

rainha, o que lhe caía muito bem, claramente ela era alguém que nasceu em berço de ouro. E, apesar de ser simples em muitas coisas, sua aparência não negava o dinheiro que tinha. Joaquim não queria se aproximar dela a princípio, achando perda de tempo uma vez que nosso pai já teria feito minha cama com ela. Por isso, fiz questão de desobedecê-lo, coisa que quase nunca fazia, apenas para que Joaquim tivesse a chance de convencer a garota e então ter esse crédito com nosso pai. Pelo pouco que conversei com ela, ela parecia mais do que inclinada a fechar a parceria com nosso pai, Joaquim não teria muito trabalho.

A maioria das mulheres casadas estava fantasiada das mais aleatórias coisas ou pessoas. Desde uma rainha abacaxi, uma guerreira, uma índia, Carmem Miranda e a bonequinha de luxo. E as solteiras, conseqüentemente as mais jovens, estavam de mulher gato, vi umas quatro assim. Uma ousou aparecer de dominatrix, o que me fez rir. Ela receberia o olhar de gelo do papai, com toda certeza. Professora, pastora, todas as fantasias sexys possíveis. Olhei-me no reflexo vendo minha fantasia de Romeu e me senti antiquado de repente. Quem se importa com personagens da literatura, não é mesmo?

Foi então que a vi, minha Julieta. Ela usava um vestido de época vermelho de mangas compridas e uma espécie de capa na parte de trás que balançava ao vento enquanto se movia. Seu rosto coberto parcialmente com uma máscara. Os cabelos, soltos em ondas negras que reluziam mesmo que a distância. Sua pele morena ressaltada pela cor do vestido. Ela era deslumbrante. Caminhei até ela com um sorriso de lado, jogando todo o charme possível, eu estava disposto a quebrar uma regra de ouro do meu pai naquela noite. Apenas uma pequena transgressão armada pelo destino. Ela era a Julieta, afinal, se isso não era um sinal do destino para que eu ficasse com ela naquela noite, nada mais seria.

— Julieta? Como tem passado?

— Romeu? Não tão bem como você, eu imagino. Achei que também fosse necessário usar máscaras — confessou olhando em volta e percebendo ser a única com uma máscara.

— Não é, neste caso, você pode tirar a sua. Estou ansioso em ver seu

rosto.

Então ela riu. Olhou para mim e riu alto. Não entendi porque estava rindo, até que tirou a máscara e acabei rindo também.

— Mantenha distância de mim neste terraço, para sua segurança, senhor João Pedro — Laura alertou de maneira divertida.

— Somos provavelmente o casal mais famoso da literatura. Acho que podemos esquecer esse senhor, certo?

Observei cada curva de seu corpo neste vestido, seus seios ressaltados pelo decote apertado, a maquiagem leve, a cintura bem marcada. Laura era mesmo uma mulher incrivelmente atraente. Seu sorriso fácil, uma gentileza e doçura incomparáveis, e um senso do que é certo e errado perturbador. Nenhuma outra pessoa teria devolvido a bonificação que recebeu. Eu não teria.

— Se eu tivesse imaginado que aquele bônus faria isso com você, teria triplicado seu valor — brinquei, e percebi tarde demais que isso a incomodou.

— Não é uma fantasia cara, é de um brechó. Estava fedendo a mofo até esta tarde, para ser sincera. O seu dinheiro não fez isso. Eu o distribuí, como o senhor sugeriu. Então sinto lhe informar que você não me vestiu esta noite, assim como não vestirá noite nenhuma. Continuo não estando à sua altura. — Em seu tom não era possível notar a reprimenda, ela estava em seus olhos e em suas palavras, disfarçada, mas perceptível.

— Laura, sinto muito, eu não quis dizer...

— Quis sim. Passar bem, senhor Fagundes.

Merda! Virei o primeiro copo da noite e tentei me concentrar na festa que rolava, mas claro, não demorou dez minutos para eu ir atrás dela. A encontrei conversando com outra mulher e seu marido. Hortência e Ângelo, funcionários de longa data. E foi o que ouvi sair de seus lábios que me fez ficar parado, escondido ouvindo o que tinha a dizer.

— E foi isso, a cobra da Abigail me disse que o senhor Fagundes estava me chamando no terraço. Eu fui até lá e encontrei o senhor João Pedro. Mas

bem, só depois descobri que o terraço é um lugar proibido. Era meu primeiro dia! O que ela pretendia?

Ao longe avistei Abigail, fantasiada de Cristo Redentor, mas em um vestido que deixava suas curvas à mostra. Artilosa, esperta, decidi que ficaria de olho nela a partir dali.

— Boa noite, senhor, senhoras — cumprimentei aproximando-me deles. — Julieta, podemos ter uma palavra por um momento?

Hortência e Ângelo saíram rapidamente e fingi ignorar que Laura revirou os olhos impaciente.

— Então, Romeu e Julieta é sua obra preferida de Shakespeare? — perguntei para puxar assunto.

— Claro que não! Não faz sentido, eles sofrem o livro todo e depois morrem no final. Por que eu adoraria algo assim?

Aponto para sua fantasia.

— Como eu disse, foi o que achei no brechó.

— E imagino que não conheça nada de Shakespeare também — comentei em voz alta sem querer, e mais uma vez ali estava, o olhar enjoado e a indicação de que fui de novo um babaca.

— Não, pessoas pobres não sabem ler — respondeu de maneira debochada.

— Desculpe, eu não quis...

— Sim, você quis! Minha obra preferida de Shakespeare é A megera domada.

— Comédia, então. Na verdade, ela combina muito com você — respondi não dizendo exatamente a qual personagem me referia. Mas ela sabia.

— Achei que fosse dizer algo do tipo e não me importo. Catarina é minha diva — respondeu sorrindo, a irritação sumindo de seu semblante.

— Acho que tenho medo de você agora.

— Medo da minha inspiração? Pensei que tivesse medo de mim por teu tê-lo jogado deste terraço.

— O que é a vida sem riscos, não é mesmo?

Ela olhou algo atrás de mim e seu sorriso sumiu, sua expressão assumindo o mesmo tom preocupado e fechado de antes. E então, ela me pediu licença e se afastou. E nem teria sido necessário olhar para trás para saber que ela havia recebido o olhar de gelo do meu pai. Um aviso claríssimo para que se afastasse de mim.

A festa perdeu a graça depois disso. Dancei com algumas funcionárias, flertei um pouco, nunca quebrando a maldita regra. Mas meus olhos sempre buscavam a Julieta, sorrindo em um canto, comendo mais do que qualquer mulher presente aqui, admirando o céu estrelado ao invés da festa ao redor dela.

Laura era uma mulher tão linda! E havia algo nela, ela era diferente das outras. Como uma pedra preciosa bruta, valiosíssima, mas que precisava ser lapidada, descoberta, e eu não tinha o costume de deixar uma pedra preciosa escapar. Apenas por isso pedi ajuda a Hortência. Apenas por isso levei o baile que acontecia lá em cima até minha sala, apenas para nós dois. Apenas por isso insisti que ficasse quando percebeu que havia caído em uma armadilha e a convenci a dançar comigo.

— Shakespeare reviraria no túmulo se Romeu e Julieta não tivessem sua última dança — brinquei.

— Você sabe que serei demitida, não sabe? — respondeu em um tom triste que partiu meu coração.

— Não, e você não será. Por que seria?

— Seu pai acha que estou me atirando para cima de você.

— Considerando que foi exatamente o que fez no momento em que me conheceu, ele não está errado.

— Eu estava salvando a sua vida! — defendeu-se irritada.

— Então por que seria demitida? É só uma dança, Laura, recusá-la seria uma grosseria e uma desfeita desnecessária. Eu a deixarei ir em seguida,

prometo.

Relutante, ela tocou minha mão. E não cumpri minha promessa. Foram quatro músicas, treze minutos sentindo o cheiro gostoso do seu cabelo, sua textura macia em meu rosto. Quatro ritmos diferentes em que apenas nos balançamos porque não importava a dança em si, e sim tê-la em meus braços um pouco mais. Quatro vozes diferentes até que eu tivesse a coragem de tocar seu rosto e finalmente beijá-la.

E foi necessário um segundo, um único segundo quando nossos lábios se encontraram, para que eu me apaixonasse por ela.

A tensão que ela sentia na semana seguinte, esperando sua demissão, eu sentia também. Cada vez que a via, queria tomá-la nos braços de novo e repetir os beijos do nosso baile particular, mas me continha, mal a olhava, não falava com ela, para que não perdesse o emprego. Pesquisei sobre ela nas fichas dos funcionários e descobri que era órfã, perdeu o pai aos quatro anos, a mãe aos dezesseis. Morava em um quarto de uma pequena pensão e estava se formando em administração na federal. Ela precisava justamente desse emprego de meio período para pagar suas contas.

Minha vontade era pagar seus aluguéis atrasados, tirá-la do lugar pequeno onde vivia, cuidar dela. Porque de repente ela despertou isso em mim, a vontade de cuidar de alguém que não fosse eu mesmo. Passei a semana desatento, Joaquim cumpriu seu papel, o que foi maravilhoso e garanti o emprego de Laura alguns dias depois ao contar a Filipa a história de como uma funcionária se arriscou para me ajudar. Filipa quis conhecê-la, elogiou a ligação entre meu pai e seus funcionários que se arriscariam por um familiar dele, e eu soube que meu pai jamais a demitiria.

Ela também percebeu minha manipulação, pois me enviou um bilhete de agradecimento. Pela primeira vez na vida, eu queria uma coisa e não a pegava porque isso a prejudicaria. Pela primeira vez, eu controlava meus impulsos pensando no que era melhor para alguém além de mim. Por semanas ficamos nisso, apenas as lembranças dos beijos trocados para que nada de mal acontecesse a ela. Eu a vigiando de longe, de olho na megera Abigail para que não a prejudicasse de novo. E a desejando cada vez mais.

Até que uma noite descobri que ela foi despejada da pensão. Imediatamente, a busquei, a convenci a ir para meu apartamento comigo, e foi nossa primeira noite juntos. Depois de tocá-la e fazer amor com ela, não dava mais para ignorar que eu a amava. Não dava para continuar longe dela.

Laura não aceitou nenhuma ajuda oferecida por mim. Repetia que não deveríamos nos envolver, éramos afinal, de mundos completamente opostos, mas estava tão apaixonada quanto eu. É curioso como entendo isso agora, era nítido em seu olhar, na maneira como falava comigo, ou como dizia que tínhamos que nos afastar pouco antes de nos entregarmos de novo a mais uma rodada deliciosa de amor. E cada segundo com ela era tão bom e tão raro, que se tornaram meu combustível.

Quanto mais a tinha, mais a queria, as noites já não eram suficientes. Poucos dias na semana não bastavam para suprir a falta que eu sentia dela. Já mal conseguia disfarçar o que sentia quando a olhava. Me pegava sorrindo para ela de repente, atraindo uma atenção que não deveríamos ter sobre nós.

Até que um dia, completamente absorto do que acontecia na reunião em que estava, meu pai impediu que eu deixasse sua sala ao final dela, fechando a porta e me encarando do seu jeito autoritário. Eu soube que ele sabia. Me orientou a me sentar de frente para ele em uma poltrona e o fiz.

— Cinco anos. Você trabalha nesta empresa há cinco anos, João Pedro, e nunca em nenhum desses anos, você desrespeitou uma regra tão básica quanto não se envolver com uma funcionária.

— Não pude evitar.

— Não pôde? Ou não quis? A garota é bonita, se arriscou por você, reconheço a apelação que isso possa ter para um garoto como você. Mas isso precisa parar agora! Você tem todas as mulheres que quiser disponíveis, por que ela?

— Pai, por que não ela? Ela é uma mulher disponível para mim, como as outras, porém, uma de quem eu realmente gosto.

Sua primeira reação foi não ter reação. Em seguida, ele riu. Riu alto, tirando um lenço do bolso do paletó e o levando ao rosto.

— Essa é boa. Não é um pedido, João Pedro, é uma ordem. Se você a

descumprir, não importa o quanto tente me manipular, eu a demitirei.

Assenti, não pensando nem por um segundo em cumprir sua ordem, apenas ganhando tempo para conseguir um emprego melhor para Laura e tirá-la daqui.

Continuamos nos encontrando às escondidas, ela continuou não me permitindo ajudá-la, e isso parecia me matar aos poucos. Eu via as roupas que usava, os dias em que chegava faminta da faculdade por não ter dinheiro para comer nada lá, e ela nunca, em situação nenhuma, me deixava ajudar. Era uma questão de honra para ela, jamais aceitaria meu dinheiro. Eu a amava mais por isso, mas tinha vontade de sacudi-la até que perdesse todo aquele orgulho quase todos os dias.

Foram três meses nos escondendo. Três meses de um sentimento tão sublime que eu mal sabia nomeá-lo. Eu já não saía com meus amigos, não curtia farras, nem reparava em outras mulheres. Joaquim descobriu, e acabei confessando ao meu irmão o meu amor por uma funcionária proibida, tendo ele prometido me ajudar com isso.

Mas claro, poucos dias depois, Joaquim me dedurou. Eu soube disso ao chegar à empresa em uma segunda de manhã e encontrar os dois esperando por mim na minha sala. Antes mesmo de cumprimentá-los, Laura passou por mim com suas coisas, ela foi demitida. Tentei ir atrás dela, mas fui impedido por Joaquim.

— Papai quer falar com você, agora! — advertiu.

— Por que você fez isso? — questionei meu pai.

— Eu te dei uma ordem, João Pedro, uma ordem simples.

— E eu não vou obedecê-la até que você me explique o motivo disso. O que há de tão errado em me envolver com ela?

— Eu mal posso acreditar que você esteja me perguntando isso! — gritou levantando-se. — Ela não é da nossa classe social, é uma pobretona oportunista que encontrou um herdeiro tonto para se aproveitar!

— Não é porque uma pessoa não tem dinheiro, que ela não tem caráter, papai. Na verdade, a falta de bens geralmente é um indicativo de que há sim,

caráter nela.

— Não me importa seu caráter, suas intenções, tampouco seus sentimentos. Um Fagundes não vai se envolver com qualquer uma. Nunca fizemos isso. Nunca nos misturamos e não vamos começar agora.

— Isso é tão ridículo que sequer merece resposta.

— Esse seu caso acabou aqui.

— Não acabou! Não é você quem decide isso.

— Você é meu filho! — gritou ainda mais alto.

— Mas não sua propriedade! Ser meu pai não faz de você meu dono!

— Por que você ousa me desafiar desnecessariamente, João Pedro?

— Porque eu a amo! Vou me casar com ela, eu a amo!

Otávio Fagundes, um homem cuja força e autoridade quase nunca eram contestadas, um homem acostumado a ser sempre ouvido e obedecido, jamais imaginaria que seria seu filho mais querido a tirar isso dele. Ele caiu em uma cadeira com a mão sobre o peito. Por um momento, pensei que estivesse mesmo mal. Tentei me aproximar, mas Joaquim não permitiu, o adulando à sua própria maneira. Culpando-me por qualquer coisa que acontecesse a ele.

Ele se levantou em seguida e deixou a minha sala. E não falou comigo por dias.

Mas nem mesmo isso conseguiu nos afastar. Tentamos dar um tempo, tentamos mesmo. Até que tudo se acalmasse, mas não foi possível. O destino não queria que nos separássemos.

Uma tarde, eu estava absorto em um restaurante com Joaquim, Filipa e mais dois empresários amigos do meu pai. Não estava com fome, andava sem fome desde que Laura e eu decidimos dar um tempo. Resolvi então ir embora mais cedo. Não de volta para a empresa, mas para casa. Dormir, ler algo, apenas ocupar minha mente com alguma coisa mais prazerosa do que meu trabalho. Atravessei a rua sem prestar muita atenção em direção ao meu carro, logo em frente à entrada do restaurante. De repente, uma buzina soou

alta demais muito perto de mim e no segundo seguinte, alguém se lançou sobre mim, tirando-me do caminho.

O R8 passou perto demais de atropelar nossos pés, mas eu estava a salvo. Graças à Laura.

— Você se machucou? — perguntou preocupada tocando meu rosto e braços.

— Está tudo bem, amor. — Ela continuava sua inspeção assustada, sequer ouvindo minha resposta. — Eu estou bem! — falei firmemente segurando seu rosto, obrigando-a a olhar em meus olhos. — Graças a você, estou bem.

Ela se jogou em meus braços e eu soube que era ridículo tentarmos ficar separados. Era horrível, doloroso e desnecessário. As coisas não iam se acalmar. Meu pai não ia aceitá-la e pronto.

— Eu trabalho aqui perto, estava chegando quando o vi e pensei... bem, mal deu tempo de pensar. Tive medo de tê-lo machucado de novo.

— Laura, não dá mais.

Seus olhos confusos buscaram os meus e a beijei. Estava com tanta saudade dos beijos dela! Meu irmão e seus acompanhantes se aproximaram para saber como estávamos, mas eu só queria vê-la, senti-la, ir embora com ela.

— Não dá mais — repeti ignorando-os. — Não vou mais fingir que não a amo, essa distância é ridícula! Meu pai não vai aceitar isso, as coisas não vão ficar mais fáceis.

Nunca esquecerei o medo em seu olhar ao pensar que eu estava desistindo. E o brilho e a vida que ganharam quando eu contei a ela minha decisão.

— Não vai ficar mais fácil, ao menos não enquanto estivermos separados. Case-se comigo, Laura. Saia deste emprego, venha comigo agora, e vamos nos casar.

O brilho nos olhos, o sorriso bobo, a incerteza. Tudo a tornou ainda mais bela aos meus olhos. Filipa imediatamente nos parabenizou, Joaquim

parecia ter ganhado na loteria. Ele com certeza seria o filho preferido a partir dali, mas não me importava.

— Eu devia ser forte o bastante para dizer não — ela disse quando cobreí uma resposta. — Eu devia, sei que é a coisa certa a se fazer, mas não posso. Que Deus me perdoe, João Pedro, eu não posso. Eu aceito, aceito me casar com você.

E aquele foi um dos momentos mais felizes da minha vida.

Se pensávamos que não seria fácil, não estávamos nada preparados para a reação do meu pai quando Joaquim lhe deu a notícia. Primeiro, fui impedido de entrar na empresa, eu já esperava por isso. Depois, fui impedido de entrar em sua casa. Eu queria conversar com ele, explicar meus sentimentos, tentar mais uma vez, mas ele me evitava. Era sua forma de castigo de sempre, a frieza, o afastamento. Passei por esse processo, eu tinha acesso a minha conta, afinal. Ao meu dinheiro. Até que um dia, isso também me foi tirado. Meu pai também tinha acesso a tudo que era meu, afinal de contas, era meu pai, minha conta era corporativa e jamais pensei que ele seria capaz de me roubar. Mas foi o que fez. Ele tirou tudo de mim. Meus carros, meu apartamento e todo meu dinheiro. Não importava que fosse meu, ganho com meu trabalho, ele o tirou.

Um mês depois nos casamos, um casamento pequeno, mas belo, graças a Filipa, que arcou com tudo como um presente. Ela gostava verdadeiramente de Laura, e adorava nossa história de amor proibida. Arranjei um emprego, e embora Filipa insistisse que eu conseguisse um advogado para reaver meus bens, eu esperava. Sabia que meu pai voltaria atrás. Que se não me devolvesse sua admiração e amor de pai, ao menos, me devolveria o que era meu. E isso aconteceu em uma tarde de sexta.

Cheguei cansado do serviço na pensão onde morávamos e meu antigo segurança estava lá. Ele me conduziu até meu apartamento, aquele que não era mais meu. Meu pai esperava por mim nele. Não parecia sequer ouvir as coisas que despejei sobre ele, minha dor, minha impotência, minha mágoa. Ele não estava ouvindo. Por fim, quando desisti de falar, disse apenas:

— Seu apartamento de volta, seus carros, seu dinheiro, uma promoção

na empresa. Estou velho e cansado, João Pedro, você vai assumir o meu lugar. E claro, como dono você poderia ir às escavações em busca de pedras, como sempre quis fazer.

Eu mal podia acreditar. Me lancei sobre ele abraçando-o. A emoção forte demais para que eu proferisse palavras. Ainda retribuindo meu abraço, ele disse sua condição.

— Se separe dela, volte para sua família e tudo será seu.

Respirei fundo sentindo o golpe da decepção antes de afastá-lo. Ao olhá-lo eu soube, aquela era a última vez que eu abraçava meu pai.

— Você não nasceu para ser pobre, João Pedro. Não nasceu para trabalhar em um restaurante qualquer! O que pensa que está fazendo com sua vida? Você desenha joias, olhe em volta as paredes da sua casa! É sua paixão! É sua verdadeira paixão. O que você pensa que sente por essa garota vai passar assim que você cair em si, assim que começar a enxergar os defeitos dela. Então seja inteligente como sempre foi e volte para mim, filho. Vamos fingir que nada disso aconteceu. Conseguiremos um bom acordo. Ela não vai passar falta de nada. Daremos a ela um bom dinheiro, uma garantia de vida. Ela merece, afinal, foi esperta o bastante.

— Chega! Você não vai insultar minha mulher, alguém a quem você nem conhece, na minha frente!

Dessa vez ele recebeu o golpe da decepção. Mas no caso dele, era merecido.

— Você está falando sobre a casa, os carros e o dinheiro que me pertencem. Não foram dados por você. Eu conquistei com o meu trabalho e se você acha que tem o direito de tirar isso de mim porque não faço o que você quer, deve deitar a cabeça toda noite no travesseiro sentindo-se o ladrão que você é! Tirar o que é meu não é punição, pai, é roubo.

O choque o impediu de falar por longos minutos. Por fim, ele disse:

— É sua última chance, não haverá outra. Se você se arrepender disso depois, não estarei aqui por você. Se você continuar com isso, João Pedro, você será esquecido. Esqueça seu sobrenome, seu pai, irmão, seu dinheiro, sua vida. Suas joias. Todo seu tempo e dedicação. Você nunca mais será

bem-vindo nessa família.

— Então acho que isso é um adeus.

— Você sequer pensou a respeito.

— Não há o que pensar! Meus sentimentos não estão à venda! — gritei.
— É meu pai autoritário, preconceituoso, desamoroso, aquele que deveria ser meu exemplo, meu herói, na minha frente agora, me excluindo de sua vida por um capricho. Se é tão fácil me esquecer pai, então o faça. Adeus.

Saí daquele apartamento achando que era a última vez que o veria.

Laura me ajudou nas semanas seguintes, foram tempos difíceis. Principalmente ao constatar que meu pai estava certo. Não sobre meus sentimentos por minha esposa, eu a amava cada dia mais. Mas sobre eu não ter nascido para ser pobre. Eu não consegui me acostumar com horários, em receber ordens, em trabalhar tanto e não ter dinheiro para nada. Não me acostumava com as contas atrasadas, a geladeira vazia, as conduções lotadas e o tempo que eu levava de casa até o trabalho e de volta para casa todo dia. Não era acostumado a ouvir tudo o que os vizinhos faziam na pequena pensão, em ter gente se metendo em nossa vida o tempo todo, nas crianças berrando, os carros velhos fazendo barulhos infernais, eu me sentia deslocado. Um peixe fora da água.

Uma tarde, encontrei um antigo amigo, Vitório Medina, filho de um grande amigo do meu pai. Ele soube o que aconteceu comigo, toda sociedade mesquinha sabia. Então me ofereceu outra chance. Uma chance de ter de volta a vida que eu tinha, não com minha família, mas eu não desejava realmente voltar para eles. Eu os odiava naquele momento. Mas uma chance de ter meus carros, dinheiro, não precisar mais trabalhar. Era um negócio arriscado. Vitório era a ovelha negra de sua família e eu sempre soube disso, mas sua promessa era tudo o que eu precisava naquele momento.

Laura não podia nem sonhar que eu faria aquilo, foi a primeira vez que menti para ela. Mas concordei, e dois dias depois, recebíamos uma carga enorme de crack e a levamos para os chefes das comunidades próximas de onde eu morava. Era um serviço fácil, eu não tinha que falar, apenas pegar a

encomenda e entregá-la. Não mexia com o dinheiro deles, não dirigia um carro em meu nome. Alugava um carro a cada semana, e fazia as entregas. Pedi demissão sem que Laura soubesse. De repente, eu tinha encontrado uma casa melhor e mais barata, foi o que disse a ela.

Era uma casa simples, o dinheiro havia começado a entrar, mas se a levasse para uma casa melhor, ela desconfiaria. De repente, a geladeira estava sempre cheia. Comecei a enchê-la de mimos, vesti-la como a dama que ela sempre deveria ter sido. Ela começou a desconfiar, mas confiava tanto em mim, que suas perguntas cessaram.

Até que descobriu que eu tinha pedido demissão. Então a apresentei a Vitório e mentimos que ele me conseguiu um emprego como seu motorista e me pagava muito bem. Ela ficou tão feliz! E me senti péssimo por mentir para ela, mas era necessário.

As entregas começaram a ser feitas três vezes por semana, quanto mais eu fizesse, mais dinheiro recebia. Então Vitório me fez outra proposta, que eu investisse em heroína com ele, uma droga bem mais viciante e mais cara, e vendêssemos o novo produto para nosso círculo de amigos. Correríamos mais riscos, porém teríamos muito mais lucro. Aquilo era diferente de apenas transportar uma carga ilegal que eu não sabia de onde vinha, e ignorava qual fim teria. Aquilo seria realmente traficar. Eu disse não. E ele me banuiu de qualquer atividade.

Duas semanas depois, mudei de ideia. Meu apartamento estava à venda e eu precisava comprá-lo de novo. Precisava disso para esfregar na cara do meu pai que não precisava dele para nada, que eu me reergueria sozinho. Procurei Vitório e aceitei sua oferta. E então comecei a traficar heroína. Era fácil, os riquinhos mimados, como eu mesmo fora um dia, pagavam o que eu pedisse, fui subindo o preço, consequentemente, comecei a ameaçá-los quando ficavam me devendo. Eu gostava de ter esse poder, gostava do dinheiro que tinha. Precisei colocá-lo em uma conta à parte, a qual Laura não tivesse conhecimento. Nos mudamos para meu apartamento e menti a ela dizendo que Vitório o havia comprado e alugado para nós. Ela começou a não gostar de Vitório, por mais que pensasse que ele nos ajudava tanto, sentia algo errado nele.

Essa era a pior parte, ter de mentir tanto para ela. Mas era necessário.

Um dia, um cliente estava me devendo, o encontrei no local combinado, onde ele deveria me pagar, minhas ameaças eram sempre vazias, ao contrário de Vitório, eu nunca havia machucado ninguém. Mas ele não sabia disso, achando que iria morrer por não ter conseguido o dinheiro, ele apareceu armado e antes que eu pudesse explicar que não faria nada, ele me atingiu. Minha sorte foi que fez isso e fugiu em seguida, era jovem e imaturo demais para se certificar primeiro de que eu estava morto. A bala atingiu em cheio meu peito, logo acima do coração.

Foram dias difíceis. Primeiro, quase morri. Depois, a recuperação difícil. E então, o imbecil sendo preso e Laura descobrindo o que eu fazia nos últimos meses. Essa foi a pior parte. Eu preferia ter sido baleado mais cinco vezes do que ter de enfrentar a decepção em seu olhar. Foi difícil convencê-la a não me deixar. Foi difícil fazer com que tentasse de novo. Jurei inúmeras vezes que abandonaria essa vida. Só não fui preso porque Vitório deu um jeito de calar o homem que atirou em mim antes que ele entregasse nossos nomes. Uma vida foi tirada por minha causa, por causa dos meus erros. Vitório, além de traficante, era um assassino e eu jurei a Laura e a mim mesmo que sairia disso.

Me lembrei de cada palavra dela daquela noite, quando estava com as malas prontas para ir embora, quando eu a convenci a ficar.

— João Pedro, me prometa, me jure que você nunca mais vai fazer algo parecido de novo. Você precisa me jurar. Eu não vou de maneira nenhuma colocar uma vida inocente à mercê de alguém em quem não posso confiar. Você precisa me jurar!

— Do que está falando?

— Estou grávida. Mas não vou ter meu filho perto de você se for para vivermos assim. Não quero isso, não há amor no mundo que me faça ficar com você e arriscar a vida dele.

E esse foi o segundo momento mais feliz da minha vida. Caí de joelhos aos seus pés. Rindo feito um maluco e chorando também. Abracei suas pernas e beijei sua barriga.

— Oi, meu filho, ou filha. É o papai aqui, e o papai jura, para você e para a mamãe, pela alma dele, que nunca mais fará nada que envergonhe vocês. Ouviu? O papai vai cuidar de você, meu amor, todos os dias, com todo amor possível, com segurança, com verdade e com honestidade. O papai jura.

Assim, a convenci a tentar de novo. Assim como meu pai, era seu último aviso.

— Se você fizer algo parecido com isso de novo, eu nunca mais falo com você. Não importa o quanto eu o ame, João Pedro, para certos erros não existe perdão. Você me entendeu? Você me quebrou ao meio, quase acabou comigo, me virou do avesso quando descobri quem você era por trás do marido amoroso e honesto que eu pensava ter. Eu vou perdoá-lo dessa vez, porque o amo muito e porque não me perdoaria por desistir do nosso amor no primeiro erro, depois de tudo o que você abriu mão por mim. Não vou fazer isso. Mas eu não aguento mais uma queda como essa, eu não aguento — sua voz foi perdendo a foça, seus olhos cheios libertaram as lágrimas que queriam cair.

— Eu sei, meu amor, eu juro. Nunca mais isso vai acontecer. Eu juro. Nós vamos sair dessa casa, tudo bem? Vamos para uma menor, que possamos pagar, eu vou encontrar um emprego honesto, com o que sei fazer. Vai ficar tudo bem.

Ela confiou em mim, e, mais uma vez, depositou sua vida em minhas mãos. Assim como a vida do nosso filho e eu sabia que não teria uma terceira chance, porque dessa vez ela tinha um motivo maior para se afastar se eu errasse de novo: nosso filho. Ela jamais o arriscaria deixando-o perto de mim se eu me tornasse o bandido de antes outra vez. E eu entendia isso, compreendia e sabia, com tudo de mim que jamais daria esse passo de novo. A maneira como ela parecia frágil, assustada e os pesadelos constantes que tinha após minha volta para casa eram prova disso. Ela sofria, gritava meu nome dormindo, mal suportava trocar meu curativo sem chorar, e eu havia causado tamanho sofrimento a ela. Foi uma tortura vê-la tão sem vida, amedrontada, tão mal nos meses que se seguiram.

Consegui um emprego em uma joalheria, mas não ser o filho do dono se mostrou um enorme empecilho entre minha ambição e minha realidade. O

velho dono da joalheria não tinha a menor intenção de competir com a Nobre, ele não investia em escavações à procura de pedras, seus clientes não eram os milionários que frequentavam as joalherias do meu pai. Logo, o dinheiro que entrava não era o bastante. A barriga de Laura crescia um pouco mais cada dia, os meses foram passando. Não tínhamos uma casa decente o suficiente para recebermos um bebê, ele não tinha as coisas que deveria ter. Até mesmo bancar o plano de saúde dela era um sacrifício. Eu tinha um bom dinheiro que nunca havia sido descoberto, em uma conta no exterior, mas Laura não me permitiria tocar nele. Ela passaria fome com nosso filho se fosse preciso, mas não tocaria nesse dinheiro.

E a cada dia, eu entendia menos como um pai de família trabalhador, honesto, fazia para manter sua família. Parecia cada vez mais impossível.

Foi Heitor, um dos parceiros do meu pai, que me procurou dessa vez. Sua proposta era bem menos arriscada. Eu não precisaria me envolver, apenas investir. Ele queria dinheiro para comprar a mercadoria. Ele mesmo as buscaria e faria a distribuição, meu nome jamais seria mencionado nisso. Eu não precisaria lidar com qualquer pessoa, nem com fornecedor, nem cliente. Apenas dar o dinheiro. Eu sabia que não devia fazer isso, mas eu precisava. Então o fiz. Uma grande quantia em dinheiro, não era como se eu me arriscasse a perdê-lo, uma vez que Laura nunca permitiria que o usássemos. Dei o dinheiro e tirei isso da cabeça, quase como se fosse uma doação. Mas então, alguns dias depois, lá estava, o retorno do investimento na minha conta. Um lucro exorbitante. Continuei investindo. Por fora, sem me relacionar de fato com nada, fazendo apenas as transferências, recebendo o lucro.

Uma vida perfeita, perfeita demais, eu deveria desconfiar.

Apesar da minha promessa, tive que mentir para Laura de novo. Disse que estava desenhando na joalheria, que havia convencido o chefe a lançar designers próprios. O salário mais do que triplicara com isso. Laura ficou radiante. De repente nossa filha tinha todo o enxoval. De repente nos mudamos para uma casa melhor. Às vezes, a observava por minutos em busca de sua desconfiança, mas não havia nada, ela confiava completamente em mim.

Essa segunda vida no crime durou pouco. Heitor foi preso, seu esquema foi descoberto, a mercadoria misteriosa na qual eu estava investindo foi revelada: metanfetamina. Meu nome não havia sido mencionado e ele não me entregou ao ser pego. Mas eu conheci a história, aquela movimentação da qual estive por fora, apenas lucrando, sem me envolver. A quantidade de jovens das comunidades sendo usados, vendidos, comprados, assassinados, eu descobri. Os homens viciados se matando aos montes, as famílias destruídas, eu as conheci. Assistindo a tudo nos jornais, sentindo-me a pior pessoa do mundo sem saber como me livrar da culpa. Eu não estava lá apontando armas ou oferecendo mercadorias, mas eu as bancava, toda a operação, eu bancava.

Laura estava para dar à luz quando o improvável aconteceu: meu pai me procurou. Ele foi até a joalheria onde eu trabalhava. Não havia amor paterno em seus olhos, o calor de um sorriso, nada. Ele foi apenas me importunar.

— Saia dessa vida, João Pedro. Mais cedo ou mais tarde alguém vai dizer seu nome. O que você se tornou? O que deu em você? Um bandido? Traficante? Sua esposa sabe sobre isso?

— Ela não pode saber. Por favor, pai, faça o que quiser comigo, me puna da maneira que achar melhor, mas não conte a ela. Ela vai me deixar, ela vai me odiar, vai levar minha filha embora, não faça isso.

— Prometo que não contarei a ela, se você jurar que não vai mais participar de nada disso.

— Se você soubesse o quanto a minha palavra não vale nada, pai — confessei envergonhado.

Ele se levantou sem minha promessa. Não disse mais nada, apenas foi embora. Mais decepcionado comigo do que já me lembro de ter estado. Eu também me sentia assim, decepcionado comigo mesmo. Pensei que podia confiar nele, claro que não aceitei quando fui procurado por um amigo de Heitor oferecendo outro esquema como aquele. Mas me preocupei se Heitor falou de mim para alguém, meu nome poderia aparecer a qualquer momento.

Apenas por isso, mesmo ciente que eu não aceitaria seu novo esquema, eu fingi que o faria. Queria ser levado ao seu chefe, queria garantir que este

homem ficasse com todo o dinheiro que eu havia conseguido e nunca, em hipótese alguma, nenhum deles dissesse meu nome. Assim, eu voltaria para casa, para minha mulher, mesmo que para a vida pobre que tínhamos, mas teria a ela e minha filha ao meu lado. Minha punição por meus crimes seria a perda do dinheiro que ganhei. Era punição mais do que suficiente.

Mas, claro, nada seria tão fácil. E para ser sincero, eu não merecia que fosse. Fui levado ao chefe de toda operação de tráfico do estado e quando a polícia descobriu o esconderijo dele, eu estava lá dentro negociando com ele. Foi uma denúncia e eu soube, foi meu pai. Ele sabia no que eu estava envolvido porque me seguia, e com certeza fizera isso naquela noite também. Meu pai me denunciou e eu fui finalmente preso.

Por dois dias não tive qualquer notícia de Laura. Tentei ligar para ela, implorar que viesse me ver, mas ela não atendia. Por dois preocupantes dias eu sequer sabia se ela já tinha ganhado nossa filha, onde estava, como estava, que mal havia feito a ela. Eu precisava me explicar, precisava dizer que estava me despedindo dessa vida de vez.

Foi então que Joaquim veio em meu socorro. Joaquim, entre todas as pessoas, indicou advogados, os melhores que ele conhecia, para o meu caso. Joaquim me deu a primeira notícia de Laura.

— Laura não está bem, mas ela não quer vê-lo. Fui vê-la a seu pedido, claro. Ela não para de chorar. Segura sua filha nos braços e chora.

— Minha filha nasceu?

— Na noite me que você foi preso. Laura estava sozinha em casa quando passou mal, desmaiou, a vizinha a ajudou. Foram oito horas de trabalho de parto, ela estava fraca, mas deu tudo certo. Sua filha é linda, João Pedro. Não dá para ter certeza ainda, mas parece que puxou seus olhos.

Minha filha havia nascido. Laura havia precisado de mim e eu não estava lá por ela. A primeira notícia que recebera após passar sozinha pelo parto foi que seu marido estava preso por tráfico. Ela devia me odiar.

No dia seguinte, Joaquim conseguiu com que eu tivesse permissão para ir escoltado conhecer minha filha. Não era nada digno, mas eu não era digno. Só precisava vê-la, falar com a Laura, eu precisava de mais uma chance.

Enquanto caminhava pelo corredor da maternidade, sabia que não a teria. Ela nunca me perdoaria, eu sabia. No mínimo, queria que fôssemos amigos, para que eu não fosse expulso da vida da minha Eva. Era o nome da mãe da Laura. A mãe que lutou para sustentá-la sozinha quando o marido morreu. A mãe que passou fome para que a filha tivesse o que comer. A mãe que viveu sua vida em empregos onde era humilhada para dar conta da filha. E era o pior pesadelo da Laura passar por isso um dia. Estar não no lugar da filha protegida, mas da mãe que precisava se virar para protegê-la.

Devia ser o que mais temia nesse momento. O policial bateu na porta em que ela estava, entrou primeiro e anunciou que eu estava ali. Imediatamente ela veio até mim. Olhou-me com tanta mágoa, os olhos inchados, a aparência pálida, fraca, como nunca tinha visto. Ela fechou a porta atrás de si.

— Você não vai vê-la — foi tudo o que disse.

— Como? Laura, me perdoa, eu sinto muito. Eu juro que estava lá para me despedir, só queria garantir que ninguém me dedurasse, eu queria... — percebi que não adiantaria, desculpa nenhuma adiantaria, afinal, eu era culpado. Nada do que dissesse defenderia uma inocência que eu não tinha. — Me deixe vê-la. Eu sei que você me odeia agora, eu mereço o seu ódio. Mas essa é minha única chance. Eu serei julgado, e só Deus sabe para onde irei depois, não irei vê-la tão cedo fora de uma penitenciária, então por favor...

— Eu não o odeio, João Pedro. Ainda não. Porque ainda amo você, e isso me mata! Isso me faz me odiar ao invés de odiá-lo! Eu deveria odiar você, seria tão mais fácil!

— Laura.

— Não toque em mim! Não pense que vou levar minha filha a uma prisão qualquer para vê-lo atrás de grades, não pense nem por um segundo que vou submetê-la a isso. Não pelo motivo pelo qual você estará lá. Eu não vou. Você não vai vê-la, eu o proíbo. Não vai chegar perto dela.

— Você não tem o direito...

— Você não tem direito a ela! — gritou de volta. — Você abriu mão de tudo quando entrou de novo nessa vida de crime! O dinheiro foi mais

importante para você do que sua família então não venha me dizer que não posso fazer isso! É minha filha, não quero seu sobrenome nela, não quero nada que venha de você!

As lágrimas desciam pelos olhos dela e pelos meus. E eu não disse nada. Era o momento de dizer alguma coisa, a última vez que a veria e eu não fui capaz de dizer nada.

Ela tirou a aliança de seu dedo e a depositou em minhas mãos algemadas.

— Como mesmo você esperava segurar uma criança tão pequena com essas mãos presas? — perguntou cravando um punhal em meu peito.

Não respondi, mais uma vez sendo o covarde que não pode lidar com a própria culpa.

— Obrigada por ter me destruído. Obrigada por ter destruído tudo o que lutamos para construir. Obrigada por não estar comigo quando eu, quando nós mais precisamos de você. — Seus olhos se desviaram para o chão e vi as lágrimas caírem. Então retornaram a mim e percebi que a dor que ela estava me causando não era nada comparada à dor que causei a ela. — Obrigada por eu não acreditar mais em amor, ou em qualquer pessoa, porque nunca mais vou confiar em alguém de novo. Obrigada por ela, embora eu vá viver agora meu pior pesadelo. Ao menos a tenho, ao menos ela me faz precisar continuar viva, porque se não a tivesse, João Pedro, então você teria me tirado até mesmo isso.

Ela abriu a porta atrás de si e antes que a fechasse de novo, perguntei:

— Eu irei vê-la no julgamento?

— Não, você nunca mais vai me ver — foi o que disse antes de fechar a porta na minha cara.

A prisão era o de menos, meu inferno estava todo dentro da minha cabeça, do meu peito, da minha alma. Meu julgamento foi rápido, fui condenado. Mas a equipe de advogados de Joaquim era mesmo competente e minha pena seria reduzida com algum esforço meu. Até chegar a sete anos.

Sete anos de prisão. Laura não compareceu ao julgamento, mas eu não esperava que fosse. Joaquim tentou me animar dizendo que conseguiu pela lei que o meu sobrenome estivesse no nome da minha filha, uma vez que Laura não queria isso. Pela lei, quando eu estivesse em liberdade, poderia vê-la um dia. Ele também cuidou do divórcio e me prometeu que cuidaria dela, que o dinheiro que eu tinha seria todo destinado a ela e Eva, ele jurou.

Christopher me encara com os olhos cheios, o copo vazio ao seu lado. A noite caiu lá fora e ainda estamos aqui. Meu rosto também está molhado, percebo sem nenhuma surpresa.

— Fui mandado para o presídio em Caxambu, como você já sabe. Minha pena foi reduzida para cinco anos por bom comportamento após a equipe de advogados recorrer mais uma vez, e aqui estou eu.

— Ela nunca lhe escreveu?

— Eu mandei cartas a ela. Muitas. Todos os dias. Depois, passei a escrever toda semana, ela nunca respondeu nenhuma. Joaquim veio me ver toda semana no início, depois todo mês, sempre me dava notícia delas e levava as cartas. E sempre voltava de mãos vazias dizendo que ela sequer as quis receber. Ele as deixava com ela de toda maneira, mas duvido que tenha sequer lido. Ela me apagou de sua vida. Não, eu me apaguei de sua vida.

Christopher pede duas doses de uísque e encaro o céu carregado de nuvens negras lá fora.

— Pode pedir o jantar também, estamos aqui há horas, já estou faminto — sugiro fazendo-o rir.

Eu a perdi, tiro a aliança do dedo e a guardo no bolso reconhecendo que ela não é mais minha mulher. Ainda assim, o tempo de ser covarde passou, e eu preciso, necessito tentar. Então mesmo sabendo que ela me odeia, que tem todos os motivos para isso, que a abandonei quando mais precisou de mim, que menti para ela, quebrei sua confiança, seu amor, sua vontade de viver, ainda assim assumo a cara de pau com a qual nasci e bato em sua porta.

Ainda assim, me sinto vivo pela primeira vez em cinco anos, quando vejo seus olhos castanhos de novo.

1

Laura

As batidas na porta me obrigam a levantar cedo demais. Quem visita outra pessoa antes das oito da manhã? Visto um roupão às pressas e abro a porta para encontrar Joaquim Fagundes, em seu terno perfeitamente alinhado, seu sorriso de lado de sempre, porém, uma expressão preocupada no rosto.

— Acordei você? — pergunta enquanto entra mesmo sem convite.

— Bem, sim. Aconteceu alguma coisa?

— Sinto muito, Laura. Devia ter vindo mais tarde.

O convido a se sentar, já que está aqui dentro, e começo a preparar um café.

— Como foi sua entrevista ontem? Você conseguiu o emprego? — pergunta como se se importasse.

— Foi boa, mas você não veio até aqui a essa hora para saber da minha vida, Joaquim, o que você quer?

Sua careta costumeira de quando corto sua conversa fiada é o único alento por ter sido acordada antes das oito.

— Meu pai piorou. Muito. Os médicos acreditam que ele não passe dessa semana.

— Sinto muito por isso, Joaquim.

Há algo nele, algo errado. De alguma maneira, como se a dor que sente pela iminente morte do pai não fosse sincera. O que é ridículo, claro. Quem não sentiria a morte de um pai? Ainda que um pai como Otavio Fagundes. Ele não foi com Joaquim o monstro que foi com o irmão. E pensar no irmão manda de novo meu bom humor para longe.

— Ele quer conhecê-la, Laura. É a neta dele, você não pode — ele se cala diante meu olhar questionador e se corrige. — Você não devia tirar isso dela. É uma criança agora, mas vai crescer um dia e saber que não conheceu o avô por causa da mãe.

— Eva vai crescer um dia e saber que não conviveu com o avô porque ele a rejeitou. Porque a mãe dela era pobre. Não se preocupe, a história certa será contada a ela se for necessário. Nós nunca precisamos de nada vindo da sua família, Joaquim, e ela não nos fará falta.

Ele se levanta, tentando apelar para um sentimentalismo que está desligado em mim há muito tempo.

— Ele está morrendo!

— Então que Deus tenha piedade de sua alma.

Ele sorri.

É como um aviso, como um zumbido baixo em meus ouvidos, há algo errado com Joaquim Fagundes. Eu sempre soube disso, desde antes de sua proposta ridícula. Algo nele não é bom, não é confiável.

— Você não vai mudar de ideia — constata finalmente.

Ele recusa a xícara de café que ofereço e se encaminha em direção a porta de saída. É outra coisa estranha sobre ele, em nenhuma das vezes em que aparece aqui ele pede para ver a sobrinha, sequer pergunta sobre ela. Como se realmente não se importasse, e bem, sei que esse é mesmo o caso. Ele não se importa.

— A propósito, quase esqueço de mencionar — diz de repente virando-se para trás enquanto tomo o café recusado por ele. — João Pedro sai hoje da prisão.

A xícara cai da minha mão e o encaro esperando a pegadinha.

— Não se passaram sete anos — é tudo o que digo após alguns minutos em que ele me observa atento.

— A pena dele foi reduzida. Bom comportamento, serviços comunitários, essas coisas. Ele estará livre hoje pela tarde. Achei que gostaria de saber.

Não sou mais capaz de responder, sequer de raciocinar. Não vejo o momento em que ele vai embora, nem escuto o que diz antes de ir. Minha cabeça se transforma em um monte de lembranças dolorosas demais, lembranças que tenho lutado diariamente para enterrar. Não era para ser assim. Eram sete anos. Sete! Quando ele saísse da prisão, eu não estaria mais na cidade, não estaria em lugar nenhum onde ele pudesse encontrar.

Meu peito de repente parece apertado, minha respiração falha, meus olhos enchem. Como se eu fosse ter um ataque de pânico a qualquer momento. Minha primeira reação após muito tempo é correr até o quarto de Eva. Minha pequena dorme em sua cama como se nosso mundo não estivesse prestes a desabar.

Quais são as chances de ele não querer conhecê-la?

Quais são as chances de não procurar por nós duas?

Preciso me sentar um pouco, sinto-me cair no chão devagar, minhas pernas parecem não ter mais força para se manterem de pé, minha respiração não normaliza e a sensação de crise de pânico não passa.

— Mamãe? Você está machucada? — a voz de Eva pergunta da porta de seu quarto, encaro minha pequena com seus olhos azuis assustados.

— Mamãe está bem, amor. Foi só um pesadelo.

Ela se aproxima cautelosa e de repente, ao constatar que não estou machucada, se lança sobre mim. Seus braços pequenos circulam minha cabeça e ela acaricia meu cabelo.

— Já passou, mamãe. Você acordou.

Beijo o alto de sua cabeça e finjo estar tudo bem.

— Você está certa, meu amor. Já passou, mamãe está bem. Va já escovar esses dentinhos.

Ela me dá um beijo antes de sair do meu colo e finalmente encontro forças para levantar do chão.

Após dar algo para ela comer e arrumar a bagunça que fiz na cozinha, decido ir embora. Não sei para onde, tenho pouco dinheiro e isso é loucura com uma criança pequena, mas não posso ficar. Simplesmente não posso. Pego minha bolsa velha e começo a colocar as coisas da Eva de qualquer jeito dentro dela. Não preciso levar muitas coisas para mim, mas para ela levarei tudo o que tem. Paro um pouco apenas para ligar para Drika, minha vizinha e amiga. Alguém tem que se encarregar de vender meus móveis, eu vou precisar do dinheiro.

Nem cinco minutos depois, ela surge pela porta.

— Como você entrou?

— Eva abriu a porta. Mas só o fez depois de eu dizer que era eu e responder uma série de perguntas de segurança criadas por ela. Ainda bem que eu vi essa menina crescer, ou estaria na rua até agora. O que diabos você está fazendo? — pergunta quando observa a mala.

— Indo embora. Preciso que você venda meus móveis, e me envie o dinheiro. O mais rápido possível.

— Que conversa é essa, agora? Laura, por que está tão assustada, o que aconteceu?

— Ele está livre. Vai sair da cadeia hoje, está livre.

Sua confusão dura poucos segundos, até ela entender de quem estou falando.

— Ah, merda.

Ela cai pesadamente na cama e por um segundo, penso estar agindo como uma louca. Respiro fundo, sento-me ao seu lado e pergunto com toda esperança possível.

— Quais são as chances de ele não querer conhecê-la?

— Nulas, amiga. Será a primeira coisa que ele vai fazer.

Volto a me levantar e ela faz o mesmo, tentando argumentar com uma louca em pânico.

— Eu sei que você o odeia e tem todos os motivos do mundo para isso, mas pense pelo lado dele. Ele está há cinco anos naquela prisão imaginando como é o rosto da filha. Deve estar contando os segundos apenas para vê-la, para saber com quem se parece.

— Ele não terá essa oportunidade.

— Você não pode fugir como uma covarde! Não importa para onde vá, ele vai encontrá-la, Laura! É a filha dele!

— Ela não é! — grito. — Onde ele estava quando ela adoeceu aos dois anos? Quando pensamos que iria morrer? Onde estava quando eu passava as noites em claro e ela tinha cólicas e eu tinha que deixá-la tão pequena com estranhos para trabalhar? Onde ele estava quando eu me sentia tão fraca e temia que sem mim ela não tivesse mais ninguém? Porque eu não tinha mais nenhum suporte! Eva nunca teve um pai! Não vai ter agora!

Ela me abraça enquanto choro.

— Mamãe, teve outro pesadelo? — a voz de Eva surge da porta, seus olhos preocupados buscando os meus.

— Mamãe só está brincando com a tia Dri, amor. Está tudo bem. Você quer comer alguma coisa?

Ela abraça minhas pernas e busca em meu rosto um sinal de que está mesmo tudo bem. Ao aceitar minha desculpa e acreditar nela, volta correndo para a sala, para seus desenhos.

Me deixo cair na cama e escondo o rosto com as mãos.

— Não posso impedi-la de conhecer o pai — digo a coisa mais difícil que já disse na vida.

— Não pode.

— Ela vai precisar dele, Deus sabe o quanto sou falha. Uma hora, ela

vai precisar dele.

— Toda criança precisa do pai, Laura. Você sabe disso melhor do que ninguém.

Assinto.

— Não vai ser fácil para ele. Eu não vou simplesmente jogá-la em seus braços e deixar que ele decida como vai tratá-la. Eu vou dificultar o máximo possível. Ele não é uma pessoa ruim, mas é uma pessoa gananciosa e ambiciosa. Ele não liga para família, amigos, nada além de dinheiro. Ele não vai conquistar minha filha, fazê-la se afeiçoar a ele e depois deixá-la de lado por qualquer um de seus amigos riquinhos.

Encaro a bolsa com as roupas dela. A saída fácil. Fugir com ela e pronto. Ele nunca a veria. Mas preciso ser melhor do que isso, sou mãe dela, sua protetora, tenho que fazer o que é melhor para ela, não para mim.

— Não vou permitir que ele a veja.

— O quê? Mas achei que tivesse acabado de admitir que ela precisa dele.

— Então ele terá que provar que merece fazer parte da vida dela. Ele terá que provar que estará aqui por ela, que ela é a coisa mais importante da vida dele, porque enquanto eu não tiver essa certeza, ele não a verá.

Minha amiga concorda.

— Ele conheceu uma Laura apaixonada, boazinha, manipulável, que confiava cegamente nele. Uma Laura que deu outra chance quando ele não merecia. Só que quem ele vai encontrar agora é a Laura mãe. A Laura mãe da filha dele. E ele vai ter que passar por ela se quiser qualquer contato com a filha.

Drika me observa por algum tempo, concordando com um gesto de cabeça com o que estou dizendo. Até que por fim pergunta:

— Ele vai encontrar a Laura mãe, você está certa. Mas também vai encontrar a Laura apaixonada, certo?

— Errado! Eu não o amo, eu o odeio, achei que isso tivesse ficado bem claro nesses últimos três anos desde que nos conhecemos!

— Não está claro o bastante, uma vez que você não saiu com mais ninguém nesses últimos três anos, desde que nos conhecemos. E acredito que não o tenha feito antes também.

— Porque eu fiquei traumatizada — defendo-me.

— Corta essa, Laura!

— Eu não o amo! Uma mulher que ainda amasse um homem que a destruiu como ele fez, teria que ser masoquista e de todos os meus defeitos, esse não está entre eles.

— Eu sei. Mas, se ele aparecer na sua porta arrependido, com os olhos azuis brilhantes, todo aquele amor no olhar te pedindo para voltar... que Deus a ajude, Laura. Mas não é fácil recusar algo tão intenso e verdadeiro como o que vocês viveram. Tem certeza que recusaria?

— O que vivemos foi intenso e verdadeiro apenas para mim, Drika. Então sim, por mais que minha realidade agora não seja das melhores, eu a escolho no lugar de uma ilusão.

No final da tarde, quando meu telefone toca, levo um susto. Atendo com o coração aos pulos, mas é da Gravadora Becker Records, a empresa onde fiz a entrevista ontem. Finalmente tenho um emprego e o salário é tão obscuro que custo a acreditar.

Desligo o telefone gritando pela casa, pego Eva no sofá e rodopio com ela pela sala. Ela grita e ri alto comigo.

— Mamãe tem um emprego! Não vamos mais dever a escolinha!

— Você vai me comprar um vestido de princesa?

— Vou te comprar até mesmo um castelo, minha princesinha!

De repente, após um dia tão tenso em que essa sensação de que tudo está prestes a desabar não me deixou um segundo sequer, me sinto aliviada. Tenho um emprego, não um bico como os que tenho feito. Mas um emprego de verdade, na área em que me formei. Finalmente. As coisas vão melhorar.

Quando a noite chega, após colocar Eva na cama, passo a roupa que usarei em meu primeiro dia, confirmo com a professora de Eva que ela irá à escolinha na manhã seguinte e respiro aliviada ao encarar o relógio. Quase dez da noite. Ele não veio. Não foi o primeiro lugar que procurou ao se ver livre. Talvez, exista mesmo essa possibilidade de ele não nos procurar. Sorrio diante dessa ideia.

Nada precisa mudar. Apenas para a melhor com meu emprego novo. Mas não preciso travar uma guerra contra um homem pelo bem da minha filha. Me jogo sobre o sofá após um dia emocionalmente exaustivo, quando ouço as batidas na porta.

O tempo para. Meu coração para. Minha respiração para. Não preciso abrir a porta para saber quem é. As batidas se repetem, um pouco mais fortes, mas nada fortes demais, nada que vá acordar minha filha. Como se ele soubesse que ela está dormindo e não deve acordá-la.

Me levanto depois de uma eternidade, torcendo para que ele tenha ido embora. Eu devia ter mantido as luzes apagadas, assim ele pensaria que já estamos dormindo. Toco a porta com medo de abri-la e é como se ele me sentisse de volta.

— Laura! Eu sei que está aí, por favor abra!

Há anos não ouço sua voz, há anos não fico no mesmo lugar que ele.

— Laura! — chama mais alto e volta a bater na porta, dessa vez sem se importar com o barulho que está fazendo.

Minha mão parece pesar tanto agora, que mal consigo movê-la até o trinco. Giro a chave sentindo-me bamba de repente e abro a porta.

De repente, minha respiração acelera, meu coração salta como louco e quase posso sentir minhas veias saltando nos pulsos.

— O que você quer? — consigo perguntar, fingindo não estar afetada por vê-lo de novo.

— Laura — meu nome é apenas um sussurro em sua boca. Seus olhos buscam cada detalhe que alcançam do meu corpo, do meu rosto, do meu cabelo e há aquela adoração na maneira como me olha. Como se seu olhar me

acariciasse e me elevasse a uma beleza que com certeza não tenho agora.

— O que você quer? — repito.

— Eu... — suas palavras falham, ele está emocionado, tento conter as lágrimas que enchem meus olhos, mas falho. — Eu sinto tanto a sua falta.

Nego com a cabeça, cortando essa conversa fiada.

— Não, João Pedro. Isso não. O que você quer aqui a essa hora? Por que você veio aqui? O que quer?

— Quero vê-la. E ver minha filha. Eu preciso vê-la, quero conhecê-la, eu espero por isso há dois mil cento e dois dias, Laura. Por favor, me deixe vê-la.

Nego com a cabeça antes mesmo da minha voz sair.

— É tarde demais, ela estuda amanhã, está dormindo agora.

— Entendi — responde, mas não esconde a decepção em seu rosto. — Eu posso voltar amanhã de manhã então.

— Não, não pode! Nós temos lugares para estar, temos uma rotina, não vou pará-la só porque você está livre.

Ele parece tão mais bonito do que me lembrava! Não é mais um garoto, é um homem. Um homem lindo, perdido e perigoso.

— Não entendi, eu preciso ver minha filha, você não pode...

— Tenta! Você acha que pode aparecer aqui depois de todos esses anos e me dizer o que posso ou não fazer com a minha filha, João Pedro?

— Eu não quis dizer...

— Eu disse que você nunca a veria! Disse que você não era o pai dela, que ela era só minha e ela é só minha! Você não vai interferir na vida dela agora.

— Eu sou o pai dela! Eu sou... — Ele passa as mãos pelos cabelos com força, controlando sua fúria. — Eu mereço, Laura, mereço o que está fazendo. Mereço sua decisão, acho que você está certa.

Sinto-me tão surpresa por sua admissão que não sei como reagir. Algo

como orgulho e medo me invadem e sequer consigo entender o que sinto.

— Mas ela é minha filha. Já perdi cinco longos anos longe dela. Foram duzentos e oitenta finais de semana e sessenta e nove meses em que eu deveria estar sendo seu pai e não podia. E eu sei que a culpa por isso é minha. Eu sei que a dor que causei a você não tem remédio, Laura, eu sei que você foi a maior vítima dos meus erros. Mais até do que a Eva, mais do que eu, sei que foi você. Você foi quem pagou mais caro por tudo o que eu fiz.

Uma lágrima fujona me escapa e quero gritar, mas me contenho. Dou um passo para fora da porta e o empurro.

— O que você quer? Onde quer chegar com isso?

Ele não revida. Seus olhos continuam nos meus, quase como se carregassem as mesmas emoções que eu. Então o empurro de novo.

— Vá embora! Suma da minha vida, João Pedro! O que você quer?

Ele segura minhas mãos e me puxa para seus braços, prendendo-me neles sem que eu tenha alguma chance de escapar. Também não é como se eu tivesse forças para lutar contra ele. Me permito sentir seu cheiro por um segundo, o calor de seus braços, sua boca passeando por minha testa.

— Eu quero você, Laura. Quero você de volta. Quero minha filha, minha família, quero tudo o que deveria ter tido. Eu não vou parar até ter isso de volta.

Suas palavras me atingem de tal forma, que o empurro, saindo de seus braços e o encaro com um sorriso que a mágoa estampa em meu rosto.

— Parece que você não aprendeu ainda que não se pode ter tudo, João Pedro.

— Laura...

— Suma das nossas vidas, não precisamos de você! Não mais — digo e entro, batendo a porta e a trancando em seguida.

Me recosto nela, quando minhas pernas perdem a força e me deixo cair até o chão.

— Você foi bem, Laura. Deu tudo certo, você foi bem — tento me

convencer.

2

João Pedro

Levanto a mão para bater de novo, vou derrubar essa porta se for preciso, mas não posso deixá-la ir, ainda não. Ela não me ouviu, não me entendeu, eu preciso... abaixo a mão antes que o faça. Quase posso senti-la recostada à porta, chorando por reviver toda mágoa que causei a ela. Mas isso vai passar, eu vou cuidar dela, vou tê-la de volta, ter minha filha, e tratar de compensá-las por cada dia em que ficaram sem minha proteção.

O cheiro dela permanece no ar por alguns minutos e permaneço parado, em frente sua porta, sentindo seu cheiro, matando a saudade dele. Sentindo-o me alimentar aos poucos. Até que alguém pigarreia perto de mim e um cansado Christopher comenta:

— Acho que você pretende passar o resto da noite olhando essa porta, mas você precisa ir.

— Para onde? Nem sei onde eu poderia dormir esta noite, Chris.

— Você vai dormir na sua casa, presumo. — Ao ver meu olhar de quem sabe que não tem uma casa há anos, explica: — A casa do seu pai.

— Esse lugar deixou de ser minha casa há muito tempo, amigo. E eu não quero vê-lo ainda. Depois irei até ele. Um dia.

— Sinto muito, JP, mas você precisa fazer isso agora.

Noto no tom de sua voz a preocupação que tentou esconder durante todo o dia.

— O que há de errado com ele?

— Não sou a pessoa mais indicada para responder isso. Você precisa ir.

Olho pela última vez a porta da casa dela, respiro seu cheiro e imediatamente o sigo, tomando ciência do quanto minha vida fugiu de minhas mãos agora que sou “livre”. Agora que não sei onde vou dormir, o que vou fazer, agora que estou indo justamente para o último lugar que pensei que fosse ao sair da prisão. Eu pretendia ver meu pai, me desculpar com ele, não para que voltássemos a ser uma família, acho que nos ferimos demais para isso. Apenas para me desculpar pela minha parte nessa nossa guerra e poder ficar em paz.

O sorriso de Joaquim ao me receber não é caloroso, não é verdadeiro. Meu irmão está feliz por minha liberdade, mas sequer foi me buscar. E agora, enquanto cumprimenta Christopher, percebo que está tentando parecer bem.

— Eu o deixo aqui. Espero vê-lo em breve — despede-se Christopher.

— Obrigado, amigo. Por tudo.

Ele entra em seu carro e Joaquim me guia para dentro de casa. Essa que foi minha casa por tantos anos, essa, que pensei que jamais voltaria a pisar.

— Você devia tomar um banho agora, João Pedro. Seu quarto foi limpo para sua chegada, você pode descansar e dormir um pouco.

— O que aconteceu com nosso pai?

— O Christopher não devia...

— Ele não disse nada. Parece que você vai dizer! O que houve, Joaquim? O que estão me escondendo?

Ele parece procurar uma melhor maneira de dar uma notícia ruim, mas não encontra, já que abre a boca algumas vezes e não diz nada. De repente, uma compreensão me atinge.

— Onde ele está? — grito. — Nosso pai está, ele está... — as palavras

não saem e Joaquim segura meus ombros, dizendo finalmente o que preciso ouvir.

— Ele está vivo! Nosso pai está vivo, João Pedro, ele só...

— Ele só o quê?

— Ele está vivo, ainda está vivo, ele tem pouco tempo.

Pareço não ser capaz de processar o que ele está dizendo, e ele entende isso, afasta-se de mim e vira-se de costas para finalmente me explicar o que está havendo.

— Um tumor alojado no cérebro. Não há nada que possam fazer. Não tem como operar, isso o está matando. Ele tem dias de vida, com sorte.

Caio sobre o degrau da escada atrás de mim incapaz de processar a informação. Meu pai, um homem sempre forte, poderoso, autoritário, derrubado por um caroço? Nego com a cabeça enquanto a mesma dor de quando perdi minha mãe anos atrás volta a me assombrar.

— Ele está consciente e quer muito ver você, estava ansioso por isso. Acreditamos — para de falar e engole em seco antes de prosseguir — acreditamos que é isso o que está esperando. Ele quer se despedir.

Um mundo onde Otavio Fagundes luta pela vida para se despedir de um filho recém-saído da prisão parece completamente fora da realidade. Não meu pai autoritário com um sobrenome de peso. Não o chefe respeitado e seguido por muitos. Isso tudo é um pesadelo terrível para ele. Mesmo depois de tudo o que fez, ele não merecia ir assim.

— Você precisa ser forte quando estiver perto dele. Tome um banho, lave essa cara e depois vá vê-lo. Sorria, diga que está bem e não o deixe perceber sua aflição. Ele não precisa disso em seus últimos dias. É importante que ele sinta que você tem tudo sob controle, que não está mais perdido. Já sabe o que vai fazer daqui pra frente?

O encaro tentando acompanhar suas palavras, mas não sou capaz de formular uma resposta.

— Com sua vida! Seu emprego! Vai voltar para a Nobre? Para a vida do crime? Abrir sua própria joalheria? O que você pretende fazer?

— Eu não sei! Até poucos minutos eu nem sabia onde ia passar a noite! Não tenho nada planejado.

— Você teve malditos cinco anos para planejar um futuro e não o fez, João Pedro? Isso é tão típico de você!

— Isso não é hora, Joaquim, não estou no clima. Eu quero vê-lo.

— Primeiro tome um banho, melhore essa cara, depois você...

Deixo de ouvi-lo e subo os degraus de dois em dois, ouço seus resmungos enquanto vem atrás de mim pedindo que eu não faça isso, mas não o escuto. Duas batidas na porta e entro antes de ouvir sua permissão, ele está sentado na cama, sendo amparado por uma enfermeira, que o ajuda a comer algo. O sorriso ao me ver é sincero, talvez um dos sorrisos mais sinceros que já me estendeu. Levanta o braço com a mesma expressão que eu esperava ver no rosto do meu pai: a de um homem forte, poderoso, respeitável.

— Venha, meu filho.

Em todas as vezes em que imaginei o momento em que o encontraria de novo, nenhuma passou perto do que acontece na realidade. Eu formulei diversas brigas, discussões, acusações, desculpas. Mas não um abraço mudo, onde toda a briga se resume a lágrimas.

— Por que, papai? — pergunto entre lágrimas.

— Chora, meu filho. Coloca isso para fora, depois verá que não é nada demais. Todo mundo morre, não é mesmo? Você já passou por isso, sabe que vai melhorar em breve.

Nego com a cabeça.

— Há perdas irreparáveis, pai. Nunca melhoram, nunca deixam de doer.

— Há muitas maneiras de se perder uma pessoa, João Pedro, a morte é a mais natural delas. Não há o que fazer, não há um culpado. É só o papel de cada um aqui. Uma despedida honrada, eu diria.

— Eu já o perdi antes, meu pai. Não estou pronto para perdê-lo de novo.

— Você nunca me perdeu, filho. Erramos sim, muito. Mas eu sempre estive aqui por você. Contudo vamos falar disso em outra hora. Me fale sobre você. Foi ver a sua filha, eu imagino.

Afasto-me e pego a tigela da mão da enfermeira, eu mesmo posso fazer isso. Enquanto alimento meu pai, vendo-o ainda com o rosto de um vencedor, apesar da postura fraca e as mãos trêmulas, e não posso deixar de admirá-lo, apesar de toda nossa história. É como se tudo, por mais que tenha doído, fosse insignificante agora que sei que tenho pouco tempo para me desculpar.

— Cheguei tarde à cidade, ela já estava dormindo, vi apenas a Laura.

— E como ela o recebeu?

Busco em seu rosto o desgosto, mas não há nada, apenas a curiosidade de um pai.

— Não me atirou coisas pela janela, então presumo que melhor do que eu havia imaginado.

Ele sorri. Um sorriso cansado e fraco, mas sincero.

— Uma boa mulher, sua Laura — comenta e quase deixo a tigela em minha mão cair, por meu assombro. — Falaremos amanhã, agora só fique um pouco aqui até que eu durma. Descanse também, e amanhã venha para conversarmos.

Guardo a tigela sobre a mesinha de cabeceira e me deito ao seu lado, enquanto ele me atualiza sobre a empresa. Peço que não pense em trabalho agora, que descanse, mas ele insiste em me contar tudo o que perdi nos últimos sete anos longe da Nobre, e repete diversas vezes que isso é muito importante para ele. Ouço atentamente tudo o que ele diz, percebo Joaquim deixar o quarto nos primeiros dez minutos de nossa conversa e meu pai resiste ainda pouco mais de uma hora até sentir que me atualizou de tudo. Por fim, ajeita-se na cama e dorme. E me pergunto se serei capaz de fazer o mesmo.

Na manhã seguinte, deixo Joaquim sozinho na mesa do café da manhã, depois de uma noite de sono oposta ao que achei que seria, já que dormi

como uma pedra. Vou tomar café com meu pai no quarto. Tão logo Mara recolhe a louça após me abraçar por cinco minutos e dizer que sentiu minha falta, papai começa a falar:

— Você pretendia me procurar se tivesse tempo para fazer isso depois?

— Talvez. Não por agora, mas pretendia quando estivesse com minha vida nos trilhos de novo.

— Por vida nos trilhos você quer dizer de volta com a Laura e sua filha?

Assinto.

— Você vê isso como algo impossível? — pergunto.

— Para ser sincero, vejo. Ao menos no cenário que temos agora. Se fosse eu em seu lugar, com certeza impossível. Mas para você? Acho que não. Você nunca foi fã do que é fácil. Não bastava desenhar e lapidar as joias, também queria descobri-las. Tinha essa ideia fixa de ir às escavações. Não sei porque nunca permiti, medo, eu acho. Coisa de pai bobo. Não queria aceitar que você havia crescido, que estava independente de mim. Depois que você saiu dessa casa e se casou, por muito tempo me culpei acreditando que se eu tivesse permitido que você fosse, que escavasse, achasse os diamantes e tivesse essa liberdade, você não teria ido por causa dela. Mas depois me dei conta que você teria. Não importa onde ou com quem estivesse, você deixaria tudo por ela.

Assinto, feliz por não ver a mágoa em seus olhos cansados.

— Quando você a escolheu eu me senti traído. Você tinha tantas garotas, sempre com contatos, sempre ao telefone ou em festas ou em casas de amigos. Eram tantas, eu sequer acompanhava seus nomes. E de repente veio ela, Laura, a primeira namorada, o primeiro amor. Achei que fosse uma coisa passageira.

— Nunca fui do tipo que faz as coisas pela metade — brinco e ele ri.

— Nunca foi. Eu tirei tudo de você, tudo o que podia tirar, porque eu esperava que isso fizesse você voltar. Não a falta dessas coisas, mas a injustiça por eu ter tomado o que era seu. Não o que te dei, mas o que você

conquistou. Eu pensei mesmo que isso o faria voltar. Repetidas e repetidas vezes, para brigar pelo que era seu, para ter seu patrimônio de volta. E então estaríamos sempre em contato e eu estaria aqui quando você percebesse seu erro.

Ele fica em silêncio por algum tempo e me sinto na obrigação de fazê-lo continuar falando.

— Foi um bom plano, na verdade, pai. Se fosse por qualquer outro motivo nosso rompimento, eu com certeza teria voltado. Iria atormentá-lo até que você me devolvesse o que era meu. O erro estava no motivo. Nada para mim era mais importante do que ela. Eu acreditava que não a arriscaria por nada. Que errados estávamos, não é mesmo? Pouco depois eu a arrisquei por algo tão sujo.

— Mas você nunca quis deixá-la, você queria ter a ela e todo o resto.

— Explica isso para ela e veja se serve para ela me perdoar — brinco.

— Eu procurei você, João Pedro. Quando soube no que estava metido, no que Vitório havia te colocado eu fui até você. Por que não me pediu ajuda? Por que voltou para isso?

— Eu não voltei, pai. Depois que falei com você, fui procurar o chefe da operação para pedir que não dissesse meu nome. Eu já havia desistido. A polícia apareceu de repente, eu não estava fazendo negócios, estava abrindo mão de tudo o que havia ganhado para me livrar disso. Era minha maneira deturpada de pagar pelos erros que cometi, perder todo o dinheiro. Se você não tivesse denunciado, eu teria me desligado e estaria com minha mulher no momento em que nossa filha nasceu.

Meu pai tem um acesso de tosse e imediatamente o socorro, levando um copo de água até suas mãos.

— Mas eu não denunciei você. Jamais faria isso. Por mais errado que você estivesse eu nunca ia querer ver meu filho, o meu sobrenome, atrás das grades.

— Só você sabia no que eu estava envolvido.

— Se você foi denunciado, mais alguém sabia. Se eu descobri, não era

impossível que mais alguém descobrisse. Além do mais, você não era o cabeça da operação, a denúncia provavelmente não foi para você, você estava no lugar errado, na hora errada. Mas eu, João Pedro, dou a minha palavra que nunca o denunciei.

— A denúncia era para mim, Joaquim me disse isso. A polícia estava lá para pegar a mim. Se não foi você, quem foi?

Ele nega com a cabeça, mas se há algo que aprendi a reconhecer no meu pai ao longo dos anos, foi quando diz a verdade. Geralmente ele o fazia, meu pai nunca foi fã de mentiras, e agora, enquanto ele me observa com toda certeza no olhar, sei que ele não me denunciou.

Somos interrompidos por Joaquim, que vem se juntar a nós.

— Achei que estivesse na empresa — nosso pai comenta com um tom de reprimenda.

— Irei mais tarde, preferi passar um tempo de qualidade com meu pai e irmão.

— Bem, bom que você também escuta o que vou pedir ao seu irmão. Tenho dois últimos pedidos, filho — diz dirigindo-se a mim.

— Não fala isso, pai. Sei que você terá ainda muitos pedidos impossíveis para me atormentar até que se vá — tento quebrar a tensão por sua aceitação do pouco tempo de vida que tem.

— Não tão importantes quanto esses.

— Você está me assustando, se vai pedir algum órgão meu para salvar sua vida, saiba que estou disposto a negociá-lo com você.

Funciona, um pouco da tensão se quebra e ele ri.

— Você não me salvaria nem que pudesse me doar seu cérebro. Mas, de fato há algo que quero que doe para mim. Sua inspiração e seu tempo. — Não entendo do que está falando e Joaquim tampouco por sua expressão confusa. — Quero uma última coleção de joias antes que eu vá. Desenhada por você. Vou viver até ver esse desfile. Quero ter esse orgulho mais uma vez, João Pedro.

— Não estava em meus planos voltar a desenhar, mas acho que não sei

fazer outra coisa, não é mesmo? Claro que faço a coleção nova, mas devo avisar que vou demorar cerca de dez anos para aprontar o desfile. Se o senhor vai esperar até lá...

— Não brinque comigo — ralha com um sorriso. — Você sempre tornou meus dias mais alegres, filho. Você sempre foi o alívio, e Joaquim, deveria ser o confiável.

Joaquim sorri e pega sua mão grato com o elogio repentino. Mas os olhos de meu pai estão sobre mim, eu percebi a palavra a mais que não deveria estar em seu elogio.

— Irei desenhar a coleção, papai. Ficará pronta para que você veja.

— Obrigado, meu filho. Há outra coisa que quero de você, esta, mais difícil, porém, a mais importante.

— Eu devia ter desconfiado que estava fácil demais.

— Eva. Quero conhecer minha neta. Laura nunca permitiu que eu me aproximasse dela, não que eu tenha feito por merecer, mas tenho pouco tempo e não posso partir sem conhecer minha única neta.

Assinto, imagino que já será difícil fazer com que Laura permita que eu me aproxime de Eva, meu pai então, pode ser quase impossível.

— Ela não vai permitir. Tentei falar com a Laura, ajudá-las, conviver com minha sobrinha, me aproximar delas, ela nunca permitiu. O ódio que tem por você, o estendeu a toda família. Ela está irredutível quanto a isso. Há anos tento fazer com que esse encontro aconteça e ela nunca cedeu. Não importou o que ofereci, os apelos que fiz, nem mesmo dizer que nosso pai está doente, ela não vai permitir que Eva se aproxime de nenhum de nós — Joaquim avisa. — Você vai perder seu tempo se tentar, irmão.

Encaro meu pai, a esperança e a súplica em seus olhos.

— Você vai conhecer sua neta, pai — garanto a ele.

— Você não está me levando a sério quando digo que ela não vai permitir! Eu fiz de tudo, João Pedro, a resposta é sempre não! Não há absolutamente nada que você possa dizer ou fazer para fazê-la mudar de ideia quanto a isso.

— Você sempre me subestima, irmão.

— Não estou subestimando, apenas alertando-o.

— João Pedro vai conseguir — diz meu pai de repente. — Ele vai me trazer minha pequena Eva. Eu sei que vai.

— Por que você acha que ela vai ceder a ele quando nunca cedeu comigo? — Joaquim pergunta magoado.

— Porque é do João Pedro que estamos falando. Ele não gosta do que é fácil, ele não desiste e ele vai conseguir.

Joaquim deixa o quarto e bate a porta, avisando que irá a empresa. Isso nunca foi novidade para mim, a distinção de meu pai e predileção por mim. Mas depois desses últimos anos, sendo eu o filho que o abandonou e passou os últimos anos na prisão, pensei que a predileção seria toda dele e a mim só restaria a mágoa.

— Pai, obrigado. Obrigado por não me odiar, e me desculpa. Preciso me desculpar com você por...

Ele levanta a mão, me fazendo calar.

— Você não me deve desculpas, o que quer que tenha acontecido ficou no passado, você é meu filho amado e de bom coração. Agora vá, guarde as energias para se desculpar com aquela a quem você realmente deve desculpas. E traga minha neta até mim.

— Você precisa me prometer que quando eu a trouxer não irá feri-la de nenhuma maneira, pai.

Seu olhar ofendido é a garantia que eu precisava para fazer isso.

— Ela é uma criança! Sangue do meu sangue, minha neta! Jamais faria qualquer coisa que a desagradasse, ainda mais feri-la! Só quero dizer à minha neta que a amo, João Pedro. Quero ser ao menos por cinco minutos o avô que não fui nos últimos cinco anos.

— Eu só estava garantindo que ela não será tratada como você tratou a mãe dela.

Ele assente e aponta para a porta, me dispensado de seu quarto.

— Vá buscá-la. Traga a Laura também, o que tenho a dizer também é referente a ela. E antes que me advirta, eu não irei destrató-la. Eu a estou convidando. Apenas traga as duas até mim.

— Prometo tentar — digo deixando o quarto. A certeza que demonstrei tentando me abandonar, mas não permito. Não volto a esta casa sem minha filha.

3

João Pedro

A pequena casa laranjada diante de mim tem o poder de fazer meu coração disparar como um louco. É fim de tarde, passei o dia ansioso por este momento, uma vez que Laura, nem Eva, estariam em casa mais cedo. As luzes estão acesas e a simples possibilidade de conhecer minha filha me deixa quase sem ar.

Respiro fundo antes de levantar a mão e bater de novo em sua porta. Ouço seus passos se aproximando, eles param quando ela se aproxima da porta e ela demora ainda um tempo para abri-la. Como se soubesse que sou eu do outro lado. Como se pudesse me sentir da mesma maneira em que posso senti-la. Ainda assim a abre, minha corajosa mulher abre a porta.

— Boa tarde, Laura.

— Eva, vai brincar no seu quarto — ordena antes de passar pela porta fechando-a atrás de si.

Ela não pretende me deixar entrar.

— O que você quer? — pergunta olhando-me nos olhos. E não há qualquer vestígio do amor que um dia esteve presente neles.

— Ver minha filha.

— Você não pode vê-la.

— Não vamos começar uma discussão desnecessária sobre eu ser o pai dela, e, portanto, ter o direito...

— Direito? — pergunta e ri, ri alto, cheia de uma segurança que me fascina. — Você não tem direito a nada! Não vai ver a minha filha, não vai fazer parte da vida dela, se continuar insistindo com isso vou sumir com ela e você nunca mais nos encontrará.

Sorrio e sua confiança vacila um pouco, posso ver em sua postura, ela não esperava minha calma.

— Eu a encontraria, Laura. Ainda que você estivesse do outro lado do planeta, eu iria até você. Nem que eu tivesse que passar o resto da vida te procurando, eu a acharia. Tenho muito a te pedir perdão, mas não é o que vim fazer agora.

— Isso é ótimo! Não irei perdoá-lo, assim nenhum de nós perde tempo.

— Eu vim me desculpar com a minha filha.

— Ela não sabe que você existe, então não tem qualquer mágoa sobre você. Pode dormir com a consciência tranquila.

— Como não sabe que eu existo? Onde ela pensa que estou?

Ela deita a cabeça de lado, como se fosse me contar um segredo e aponta para cima, para o céu escurecendo acima de nossas cabeças.

— No céu! — sussurra.

— Você disse a ela que eu estou morto? — estou quase gritando e ela continua aqui, diante de mim calma, inabalável, inatingível.

— Me agradeça por eu ter dito que foi para o céu, se eu fosse ser um pouco sincera diria que você é amiguinho do próprio diabo.

— Não brinque comigo, eu quero ver a Eva!

— Mas você não vai!

— O que aconteceu entre nós é algo que temos que resolver e estou bem ciente dos meus erros, Laura. Mas ela é minha filha! Você não pode

realmente ter a ilusão de que vou aceitar não me aproximar dela! De que vou aceitar não fazer parte da vida dela, você acha mesmo que vou desistir assim?

— Como eu poderia saber? — finalmente seu tom de voz até então contido aumenta e seus olhos parecem lançar chamas. — Você desistiu dela muito fácil da primeira vez! Por que não faria de novo? Acaso perdeu o contato dos seus amiguinhos de crime?

— Eu mudei! Não vou magoar a nossa filha. Sei que você a está protegendo, você está certa, eu a admiro por isso. Mas eu te juro que não irei magoá-la. Não vou deixá-la, nem arriscá-la por nada, Laura.

— Suas promessas não valem de nada para mim. Ela é minha filha, está sob minha proteção, não posso arriscar dar a ela um pai que depois irá deixá-la. E não importa o quanto você jure, não acredito em você.

Busco algo que possa dizer para convencê-la, de repente me dando conta que Joaquim estava certo. Ela não vai me deixar levar a Eva até meu pai, de maneira nenhuma. E não há nada que eu possa dizer para convencê-la do contrário. Nada que possa dizer para que me deixe ver minha filha. Ela é uma mãe protegendo sua filha, no fim das contas.

Viro-me de costas e passo as mãos pelos cabelos, estranhando o corte arrojado.

— Minha vida está totalmente fora do meu controle — confesso. — Há malditos cinco anos tenho uma rotina, sabia onde dormiria, onde acordaria, o que faria por todo meu dia. Eu não planejava nada porque nada podia ser feito de diferente. De repente me vi livre e não tinha uma casa, uma identidade, uma noção sequer do que fazer com a minha vida.

Ela não diz nada, temo que já tenha entrado e eu esteja falando com as paredes, mas prossigo.

— Há duas coisas apenas que sei sobre mim, Laura, e essas coisas estão entranhadas em mim de tal forma, que se tornaram meu rumo. É a partir delas que planejo agora todo meu futuro. A primeira, é que sou pai. Eva é minha filha, posso não merecer, mas eu sou. Não vou desistir dela, vou moldar cada dia e cada plano em volta dela a partir de agora, custe o que custar.

Ainda há o silêncio e quando me viro, ela está parada na porta me

ouvindo. Seus olhos carregam a tempestade que deve estar em sua mente agora e me aproximo, sem conseguir desviar meus olhos dos seus.

— A segunda coisa que sei sobre mim é que eu perdi você. O amor da minha vida, a coisa mais importante e bela que já tive, eu perdi. Todos os meus dias e planos serão moldados agora com essa verdade. Nunca mais serei inteiro de novo, tampouco feliz. Não terei mais paz, porque não tenho mais você. Eu nunca vou amar outra pessoa, ou desejar outra pessoa, e isso me faz entender que para sempre serei vazio.

Ela não diz nada, também não desvia os olhos dos meus.

— Meu pai tem poucos dias de vida, você sabe disso. Achei que não o veria depois que saísse da prisão e foi na casa dele que dormi ontem, é onde estou hospedado agora. Ele me fez dois pedidos antes de sua morte e vou fazer o possível para honrá-los. O maior desejo dele é conhecer a Eva.

Ela nega com a cabeça, nossa conexão se quebrando.

— De jeito nenhum!

— Ela vai crescer um dia e descobrir que teve um avô com quem não conviveu porque você estava magoada demais para permitir!

— Então vai crescer um pouco mais e saber o que você e seu pai fizeram comigo e entender que eu tomei a decisão certa.

Estamos tão próximos que seu perfume é tudo o que consigo sentir agora. Quero beijá-la. Quero tanto beijá-la que minha mente se confunde por um momento. Quero enaltecer sua força e sagacidade. Sua coragem e garra. Quero dizer que a amo absurdamente mais do que antes.

— Ele não estava punindo você, estava punindo a mim. Ontem eu ainda sentia apenas mágoa por ele, até saber que em poucos dias não o terei mais. Você sabe melhor do que ninguém o peso que essa perda traz. Não podemos impedi-la de conhecer o único avô que ela tem por causa das suas mágoas. Nem por causa das minhas. Não se trata mais de vingança ou justiça. Não importa o que você e eu passamos, ele nunca fez nada a ela. E é nela que temos que pensar, você acha que ela não gostaria de conhecê-lo?

— Ela não precisa conhecer um avô que vai amar imediatamente e

perder em seguida! Isso irá feri-la.

— Eu sei, Laura. Mas ela vai me conhecer, vai conviver comigo e me perguntar por minha família. O que acha que vou dizer a ela? Ela vai saber que perdeu o avô, que poderia tê-lo conhecido e não pôde.

Ela cede, sua postura desmorona, seus olhos agora carregam apenas mágoa.

— A resposta é não. Nem seu pai e nem você vão se aproximar dela.

— Sabe, estou cansado. Esperei por este momento por dois mil cento e três dias. Não vou voltar sem dar um abraço na minha filha, então me deixa entrar.

— Você não vai entrar!

Funciona. Sua postura confiante volta, o fogo em seus olhos, a força, ela está de volta. Posso debater com essa Laura que se defende, mas não com a Laura magoada e temerosa, porque essa Laura quem criou fui eu. Ela existe por minha culpa.

— Tente me impedir, Laura.

Dou um passo em direção a porta e ela me empurra.

— O que pensa que está fazendo? Estou dizendo que você não vai entrar! É a minha casa!

— Minha filha está aí dentro e eu irei vê-la!

— E vai fazer o quê? Me empurrar e entrar à força?

— Se for preciso! — respondo e me aproximo mais, ela se mantém entre mim e a porta, então seguro sua cintura com força, não permitindo que se afaste. E de repente seu perfume me atinge novamente, sua pele quente faz todo meu corpo reagir, a surpresa em seus olhos impede que ela reaja. A puxo para meu corpo, prendendo-a em meus braços, a levanto com facilidade o suficiente para tirar seus pés do chão, sua boca perto demais da minha. Quase posso ouvir seu coração batendo acelerado junto com o meu. Giro o corpo devagar. Eu poderia simplesmente beijá-la. Mas a deposito no chão e abro a porta.

Ela grita e entra atrás de mim, não estou disposto a parar.

— Eva! Eva! — chamo imediatamente.

— Não faça isso! Não venha, Eva!

De repente ela aparece. Uma figura pequena e assustada olhando-me como o estranho que sou para ela. E me vejo nela, não apenas refletido em seus grandes olhos azuis, mas em toda ela. O cabelo é negro e comprido como o da mãe, mas o rosto, os olhos, a boca, o nariz, a expressão quando está com medo. Sou eu. Um reflexo meu. Um reflexo puro e lindo do que sou.

— Oi, Eva.

Meus olhos estão cheios, minhas mãos parecem tremer. Ela olha para a mãe e de volta para mim. Não diz nada, mas me avalia com curiosidade. Dou um passo em sua direção, devagar, temendo que vá correr, temendo assustá-la.

— Você sabe quem sou? — pergunto ajoelhando-me em frente a ela.

— Um amigo da mamãe? — pergunta desconfiada e sua voz doce me faz rir em meio as lágrimas.

Nego com um gesto de cabeça.

— Eu sou seu pai.

Seus olhos estão arregalados e ela olha mais uma vez para a mãe. Talvez esperando que Laura me desminta, mas há apenas o silêncio como resposta. Imagino sua confusão, uma vez que pensa que estou morto.

— Você... — ela tenta, mas falha. Então olha em meus olhos, ainda desconfiada. — Você é o meu pai preso por ser malvado?

Giro a cabeça em direção a Laura, ela tem lágrimas nos olhos e os revira quando encontram meus olhos nela. Ela mentiu para mim. Não disse à nossa filha que eu estava morto.

— Sou seu pai preso porque cometeu erros, mas agora não irei cometê-los mais. O papai aprendeu muito e é um homem do bem agora.

Ela assente, como se realmente entendesse do que estou falando.

— E quando você vai embora?

— Da sua vida? Nunca — digo com toda confiança esperando que entenda.

Ela me avalia por um tempo, mas graças aos céus decide acreditar em mim, então sorri. Um sorriso lindo, como o da mãe dela. E de repente pula em mim, seus braços pequenos rodeando meu pescoço. A aperto, não quero machucá-la, mas a saudade que sentia dela, a necessidade de estar com ela quase me sufocavam. E ela de repente parece me transformar completamente em outra pessoa. É um sentimento diferente, diferente de saber de sua existência, diferente de imaginá-la todos os dias. Tê-la em meus braços finalmente é diferente e melhor do que qualquer coisa que eu já tenha imaginado sentir. Seu rosto está enterrado em meu ombro e ela ri. Ri enquanto só consigo chorar.

Quando afasta a cabeça para avaliar meu rosto, leva as mãos pequenas a ele e toca minha testa, suavemente contorna meus olhos, nariz, queixo, lábios.

— Você é tão bonito! Mamãe disse que você viria um dia. Eu queria tanto ter um pai! — diz com um sorriso lindo no rosto.

Laura disse que eu viria. Laura disse a ela que teria seu pai um dia. Ela não achava realmente que eu a deixaria. A encaro e ela desvia os olhos, indo para a pequena cozinha. Seca as lágrimas enquanto disfarça. Só me falta agora tê-la também em meus braços para ser completo de novo.

— Papai promete que nunca mais irá deixá-la, meu amor. E me desculpa por não estar aqui quando você precisou de mim. Sei que sua mãe fez o meu papel muito melhor do que eu teria feito. Mas me perdoa por perder todos os seus aniversários?

Ela assente imediatamente.

— Eu já tenho cinco anos! — diz alto demais colocando os cinco dedinhos quase em meu rosto. — Você perdeu muita coisa.

Ela pede para sair do meu colo e corre para o quarto. Retorna pouco depois arrastando uma caixa grande.

— O que é isso?

— São fotos. Vou contar a minha vida a você. Senta — pede apontando o chão.

Sorrio, tiro os sapatos e me sento no chão, estico as pernas e espero. Ela se senta também, pega um álbum de fotos da enorme caixa e se senta no chão recostando as costas em mim. A encaixo em meu colo enquanto ela abre o álbum.

— Essa sou eu muito bebê ainda. Mamãe diz que eu só dormia, comia e chorava.

Pego a foto de sua mão, um bebê lindo com um sorriso banguela olha para mim na foto. Há muito de Laura nela. Quando pequena, ela se parecia mais com a mãe.

— Aqui ainda sou um bebê, mamãe tirava muitas fotos minhas. Acho que você não vai querer ver todas.

— Faço questão de ver todas — confirmo.

Ela pega mais uma foto, onde está um pouco mais velha do que na primeira foto que me mostrou. Olho Laura novamente e ela está recostada na bancada da cozinha observando a cena. Seus olhos estão cheios e não consigo decifrar a expressão em seu rosto. Encara Eva fixamente e um sorriso brota quando a pequena me estende a terceira foto. Seus olhos se desviam para os meus e o sorriso some. O medo está ali, ela se vira de costas e volto o olhar para a foto nas mãos da minha filha.

Passamos a noite assim, vendo fotos, ouvindo histórias, inclusive de quando ela esteve doente, aos dois anos. Ela diz por alto que quase virou estrelinha e encaro Laura em busca de maiores informações sobre isso, mas ela não diz nada. Por horas não diz nada. Por fim, Eva parece cansada. Comeu no meu colo e não o deixou nem quando passamos do chão frio para um sofá. Recosta a cabeça em meu peito e continua contando histórias da escolinha que frequenta. De repente há o silêncio, ela dormiu.

Levanto-me devagar, meio sem jeito quando sua cabeça cai para meu

braço. Laura passa por mim e a sigo até o quarto de Eva. A deposito sobre a pequena cama e Laura a cobre. Faz uma oração rápida segurando as mãos dela, a ajeita no travesseiro, beija sua testa e se afasta. Observo mais um pouco meu pequeno anjo tão sereno enquanto dorme e sigo Laura para fora do quarto.

Ela vai direto até a porta de saída e a abre, o que me faz sorrir.

— O que ela teve aos dois anos?

— Meningite.

— Como? Eu não fiquei sabendo de nada. Como você fez? Quem estava com você? O que você...

— Tarde demais para isso agora, João Pedro. Você queria conhecê-la, a conheceu. Agora vá embora.

— Você sabe que vou voltar.

— Sei? Vindo de você eu não espero nada.

— Como foi seu primeiro dia no emprego novo?

— Como você sabe sobre isso?

— Fiquei sabendo por aí. Você gostou?

— Não é da sua conta.

— Só estou tentando conversar amigavelmente com você, Laura.

— Não somos amigos, então não perca seu tempo. Ligue antes de vir ver a Eva, se for sumir, avise também. Não a deixe esperando.

— Eu prometi a mim mesmo esta manhã que não voltaria para a casa do meu pai sem ela — tento.

— Então compre outra casa.

— Não tenho dinheiro. Eu sou pobre agora.

— Durma na rua, então. Não é da minha conta.

Sorriso.

— Vou dormir na sua porta — aviso passando por ela. — Amanhã

quando acordar, Eva vai me ver aqui todo dolorido e cansado e saberá que a culpa foi sua. — Ela revira os olhos impaciente e nem um pouco disposta a ceder. — Só vou para a casa do meu pai com ela ao meu lado para conhecê-lo, não quero encará-lo e ver a decepção em seu rosto por eu estar desacompanhado.

— Não se preocupe — diz com uma voz doce que me faz ter esperanças. — Seu pai sabe que você não é alguém que honra suas promessas. Não vai ficar assim tão desapontado.

Sorrio.

— Acho que terei que repetir isso incontáveis vezes até que você entenda. Eu mudei, Laura. Agora sou um homem que honra cada promessa. E prometi a meu pai que só voltaria para casa com a Eva. — Ela abre a boca para negar novamente, quando digo: — E eu prometo que nunca vou amar ninguém como amei você.

Ela fecha a boca surpresa com minha declaração. Parece atordoada por um momento.

— Boa noite, João Pedro — diz e fecha a porta.

Olho a rua onde mora, a noite está fria, o céu estrelado e me sento no chão recostado em sua porta. Para quem passou tantas e tantas noites na prisão, essa calçada vai ser moleza. Mas só volto para a casa do meu pai levando-as comigo.

O frio parece congelar meus ossos rapidamente. Alguns vizinhos curiosos me observaram aqui, até vieram perguntar se eu precisava de ajuda. Mas expliquei que sou um homem que errou muito pagando por seus erros. No mínimo acham que sou louco, mas quem se importa? As luzes da casa delas se apagaram há algumas horas. Não faço ideia de que horas são, mas com certeza passam das duas.

— Você vai mesmo me deixar aqui a noite toda? — pergunto baixinho e de repente a porta é aberta atrás de mim e caio para trás.

A visão que tenho é de suas pernas macias pouco cobertas. A camisola

que usa não seria tão sexy em qualquer outra mulher, mas sendo nela, é uma tentação. Faz meu corpo aquecer quase instantaneamente. Levanto-me avaliando seu corpo minuciosamente. Ela percebe, mas mantém seu olhar e pose mostrando que minha inspeção não causa absolutamente nada nela.

— Você ainda está aqui?

— Eu disse que não vou sair daqui até que você me deixe levá-la.

— Está muito frio aí fora.

— Então me deixe entrar.

Ela me olha com um sorriso e me estende um cobertor, ao invés de me estender a mão.

— Para você não dizer que sou cruel.

— Você vai mesmo me deixar dormir aqui com esse frio?

— Não fui eu quem ordenou que ficasse aí. Você mesmo se colocou de castigo, e se o fez deve ter muitos bons motivos. Muitos erros para compensar, muitos pecados para pagar, essas coisas. Quem sou eu para absolvê-lo não é mesmo?

— É bom ver que você continua a mesma, minha pequena atrevida — digo pegando o cobertor de sua mão.

— Só que eu não continuo. Eu mudei e muito. Você não faz ideia de quem sou agora.

— Estou ansioso em conhecê-la outra vez.

— Há erros que só cometemos uma vez.

— Touché — respondo admitindo que ela venceu essa pequena batalha.
— Está mesmo muito frio aqui fora, qual a temperatura agora? Uns quinze graus?

— Doze — responde sem nenhum remorso.

— Tomara que eu fique vivo até de manhã.

— Boa sorte — responde e fecha a porta.

Consigo cochilar pouco depois, o cobertor que ela me deu tem seu

cheiro. Me pergunto se ela o tirou de sua cama e não de um armário. Quase posso sentir seu calor nesses fios que me cercam. Sonho com ela, com Eva, com a vida que deveríamos ter agora. Juntos, felizes.

Acordo de repente ao cair para trás de novo. O dia está nascendo e mal sou capaz de me mover ao olhar seus olhos cansados. Ainda assim o faço, me levanto e a encaro.

— Vinte minutos — diz baixinho.

— O quê?

— Vocês terão vinte minutos com ela pela manhã. Não mais do que isso. Ela não vai se atrasar por causa do seu pai.

O sorriso que abro é refletido no castanho de seus olhos.

— Obrigado, Laura. Você também deveria ir, meu pai disse...

— É claro que eu vou! Você não achou mesmo que eu fosse deixar minha filha sozinha com seu pai?

— Ele não é o Darth Vader — provoco.

— É pior do que ele, se quer saber. Iremos assim que a Eva acordar.

Concordo e me enrolo melhor no cobertor, mas me surpreendendo completamente ela abre a porta.

— Vou fazer um café quente e...

— Obrigado — aceito antes que ela mude de ideia e entro em sua casa.

Me acomodo em um banco e a observo se mover pela pequena cozinha e fazer o café. Fascinado por cada movimento, encantado de poder vê-la em algo tão rotineiro, sentindo-me, mesmo nessas circunstâncias, parte de seus dias.

Isso só serve para que eu confirme mais uma vez que não importa o que eu tenha que fazer, vou ter minha mulher de volta.

4

Laura

Acordo com o barulho do despertador me sentindo tão cansada quanto na manhã anterior. Minhas duas últimas noites foram tão mal dormidas, que meu corpo reage como se eu não dormisse há muitos dias. Tão logo me lembro que ele está logo depois dessa porta, dormindo em meu sofá, me coloco de pé. Não sei onde estava com a cabeça quando o convidei a entrar, de repente parecia que ambos estávamos cansados demais.

Lavo o rosto, escovo os dentes e me visto para trabalhar, acordo Eva e então o observo encolhido em meu pequeno sofá na sala. Dorme pesado, como se não tivesse passado a noite fria sentado na calçada, na minha porta. Ele continua um louco. Apesar do sono, suas feições são a de alguém extremamente cansado. Imagino como deve ter sido difícil a notícia da iminente morte de seu pai. Quando foi comigo, isso quase me levou também. Um dia eu tinha tudo, no outro, nada. A morte dele foi um divisor em minha vida.

Lembrar disso me faz lembrar que a prisão de João Pedro foi o outro divisor em minha vida.

— Acorda! — chamo e ele nem se mexe.

De repente Eva aparece com a carinha de sono de toda manhã. Ela detesta acordar cedo. Assim que vê o pai seu rosto se ilumina, ela corre pela sala e pula sobre ele, acordando-o no susto. Ele finge não saber o que o está

dominando e se vira, prendendo-a nos braços e fazendo cócegas que a fazem rir alto.

— Eva, já escovou esses dentes?

— Eu já vou, mamãe — responde saindo do colo do pai e correndo até o banheiro.

Junto as pastas que vou precisar hoje enquanto ele se espreguiça, dobra o cobertor que emprestei a ele e o deixa em um canto no sofá. E preciso me segurar para não comentar. Quando éramos casados, ele nunca dobrava a própria coberta. Ele anda devagar até a cozinha, onde estou. Toma mais um pouco do café, esse café que até agora não entendo porque fiz. Depois de tomarmos, fugi como uma covarde e ele se aconchegou em meu sofá ao invés de ir embora, como deveria.

— Obrigado pela estadia. Foi só pela manhã, depois de eu ter quase congelado lá fora, ainda assim obrigado — diz.

— Não há de quê — respondo sem olhá-lo.

Um motorista nos espera quando saímos. Não consigo esconder o quanto estou nervosa por estar entrando nessa casa, por ver de novo aquele monstro cruel. João Pedro disse que as maldades do pai foram para puni-lo e não a mim. Ele não podia estar mais errado. Ele não faz ideia do que já passei com seu pai quando ele não estava, mas não vou contar isso a ele agora, quando o homem está prestes a morrer, quando nossa única relação é a de pais da Eva e nada íntimos um do outro. Nem faria sentido remexer nessa parte do passado.

— Amor, escuta — chamo minha pequena quando o carro se aproxima da mansão Fagundes. — Você vai conhecer agora o seu avô. Ele é pai do seu papai.

— Eu sei, o papai me disse. Eu estou bonita? Você acha que ele vai gostar de mim? — pergunta preocupada.

— Você é a coisa mais linda desse mundo e ele te ama mesmo sem te conhecer — garante João Pedro arrancando um sorriso aliviado dela.

— O vovô está doente, meu anjo. Então você precisa ser muito cuidadosa com ele, tudo bem? — aviso com cuidado.

— O que ele tem?

— A cabeça dele abrigou um carço malvado e esse carço vai transformar seu avô em estrelinha daqui a alguns dias. Você entendeu? Você vai ver o seu avô agora, vai abraçá-lo, beijá-lo e ser gentil com ele. Se você gostar dele, diga isso a ele, é importante para ele saber se você o amar. Mas em breve ele irá morar no céu.

Ela assente e parece querer chorar, vem para o meu colo e esconde o rosto em meus peitos.

— Por que ele tem que ir embora também? — pergunta chorosa.

— Porque chegou a hora dele, meu amor. Papai do céu precisa dele lá em cima agora. Então sabe o que você vai fazer? Você vai abraçá-lo, ser gentil e carinhosa, como é. E vai abrir esse sorriso lindo que você tem, porque isso irá fazer com que ele sorria também. E todo mundo é feliz quando sorri, lembra?

Ela assente.

— Você quer ir embora, Eva? Quer conhecê-lo outro dia? — João Pedro pergunta preocupado.

— Não, eu quero conhecê-lo agora. Preciso fazer ele sorrir, não é, mamãe?

— Isso mesmo!

Descemos do carro e tento não demonstrar o tremor que quer me tomar. Joaquim nos recebe na porta. Tenta abraçar Eva, coisa que nunca fez, mas a pequena se esquiva e se esconde atrás de mim. Às vezes, o julgamento de caráter da minha filha de cinco anos me impressiona.

— Laura, vivi para ver você entrar nesta casa e com a Eva — seu tom é de desgosto, o sorriso, forçado.

— Fico feliz por lhe proporcionar essa surpresa, Joaquim.

João Pedro parece perceber a hostilidade entre nós, mas ignora,

guiando Eva e a mim pela enorme escadaria. A casa não podia ser mais luxuosa, há detalhes em ouro no corrimão da escada, assim como nos degraus. Um lustre enorme de cristais pende logo acima de nossas cabeças e começo a temer pelo que Eva pode quebrar com tantas esculturas de diferentes pedras espalhadas pela casa.

Caminhamos até o último quarto do corredor, apenas pelo tamanho das portas é possível imaginar o tamanho do cômodo. Otavio Fagundes, o homem que me fez tão mal está agora em uma cama. Seu semblante não é de um homem prestes a morrer, mas sua postura sim. É nítido que mal consegue se mover agora, está fraco e cansado. Seus olhos não ficam em mim mais do que alguns segundos, até que avista Eva. Então seus olhos brilham e se enchem.

— Oi, minha Eva, como você está?

— Triste — ela responde. — Mas feliz por conhecer você.

— Por que você não vem aqui me dar um abraço e me conta porque você está triste?

Ela olha para mim pedindo permissão e o faço, então ela tira os sapatos e sobe na cama. Sem nenhuma cerimônia, como se já tivesse feito isso milhões de vezes antes, corre pela enorme cama do avô e cai sobre ele beijando seu rosto velho e se aconchegando em seu colo. Joaquim parece prestes a ter um troço e me seguro para não rir. Não é algo difícil, logo que vejo as mãos de Otavio sobre ela, algo em mim entra em alerta.

Nunca pensei que ele a veria, que teria contato com ela, que se importaria. Quando ele diz que a ama e acaricia seu cabelo com genuína admiração quero sair correndo. O mundo de repente parece estar errado, Otavio não é um homem bom, minha filha não deveria estar nas mãos dele. Ela é minha, a pessoa linda que está se tornando é responsabilidade minha. De repente ter que dividi-la com essas pessoas parece difícil demais. Quero tirá-la daqui e levá-la para longe. Vou fazer isso.

— Está tudo bem — a voz baixa de João Pedro me faz parar.

Ele segura minha mão, apertando-a e se aproxima.

— Está tudo bem. Ela é sua filha, Laura, ninguém nunca irá tirá-la de

você. Ela apenas está conhecendo mais pessoas que a amam, isso não é uma coisa ruim.

— Não, não é — é tudo o que consigo responder, mas de alguma forma parece mais fácil quando sua mão está na minha, apertando-a como se dissesse que ele está aqui para garantir que ninguém irá tirá-la de mim.

Logo ele.

Começo a me dar conta do quanto estou andando em corda bamba agora. Minha vida e da Eva nunca mais serão as mesmas.

— Por que você está triste? — Ouço Otavio perguntar à minha filha.

— Mamãe disse que você vai virar estrelinha. Não queria que você fosse.

O olhar surpreso de Otavio está sobre mim agora. E odeio que após tudo o que passamos ainda sinta essa necessidade de dar alguma explicação a ele.

— Eu não minto para ela — é tudo o que digo e ele assente com um leve sorriso. Olha para Eva e a consola.

— Sempre que você olhar para o céu estrelado vai me encontrar lá. Eu vou estar olhando para você, todas as noites, sem falhar.

— Como vou saber qual delas é você? São tantas!

— Você vai saber porque sempre que você me olhar, vou brilhar mais forte para você.

— Promete de dedinho? — pergunta estendendo o dedo ao avô, que imediatamente responde ao gesto.

— Prometo de dedinho.

— Então você não vai embora. Sabe, vovô, eu te amo. Mamãe disse que eu devia dizer isso a você.

— Eu também te amo, minha neta. O que você gostaria de fazer agora?

— Eu gostaria de ouvir uma história. Minhas amigas dizem que seus avôs contam histórias para elas. Mas nunca tive um avô para contar para

mim.

— Claro que conto uma história. Deite-se aqui comigo.

Ela se enfia debaixo da coberta do avô, se aconchega em seu braço e espera. E Otavio inventa uma história sobre um coelho sortudo procurando seu avô e Eva parece encantada por viver essa experiência. Isso me faz decidir que ao menos por hora, tomei a decisão certa. Assim como ela parecia nas nuvens nos braços do pai ontem, parece feliz como não a via há muito tempo agora nos do avô.

— Você quer beber alguma coisa, Laura? — Joaquim oferece aproximando-se, mas nego com a cabeça. — Ela está tão linda! Como cresceu! Se parece tanto com o João Pedro que chega a ser assustador! Ela lembra nossa mãe também. Como está na escola?

Encaro Joaquim sem entender essa simpatia repentina e dou de ombros.

— Pergunte a ela, ela sabe falar.

O olhar curioso de João Pedro está sobre mim. Me pergunto se ele faz ideia das ofertas de proteção que seu irmão fez a mim nos últimos anos.

— Sempre tão educada, Laura — responde Joaquim entredentes.

João Pedro desconversa e me leva até o corredor.

— O que houve entre você e meu irmão?

— Nada, o que poderia ter havido?

— Pensei que ele ajudasse você, que vocês mantivessem contato. Ele levava notícias da Eva para mim todos esses anos, o que aconteceu?

— A menos que ele tenha contratado um detetive para dar a ele notícias sobre ela, imagino que tudo o que te disse foram mentiras. Sua família nunca fez parte de nossas vidas, João Pedro. Espero que você entenda o quanto estou me sacrificando por você agora.

Ele assente, seu semblante tomado por uma sombra que não consigo entender.

— Mas não aconteceu nada — prossigo. — Não quero falar sobre isso com você. Aliás, peça seu pai para encurtar a história, precisamos ir, Eva vai

se atrasar.

Ele não parece nada feliz, mas não insiste. Entra no quarto e faz um sinal para o pai que entende que ela precisa ir. Otavio abraça Eva como se fosse a última vez que a vê. Se despede demoradamente, e quando finalmente ela desce da cama, calço seus sapatos e a pego pela mão para irmos embora.

— Podemos voltar amanhã? — ela pergunta antes que consiga passar pela porta.

Olho para João Pedro sem saber o que dizer e Otavio pede:

— Por favor, Laura.

Tudo o que eu mais queria era tirar minha filha daqui, não achei que teríamos que voltar. Mas desvio os olhos para João Pedro e a súplica silenciosa em seu olhar não me passa despercebida. Mais ainda, a esperança nos olhos de Eva me faz ceder mais uma vez.

— Tudo bem, eu a trago de novo amanhã.

Ela comemora e corre pelo corredor soltando minha mão. Despeço-me de Otavio antes de segui-la e ele diz:

— Obrigado, Laura. Sei que eu não merecia esse presente. Você é uma pessoa muito boa, obrigado.

Não sei como reagir à sua gratidão e gentileza, então apenas faço um gesto com a cabeça e saio atrás de Eva antes que ela destrua algo na casa.

Eva foi à casa do avô todos os dias na última semana. Também parece apegada demais ao pai. De forma que estou prevendo o momento em que ele irá pedir para ficar a sós com ela, levá-la para passear ou para sua casa sem mim e direi não. Não estou pronta para que fiquem sozinhos com minha filha.

Tenho uma reunião em dez minutos e não encontro as contas que preciso apresentar. O contador, o senhor Ramon, tem feito pequenos desvios nos pagamentos da gravadora. Tentei falar com ele a sós, mas ele não quis me ouvir por eu ser mulher, mais nova do que ele e uma novata na empresa. Então ele vai ter que explicar essas contas para o chefe, Christopher Becker.

— Algum problema, Laura? — Elias, um colega de trabalho sempre gentil, pergunta.

— Se eu disser que perdi uma pasta importante para a reunião serei demitida?

— Não por mim, com certeza. Vamos procurá-la.

Ele me ajuda a revirar a mesa, até que tem uma ideia e a procura na mesa de Ramon. E o velho safado estava com a minha pasta.

— Olha só, que sem vergonha! — ralho chocada com sua audácia. — Estamos atrasados.

Percebo que ele quer dizer alguma coisa, mas deixa para outra hora, seguindo-me às pressas até a sala de reuniões.

A reunião dura bem mais do que o planejado, já que Christopher exige uma explicação de Ramon e isso nos leva por contas e contas, contratos, pagamentos, desculpas inacabáveis, a demissão do velho safado e uma reunião de pouco mais de três horas. Ao final, algumas pessoas ainda vêm me parabenizar, sendo Christopher o primeiro.

Enquanto caminho até minha mesa, sinto que algo está errado. É como uma premonição, coisa de mãe. Elias surge à minha frente antes que eu alcance meu celular.

— Laura, eu queria falar com você.

— É importante?

— Sim — responde depois de pensar por um tempo, parecendo um pouco nervoso.

— Tudo bem, pode dizer.

— Queria saber o que você vai fazer hoje, mais tarde. Chegou um circo novo aqui perto, pensei que talvez quisesse levar sua filha até lá. Ela vai adorar!

Pego o celular enquanto ele fala e não tenho tempo de respondê-lo porque vejo seis chamadas perdidas da escolinha.

— Ah, meu Deus!

Tento ligar de volta, Luciana nunca me liga, a não ser quando algo acontece com a Eva. Mas as chamadas caem uma por uma na caixa postal. Começo a me desesperar. Eu fiquei horas demais naquela reunião, um atraso que eu mesma causei e não estava quando minha filha precisou de mim. Em segundos vários cenários se formam em minha cabeça. Em todos a minha falha como mãe acaba em algo ruim para Eva.

— Por que não deixei um contato de emergência? — Drika me lembrou diversas vezes de deixar o dela e nunca o fiz.

— Você quer ir até a escolinha? Eu posso levá-la — Elias oferece ao ver minha aflição.

— Você faria isso?

— Claro! Você tenta ligar do carro. Vamos.

Pego minha bolsa e o sigo imediatamente, quando o elevador abre e Eva aparece no colo de João Pedro. Ele a desce quando me vê e ela vem até mim.

— Mamãe, estou me sentindo mal. Eu vomitei na escola.

A abraço aliviada por ela estar bem e olho sua temperatura. Minha pequena tem o rosto em um tom esverdeado.

— Tudo bem, meu amor. Você comeu muita besteira com seu avô. A mamãe tem um remédio que vai te curar rapidinho. Mas só se você me der um beijo.

Ela beija todo meu rosto e a abraço mais forte, levantando-a do chão para levá-la para casa.

— Pode ir, Laura, eu aviso que você precisou sair — Elias diz quando pego Eva.

— Obrigada, Elias, por tudo. O circo fica para outra noite.

— Claro! Quando você quiser.

Ele troca um olhar nada amigável com João Pedro, que me segue para o elevador.

— O que aconteceu? — pergunto a um emburrado João Pedro.

— Parece que atrapalhamos seus planos.

— Não é disso que estou falando, minha filha é meu único plano. Por que você estava com ela?

— Ela se sentiu mal na escola. A Luciana não conseguiu falar com você, então ligou para mim. Imediatamente fui buscá-la. A trouxe aqui porque pensei que você veria as chamadas no celular e se assustaria. Então viemos acalmá-la. Eva pediu a ela que ligasse para o pai, deu o meu nome, ela ligou na Nobre, disse que era sobre minha filha e passaram o telefone residencial, então ela ligou lá. Eu atendi o telefone.

Não sei o que dizer quando ele nos guia até o carro, porque não sou acostumada a ter ajuda. Se algo assim acontecesse normalmente, Eva ficaria assustada por estar doente e longe de mim. E eu tomaria uma bronca de Luciana por não ter visto o celular. Teria saído correndo, incomodado Elias e me culparia por dias por não estar com a merda do telefone.

João Pedro nos leva até em casa, ele não espera um convite, entra conosco preocupado com Eva. Dou a ela um remédio bom para o estômago, dou um banho, o que sempre a anima e a deito em um colchão no chão para ver televisão, como sei que ela gosta. Ela não tem febre e rapidamente sua cor volta ao normal e ela está tagarelando de novo.

Faço um jantar leve enquanto João Pedro está com ela. Quando fica doente ela costuma ser pegajosa, tem medo de ficar sozinha, normalmente tenho dificuldade em fazer algo que ela possa comer, já que tenho que ficar com ela. E essa liberdade de cozinhar enquanto ela brinca e sorri com o pai me é estranha

Quando ela dorme, a coloco em minha cama, apenas por segurança caso ela passe mal durante a noite e João Pedro já está pronto para ir quando saio do quarto.

— Você está brava por eu ter ido buscá-la? — pergunta avaliando meu silêncio.

— Não, claro que não! Na verdade, estou grata por você estar disponível. Me desculpa, eu só não sou acostumada a ter alguém resolvendo

as coisas por mim. É isso.

Ele se aproxima, seus olhos azuis focados nos meus, segura minhas mãos de maneira suave e diz com toda certeza:

— Você não está mais sozinha, Laura. Não foi culpa sua, era seu trabalho, você não tinha como adivinhar. Você é uma mãe maravilhosa e nesses momentos em que você não estiver, é meu dever estar. E eu vou estar. Você não precisa mais carregar tudo sozinha. Entendeu? Eu estou aqui.

Não sou capaz de responder, nem de desviar meus olhos dos seus.

— A vejo pela manhã, já que você não vai me convidar para dormir aqui. Eu aceitaria, se você convidasse. Apenas para que saiba.

Sorrio, não consigo evitar. E me sinto errada por estar sorrindo para ele.

— Boa noite, João Pedro, vá embora.

— Fique com o meu coração, cruel Laura — diz de forma dramática antes de passar pela porta e ir embora.

E passo o resto da noite sem saber como me sinto sobre sua ajuda hoje. Eu sabia que minha vida e da Eva não seriam mais as mesmas, mas não tinha nenhuma esperança que essas mudanças seriam para melhor. E começar a acreditar nisso me faz ter ainda mais medo do rumo que essas mudanças vão tomar depois, porque se tem algo que aprendi com os Fagundes foi que nada vindo deles é bom como parece.

Na manhã seguinte, Otavio parece agitado. Ele brinca com Eva, mas olha em minha direção diversas vezes. Como se quisesse me dizer algo, como se precisasse pedir ajuda. Quando chamo Eva para irmos, ele pede imediatamente:

— Laura, eu poderia falar com você a sós um minuto?

Sou pega de surpresa por seu pedido e embora não tenha a menor vontade de conversar com ele, não tenho outra escolha. Aproximo-me de sua cama enquanto João Pedro leva Eva e Joaquim permanece no quarto, olhando desconfiado do pai para mim.

— Preciso me desculpar com ela, Joaquim, gostaria que fosse uma conversa privada.

— Estarei aqui se precisar, pai — diz antes de sair de má vontade do quarto.

— Como se eu fosse acelerar a sua morte — reclamo.

— Não escute o Joaquim. Laura, tenho pouco tempo, sinto que minha hora está chegando, há muitas coisas que preciso dizer a você, muito que preciso me desculpar, mas há algo que você precisa fazer pela Eva.

Me assusto com seu tom de urgência e me sento na cama, o mais perto possível dele.

— Do que você está falando?

De repente ouvimos um barulho de algo se quebrando e Joaquim entra imediatamente no quarto.

— É a Eva — diz.

Levanto-me para socorrer minha filha, seguindo Joaquim, mas Otavio segura minha mão. Diz apenas uma frase antes de me liberar, de modo urgente e preocupado. Um alerta apenas, mas entendo o quão importante é para ele me dizer isso. E esse alerta em nada me surpreende.

Faço um gesto com a cabeça de que entendi, já que Joaquim está aqui esperando por mim e o sigo. Eva quebrou uma das estátuas de cristal que temi desde o primeiro instante que quebraria.

— Eu não fiz nada — diz chorosa quando me aproximo e me certifico de que não se machucou.

— Tenha mais cuidado, meu bem. Vamos?

— Crianças não devem correr pela casa — ralha Joaquim.

— Se há alguém que pode fazer o que quiser nesta casa, acredito que seja a Eva — responde João Pedro nos seguindo escada afora.

Ele insiste em nos levar, como todas as manhãs, e sei que não adianta dizer o contrário.

— Mamãe, não fui eu, eu não fiz nada — insiste uma Eva chorosa.

Olho minha filha chateada por ter quebrado algo de seu avô e ela continua.

— A moça estátua caiu do nada, bem do meu lado. Mas não fui eu.

Há tanta certeza na maneira desesperada como pede que eu acredite nela que começo a desconfiar de algo.

— Eva, não tem problema se você tiver quebrado a estátua, eu não irei proibi-la de ver seu avô por isso. Agora diga a verdade para a mamãe, a gente não mente uma para a outra, lembra?

Ela assente e repete:

— Eu não fiz nada. A moça estátua quebrou sozinha.

— Eu acredito em você, meu bem — confirmo e ela sorri, aliviada. — Vou falar com seu avô e ele vai acreditar também, não se preocupe.

— Ele não vai mais ficar chateado comigo?

— Por causa de uma estátua velha? — responde João Pedro — Claro que não! É por isso que você está assim? Achei que estivesse assustada.

Eles iniciam uma conversa e começo a me perguntar se Joaquim deu um jeito de quebrar a estátua para me tirar do quarto porque temia o que o pai diria a mim. Se o fez, ele arriscou machucar Eva. Olho para João Pedro conversando com Eva animadamente e entendo que o lado ruim que sempre acompanha o lado bom dos Fagundes já começou. Preciso proteger minha filha de Joaquim Fagundes. De novo.

5

João Pedro

Duas batidas na porta me tiram a concentração e desligo a máquina quando Joaquim surge em meu estúdio.

— Você pode conversar agora, irmão? — pergunta.

— É importante? Estou ocupado.

Ele observa os vários desenhos espalhados pelas paredes e as pedras cuidadosamente acomodadas sobre as mesas. A maioria já em fase de polimento.

— Você está mesmo levando isso a sério. A última coleção. Nós dois sabemos que não vai dar tempo de o papai ver esse desfile, não precisa se dedicar tanto, irmão.

— Estou fazendo o possível para que ele consiga ver essa coleção, Joaquim, o que queria me dizer?

— Nosso pai quer que você volte à Nobre.

— Falaremos sobre isso depois — respondo voltando minha atenção ao pequeno diamante em minha mesa, mas ele insiste.

— Ele quer que você seja o presidente da Nobre quando morrer.

— Ele te disse isso?

— Não precisa dizer. Está insistindo que você deve ir até lá e se encontrar com a Abigail. Ela é a presidente substituta. Papai ficou ruim muito de repente e piorou rápido. Ela está no cargo há poucas semanas, mas não consigo imaginá-lo deixando seu império para ela. Você sabe, ela não tem o sangue Fagundes.

— Então suponho que vá deixar para você. Não estive na Nobre nos últimos sete anos, de toda forma.

— Mas ele o estava preparando para assumir seu lugar quando você se foi.

— Isso foi antes de eu me casar com uma mulher pobre, entrar para o mundo do crime e passar cinco anos na prisão. Acredite, ele não vai deixar seu maior tesouro nas minhas mãos nada confiáveis.

Ele se aproxima e percebo em seu olhar que há algo mais por trás dessa conversa.

— Diga de uma vez o que veio dizer, Joaquim, estou ocupado.

— Você não deveria aceitar se ele deixar a empresa para você. Deixou de ser o seu lugar há muito tempo, João Pedro. Você tem uma filha agora, uma mulher que o odeia para reconquistar, não vai poder oferecer à Nobre a dedicação que ela precisa.

— O que você está dizendo é que devo deixar a empresa para você, caso eu seja o escolhido? É isso mesmo?

— Você não acha justo?

Respiro fundo e volto minha atenção para a pedra.

— Façam o que quiser com a Nobre, não tenho interesse em presidi-la. Vou abrir minha própria rede de joalherias.

— Com que dinheiro? Achei que tivesse doado tudo o que restou dos seus contrabandos.

— Papai me devolveu o meu dinheiro. O que havia tomado de mim quando me casei com a Laura. Em breve terei acesso a tudo o que era meu.

Então como você deve imaginar eu tenho capital para criar meu próprio império agora. Fique com a Nobre para você.

Seu sorriso é satisfeito. Com um gesto de cabeça ele deixa meu estúdio finalmente.

Desde que voltei, este é o primeiro dia em que não vou ver minha filha. Ligo para Laura mais vezes por dia do que o necessário para saber sobre Eva, apenas para ouvir sua voz. Dessa vez, converso com minha filha, preciso acabar essa coleção de joias a tempo. Há tantos anos não faço isso, quando meu pai pediu a última coleção pensei que não daria conta, mas tem fluído muito mais fácil do que eu havia imaginado. É fácil, quando tenho tanta inspiração. Há fotos de Laura espalhadas pelo estúdio. Olho seus olhos, seu sorriso, quase sinto seu cabelo macio em meus dedos de novo e isso me inspira a desenhar e lapidar as peças mais lindas que já criei.

Completamente contra a minha vontade, estou indo esta manhã até a Nobre. Não queria ter que sair de casa até terminar essa coleção. Se não estou vendo minha filha, imagine ter que ir a uma empresa que, como Joaquim fez questão de ressaltar, não faz mais parte da minha vida? Entrar nesta empresa de novo me causa uma sensação completamente oposta da que eu havia imaginado. Pensei que seria como um lugar estranho, uma outra vida, um outro João Pedro. Mas em cada canto deste prédio há uma lembrança dela. Foi onde nos conhecemos, onde nos apaixonamos.

Abigail é a presidente agora. Ela me conta por alto coisas que meu pai já havia me antecipado, inclusive sobre uma rede nova de joalherias que está levando aos poucos os clientes mais tradicionais da Nobre. Conversamos por horas, uma conversa completamente desnecessária, uma vez que dificilmente colocarei meus pés aqui de novo. O tempo todo há a presença de Joaquim pairando sobre mim, especulando o que estou dizendo, como um lembrete velado de que não pertencço a este lugar.

E então, quando finalmente Joaquim me deixa em paz, encontro por acaso algo ligado a ele que me deixa em alerta. Os últimos cinco processos contra a Nobre foram perdidos. Com isso, a empresa desembolsou um valor

altíssimo.

— Foram processos tão bobos! Como é possível que tenhamos perdido? — pergunto preocupado à assistente de Joaquim, que não sabe me explicar. — Tudo bem, vou perguntar a ele. Não precisa comentar nada do que conversamos aqui com ele, entendeu, Karen?

Ela confirma assustada com meu tom de voz e tiro foto dos documentos para resolver isso depois.

Quando volto para a casa do meu pai, vou direto até ele. Conto coisas sobre a empresa e não comento sobre os processos para não o alarmar. Joaquim permanece conosco por um tempo e aproveito enquanto conversa com papai para enviar as fotos a Christopher e pedir um favor. Peço que ele mostre os processos a um advogado da Becker Records, sua gravadora, e me diga porque perdemos esses processos.

Quando Joaquim finalmente nos deixa, penso em fazer o mesmo e ir dormir, mas mudo de ideia ao olhar meu pai. Ele parece cada dia mais fraco e sei que o tempo que tenho com ele é cada vez menor.

— Sabe, você estava certo — digo ao invés de ir dormir. — Quando você foi contra meu casamento. Não certo em ter agido como agiu. Mas estava certo sobre mim. Eu não estava pronto para o passo que dei. Não estava nada preparado para a mudança financeira drástica que tive. Eu sequer parei para pensar quando abri de mão de tudo.

Ele sorri, um sorriso sábio e tranquilo.

— Você faria diferente? Se ela o perdoasse agora, você deixaria tudo por ela?

— Sem pensar duas vezes — respondo fazendo-o rir. — Ela me disse que há erros que não cometemos duas vezes. Mas há erros que cometemos a vida toda, se preciso.

— Eu gostaria de ver seus desenhos — pede.

— Isso vai estragar a surpresa.

— Bobagem, estou velho demais para ser surpreendido. Traga os

desenhos eu quero vê-los.

Antes, quando eu preparava uma coleção, não permitia que ninguém visse meus desenhos. Eram meus. Mas agora é uma situação completamente diferente. Temo que seu pedido seja porque acha que não estará aqui a tempo de ver o desfile, então busco esses desenhos e as três pedras já prontas para que ele veja. E ali, a admiração em seu rosto, aquele orgulho estampado quando seus olhos se enchem, neste momento tenho meu pai de volta. O pai que acabou com a minha vida uma vez e agora isso tudo parece tão distante que nem importa. Esse olhar de orgulho enquanto admira as joias é o que importa.

— Que felicidade ver você em ação de novo, meu filho! Desde que você saiu da Nobre, nunca mais uma coleção tão bela foi apresentada! Há algo em você, um dom! Obrigado por ter feito isso.

— Não precisa agradecer, pai. Fico feliz que o senhor tenha gostado.

— Você precisa assumir a empresa, filho.

— O quê?

— A Nobre não pode ficar nas mãos de mais ninguém. É nossa empresa, nosso império. Você, como eu, deu seu sangue a ela por anos. Ela é sua. É sua segunda casa. Me prometa que vai cuidar dela.

— Joaquim espera ser o presidente agora, não vou entrar em uma guerra com ele por isso, pai. A empresa estará em boas mãos. Vou abrir meu próprio negócio.

Ele nega com a cabeça, as mãos parecem tremer um pouco.

— Me prometa que vai cuidar da empresa. Se você achar que ela estará melhor com o Joaquim, confio no seu julgamento. Mas se não, você tem que me prometer que não vai permitir que meu império caia.

Afasto-me dele tenso com o rumo dessa conversa.

— Você não estará aqui, pai! Até quando vai manter essa ganância? Você não viveu, abriu mão do seu casamento, dos seus filhos, da sua esposa. Você a abandonou por essa empresa. Será que não pode ir em paz e deixar isso para lá? Não percebe que não vai levar nada do que conquistou aqui?

— Não foi em vão! Estou deixando para você, Joaquim e Eva uma condição financeira invejável. Meu trabalho, meu suor, cada hora que passei lá valeram a pena! Vai muito além do dinheiro, do meu sobrenome, do meu sacrifício. Não quero que você seja como eu, não quero que pense vinte e quanto horas em trabalho e afaste sua filha, só quero que tome conta do que é seu! Ou será que você ainda não está pronto para crescer, João Pedro? Se você não estiver, não deveria tentar reconquistar a Laura. Ela merece alguém capaz de cuidar dela e da filha.

Saio de seu quarto por um momento, subo até o terraço da mansão e observo as estrelas. O vento frio da noite refrescando minha mente. Se eu fizer essa promessa irei começar uma verdadeira guerra com meu irmão. Mas meu pai está certo. É o império que ele, ainda que de maneira errada, lutou para deixar para nós e não posso continuar me escondendo deixando toda a responsabilidade para Joaquim.

Desço de novo até seu quarto, percebo que ele me esperava de volta.

— Eu prometo. Darei a coleção nova para a Nobre, vou tratar de fazer com que o lucro da empresa dobre com esta coleção. Sua concorrente não vai ter a menor chance. E então, quando eu tiver certeza, vou passar a empresa para o Joaquim. Mas prometo que não vou deixar que seu sacrifício se perca. A Nobre não vai cair.

Ele concorda satisfeito. E começo a torcer que minhas suspeitas sobre os processos perdidos por ele estejam erradas.

Meu pai conseguiu minar completamente minha inspiração. Nem mesmo olhar Laura por horas consegue com que eu me concentre de novo na última joia. Esta é especial, a mais especial da coleção. Seu desenho não estava nos que levei até meu pai, será uma surpresa. Mas não para ele. A primeira pessoa a ver essa joia tem que ser ela, minha musa inspiradora, o amor da minha vida, Laura.

Cansado demais para prosseguir esta noite, decido ver minha filha e vê-la também, claro.

O céu está carregado de raios e trovões, anunciando uma tempestade

iminente, mas não me importo. Quando bato em sua porta, uma chuva forte começa a cair. Ela a abre e entro me salvando por pouco de ficar encharcado. Eva corre até mim e a pego nos braços, o cheiro do jantar faz meu estômago roncar e observo Laura em um vestido que destaca cada curva de seu corpo tornando-a deliciosa. A observo por um bom tempo, sem conseguir desviar os olhos e vejo seu rosto se tingir de vermelho antes de voltar à cozinha e se afastar de mim.

— Você não devia ter saído de casa com este tempo — ela diz sem olhar para mim.

— Você está linda. Está esperando alguém?

Ela não responde e algo parece aquecer meu coração devagar.

— Estava esperando por mim — concluo.

Ela ri em seu tom de deboche que adoro e finalmente olha em meus olhos.

— Vai sonhando que eu me vestiria para você. Não estava esperando ninguém com a chuva que obviamente iria cair, agora estou me perguntando como é que você vai embora.

Sorriso.

— Ele pode dormir comigo — soluciona prontamente Eva.

— Obrigado, meu amor. Viu? Já tenho onde ficar. É uma pena que eu não caiba na sua cama, Eva, é muito pequena. Acho que eu só caberia na da mamãe.

Laura deixa a colher com que mexia um molho cair no chão e me encara irritadíssima.

— Então você dorme com a mamãe — conclui Eva com o maior dos sorrisos

— Eva, não ofereça a cama dos outros a ninguém. Lembra o que conversamos? Você só pode dar o que é seu.

A pequena não se importa e repete que eu deveria ficar.

Quando Eva vai ao banheiro, me aproximo de Laura na pequena

cozinha. Dobro a manga da blusa social que uso e ela repara a ponta da tatuagem no meu baço.

— Você agora tem tatuagem?

— Algumas — respondo esperando que ela pergunte mais, mas ela não o faz. — Você está linda, Laura. Este vestido destaca cada curva desse corpo maravilhoso e só consigo imaginar...

— Nada! Você não tem que imaginar absolutamente nada sobre mim. Sou só a mãe da sua filha, estou aturando você por ela. Não confunda as coisas.

Há tanta certeza em suas palavras, nenhum amor ou calor em seus olhos. Laura realmente me apagou de sua mente, de seu coração. Do amor que sentia por mim não há sequer vestígio. Eu já esperava por isso, mas constatar assim, me quebra mais uma vez. Afasto-me dela e vou atrás de Eva, e não nos falamos até que o jantar esteja pronto.

Então coloco a primeira colher na boca e o gosto de seu tempero me traz lembranças demais. Olho para ela por muito tempo, seus olhos também estão em mim, está se lembrando, como eu. A comida é familiar, estar com ela à mesa é familiar. Tudo é tão bom que pela primeira vez em anos, me sinto em casa. Eva come cantando músicas que inventa sobre os pratos que a mãe faz. Descobrir isso me faz sentir parte da vida dela.

— Eu não saberia como explicar o quanto senti falta da sua comida, Laura. Estava tudo perfeito — digo ao acabarmos a refeição.

Ela assente apenas, desvia os olhos dos meus sem graça e detesto a distância que há entre nós agora. Detesto que um simples elogio a deixe sem graça, que não seja mais acostumada a ouvi-los da minha boca. Junto os pratos e vou até a cozinha lavá-los.

— Você não precisa fazer isso — ela diz aproximando-se.

— E que exemplo eu estaria dando à nossa filha, então?

Ela sorri, dura dois segundos até se dar conta e cortar o sorriso, mas considero uma pequena vitória.

— Mesmo os amores mais sinceros e mais intensos podem acabar, não

é mesmo? — pergunto quando ela resolve me ajudar secando a louça.

Ela me avalia por um tempo antes de responder, mas o faz com calma e certeza, como sempre.

— Os amores mais sinceros e intensos não podem ser maiores do que um amor, João Pedro, o amor próprio. E não há amor próprio que resista a um amor que te faz tanto mal. Não se trata da veracidade e intensidade do que é sentido, mas de por quem você sente. Qualquer um que não mereça um amor desses não o manterá. É simples assim.

— Não foi difícil matar o que você sentia por mim, então.

— Foi, foi horrível, foi a coisa mais difícil que eu já fiz. Porque não foi escolha minha, foi sua.

— Laura — deixo a louça de lado e seguro suas mãos. — Me perdoa, por favor me perdoa.

Ela nega com a cabeça, tira as mãos das minhas e se afasta. Vai até Eva e se acomoda ao lado dela, deixando-me sozinho com o resto da louça.

Quando Eva dorme, apesar da tempestade que cai lá fora, decido ir embora.

— Você não vai me oferecer a sua cama, então eu já vou — brinco.

— Nem mesmo o sofá. Você saiu de casa sabendo que tomaria chuva, eu suponho — ela diz exibindo um sorriso e sinto tanta falta de vê-la sorrir!

— Para ser bem sincero, achei mesmo que fosse dormir com você.

— Não me lembro de você ser iludido, deve ter pegado esse vírus na prisão.

Rio alto e me lembro que Eva está dormindo no quarto ao lado.

— Desculpe. Não é ilusão, é esperança. Sim, peguei esse vírus na prisão. O que mais você faz quando está em um lugar como aquele é esperar.

Ela sorri, cruza os braços e não se afasta quando me aproximo.

— Eu posso ficar, Laura — sugiro falando baixinho.

— Não, não pode.

— Mas você quer que eu fique. Sei que você quer conhecer cada uma das tatuagens que tenho agora. E das cicatrizes também.

Vejo o brilho em seus olhos, a curiosidade, o sorriso lindo. E de repente ela se fecha. Olha em meus olhos e é como se me reconhecesse. Como se de repente se desse conta que sou eu aqui. E eu sou alguém proibido para ela, a julgar pela maneira como muda seu semblante, se afasta e até mesmo seu tom de voz antes brincalhão, se torna sério. As feridas que causei a ela ainda não estão cicatrizadas. Elas ainda a ferem. Preciso dar um jeito de saná-las o quanto antes ou nada do que fizer será o bastante para tê-la de volta. Ela vai conhecer outra pessoa, se abrir para outro alguém e a terei perdido para sempre.

— Precisamos ter uma relação amigável por nossa filha. Eu a ensino a ser amável e gentil com todos. Então não posso sempre ficar te dando broncas ou negando as coisas a você. Então por favor, João Pedro, não me force a ser assim na frente dela.

— Laura...

— Somos divorciados. Mas acima disso somos os pais da Eva. Temos que nos dar bem, você entende? Estou passando por cima de tanta coisa para ter você na minha vida de novo, por ela. Eu não durmo há dias e vivo cada segundo dos meus dias com medo por você estar tão perto, mas eu suporto, por ela. O mínimo que espero de você é que não torne essa situação que já é difícil, impossível.

— Estou fazendo de tudo para que você se sinta mais confortável comigo, Laura.

— Não está. Essas brincadeiras de elogiar minha roupa, seus olhares maliciosos, piadas sobre dormir na minha cama, nada disso pode acontecer. Não vamos confundir a cabeça dela. Ela não tem que achar que vamos nos casar e ser uma família, tem que entender que essa é a família dela. Ela tem uma mãe, tem um pai e eles não ficarão juntos. Eu estou passando por cima de toda dor que você causou e tentando confiar em você para ser sua amiga, João Pedro, não me force a ser apenas a mãe da sua filha.

— Laura, eu acho que nós merecemos...

— Não existe nós! Nosso relacionamento acabou, há cinco anos, acabou!

— Mas os sentimentos não! — grito, me esquecendo de novo que Eva está dormindo aqui ao lado. Esperamos um pouco e como não há qualquer movimento em seu quarto, constatamos que não acordou. Então digo mais baixo. — Esses sentimentos estão aqui, cada dia mais fortes, cada dia mais intensos, o que eu faço com eles?

— Se vira! Quando foi a minha vez não tive ninguém para me orientar, eu tive que me virar.

— E você os apagou? Completamente? Não sente mais nada por mim?

— Sinto muitas coisas por você, se quer saber. Nada que seja bom.

— Não acredito em você. Olha nos meus olhos e diz que você não me ama — peço aproximando-me dela.

— Não tenho que fazer isso. Esse tipo de conversa não vai mais acontecer, se você insistir não serei mais amigável com você.

— Vai fugir, Laura? Não é capaz de olhar para mim e dizer que me odeia?

— Eu te odeio — responde imediatamente me fazendo rir.

Aproximo-me mais e seguro sua cintura, puxando-a de encontro ao meu corpo, sentindo o calor de sua pele através do tecido fino do vestido que usa. Seu cheiro me atinge em cheio e toco finalmente seu cabelo.

— Como eu senti falta disso! De tocar seu cabelo, senti-lo entre meus dedos, sentir seu cheiro tão perto. Como eu senti sua falta! Então olha para mim, Laura, olha aqui, nos meus olhos e diz que você não me ama — peço baixinho.

Seus olhos castanhos estão presos aos meus, ela abre a boca, mas nada sai. Suas mãos caem devagar sobre meus braços, seu toque quente quase me deixando louco. Eu poderia possuí-la aqui, agora, nesta sala. Eu faria amor com ela com a fome que tenho agora, com a necessidade de estar dentro dela. Eu a amaria como se fosse minha última noite com ela, a amaria por todas as

noites dos últimos cinco anos em que não a tive.

— Diz — insisto quase aos sussurros. — Diz que não me ama e juro que a deixo em paz. Seremos amigos, como você quer. Mas diz, tira essa esperança que está enchendo meu peito agora pela maneira doce como você me olha, diz que sou louco. Diz que não sente mais nada por mim.

Ela fecha os olhos quando aproximo meu rosto do seu, toco seu rosto com o meu, de leve, absorvendo seu perfume, sentindo de novo a maciez de sua pele contra a minha.

— Diz, Laura. Diz que você não quer isso tanto quanto eu quero. Diz ou vou levar você para a cama agora e vou amar você até que nós dois estejamos saciados. Até matar essa saudade que está me deixando louco. Diga!

Suas mãos sobem por meus braços e param em meu peito, e ela me empurra, devagar no começo, mas mais forte depois, forçando-me a soltá-la.

— Não preciso dizer nada. Você quase acabou comigo, João Pedro. Que tipo de sentimentos você acha que podem ter sobrevivido em mim?

Ela abre a porta, a chuva lá fora está tão forte, que tenho dificuldade em ver meu carro, estacionado do outro lado da rua.

— Vá embora, e se você me tocar desse jeito de novo, pego a Eva e sumo com ela de perto de você.

— Eu as encontrarei, eu sempre encontrarei você, Laura.

Ela abaixa a cabeça e aponta a rua. Sei que é loucura sair nesse tempo, a chuva está forte demais para que eu possa dirigir. Decido correr até meu carro e ficar dentro dele até que a água se acalme. Passo por ela com uma sensação ruim que não terei outra chance. Me pergunto se eu deveria voltar para trás e beijá-la. Se eu pudesse ao menos beijá-la! Uma vez apenas, só precisaria disso para acender a chama nela outra vez. Só isso para ela se entregar como antes e fazer amor comigo. Paro no meio do caminho e a vejo parada na porta, olhando para mim.

Não sei quanto tempo a observo com essa sensação de que preciso fazer algo agora, de que preciso tocá-la, beijá-la ou irei realmente perdê-la. E

de repente ela vem correndo em minha direção.

— João Pedro! — grita desesperada e fico parado, esperando que me alcance.

Ela se lança sobre mim me derrubando e no segundo seguinte, um carro passa exatamente onde eu estava. Eu não o havia visto, não fazia ideia, ela me salvou.

— Você está bem? Laura, você se machucou? — pergunto preocupado ao ajudá-la a se levantar. Toco seu rosto, seu cabelo, examino seus braços.

— Estou bem, eu estou bem. Você precisa prestar atenção! Você se machucou? — pergunta.

— Não, graças a você estou bem — a frase se repete em minha cabeça e ela também se lembra. Eu disse isso a ela na primeira vez em que me salvou de ser atropelado. — Você ainda é a minha heroína.

Ela sorri, completamente encharcada, como eu. Provavelmente com o mesmo frio que estou sentindo, mas ela sorri. Era tudo o que eu precisava. A puxo para meus braços e meus lábios alcançam os seus no segundo seguinte. Seguro seu rosto para que ela não se afaste e a beijo. Matando a saudade por cinco anos longe desses lábios. Saboreio sua boca com a minha, domino sua língua, percebo que ela não vai se afastar e a abraço. Minhas mãos passeiam por seu corpo, prendendo-a ainda mais a mim.

Não importa agora a chuva forte, o frio, o tempo que perdemos, não importa nada. Depois de todo esse tempo a tenho em meus lábios de novo, e ela está correspondendo. Suas mãos passeiam por meu cabelo e rosto. Seu toque suave me faz pegar fogo. Meu pau se agita incontrolavelmente, posso senti-la nua em meus braços. Me recordo da maciez de sua pele, do calor de seu corpo, da sua voz quando gemia meu nome e preciso tanto dela!

Interrompo o beijo para respirarmos e mantenho minha testa na sua, minhas mãos em volta do seu corpo, seu calor me aquecendo. Ela se afasta devagar, abre os olhos atordoada, olha meu rosto e tiro as mãos de seu corpo. Ela leva uma mão à cabeça, como se tivesse cometido um erro.

— Laura — chamo seu nome e no segundo seguinte ela me acerta um belo tapa na cara.

— Nunca mais ponha as mãos em mim!

E então ela entra para sua casa, bate a porta e me pego rindo como um bobo. Ela correspondeu, o fogo ainda queima nela. Mesmo que ela tente negar. Até mesmo sua ira indica que me sente nela. Acha que está errado, que não deveria sentir nada por mim, mas sente.

Rio alto, olho para as gotas grossas da água me banhando e rio. Não é impossível, irei tê-la de volta. Não é impossível.

Fico no carro por alguns minutos, até que a chuva diminua o bastante para eu conseguir ir embora.

Estou em um dos melhores sonos da minha vida, quando alguém me acorda desesperada.

— Mara, o que houve?

— Seu pai, ele está chamando você, é urgente.

Levanto-me depressa e corro até seu quarto. Ele parece agitado demais, fala sem parar como se tivesse muita pressa. Estende a mão trêmula ao me ver e a seguro imediatamente.

— Laura — é tudo o que diz.

— O que tem a Laura?

— Preciso falar com ela.

— Ela virá pela manhã, em poucas horas.

— Não tenho esse tempo.

— Não diga isso, pai.

— Chame a Laura, vá buscá-la, por favor!

Assinto e deixo o quarto indo às quatro da manhã até a casa dela. Ela sequer vai me receber, mas vou assim mesmo.

Para minha surpresa, assim que abriu a porta assustada, só precisei

dizer “meu pai” e ela veio comigo imediatamente. Bateu na casa de uma vizinha e pediu que a mulher ficasse com Eva e vim o mais rápido que pude.

Joaquim está com nosso pai quando chegamos. O olhar dele encontra Laura e ele parece ainda mais aflito. Não entendo o que está acontecendo, mas ele estende a mão a Laura, ela demora um pouco a segurá-la, mas o faz, então ele diz coisas que nunca havia imaginado. Coisas que jamais pensei que ele houvesse feito a ela.

— Não tenho muito tempo, mas não posso partir sem me desculpar com você, Laura.

— Senhor Fagundes, não há necessidade agora...

— Sim! Eu preciso fazer isso! Você pode não me desculpar, mas eu preciso dizer. Preciso dizer para que ele também saiba — imagino que esteja se referindo a mim. — Eu fui até você, Laura. Não aceitei perder meu filho para outra pessoa, então fui até você e te ofereci uma grande quantia em dinheiro para que você sumisse. Eu quis comprá-la, você recusou. Eu lhe ofereci tudo, mas você disse não. Você se ofendeu de verdade. Então fiquei esperando que João Pedro aparecesse diante de mim enojado com o que fiz, mas isso não aconteceu, porque você não contou a ele. Por quê? Por que não contou?

Essa lembrança parece machucá-la. Ela respira com dificuldade antes de responder:

— Eu não queria que ele odiasse você. Você é o pai dele.

— Eu não merecia sua misericórdia. E quando o João Pedro foi preso eu te disse...

— Por que você está relembrando isso agora? Não passe seu tempo final aqui remoendo o passado — ela o interrompe.

— Eu preciso dizer, preciso saber que você me perdoa. Eu quero assumir cada erro, mostrar ao meu filho o monstro que sou e preciso que você me perdoe, que conte a ele e me perdoe. Eu fui cruel com você quando ele foi baleado. Você estava sofrendo e eu piorei tudo. Fui mais cruel ainda quando ele foi preso. E ainda mais quando a Eva nasceu. Eu sabia, Laura, sempre soube que ela era sim, minha neta. Mas eu esperei. Como um covarde esperei

que você viesse até mim, que me pedisse ajuda, que reclamasse os direitos dela como uma Fagundes. Mas você não fez. Nunca fez. E então ela adoeceu e eu deveria ter oferecido tudo, ter dado a vocês o que era direito dela e não fiz. Achei que naquele momento você ia me pedir ajuda. Eu sabia que você era uma pessoa muito melhor do que eu, mas eu precisava que fosse você a pedir ajuda.

Laura solta sua mão e chora. As lembranças parecem machucá-la demais. Aproximo-me dela e a abraço, está tão atordoada, que permite. Ela se esconde em meu peito e permite que eu a ampare.

— E você passou por tudo sozinha. Eu sofri também, achei que íamos perdê-la, mas eu não era a mãe dela. Você passou pelo inferno e eu estava aqui, no meu palácio, vendo você passar por tudo com a minha neta, incapaz de oferecer ajuda. Me perdoa, Laura. Por favor. Há três anos não consigo dormir direito, a consciência não permite. Há três anos odeio o que vejo quando me olho no espelho. Eu preciso que você me perdoe.

Laura sai dos meus braços finalmente e deixa o quarto. Sai correndo e desce as escadas. Penso em ir atrás dela, mas esses podem ser os últimos minutos do meu pai. Ele tem lágrimas nos olhos. Olha para mim com toda culpa ao dizer:

— Me perdoa filho. Ela vai contar a você, vai dizer quem eu realmente fui e preciso que você me perdoe. Pelo seu bem, não meu. Espero que um dia você me perdoe.

— Ela também vai te perdoar, pai. Pode não ser agora, está enfrentando tudo de uma vez, é muito perdão que ela precisa conceder e é difícil assimilar tudo, mas ela vai — garanto a ele para que não sofra mais.

Ele fecha os olhos e fica quieto. Encaro Joaquim que, assim como eu, está tenso. Penso em chamá-lo, mas ele cantarola baixinho a melodia de uma música. *Stairway to heaven*, sua música preferida. Laura então volta ao quarto.

— Otavio — chama meu pai baixinho e ele abre os olhos. — Vá em paz, eu o perdoo. Por tudo, eu o perdoo.

Ele sorri, fecha os olhos novamente e tem o semblante calmo, alegre.

— Sabe, Laura, eu nunca, nunca tentei comprar sua filha. Não fui eu quem tentou. Jamais a tiraria de você.

Não entendo do que está falando, mas Laura parece entender, pois fica tensa novamente, como quando meu pai estava relembrando o passado.

— Você precisa acreditar em mim — pede ainda mais baixo.

— Eu acredito — Laura responde e encara Joaquim.

Encaro meu irmão que parece atônito. Não faço ideia do que está havendo, que segredo é esse entre eles?

— Obrigado — meu pai diz pouco depois e fica quieto.

Sua respiração é o indício de que não se foi. Esperamos alguns minutos, mas ele dorme tranquilamente. Então saímos do quarto para que ele descanse.

O dia está nascendo quando volto ao seu quarto, abro a porta devagar, apenas para ver o movimento de seu peito, para saber que ele resistiu mais um dia para ver o desfile que tanto queria ver. Mas ele não se move mais. Corro até sua cama e toco seu pulso, tento ouvir seu coração, seu corpo ainda está quente, mas não há mais nenhum sinal de vida.

Meu pai faleceu.

6

João Pedro

O enterro do meu pai será em poucas horas e desde a confirmação de sua morte, Laura não saiu do meu lado. Ela segura minha mão sempre que entende que estou fraco demais, me abraça quando percebe que quero chorar e me diz repetidas vezes que tudo vai ficar bem.

Vamos então a uma das partes mais difíceis disso, contar à Eva.

Laura a pega na escolinha e a levamos a uma sorveteria. Ela pergunta porque eu estive chorando, e digo que estive triste nas últimas horas. Ela então, me cede todo seu sorvete e aceito, fingindo estar muito melhor para que ela sinta que me ajudou. A levamos então para sua casa, e lá, Laura é quem dá a notícia, pois não tenho a menor ideia de como fazer isso.

A noite começa a cair e Laura diz:

— A noite está caindo, daqui a pouco as estrelas vão brilhar no céu. Sabe o que vamos fazer? Das às boas vindas ao seu avô no céu.

Eva larga a boneca que brincávamos e me encara com olhinhos azuis cheios.

— O vovô já virou estrelinha? Mas eu nem disse tchau.

— Você não precisa dizer tchau, por que diria? — pergunta Laura. —

Se você vai vê-lo todas as noites lá no céu? A gente diz tchau para alguém que foi embora, e seu avô só se mudou da terra para o céu. Sabia que lá em cima é um lugar muito mais bonito do que aqui?

Ela esconde o rosto nas mãos pequenas e chora. Tento pegá-la, mas ela não quer. Pouco depois, procura o colo da mãe. Fica lá até que o céu já esteja coberto de estrelas. Então a levamos até o pequeno quintal no fundo da casa.

— Onde ele está? — ela pergunta chorosa olhando as estrelas.

— Não sei, meu amor, só você pode encontrá-lo. Ele vai brilhar mais forte pra você, lembra?

Eva olha mais um pouco o céu, mas emburrada cruza os bracinhos e se recusa a olhar de novo para cima.

— Nenhuma estrela brilha forte! O vovô não está lá.

Encaro Laura preocupado e em poucos segundos ela encontra a solução.

— Já sei! Talvez Papai do céu ainda não o tenha recebido, não é? Ele acabou de chegar lá, imagina que a viagem daqui até o céu é bem longa.

Eva a encara desconfiada e ela continua.

— Vamos fazer assim, junte suas mãozinhas e peça ao Papai do céu para receber o seu vovô e cuidar muito bem dele lá.

Eva sorri finalmente.

— Vou pedir que Ele faça uma festa para receber o vovô, eu sei que ele vai gostar.

— Na verdade, ele vai adorar — concordo.

Ela fecha os olhos, junta as mãos e diz:

— Papai do céu, peço que o Senhor receba o meu avô Otavio, que foi da terra para viver com o Senhor hoje. Peço que faça uma festa bem grande para ele, e coloque cupcakes porque ele gosta muito! E depois, deixa ele brilhar para mim porque eu estou com saudades. Obrigada, amém.

Ela corre até mim e abraça minhas pernas e temo que ainda vá olhar

para cima e dizer que nenhuma estrela brilha, mas então, ela olha para cima e abre o maior sorriso.

— Olha lá! Aquela lá, é o vovô! Oi, vovô! — grita acenando. — Virei todos os dias ver o senhor, eu prometo!

Ela fica mais alguns minutos admirando e conversando com a estrela e por fim, aceita ir até a casa de sua vizinha novamente, enquanto Laura me acompanha até o velório.

O enterro acontece na manhã seguinte, todos da empresa me cumprimentam e mostram solidariedade, assim como a Joaquim. Há também os olhares espantados quando veem Laura ao meu lado, mas quem a conhece a abraça e sem exceção dizem sentir sua falta.

Christopher também comparece com sua esposa, Ellen. Após o enterro, se aproxima de mim com um abraço, e pouco antes de ir, me diz meio sem graça:

— Não é o momento, nem o local para dizer isso, mas fiz o que você pediu. Todos os processos perdidos foram para a mesma empresa. — Ele me estende um papel com um nome: Vortex Advocacia. — Essa empresa pertence ao seu irmão.

O encaro esperando a pegadinha, mas não há. Joaquim estava dando golpes na Nobre debaixo do nariz do nosso pai. Agradeço a ele e deixo para pensar no que fazer sobre isso depois. Agora, só quero me afastar de todos, tomar um banho e dormir.

Deixo Laura em casa e vou para a casa do meu pai, tomo um banho demorado, enquanto milhões de pensamentos tomam minha mente. Aquele aperto no peito permanece aqui, assim como a dor de estômago e a vontade constante de chorar. E então me vejo nele, no homem morto naquele caixão. Eu me vejo ali sozinho, Laura não chora por mim, apenas Eva lamenta o homem que eu deveria ter sido. O exemplo que eu deveria ter dado. Joaquim ri de mim em um canto, enquanto comemora tudo o que agora pertence apenas a ele já que não o desmascarei. E no fundo da minha mente lamento a vida mal aproveitada, os erros cometidos, os danos não remediados. No

fundo da minha mente me lembro de meu pai, em seus últimos minutos tentando se desculpar com Laura, comigo, tentando ser melhor. Será que preciso esperar até os últimos minutos para fazer o mesmo?

Não quero ser como meu pai. Não quero ser nem mesmo a sombra dele.

Passo o resto da tarde na cama, não consigo comer nada e não tenho ânimo. Olho a última peça, aquela que meu pai não teve a oportunidade de ver.

— Se você tivesse esperado mais um dia!

Me levanto de repente e me dedico a ela.

Estou há horas preso neste quarto, lapidando essa pedra, depois, polindo-a, quando percebo que já é noite e nem sei onde está Joaquim. Então vou à sua procura.

Joaquim toma um uísque sentado em uma cadeira no jardim. Observa a piscina com olhos tristes e cansados.

— Como você está? — pergunto sentando-me ao seu lado.

— Bebendo — é tudo o que diz, mas isso diz muito. Ele dificilmente bebe.

— Então irei acompanhá-lo — digo pegando minha própria dose. O líquido quente desce rasgando a garganta e traz uma sensação boa de calor.

— Todo o seu trabalho nessas pedras e não haverá desfile. Não deu tempo de o papai ver.

— Ele as viu, na verdade. Só faltava uma, a terminei agora.

Ele parece surpreso, enche mais um copo e continua:

— Quando você acha que o testamento será lido?

— Não estou preocupado com isso.

Ele não diz nada por um bom tempo. Torna a encher seu copo e enche também o meu. Ficamos em silêncio, mas vejo as lágrimas que rolam por seu rosto. Ele as seca rapidamente.

— Eu ainda queria fazer o desfile. Sinto que devo isso ao papai — confesso.

— Besteira. Você não tem mais nada a ver com a Nobre, há muito trabalho e nenhum de nós está com cabeça para isso agora. Para que apresentar uma coleção que não poderá ser vendida? E você não pode apresentar as joias que desenhou para o papai em prol de sua nova rede de joalherias — decreta me proibindo de vender as joias pela Nobre e também de vendê-las para mim, jogando fora todo o trabalho que tive. — Vamos mesmo competir, irmão?

— Você não aguentaria, mal sabe identificar um verdadeiro diamante — zombo.

— Eu acabaria com você, e nem precisaria de talento para isso — responde com uma convicção que me faz duvidar se está mesmo brincando. — Vou te dar um conselho, irmão, como seu advogado. Entre na justiça para ter a guarda da sua filha. A guarda compartilhada, ou a Laura pode, a qualquer momento, simplesmente tirá-la de você.

Me assusto com o rumo da conversa e o encaro.

— Estou dizendo isso para o seu bem. Você já deveria ter feito isso. Entre com uma ação, pague as pensões que ela se recusou a receber e exija ter a guarda compartilhada da sua filha. Então você terá direito a vê-la e a ficar com ela em alguns dias. Laura é uma mulher forte e decidida, tanto quanto rancorosa. Ela tem motivos para odiá-lo, motivos fortes e não há mais nada que a obrigue a trazer a Eva até aqui. Mais cedo ou mais tarde, ela vai tirar sua filha de você. Ouça o que estou dizendo.

Joaquim tem uma expressão tranquila, mas um tom de voz de alguém que sabe algo que eu não sei. Aliás, ele sabe de muitas coisas sobre Laura que eu não sei.

— Não vou fazer isso, não é o momento. Estamos nos dando bem, isso apenas iria assustar a Laura e fazê-la se fechar de novo.

— Você precisa se responsabilizar como pai da Eva em algum momento, João Pedro. Posso fazer tudo para você.

— Farei isso, mas não agora. Vou falar com ela primeiro, faremos isso

juntos. Não quero assustá-la.

Ele assente, embora esteja claro que não concorda.

— Joaquim, do que o papai estava falando quando disse a Laura que não tentou comprar a Eva?

— Não faço ideia — responde prontamente, mas sei que está mentindo.

— Na verdade, suas palavras exatas foram não fui eu quem tentou comprar a Eva. O que quer dizer que alguém tentou. Mas o que significa isso?

— Não sei nada sobre isso. São segredos do papai com a Laura. Quando você foi preso, ele a perseguiu, fez da vida dela um inferno. Isso é tudo o que eu sei.

— Achei que você a estivesse protegendo.

— Eu estava, acredite, João Pedro, eu a protegi.

Ele então se levanta e diz que vai se deitar um pouco e sinto que há muito mais nessa história que preciso descobrir.

Tento fazer o mesmo e dormir um pouco, mas o sono não vem. Me visto sem saber direito o que estou fazendo e vou até a casa de Laura. Talvez ver Eva, conversar com ela, abraçá-la, vá me ajudar a acabar com essa dor que não quer passar. Mas Eva está dormindo quando chego. Uma Laura que claramente estava trabalhando em casa me recebe e me deixa entrar.

Me jogo em seu sofá e ela surge pouco depois com uma xícara fumegante de café. Senta-se ao meu lado e me observa.

— Dia difícil? — brinca.

— Por incrível que pareça, já tive piores.

Ela faz uma careta.

— O que houve com seus dedos? — pergunta reparando os pequenos cortes.

— Estava lapidando a última pedra, mas estou desacostumado com as

serras. A coleção está pronta, o desfile seria em dois dias e ele não pôde esperar.

— Tenho certeza que ele adoraria ter visto tudo o que você criou.

Olho para ela sentada ao meu lado. A mulher que mais uma vez parou sua vida para ficar comigo, mesmo eu não merecendo e me viro de frente para ela no pequeno sofá. Nossos joelhos se tocando, mas ela não se afasta.

— Quem tentou comprar a Eva de você? O que exatamente isso significa?

— Não é hora de falarmos disso.

— Quando será a hora?

— Quando seu pai não tiver acabado de falecer. Não me sinto bem falando de alguém que acabou de partir. Haverá um dia certo, uma hora certa em que falaremos sobre todo esse passado, mas não hoje, tudo bem?

Concordo.

— Joaquim quer que eu cancele o desfile.

Ela franze o cenho, mas não parece surpresa.

— E o que você vai fazer?

— Acho que eu deveria fazer o desfile. Devo isso ao meu pai, é como se ele estivesse esperando por isso e fosse se decepcionar. Isso soa louco demais para você?

— Se você sente que deve isso a ele, então faça. O que o está impedindo? Seu irmão por acaso é seu chefe?

— Você não gosta dele, me pergunto o porquê — observo.

— Também não gosto de você, mas tenho certeza que você sabe o motivo — responde se esquivando da pergunta e saindo de perto de mim.

As horas passam, sei que já está tarde demais, eu deveria ir embora, mas não quero ficar sozinho. Laura está com sono, cansada e não consigo simplesmente sair.

— Acho que eu tenho que ir, não é? — pergunto por fim.

Ela me observa um tempo e sua expressão é de derrota ao responder.

— Não acredito que vou dizer isso, mas você pode ficar. No sofá. Imagino que não queira ficar sozinho agora.

— Não quero. Obrigado, Laura.

— Isso não vai se repetir, a menos, é claro, que mais alguém da sua família morra.

O silêncio se estende e então sorrio, ela também sorri.

— Eu entendi o recado, não vai mais acontecer.

Ela entra em seu quarto para pegar cobertores e retorna pouco depois. Coloca um novo no sofá e me estende um travesseiro. Observo o cobertor preto, tão diferente daquele florido que tinha seu cheiro e faço uma careta.

— O que foi? — pergunta preocupada.

— Não quero esse cobertor, quero aquele que tem seu cheiro, seu calor.

— Não sei do que está falando.

— O de flores, aquele que você tirou da sua cama e deu a mim naquela noite.

Ela sorri, mas nega com a cabeça.

— Não faço ideia do que está falando, mas o que tenho disponível é esse, se não quiser, durma com frio.

Passo por ela, vou até seu quarto e tiro de sua cama o meu cobertor. O mesmo que ela deu a mim na outra noite, e como eu imaginei, ela o tirou da sua cama na ocasião. Retorno a sala e ela não diz nada quando o vê na minha mão, então pego o preto e o estendo a ela.

— Vou dormir com este, obrigado. Eu prefiro dormir com seu cheiro.

— Há algo mais que eu possa fazer por você?

— Eu teria um milhão de respostas para essa pergunta se meu peito não estivesse doendo tanto. Por favor, a repita na semana que vem, doce Laura.

— Durma bem, qualquer coisa você me chama — diz afastando-se.

— Laura!

— Eu não estava me referindo a agora. Se você precisar durante a noite, se não conseguir dormir, se tiver pesadelos, essas coisas.

Sorrio.

— Eu vou fazer o desfile. Mas apenas se você estiver lá.

— Por que eu?

— Porque ele foi feito para duas pessoas e uma não está mais aqui, então a outra precisa estar.

— Eu devo levar a Eva, então? — pergunta.

— Não finja que não entendeu.

Ela sorri, mas assente finalmente.

— Eu estarei lá.

— Obrigado.

— De nada, João Pedro — diz abrindo os braços teatralmente e entra em seu quarto. E tudo o que eu queria era passar essa noite em sua cama, tendo-a em meus braços, ainda que não a tocasse da maneira que necessito, apenas senti-la por perto me deixa muito melhor.

Tiro a camisa e a calça, ficando apenas com a boxer, e me acomodo no pequeno sofá.

Durante a madrugada, sinto sede e vou até a cozinha beber um copo de água. Não consigo dormir mesmo aqui, sob o mesmo teto que ela e minha filha. De repente a porta de seu quarto é aberta e ela surge. Usa uma blusa gigante, masculina que não é minha. Observo minuciosamente a blusa em seu corpo e quando fecho a porta da geladeira e paro diante dela, ela estaca.

Seus olhos percorrem meu corpo, se prendem a cada tatuagem e ela não diz nada. Apenas me observa. Dou um passo em sua direção, parando o mais próximo possível e seus olhos encontram os meus. Quero dizer tantas coisas a

ela, mas ela se afasta, mexe no cabelo nervosa, respira fundo, se vira e volta para o quarto.

E eu fico aqui ainda sem conseguir dormir, com um milhão de coisas a dizer, e sem perguntar de quem é a maldita camiseta que ela está usando.

Chego à Nobre na manhã seguinte e percebo o assombro dos funcionários por eu já estar ali, convoco uma reunião rápida com o pessoal da produção e promoção. Explico o último pedido do meu pai e como pretendo honrá-lo fazendo o desfile amanhã à noite, como deveria ser. Imediatamente, tenho o apoio de todos eles. Estamos há algumas horas lá dentro, enquanto apresento as peças e tudo começa a ser montado, quando a porta é aberta e Joaquim aparece.

— João Pedro? O que está fazendo aqui?

— Eu poderia te fazer a mesma pergunta, irmão. Estou aqui organizando um desfile. — Ele parece surpreso e claramente desapontado. — E você? O que veio fazer?

— Assumir meu papel como presidente desta empresa. Espero que isso ainda esteja claro para você — o tom de ameaça em sua voz não me passa despercebido.

— O que foi, Joaquim? Só porque não sou o presidente não posso fazer o desfile? Você vai me impedir?

Todos os olhares estão sobre ele, e, sem graça, não tem outra saída.

— Claro que não, irmão. Fico feliz que a coleção pedida por nosso pai seja da Nobre. Acho que devo agradecê-lo por isso.

— De nada então. Nos vemos por aí.

Ele entende a deixa e deixa a sala e entendo que após o desfile não posso esperar muito tempo para decidir o que vou fazer com Joaquim e a Nobre. Quantas promessas mais terei que cumprir ao meu pai?

— João Pedro, o desfile é em menos de vinte e quatro horas!

Precisamos escolher as modelos! — pede Vicente exasperado após eu ter visto mais de cinquenta fotos e recusado todas.

— Nenhuma delas serve, Vicente. Você não viu aquelas peças?

— O que exatamente você está procurando? Já te mostrei modelos de todos os tipos e características e você não gostou de nenhuma!

— Você não me mostrou uma morena! Com pele morena e cabelos negros. Cabelos lisos e negros! Que tenha olhos...

— Já entendi! — ele me corta e pega o telefone. — Roberta, localize no site das agências modelos parecidas com Laura Martins. Isso mesmo que você ouviu. Faça isso depressa e traga as opções disponíveis até aqui.

Ele desliga o telefone e me encara.

— Está bom assim, chefe?

— Está perfeito assim.

— E qual vai ser o nome dessa coleção? Otavio? Pai? Retorno? Nova vida?

— Não, nada disso. Eu já tenho um nome. O tenho desde que comecei a pensar nessas joias. É o nome perfeito.

Ele espera curioso que eu o revele, mas não pretendo fazer isso. Observo o que está sendo montado até agora e espero muito que essa declaração seja suficiente para que ela entenda o quanto a amo.

A plateia está quase lotada. Uma coleção de joias nova, feita pelo filho recém-saído da prisão de um magnata que acabou de falecer tem sua importância promovida sem precisar de muitos esforços. Os ingressos esgotaram rápido, assentos foram rapidamente reservados. O burburinho pela nova era da Nobre é grande, assim como as especulações sobre qual dos irmãos Fagundes vai assumir a empresa. O meu desfile está fazendo com que apostem em mim e irritando Joaquim ao extremo.

Seu rosto aqui nos bastidores, mesmo com todo sucesso que este desfile promete, não é dos melhores. Penso em falar com ele sobre a Vortex, mas

está cheio demais, percebo que não é o lugar certo.

— Já estamos prontos, senhor — Camila, uma das assistentes de promoção avisa.

Observo a plateia e seu lugar reservado está vazio. Laura ainda não chegou.

— Vamos esperar um pouco mais, Camila. A convidada de honra ainda não chegou.

— Mas senhor, as pessoas podem ficar cansadas de esperar e...

Lanço a ela um olhar que a faz se calar e obedecer às minhas ordenas.

— Se está esperando a Laura, duvido muito que ela venha. Não acho que esteja disposta a ter qualquer envolvimento com você que não esteja relacionado a Eva — Joaquim diz aproximando-se.

— Eu acho que ela vem. E acho que até o final da noite, a terei de volta.

Ele me encara sério, procurando algo que não sei identificar. Então ri, ri alto, como se eu tivesse contado uma boa piada.

— Ela nunca irá perdoá-lo. Pode tratá-lo bem pelo bem da filha, mas ficar com você de novo? Ela não vai. Sei disso porque nos últimos cinco anos ela tem me tratado como lixo. E eu nada fiz a ela, é apenas o resquício do que você fez respingado em mim que a faz me odiar. Imagine então como se sente sobre você?

— Ela tem sido amigável, gentil e atenciosa comigo desde que voltei, Joaquim.

— Pela Eva, apenas. Você tinha que ver a cara dela quando contei que você sairia da prisão. Ficou desesperada. Não queria de jeito nenhum que isso acontecesse. Estou dizendo para o seu bem, não se iluda com a Laura. Ela não é mais nem de longe a boa menina que você conheceu.

Avisto algo na plateia e sorrio, tendo confiança para respondê-lo.

— Eu sei, eu matei aquela boa menina, infelizmente. Mas criei uma mulher maravilhosa em seu lugar. Uma mulher que estará nos meus braços

até o cair da noite — confirmo e aponto para a plateia.

Joaquim a vê e parece incrédulo.

— Camila, que o desfile comece — ordeno antes de deixar os bastidores e me encontrar com Laura.

As luzes se apagam assim que me aproximo dela, se acendem em seguida, as cortinas descem, o telão é ligado e o nome da coleção aparece. Laura está atônita. Encara o nome na tela como se não estivesse realmente vendo-o. Olha para mim em choque, de volta para tela e então a primeira modelo surge. Torço que o choque em seu tosto seja algo bom, porque se isso não der certo, não sei mais o que fazer para tê-la de volta.

7 Laura

Eu me vejo na passarela. Em um vestido amarelo, com uma peça enorme na orelha, que brilha ao longe. Então estou nela de novo, em um vestido rosa desta vez, com um decote fundo que destaca o belíssimo colar. Estou na peça após essa. E na seguinte. Todas as modelos, todas elas se parecem comigo. Meu nome brilha no telão atrás delas e me sinto tão confusa que sequer consigo reagir.

João Pedro está em silêncio ao meu lado, acompanha o desfile calado, as pessoas aplaudem, ovacionam, tudo está indo bem lá fora. Porque aqui dentro de mim estou em guerra. Ele deu meu nome à coleção e me colocou repetidas vezes nessa passarela. Cada peça dele fala comigo. É como se cada uma delas tivesse algo meu. Uma por uma se destaca com uma peça única, bela e que leva um pedaço meu. Será que estou ficando louca? Como ele pode me conhecer tão bem assim? Em cada detalhe?

As luzes ficam mais fortes, a música está mais baixa, todas as modelos estão aqui agora e são tão parecidas que tudo parece confuso. João Pedro aperta minha mão, uma vez que não fui capaz de dizer nada desde que cheguei aqui, e sobe na passarela.

— Boa noite, senhoras e senhores. Gostaria que este fosse um momento mais alegre, mais completo. Reencontrei meu pai há poucos dias, quando

deixei o Presídio de Caxambu, onde estive nos últimos cinco anos. Soube então de sua sentença final. Ele me fez dois pedidos que jurei honrar. O primeiro, na verdade, foi uma mulher quem honrou, a mãe da minha filha, Laura.

Todos os olhares estão sobre mim.

— E o segundo, foi esta coleção, este desfile. Ele viu essas peças, quase todas elas um dia antes de partir. Mas sei que ele teria adorado estar aqui. Sei que está neste momento, feliz por eu ter cumprido o que prometi a ele. Eu prometi. E apenas por isso estou enfrentado a dor do luto diante de todos você esta noite. Porque era a vontade dele.

Ele é aplaudido enquanto uma música triste soa, tornando o momento ainda mais melancólico.

— Vocês viram o que fiz em poucos dias, com muito trabalho, para ele. Ele aprovou antes de partir o que viu aqui. Mas há uma peça, a mais especial, que ele não viu. E é ela que iremos apresentar agora. Espero muito que ela desperte em vocês amor, paixão, conexão, já que é o significado dela para mim. Obrigado por virem.

Ele desce da passarela e me guia de volta à cadeira. Nossos lugares são os únicos de frente a passarela e uma modelo, ainda mais parecida comigo, surge com um vestido branco. Um vestido de casamento. Ela esconde as mãos com um enorme buquê e vem diretamente até mim. Me estende as flores e as pego confusa e então ela estende a mão diante de mim.

Na minha frente está o anel mais lindo que eu já vi. Possui uma pedra vermelha diferente de qualquer outra que eu já tenha visto, lapidada com tantos detalhes, que no calor do momento não consigo ver todos. Ela se afasta exibindo a peça enquanto imagens dela surgem no telão. A plateia parece chocada, seus olhos brilham, as vozes se unem em uma confusão de elogios e surpresa. O anel, claramente é um anel de compromisso.

O desfile é encerrado, as pessoas aplaudem e só preciso de um pouco de ar. Tão logo cercam João Pedro por todos os lados, me esquivo e fujo.

Estou na recepção do desfile, deixando que o vento frio esclareça esses

pensamentos confusos, tentando muito não debater meus sentimentos agora, mas parece impossível. Estou em todos os lugares aqui. Ele me teve em sua mente em cada detalhe dessas joias. Desenhou uma coleção inteira para mim. O que ele quer? Será que ele não entende que não posso me sentir assim? Não entende que ele me matou de maneiras irremediáveis antes, não há como ressuscitar nada do que vivemos agora. Não entende que quando faz essas coisas e me força a pensar no que sinto, me joga em uma zona desconfortável onde pareço não conhecer mais a mim mesma?

— Isso seria loucura. Impossível, Laura, loucura! — repito a mim mesma incontáveis vezes.

— Laura — sua voz soa temerosa atrás de mim e tento mesmo colocar um sorriso tranquilo no rosto ao me virar para ele.

— Parabéns pelo desfile.

— Você não pareceu gostar muito.

— E isso é possível? Claro que gostei! As peças são maravilhosas! Aquele anel no final... — não consigo esconder a confusão que sinto por muito tempo. — Por que eu estou em tudo aqui, João Pedro?

— Não é óbvio? Porque você é minha inspiração. Porque quando fecho os olhos é você que vejo, é com você que sonho, é você que eu respiro. A cada dia, todos os dias, você está em mim, Laura, cada segundo mais forte do que o anterior. Você domina cada pensamento meu. Acho que você domina até mesmo as batidas do meu coração. Não consigo pensar em uma maneira de ser mais claro do que isso sobre o que sinto, Laura — sua voz calma, somada aos olhos azuis esperançosos focados em mim, quase me fazem derreter neste chão.

Afasto-me dele e decido ir embora, consigo chegar à rua abarrotada de carros, mas ele me alcança antes que eu encontre um táxi.

— Onde você vai? — pergunta.

— Embora, eu vi o desfile, parabéns, foi lindo. Não tenho mais o que fazer aqui.

— Não tem? Não mesmo? — Ele segura meu braço forçando-me a

parar e encará-lo. — Você não se viu sob a minha luz? Não viu o quanto a vejo, sinto e quero? Você não entendeu neste desfile que eu...

— Boa noite — uma voz masculina nos interrompe. — João Pedro, Laura.

Cumprimento o homem elegante diante de mim, mesmo sem saber quem é, uma vez que ele sabe quem sou. Acho que todos esta noite sabem quem sou.

— Ruggiero, como vai? — João Pedro cumprimenta amigavelmente o homem. Eles trocam amenidades até que o homem diz:

— Eu quero o anel, João Pedro, a última peça. Quis falar com você pessoalmente para garantir que será meu.

— Esse anel infelizmente não está à venda, Ruggiero, é um presente. A menos, é claro, que a dona dele queira vendê-lo. Você quer, Laura?

Os olhos esperançosos do homem estão sobre mim e não sei o que dizer.

— Eu pago o que você quiser, não me importa o valor. Quero aquele anel — ele diz.

Encaro João Pedro sem saber o que dizer, mas ele deixou claro sua posição. O anel é meu, eu quem decido. Eu deveria vendê-lo e assim mandaria um recado claro a João Pedro sobre nosso relacionamento, mas não consigo. Me lembro da peça e simplesmente não consigo.

— Quanto você quer? Qualquer valor eu darei. Você quer um milhão? — insiste após meu silêncio. — Mais? Dois? Três?

— Eu não... — respiro fundo e digo de maneira mais firme. — Eu não posso vendê-lo, sinto muito. Foi um presente.

— Estou disposto a dar mais então.

— Seu valor é incalculável.

Ele entende que não o venderei, então se volta a João Pedro.

— Quero uma peça como aquela. Faça-a para mim, estou disposto a pagar.

— Sinto muito, Ruggiero, mas não encontrarei mais painitas para fazer um igual. Você sabe que é quase impossível encontrá-la. Dificilmente verei outra dela em minha vida.

— A pedra mais rara e cara do mundo e você a usa para dar um presente? Quanto vale este amor, Fagundes?

— Seu valor é incalculável — ele repete minhas palavras ao inconsolável homem.

— Pois bem, me ligue se mudar de ideia, ou se encontrar outra painita.

O homem se afasta e então surto. Ele ia dar três milhões em uma pedra rara que João Pedro está dando a mim? Por que ele está me dando algo tão caro? Empurro João Pedro para longe de mim, mas não é o bastante, começo a gritar:

— O que está fazendo? Por que você fez isso? Por que me deu isso? Você está brincando comigo?

— Laura — ele tenta me conter, mas tenho uma fúria tão grande dentro de mim. Um medo enorme e uma raiva maior ainda por ele achar que pode aparecer aqui depois de cinco anos com uma pedra cara demais e comprar o meu perdão.

— O que você quer?

— Você! Fiz isso porque eu a amo!

Estaco meus braços no ar e os deixo cair ao redor do meu corpo.

— Eu te amo, Laura. Sempre amei, sempre vou amar. Eu te amei cada dia e cada noite naquele lugar. Eu te amei ainda mais quando a vi de novo, te amei quando você me rejeitou. E mais ainda quando me deixou entrar. Quando aceitou dividir seu bem mais precioso comigo, ainda que eu não mereça. Te amei mais quando sorriu para mim, mesmo que você pensasse que era errado. Eu te amei quando esteve ao meu lado, cada vez que segurou minha mão ou me abraçou e mais ainda quando me deixou ficar no seu sofá, com o seu cobertor. E te amei mais quando a vi com aquela camisa masculina que não é minha e entendi que você pertenceu a outros depois de mim e isso quase me matou. Então eu te amei. Te amei tanto que só você ocupa minha

mente, que coloquei um pouco desse sentimento em cada pedra, em cada gesto, em cada roupa e modelo ali. Eu te amo. Não importa o que você diga agora, vou continuar amando. Eu posso ter me perdido, posso ainda estar perdido, eu não tenho uma casa e talvez nem saiba quem sou agora. Mas eu sei e eu nunca, nem por um segundo duvidei, que eu te amo.

As lágrimas descem por meu rosto, elas estão em seus olhos também. Porque sei que suas palavras são sinceras, seus sentimentos quase transbordam, são sinceros. Mas não posso. É arriscado demais! É o homem que acabou comigo quem está aqui, o homem que me abandonou quando mais precisei dele. Que mentiu para mim, que jogou fora todas as promessas e momentos que tivemos. O homem que lutou ao meu lado por um amor impossível para depois desistir da luta. Que achou que o dinheiro era mais importante do que o que tínhamos. Não posso me esquecer disso só porque agora ele percebeu que me ama, não é?

— Laura — chama baixinho aproximando-se, mas meu gesto o faz parar.

Não consigo dizer nada, não posso dizer nada. Não consigo nem mesmo entender o que sinto agora, o que penso agora. Eu quero me jogar em seus braços tanto quanto quero fugir para o mais distante possível dele. Então não digo nada. Apenas balanço a cabeça, um gesto negativo e ele para.

Um táxi passa neste momento e me refugio dentro dele indo embora desse passado que me assombra, desse futuro que me assusta, desse presente que me desarma. Eu vou embora, covardemente, porque de todas as guerras para as quais me preparei desde que ele errou, nenhuma me derrubava como esta.

Mais uma noite em claro, o que não é uma novidade. Hoje não preciso trabalhar, e meu chefe ainda me deu alguns dias da semana de folga para ficar com Eva. E apenas no enterro descobri que ele e João Pedro se conhecem. Talvez sua conexão seja com Otavio Fagundes e não com João Pedro em si.

Drika entra pela porta com uma Eva sorridente. As sacolas do mercado são depositadas na bancada e abraço minha filha antes que ela vá para seu quarto brincar.

— Está em todos os meios de comunicação possíveis o desfile de João Pedro Fagundes ontem — ela comenta quando percebe que não vou falar do assunto. — João Pedro tem mesmo talento.

Assinto apenas e começo a guardar as compras.

— Ele é mais bonito do que as fotos antigas dele no Google — insiste.

— Ele mudou.

— Mais do que fisicamente, eu imagino.

— Isso eu não teria como saber, não é? Não posso ler sua mente.

— Ele a pediu e casamento ontem, Laura! Ele se declarou a você da maneira mais explícita e romântica possível, e ao final, com aquele anel de uma pedra que quase nem existe, ele a pediu em casamento.

— Você está exagerando.

Ela vem até mim e segura meus ombros virando-me de frente para ela. Observa meu rosto por alguns segundos antes de me soltar.

— Você está com medo.

— Você não estaria? Este homem me amou uma vez e quase acabou comigo por isso. Transformou a minha vida em um inferno por isso. Nada de bom vem dos sentimentos dele. Nada!

A voz de Eva no quarto me faz voltar atrás com a minha palavra.

— Quase nada. Eva é uma exceção.

— Entendo o seu medo, não achei que você fosse ceder e voltar para ele assim, depois de tão poucos dias. Mas o que você sente agora? O que muda em você saber que esse amor que você lutou para matar ainda está vivo nele?

— Não posso sentir nada, Drika. Você não entende?

— Não pode ou não sente?

— Não é a mesma coisa?

— Você sabe que não.

— Não vamos ser um casal de novo, é o que você quer saber?

— Não. Quero saber como você, que por anos o odiou com tudo que pôde, se sente agora que ele faz parte da sua vida, da vida da sua filha, que está disposto a tê-la de volta. Você ainda o odeia?

— Eu não esqueci o que ele me fez. Acho que não vou esquecer nunca. Sempre serei medrosa, sempre vou confiar desconfiando. Eu sempre vou preferir ele longe de mim do que perto. Não importa o que eu sinta. A resposta para ele sempre será não.

— Entendo, você está certa. Você não quer pensar em como se sente.

— Não quero — confirmo. — Eu sei, aqui dentro de mim, que se eu ceder um pouco mais, um pouquinho que seja, vou levar um tombo muito, muito grande. E dessa vez não vou me recuperar dele. É mais do que ter medo, é como um pressentimento.

Drika esfrega os braços assustada e faz o sinal do Pai Nosso, imediatamente.

— Cruzes, Laura! Vira essa boca!

Meu telefone toca e levamos um susto. Um número desconhecido chama e um homem, o advogado de Otavio Fagundes me pede que compareça na mansão Fagundes na terça às quatorze horas para a leitura do testamento. E esse pressentimento de que vou cair fica ainda mais forte.

Nos dois dias que se seguem, João Pedro não me procura. Quando liga, passo o telefone diretamente a Eva e ele não pede para falar comigo. Também não veio nesses dois dias e tenho em casa uma criança que ganhou do nada um pai e um avô, e agora sente que perdeu os dois.

— Ei, por que esse bico nesse rosto tão lindo? — brinco, mas não funciona, ela não ri.

— Papai não quer mais me ver.

— Que besteira! Ele disse isso?

— Ele disse que não pode vir agora.

— Tenho certeza que assim que puder, ele virá, meu amor, tenha um pouco de paciência.

— Mas o vovô foi embora e não se despediu de mim. E agora o papai também quer ir.

Me sento ao seu lado e a puxo para meu colo.

— Seu pai nunca vai desistir de você, Eva. Ele não irá embora, não vai deixá-la, não vai nem mesmo ficar longe por mais um dia, sabe por que? Porque ele vai morrer de saudade de você. Amar você vicia, sabia?

Funciona, um sorriso surge em seu rosto e ela vai para seu quarto. Quero ligar para ele e perguntar que merda acha que está fazendo. Que sua mágoa por minha recusa não pode afetar sua relação com Eva. Quero acusá-lo e dizer que sabia que não era uma boa ideia permitir que se aproximasse dela, logo na primeira vez que algo não saiu como queria, ele a deixou. Quero perguntar se ele não entende que ela está sentindo falta do avô e precisa da figura masculina dele para se sentir segura, mas não faço. Não posso ligar para ele. Então chamo Drika, porque são para esses momentos que servem as amigas.

— Não vou ligar para ele e xingar o homem todo, você enlouqueceu!

— Vá até aquela porta e veja aquela criança triste pelos cantos por causa do pai, depois venha aqui e diga que não vai ligar! — ordeno apontando a porta do quarto da Eva.

— Ele vai desligar na minha cara.

— Não vai! Ele vai te ouvir calado.

— O que eu vou dizer?

— Que ele é um ser humano horrível que abandona a própria filha porque a mãe dela não quis ir para a cama com ele.

— Não vou dizer isso — reclama, mas faz a ligação. — Alô, senhor Fagundes?

Reviro os olhos para seu respeito por ele.

— Meu nome é Adriele, sou vizinha da Eva. Isso, eu mesma. Sempre

fico com minha pequena. Está tudo bem, quer dizer, ela está bem, ela só está triste. Será que o senhor poderia vir vê-la, talvez por cinco minutinhos que seja, amanhã ou depois?

— O quê? O que é isso? — pergunto incrédula.

Ela me manda calar a boca enquanto escuta sua desculpa e quando faz um gesto negativo com a cabeça indicando que ele não virá, perco a paciência. Tomo o telefone de sua mão e vou logo gritando:

— Quem você pensa que é para sumir da vida dela quando ela mais precisa de você? Você é o pai dela! O pai, João Pedro! Não é um tio ou um amigo que pode se dar ao luxo de tirar um tempo para si mesmo. Ela precisa de você! Não me importa o que está fazendo ou como está se sentindo, ponha a porra de um sorriso nessa cara e venha ver a sua filha!

Há o silêncio do outro lado e acho que o maldito desligou, mas então ele ri. Ele ri de mim.

— Como eu amo quando você fica tão brava, que não consegue se conter. É nessas horas que vejo você, Laura. Não a mulher calma e atenciosa que me recebe porque é obrigada a me suportar, mas a verdadeira Laura, com todo esse fogo, paixão e ódio que a tornam irresistível para mim.

— De que merda você está falando? A sua filha...

Duas batidas soam na porta.

— Estou aqui na porta, amor. Me deixe entrar. Vim ver a minha filha, e você, é claro.

Desligo o telefone e o entrego a uma Drika em choque.

— O que ele disse? — ela pergunta curiosa.

As batidas na porta se repetem e só quero pegar minha bolsa, passar por ela e sumir até que ele vá embora, mas preciso analisar como ele vai tratar Eva agora, que desculpa vai dar, que promessas vai fazer. Preciso estar preparada para a próxima vez que ele resolver sumir. Por isso caminho até a porta e a abro. Um sorridente João Pedro entra na minha sala usando um terno caro, que se molda ao seu corpo. Evidencia o quanto mudou nesses cinco anos. Os braços estão mais fortes, o porte, mais másculo. Ele sorri para

Drika e beija sua mão e minha amiga quase derrete por ele. Ele sempre teve esse efeito nas mulheres.

— Laura. — Segura minha mão e a beija. Quando a solta, a limpo na roupa o que o faz rir.

— Eva! Adivinha quem chegou? — grito afastando-me dele.

Uma Eva emburrada sai de seu quarto e se transforma quando vê o pai. Um sorriso enorme surge, seus olhos brilham e ela corre até ele. Tem tanto medo de ele deixá-la, que por muito tempo não deixa seu colo. Não permite que ele a afaste e odeio vê-la tão vulnerável.

Ele não fala comigo mais do que o necessário. Não fala nada sobre seus sentimentos, ou minha fuga na outra noite. Apenas pergunta por Eva. E diz a ela que não pôde vê-la antes porque estava investigando algo.

— Hum! Então além de designer de joias, você também é detetive? — zombo.

— Sim, sou muitas coisas. Um bom amante também.

— João Pedro!

— Mamãe, o que é um amante? — Eva pergunta imediatamente.

— O seu pai vai te explicar.

Ele assente, nada temeroso e começa.

— Amante é um homem que dorme na mesma ca...

— Você ficou louco? — Me lanço sobre ele e sinto-o sorrir em minha mão quando cubro sua boca. — Está falando com uma criança de cinco anos que repete tudo o que escuta, e que tem contato com outros adultos. Você quer o conselho tutelar aqui na porta na segunda de manhã?

— Achei que não mentisse para ela — justiça-se me irritando profundamente. — Amante é alguém que está no coração da outra pessoa. Como um amor. Mas é uma palavra mais feia para chamar um amor, papai foi bobo, não use essa palavra, está bem?

Ela sorri.

— Você e a mamãe são amantes?

Respondemos juntos:

— Quem dera!

— Deus me livre!

Ele sorri, Eva parece confusa e Drika está rindo na cozinha. Ela faz menção de ir embora, mas a obrigo a ficar.

— Não vai me deixar sozinha com ele — ralho baixinho e ela atende ao meu pedido.

A noite chega, Eva dorme no colo do pai, Drika está com cara de poucos amigos porque não deixei que fosse embora em nenhuma das três vezes que tentou, e João Pedro acomoda Eva na cama para finalmente ir embora.

É um saco a maneira como me sinto agora perto dele. Meu coração parece prestes a saltar pela boca, meu estômago parece querer revirar e me sinto tensa, como se andasse nas pontas dos pés, o que não faz o menor sentido depois de tantos dias convivendo com ele.

— Eu odeio que minha filha precise de outra pessoa para se sentir bem, mas é algo que não posso controlar. Então não suma novamente — digo quando ele sai do quarto.

— Eu sinto muito. Não importa o que estive fazendo, ela é minha maior prioridade. Eu não soube me programar direito, isso não vai se repetir.

— Ótimo! Não faça eu me arrepender por ter deixado você fazer parte da vida dela.

— Não vou, eu prometo.

Pronto! A palavra mágica. Suas promessas não valem de nada. Essa palavra em sua boca me remete a cinco anos atrás. A cada promessa que fez questão de quebrar. Ele percebe como mudo em um segundo. Não insiste quando me afasto.

— Quer que eu a busque amanhã?

— Não, obrigada. Devo levar a Eva?

— Não. Vá sozinha.

— Nos vemos amanhã então — despeço-me ainda de costas e o escuto se despedir de Drika antes de fechar a porta ao passar por ela.

Drika se levanta e se espreguiça. Espero um sermão por ter ficado tantas horas nesse banco desconfortável me vendo andar de lá para cá feito uma barata tonta, mas ela tem um sorriso no rosto e isso não pode ser um bom sinal.

— A pergunta que estou me fazendo — começa — e por que será que você precisou que outro adulto estivesse aqui com você e com ele? Será que você não seria capaz de se controlar?

A encaro com uma careta e confirmo.

— Você acertou. Eu poderia tê-lo matado. Boa noite, Drika, obrigada pelo seu sacrifício.

— Não foi nenhum sacrifício passar as últimas seis horas olhando aqueles ombros largos e aqueles olhos azuis.

— Que bom para você!

Ela ri e vai embora, e mesmo após tomar um banho e me deitar, não consigo deixar de sentir raiva.

O caminho até a mansão Fagundes parece mais longo do que o normal. Drika disse que eu deveria estar animada, se fui chamada até aqui, Otavio Fagundes deixou algo para Eva, mas estive com ele tempo suficiente para saber que nada de bom vem deles sem cobrar um preço alto demais depois. João Pedro é a maior prova disso.

Joaquim está parado na porta quando chego e penso que isso não pode ser um bom sinal. Tento passar por ele, mas ele segura meu braço. De maneira gentil, não me força a parar, ainda assim, por algum motivo, paro.

— O que você quer, Joaquim?

— Não está se perguntando por que está aqui?

— Você vai me dizer, eu imagino.

— Diria, se você fosse mais cortês comigo.

Sorrio.

— Então estou perdendo meu tempo aqui com você.

Tento entrar e ele me segura de novo. Desta vez, mais forte.

— Tire suas mãos de mim!

— Você devia começar a me tratar melhor, Laura. Você não sabe o que está escrito nesse testamento, mas eu sei, cada palavra. Eu o fiz para meu pai. Acho bom você mudar essa postura arredia e mal-educada e começar a me tratar bem, porque acredite, você vai sair desta casa precisando da minha boa vontade.

Não faço ideia do que ele quer dizer, mas vindo de Joaquim sinto mesmo medo.

— O que você quer dizer?

— Talvez eu seja legal com você — diz tocando meu cabelo. — Ou talvez não. O que sei é que até o final da tarde, você estará nas minhas mãos.

A única coisa no mundo que me faria pedir algo a Joaquim Fagundes é Eva.

— Seu pai não fez parte da vida dela! Ele nunca foi o avô dela, o fez nas últimas duas semanas e acha que pode decidir o futuro dela? — acuso.

— Ele achava sim, e ele o fez. E não há nada que você possa fazer para impedir.

Odeio parecer fraca diante dele, mas não consigo evitar. Minhas mãos tremem e começo a suar.

— Se você tocar num fio de cabelo da minha filha, eu mato você.

Ele sorri como resposta, nem um pouco amedrontado, mais fascinado por minha ameaça.

— Se você não fosse tão arredia, teríamos nos entendido bem antes, linda Laura. Talvez não seja tarde demais para nós.

— Laura? — a voz de João Pedro surge atrás da porta e Joaquim solta

meu braço. João Pedro percebe o gesto e tenta falar comigo, mas passo por ele e encontro o advogado, que nos guia até o escritório da mansão.

Tomo um copo de água para me acalmar e recuso as outras bebidas oferecidas. Sento-me em uma poltrona e avisto o envelope nas mãos do advogado. O futuro da minha filha está nele, e isso me mata. Ninguém além de mim deveria ter o direito de decidir o futuro dela.

— Está tudo bem? — João Pedro pergunta aproximando-se.

— Por que estou aqui, João Pedro?

— Não sei, Laura. Eu nem sabia que meu pai havia deixado um testamento.

Joaquim sabia, João Pedro não. Depois do último aviso de Otavio, isso não pode ser coisa boa.

O advogado começa a falar e João Pedro se senta em um pequeno sofá à minha direita. Joaquim está de pé à minha esquerda. Apenas nós quatro estamos aqui para a leitura do testamento. Estou tão tensa que mal consigo respirar.

— A primeira vontade documentada por Otavio Fagundes foi que os bens pertencentes ao filho, João Pedro Fagundes, sejam devolvidos a ele. A partir da presente data, você, João Pedro, terá acesso às suas contas, assim como todos os bens que você já possuía, mais os lucros pelas vendas das suas coleções feitas para a Nobre nos últimos sete anos.

João Pedro não parece nada surpreso, mas é o dinheiro dele, devia imaginar que o pai o devolveria. Olho de lado para Joaquim, que também não parece surpreso, ele sabia.

— A segunda vontade documentada por Otavio Fagundes é que a Rede de Joalherias Nobre seja presidida e dirigida por seu filho, João Pedro Fagundes, até que o mesmo decida pelo contrário. Caberá então ao senhor João Pedro Fagundes decidir quem irá dirigir a empresa em caso de recusa por parte do mesmo, ou se houver necessidade de sua ausência. Também fica ele responsável por todas as joalherias nos oito países em que ela se encontra e todas as sedes instaladas nesses países. Assim como todo o capital gerado pela empresa, seus investimentos, pagamentos e lucros.

João Pedro olha tenso para Joaquim, que parece tranquilo. Não posso acreditar que Joaquim tenha redigido esse testamento deixando a empresa do pai para João Pedro apenas.

— Senhor João Pedro, o senhor aceita a vontade de seu pai em presidir a empresa?

João Pedro fica em silêncio por mais de um minuto, e vejo finalmente Joaquim o olhar preocupado.

— Eu aceito. Irei presidir a rede de joalherias do meu pai.

Joaquim ri alto, mas não é um riso alegre. Ele parece em choque.

— O que pensa que está fazendo, irmão? — pergunta a João Pedro transtornado.

— Apenas o que prometi fazer.

— Não me venha agora inventar falsas promessas! Nós tínhamos um acordo. Você disse que não fazia mais parte da Nobre!

— Eu mudei de ideia.

— Você não pode! O que pensa que está fazendo? Acha que vai me fazer de palhaço? A Nobre pertence a mim, você não vai ficar com ela!

Joaquim se aproxima de João Pedro completamente fora de si. O advogado tenta contê-lo, mas não é o suficiente, então ele abre a porta e pede ajuda aos seguranças da casa. Joaquim segura João Pedro pela gola da camisa e o levanta, penso que irá acertá-lo.

— Joaquim, acalme-se — peço!

— Sabe o que ele fez, Laura? Me fez de bobo. Me passou a perna o confiável João Pedro.

Não entendo do que está falando, se foi ele quem redigiu o testamento, deveria saber que a empresa seria deixada ao irmão. Por que está reagindo tão mal agora?

Os seguranças entram e Joaquim solta João Pedro. O advogado pede repetidas vezes que ambos se acalmem. Mas Joaquim mantém seu olhar desapontado no irmão.

— Eu mudei de ideia, Joaquim — é a resposta de João Pedro e Joaquim finalmente olha para frente. Seu semblante carregado de ira enquanto João Pedro parece não se dar conta do ódio do irmão.

Assim que entende que todos estão calmos, o advogado continua.

— Otavio Fagundes deixa em seu testamento todos os imóveis em seu nome, assim como sua parte nas ações da Rede de Joalherias Nobre, seus bens materiais, os valores presentes em suas contas bancárias e todos os investimentos que possui para sua única herdeira Eva Martins Fagundes.

O mundo de repente fica mudo. E, do nada, parece gritar. Eva é a única herdeira do avô. Encaro João Pedro em pânico, ele parece tão surpreso quanto eu, mas sorri quando vê que estou em pânico, tentando me acalmar. Ele não sabia. Então encaro Joaquim, que tem um sorriso no rosto. Um sorriso que me assusta, Joaquim jamais abriria mão de toda herança do pai assim.

— Sendo que até que seja maior de idade e capaz de administrar os próprios bens, fica responsável por toda herança pertencente à senhorita Eva Martins Fagundes, sua mãe, Laura Martins, sendo ela a responsável legal pela criança e, portanto, a única responsável por sua herança. Em caso de ausência de sua mãe, ficará responsável pela herança o responsável pela guarda da criança.

Joaquim imediatamente grita e toma os papéis das mãos do advogado.

— Isso não está certo! Não pode estar certo! Você está mentindo!

— Joaquim! — João Pedro o tira de cima do advogado, mas Joaquim tem os papéis nas mãos.

Ele os lê incrédulo, e grita quando constata que o advogado não estava mentindo.

— Quando vocês fizeram isso? Quando isso aconteceu? Eu redigi esse testamento, você mudou as cláusulas, você as mudou!

— Senhor Fagundes — o advogado tenta falar e Joaquim é contido por seguranças quando parte para cima dele. — Seu pai me chamou um dia antes de sua morte, ele me pediu que fizesse um testamento, este testamento. Eu

não tinha conhecimento de que havia outro. Mas foi este documento que foi lido diante das testemunhas e registrado com a assinatura dele. O senhor pode ver, está escrito a próprio punho com a letra dele. Não mudei nada, foi a vontade do seu pai.

— Como ele pôde? Como ele... — Joaquim se deixa cair no chão e os seguranças o soltam. — Ele não deixou nada para mim?

— Sinto muito, senhor Joaquim. Isso foi tudo.

Observo Joaquim caído, as lágrimas nos olhos, a raiva estampada no olhar. E então entendo. João Pedro está conversando com o advogado, analisando o testamento com os próprios olhos e me aproximo de Joaquim.

— Você achou que seria você, não é? Que você seria o tutor da Eva? Que seu pai deixaria você como responsável por todo dinheiro dela e eu seria obrigada a deixá-la à sua mercê. Parece que no final das contas, seu pai te conhecia muito bem, Joaquim. Acho que até o perdoei por tudo o que ele fez comigo.

Ele se lança em minha direção, mas me esquivo e João Pedro em um segundo está ao meu lado.

— Isso não vai ficar assim. Vocês não vão ficar com tudo o que é meu! Não vão! — ameaça deixando o escritório.

Ele bate a porta ao sair e João Pedro me tranquiliza.

— Está tudo bem, ele só está com raiva, é um menino mimado. Não é capaz de fazer nada.

— Você não conhece seu irmão, João Pedro. Seu pai sim, o conhecia — digo e atendo ao chamado do advogado para me explicar como devo proceder agora.

Observo Eva dormir durante a noite. De repente, somos milionárias. Quando o advogado me mostrou o testamento e eu vi o valor que agora pertence a Eva, precisei me sentar. Precisei de um copo de água com açúcar e de muitos minutos para assimilar o que havia acabado de acontecer. Sei que devia estar mais feliz, mais grata. Não que Otavio tivesse obrigação de deixar

qualquer coisa para ela, ele só foi seu avô em suas duas últimas semanas de vida, mas parece que essas semanas mudaram alguma coisa nele, já que havia um outro testamento antes do que foi lido.

Se bem que pela reação de Joaquim, sua surpresa não foi quando o nome de Eva foi dito como a herdeira, mas quando o meu foi dito como a responsável pelo dinheiro. Eva seria a herdeira de qualquer maneira. O que Otavio brilhantemente fez, foi tirar o destino dela das mãos de Joaquim.

Pego uma xícara de chá e vou até o quintal dos fundos da casa. Procuro a estrela que mais brilha e digo a ela:

— Obrigada. Obrigada por não tirar minha filha de mim.

Sinto um alívio tão grande por ainda ser a responsável por ela, que não consigo assimilar todo o dinheiro que temos agora. Nem paro para pensar no quanto nossas vidas vão mudar. Minha filha ainda é minha. É minha responsabilidade, dependerá apenas das minhas decisões. E isso é muito mais para mim do que qualquer herança que Otavio pudesse ter deixado.

Estou preparando o café da manhã, quando três batidas fortes soam na porta. São batidas fortes demais para serem de uma mulher, então só pode ser João Pedro. Abro a porta e me deparo com Joaquim. Ele tem o cabelo bagunçado, os olhos parecem mais vermelhos do que azuis e a mesma expressão de ira em suas feições.

— O que você quer? — Tento fechar a porta, mas ele a empurra e entra.

— Você vai me ouvir, Laura. Tenho algo a dizer a você.

— Não tenho nada para falar com você, eu nem sabia sobre essa herança, vá reclamar no túmulo do seu pai!

— Não é disso que vim falar. Estou aqui como amigo. Eu vim alertar você. Ele me enganou, mas está enganando você também!

— Não faço ideia do que está falando, mas quero que saia da minha casa agora mesmo!

Ele parece mais calmo, respira fundo e aponta a geladeira, anda até ela

e se serve de um copo com água. Então diz calmamente, como se estivesse me contando o que comeu no café da manhã.

— João Pedro está mentindo para você. Ele te disse ontem que tudo ia ficar bem. Disse que não sabia sobre o testamento, mas ele mentiu. Antes de o testamento ser lido, ele entrou na justiça para tomar a Eva de você.

— Não acredito em você, ele nunca faria isso.

— Mas fez — ele fala com tanta certeza, que me sinto incomodada. Ainda assim não acredito nele, não posso acreditar.

— Vá embora, Joaquim.

— Olha só o que temos aqui. Achei que você tivesse jurado a si mesma que nunca confiaria em João Pedro Fagundes de novo, em nenhum Fagundes, na verdade. Ainda assim você o defende com unhas e dentes. Não está nem mesmo desconfiada?

Cruzo os braços irritada e ando até a porta, esperando que ele saia.

— E eu que achei que a minha palavra bastasse. Eu disse a ele para entrar na justiça, para ter a guarda da Eva compartilhada. Disse que assim ele poderia levá-la aos finais de semana, que não correria o risco de você mudar de ideia e proibi-lo de vê-la. Mas então, meu irmão ficou sabendo que ela seria a única herdeira. E ele não me disse nada. Assim como ele prometeu que se o nosso pai deixasse a empresa para ele, abriria mão dela. A passaria para mim. Ele me jurou isso, Laura.

— Ele deve ter tido os motivos dele para não o fazer. Conhecendo você como conheço, diria que ele ficou esperto.

Ele sorri, seu sorriso carregado de mágoa. Esse sorriso frio começa a me assustar.

— João Pedro entrou na justiça para ter a guarda da Eva para ele. Não para dividi-la com você, porque só assim ele poderá ficar com a herança do nosso pai.

— Eu imagino que você esteja magoado, confuso e sofrendo. Não vou fingir que me importo, mas o João Pedro não faria isso! O que quer que ele tenha feito com você, foi merecido.

— E você merecia isso? — pergunta tirando uns papéis do bolso do paletó e estendendo a mim.

Pego as folhas de sua mão e quando leio o que está escrito, sinto-me zozona de repente. Leio novamente, leio as letras pequenas várias vezes para ter certeza e ao final, a assinatura dele. João Pedro realmente entrou na justiça pela guarda da Eva. Ele mentiu mais uma vez.

Perco a força nas pernas e meus olhos enchem, rapidamente, transbordam.

— Eu avisei, Laura, ele não é confiável. Tudo o que ele quer é dinheiro. Sempre foi o dinheiro, sempre será pelo dinheiro. Tenha um bom dia.

Ele deixa a casa e sequer sou capaz de responder. Começo a chorar sentindo de volta aquela maldita dor de quando a Eva nasceu. A mesma dor de saber que fui enganada, que nada seria como antes, que ele havia acabado comigo. Me sinto exatamente da mesma forma. Eu deixei que ele fizesse isso comigo de novo. E com ela.

— Eva! Eva!

Minha filha surge assustada e corre até mim quando me vê no chão.

— O que foi, mamãe?

— Me abraça, filha. Só me abraça. Já vai passar, mamãe só está triste, me abraça.

Ela passa os bracinhos por meu pescoço e se joga em mim, chorando comigo.

Ele mentiu para mim, mentiu para nós duas. Nunca foi por ela, nunca foi pelo amor que ele fingiu sentir. E eu acreditei nele. Eu confiei nele! E ele quer tirar minha filha de mim, por dinheiro. Ele quer tirar ela de mim! Aperto minha filha em meus braços e deixo que o desespero que sinto, a decepção e a dor saiam junto com as lágrimas.

Se ele pensa que vou deixar que ele tire minha filha de mim, está muito enganado. Ele não sabe com quem está mexendo, ele não conhece a Laura que ele criou. João Pedro vai pagar por ter me ferido de novo. Ele vai pagar

caro.

8

João Pedro

Joaquim ainda não conversou comigo desde a leitura do testamento. Até tentei falar com ele. Pretendia confessar o que descobri sobre ele, confrontá-lo e duvido que ele ainda teria qualquer esperança de presidir a Nobre depois que eu dissesse o que sei, mas ele sequer me ouviu. Então não vou insistir mais. O engraçado, é que suas atitudes infantis me remetem a um João Pedro sete anos atrás. Aquele João Pedro irritado no terraço por não poder ir a uma escavação no dia em que a conheci.

Laura.

Pensar nela me faz sentir sua falta e ligo para ela pela terceira vez hoje, mas novamente ela não atende. Talvez precise de algum espaço.

Na quinta de manhã decido começar minha nova vida. Meu pai e Joaquim estavam certos. Preciso me responsabilizar, fazer algo mais da vida do que me sentir perdido e lamentar os erros cometidos. Por isso, chego cedo à Nobre, convoco uma reunião e anuncio que serei a partir de hoje, o presidente da empresa. Não posso dizer que tenho total aprovação dos funcionários, muitos deles são fiéis a Joaquim, muitos acham que ainda sou um bandido, mas isso em nada me incomoda. Há muito tempo aprendi a não

me importar com a opinião dos outros.

Tento ligar para Laura na hora do almoço, mas ela não me atende. Ligo então para a escolinha e consigo falar com Eva.

— Como você está, meu amor? Está tudo bem?

— Sim, papai. Mamãe me trouxe hoje, depois que ela chorou.

— Como? Por que a mamãe chorou?

— Ela disse que estava triste. Chorou ontem e hoje. Chorou muito. Eu também chorei.

— E por que você chorou?

— Porque ela estava chorando!

— É claro! Não se preocupe, meu bem, vou falar com a mamãe e vai ficar tudo bem.

— Tá bom, papai. Tomara que ela não chore mais.

Imediatamente, me desculpo com Abigail, é meu primeiro dia e irei deixá-la falando sozinha assim. Digo que é urgente e vou até ela. Imagino que esteja no trabalho em plena quinta-feira à tarde e vou direto até a Becker Records. Mas sou surpreendido quando Christopher diz que ela saiu mais cedo porque não se sentia bem. Vou então até sua casa.

Ligo mais diversas vezes, o que será que houve com ela? Sei que ficou bastante assustada quando soubemos que Eva é a única herdeira do meu pai. De repente, tanto dinheiro em suas mãos, um valor capaz de enlouquecer um homem são. Mas Laura é forte, nunca foi mesquinha ou gananciosa, não acredito que a herança de Eva a tenha deixado mal.

Bato em sua porta repetidas vezes, mas ela não abre. Sei que está aqui, é como se pudesse senti-la atrás dessa porta. Ela precisa de mim e não posso chegar até ela.

— Laura! Abra a porta! Laura! Seja o que for eu posso ajudá-la.

Só tenho o silêncio como resposta. Ela não diz nada, não me manda ir

embora, tampouco abre a porta e estou a ponto de surtar. Por muitas vezes eu me perguntava se ela estava bem, como se virava sozinha, se estava precisando de mim. Por muitas vezes tudo o que eu queria era saber como ela estava, e me sentia tão impotente e infeliz por não poder nem mesmo saber que agora que estou livre, é como se ela tivesse obrigação de se reportar a mim. De me dizer sempre como está, como se sente, se precisa de algo. Ela tem que pedir minha ajuda. Será que não entende que agora estou aqui?

Dou a volta pela pequena casa e alcanço o quintal dos fundos, passo pela casa do vizinho para isso. Pulo o muro e há uma janela aberta grande o bastante para eu passar.

— E você vai me fazer entrar pela janela — reclamo, mas entro, que saída tenho?

A visão que tenho dela é perturbadora.

Laura está sentada no chão da sala, ao seu redor, fotos de Eva, todas aquelas fotos que ela pacientemente me mostrou contando sua vida quando a conheci, estão agora espalhadas em volta de Laura. E ela chora.

— Laura!

Seus olhos encontram os meus e a dor que vejo neles é tão intensa, o tipo de dor que vem da alma. Ela para de chorar quando me vê. Apenas me observa por um bom tempo. Me aproximo devagar, tentando entender o que está havendo. Será que Eva está doente de novo?

— O que houve? Do que você precisa? — pergunto aproximando-me mais, e finalmente ela reage.

Engole o choro, seca as lágrimas e se levanta. Não espera pela minha ajuda. Me observa de uma maneira tão fria e vazia e não entendo em que momento esse muro foi erguido entre nós.

— Laura? — chamo de novo e ela vem até mim.

Não há mais lágrimas, mas determinação. Determinação e uma tristeza que me preocupa. Para de frente para mim, olhando em meus olhos e me acerta um tapa na cara.

— Você ficou louca?

Ela nega com a cabeça.

— A cena que você viu aqui, você não vai ver de novo, João Pedro. Você nunca mais vai me ver chorar, sabe por que? Porque nunca mais vou permitir que você me faça chorar. Fui fraca agora, mas foi a última vez.

— Do que você está falando? — pergunto ainda sentindo o ardor de seus dedos em meu rosto.

— Você só precisa saber que estou forte o bastante para acabar com você.

— Laura, você bebeu?

— Saia da minha casa! — grita de repente. — Saia!

— Laura, eu quero ajudar você. Me diz o que está havendo, me fala do que você precisa, eu vou...

— Saia! Não quero nada que venha de você, saia daqui agora!

Ela tenta me empurrar, seu rosto moreno está vermelho, seus olhos carregados de pura raiva, está fora de si e não vai me ouvir ou conversar agora. Apenas por isso permito que ela me empurre até a porta.

— Laura, eu estou aqui, seja o que for que a está ferindo tanto, estou aqui, você pode contar comigo.

Ela ri, os olhos ainda molhados das lágrimas, mas ri.

— Eu nunca na minha vida vou precisar de você para nada! Se quiser ver a Eva ligue para a Drika e agende com ela. Eva estará na casa dela para ver você. Nem pense em levá-la de lá, ou eu irei atrás de você até no inferno, João Pedro.

Então ela bate a porta na minha cara e não tenho noção do que acabou de acontecer aqui.

Volto para a empresa atordoado. O que será que houve com ela? Qualquer outra mulher poderia achar que agora que é a responsável pela herança do meu pai, não precisa mais de mim. Mas não Laura. Não a mulher que poderia ter tido acesso a tudo isso antes, Eva está registrada em meu

nome desde o seu nascimento e ela nunca aceitou um centavo meu ou do meu pai. Não minha Laura, ela não mudaria tanto só porque agora tem tanto dinheiro.

Quando chego à Nobre, minha cabeça dói. Algo parece errado em meu peito e me sinto angustiado. Como posso ajudá-la?

Joaquim me espera na minha sala e lamento que este não seja de jeito nenhum o momento adequado para termos essa conversa. Assim que me vê ao longe, sai da sala e chama a atenção de todos no corredor. Isso vai ser pior do que eu esperava.

— Olha quem resolveu aparecer! Seu novo presidente! O irmão redimido, eles disseram, não é? Pobre papai, morreu acreditando que seu filho preferido era mesmo alguém melhor agora. Mal sabia ele que seu amado João Pedro ainda não passa de um bandido!

— Joaquim, este não é o momento e nem o lugar para esta conversa.

Todos os olhares estão sobre nós agora. Ele queria um show e está conseguindo.

— Por que você não quer que a verdade seja dita na frente dos seus funcionários? Você tem vergonha, João Pedro? Quer que eu acredite que você tem vergonha do que fez? Eu não acredito! Esse homem — acusa apontando o dedo para mim — nesta mesma empresa me jurou uns dias atrás que não ficaria aqui. Que se nosso pai deixasse para ele a presidência da empresa, renunciaria. Disse que abriria seu próprio negócio, seguiria sua vida e que não tinha mais nada a fazer aqui. E então, quando a oportunidade surgiu, ele me apunhalou pelas costas, assumindo a empresa que ele jurou que seria minha!

— Eu tive bons motivos para isso, Joaquim! — grito de volta.

— A merda da sua promessa? Essa promessa sem testemunhas que só você tem conhecimento? Pensei que fosse um mentiroso melhor, João Pedro.

— Um mentiroso como você?

Se tem algo que aprendi na prisão, foi a não me calar quando as coisas precisam ser ditas. Por longos cinco anos eu me calei, paguei caro nas poucas

vezes em que me atrevi a falar, mas agora que estou livre não vou permitir que ninguém me impeça de dizer o que precisa ser dito. Doa a quem doer.

— Um mentiroso como você, que tem uma empresa fajuta que venceu neste ano cinco processos contra a Nobre? Ou você achou mesmo que eu não descobriria?

Seu rosto perde completamente a cor.

— Me pergunto se você esperou nosso pai adoecer e se afastar da presidência para então dar seus golpes ou se você se atreveu a fazer isso debaixo do nariz dele! — Aproximo-me dele e continuo. — Este foi o motivo de eu ter decidido ficar, Joaquim. Você foi o motivo. A promessa que fiz não era de que ficaria com a presidência, mas de que garantiria que a Nobre não cairia. Como então eu poderia deixá-la nas mãos de um mero ladrão? Um homem que rouba o próprio pai! Que rouba os funcionários que finge defender! Então se vai odiar alguém por estar fora desta empresa agora, odeie a si mesmo. E me agradeça por não mandá-lo para a cadeia por isso, porque você bem merecia aprender um pouco do que aprendi lá.

Ele não diz nada, como se de repente perdesse completamente a capacidade de falar. Cansado, observo os rostos à nossa volta, as pessoas perplexas, confusas, surpresas, decepcionadas e passo por ele, entrando em minha maldita sala.

Ao chegar em casa, ainda preocupado com Laura, sinto-me impotente sem saber o que fazer para ajudá-la, inquieto, culpado, arrependido. Se eu não tivesse mentido, se não tivesse errado tanto com ela, ela confiaria em mim agora e me contaria o que está havendo. Mas devo ser na terra o último homem a quem ela contaria qualquer coisa. O último a quem ela pediria ajuda.

Vou direto até meu quarto, mas não é meu quarto e sim o quarto reservado a mim nesta casa, que também não é minha. Tiro a roupa e entro debaixo do chuveiro quente, um luxo que poucas vezes tive nos últimos cinco anos. Sempre me sinto grato e privilegiado quando a água quente cai sobre meu corpo nu. Mas esta noite, nem mesmo a água quente serve para me fazer sentir melhor. Apoio as mãos na parede fria à minha frente e me sinto de

repente um miserável. Eu saí da prisão, mas parece que nunca mais estarei livre. Parece que não sei me livrar dessa outra prisão, a da minha mente. Por que ainda estou na casa do meu pai? Por que ainda não tenho minha mulher de volta? Eu sonhava tanto em sair daquele lugar e viver com elas, uma vida em que elas seriam o centro de tudo e ao invés disso tudo o que faço parece me afastar ainda mais delas.

E como um covarde, choro. É como se fosse demais para eu suportar. Depois de anos preso, de tudo o que passei, choro agora que estou em liberdade, em posse dos meus bens novamente, à frente da empresa da família, porque agora parece ser meu pior momento. Porque agora olho para os lados e não vejo ninguém. Então deixo que as lágrimas venham, espero que assim essa angústia passe. Nunca me senti tão sozinho, nunca me senti tanto em uma prisão. E dessa não tenho certeza que vou sair, não há uma data prevista, um bom comportamento que possa me livrar antes, nada. E eu que jurei a mim mesmo que as protegeria de tudo quando estivesse livre, agora me vejo de algum jeito machucando-as ainda mais. E mais uma vez, como nos últimos cinco anos, não posso fazer nada para ajudá-la.

— Hoje só não foi um bom dia — tento acreditar. — Já tive piores — repito a mim mesmo.

O barulho na casa me faz levantar da cama, não que eu estivesse dormindo de toda forma. Caminho pelos corredores para encontrar Joaquim completamente bêbado, caído na escada.

— O que está fazendo, Joaquim?

Ele chora, abraça meus pés e repete:

— Me perdoa, irmão, me perdoa. Eu não sou ninguém, nunca fui ninguém para ele. Eu nem mesmo fui digno de ser citado no maldito testamento. Me perdoa.

Meu irmão está perdido. Não entendo porque meu pai o excluiu do testamento dessa maneira, embora desconfie que seja por conta dos golpes que ele estava aplicando na empresa. Papai sempre foi cruel em seus castigos, sou a prova viva disso. Mas não adianta tentar explicar isso a um Joaquim

bêbado. Por isso, digo que o perdoo, o ajudo a subir as escadas e o deixo em sua cama.

— Amanhã a gente conversa, Joaquim. Hoje não é um bom dia — digo a ele quando pede que eu fique e vou para meu quarto.

E depois penso que talvez Joaquim se sinta tão sozinho e perdido quanto eu.

Bato na casa de Laura na tarde seguinte, mas ninguém atende. Dessa vez acho que não há mesmo ninguém em casa. Então bato na casa de Drika, a amiga de Laura abre a porta e Eva está aqui. Minha pequena corre ao meu encontro e me abraça. E pela primeira vez nas últimas quarenta e oito horas me sinto bem de novo.

— Obrigado, papai. A mamãe não chorou mais — diz agradecida.

— Que bom, filha.

Não faço ideia do que a machucou ou do que a ajudou, mas fico feliz que esteja melhor. Espero realmente que esteja melhor.

— Então agora será assim? Verei minha filha trinta minutos por dia na sua casa? — pergunto a Drika, mesmo ciente que a culpa disso não é dela.

— Agradeça por ela permitir que você a veja — responde de má vontade nos deixando a sós.

Brinco com Eva os trinta minutos que tenho, e contados, Drika surge e diz que Eva precisa ir e devo ir embora. Deixo minha filha confuso, o que Laura está planejando? Então decido buscá-la no trabalho. Ela ficou até mais tarde hoje para compensar ter saído mais cedo ontem. Christopher disse que tentou fazer com que fosse embora, mas ela se recusou.

A espero encostado no carro, o carro que possuía quando nos conhecemos, o mesmo carro onde fizemos amor, onde planejamos fugir. O carro que me foi tomado quando a escolhi anos atrás, espero que ele traga essas memórias tão boas a ela também. Ela estaca quando me vê, olha um bom tempo para o carro, ela se lembra. Mas então algo muda em seu semblante, ela se vira e não vem até mim, entra no carro de um homem e vai

embora com ele. O mesmo homem com quem estava saindo quando Eva passou mal na escolinha.

E me sinto mais irritado do que me lembro de já ter estado por tê-la tão fora do meu alcance.

Na tarde seguinte, a mesma coisa. Vejo Eva por trinta minutos na casa de Drika. Ela parece indiferente ao local onde nos encontramos, como se a casa da mulher que chama de madrinha também fosse seu lar. Me dá notícias de sua mãe dizendo que ela está bem, e não suporto mais não ver Laura. Preciso vê-la, mesmo que seja de longe.

Apenas por isso fico dentro do carro ao deixar Eva e espero que Laura chegue. Para meu alívio ela chega sozinha. Bate na casa da amiga, mas ela não está, saiu com Eva há poucos minutos. Então ela vai para casa. É minha única chance. Como um maluco corro atrás dela e consigo entrar antes que ela feche a porta. Ela se assusta num primeiro momento quando me vê, mas então deixa a bolsa sobre a bancada e finge que não estou aqui.

Também posso jogar esse jogo. Sento-me e a observo. Ela não me dirige a palavra, nem mesmo para me mandar embora, como se achasse que não valho a pena. Come algo da geladeira, guarda suas coisas, separa as coisas para o jantar e vai até seu quarto. A sigo. Uma hora ela vai perder a paciência, nem que eu tenha que entrar no banheiro com ela, mas não saio daqui sem saber o que a está ferindo tanto.

Ela não é a Laura perdida em lágrimas como no outro dia, tampouco é a Laura amiga e gentil de antes. Aquela mesma tristeza ainda está em seus olhos. Como se algo nela tivesse se apagado. Ela tira a jaqueta e caminha em direção ao banheiro, então entro em sua frente, ela tromba comigo e se desequilibra, a amparo e isso parece ser o suficiente. A barreira se rompe, ela se ilumina, reage. Ela está de volta.

— O que você quer? Saia da minha frente, saia do meu quarto!

— Quero falar com você.

— Não tenho nada para falar com você!

— Como você está? Está melhor? — Minha voz é calma em contraste com seu tom irritado.

— Você está falando sério? — Ela parece tão ferida por minha preocupação e me sinto cada vez mais perdido.

— Laura, você precisa falar comigo. Me conta o que está acontecendo, me deixe ajudá-la.

— Me ajudar? Você quer me ajudar?

— É o que eu mais quero!

— Então suma da minha vida — pede e se vira, desistindo de mudar de roupa, saindo do quarto.

Estou cansado disso, estou cansado de não conversarmos como duas pessoas adultas. Vou atrás dela e seguro seu braço, virando-a em minha direção. Seus olhos estão nos meus, ela não tenta se afastar, não tenta reagir, apenas me olha de volta. É tão linda que por um segundo me perco e apenas quero beijá-la.

— O que você tem, meu amor? Me diz o que posso fazer para ajudá-la — peço.

Ela toca meu rosto e seu toque faz tudo isso sumir, toda essa angústia, a prisão em minha mente, a maneira como me sinto perdido. De repente eu me encontro no toque suave de sua mão. Fecho os olhos e deixo que toque meu rosto. E de repente, ela me acerta um tapa.

— Não brinque comigo! Você não vai tirar a minha filha de mim! — grita e tenta me acertar de novo, mas consigo contê-la.

Ela está nervosa, irritada, sentida. Se debate por muito tempo e a prendo em meus braços, tentando acalmá-la. Quero sanar a dor que sente, quero pegá-la no colo e dizer que seja o que for, irei resolver por ela. Quero jurar que ela nunca mais vai chorar assim.

— Eu odiei você — diz um tempo depois, ainda em meus braços. — Você foi embora, mentiu para mim, você dormia comigo todas as noites, dizia que me amava, que eu era tudo para você e de repente você era alguém a quem eu não conhecia. Você era a merda de um traficante outra vez, com

tanto dinheiro que eu mal podia contar. E o que mais me doeu foi que eu confiei em você. Cegamente, eu confiei. Eu te amava tanto, que acreditei mesmo que dinheiro não importava, que nosso amor importava.

A abraço mais forte e ela não tenta mais sair, sua voz é baixa, fraca, como se estivesse cansada demais e temo que realmente esteja.

— Eu queria cair, João Pedro. Eu queria chorar, me trancar em um quarto e chorar por dias, queria me lamentar e sofrer a dor que eu carregava no peito, mas eu não podia! Você ficou bem na prisão, você teve seu tempo com seus pensamentos, com seus sentimentos, você viveu a dor da separação, da sua prisão, da mudança brusca em sua vida, mas eu não pude. Porque eu tinha a Eva. Um bebê indefeso e tão frágil que dependia unicamente de mim! Desde que nos conhecemos eu sempre disse que meu único medo era ser mãe sozinha e você me obrigou a isso.

Acaricio seu cabelo e sinto que não devo interrompê-la. Vai fazer bem que ela desabafe toda a dor que carrega há cinco anos.

— Então eu tive que sorrir, tive que fingir estar bem porque não queria que meu bebê me visse triste. Chovia aqui dentro, mas lá fora, eu exibia o sol. Eu tive que ser forte e enfrentar seu pai e seu irmão. E mudar de casa porque não podia bancar aquela vida. E aquilo doía, sua ausência doía, amar você doía, odiar você doía. E cada dia que passava eu sentia que nunca mais ficaria bem. Até que aprendi a conviver com a dor, por ela, eu aprendi. Nunca fui uma mãe fraca, uma mãe triste. Eu sempre fui o meu melhor por ela. Muito melhor do que pensei ser um dia. E finalmente a dor foi para um canto diferente do meu peito, um canto onde não machucava tanto. Ela ficava lá, no cantinho dela, escondida, à espreita e eu pensei que podia viver assim. Podia seguir bem assim. Quem dera tivesse sido sempre assim.

Ela afunda o rosto em meu peito e começo a entender a profundidade do mal que fiz a ela. O quanto a machuquei, o quanto ela, mais do que eu, esteve sozinha para lidar com todo estrago que fiz.

— E então você voltou. Você voltou com esse sorriso, esses olhos azuis, dizendo ser outra pessoa, dizendo amar a Eva, querendo fazer parte da vida dela. E tudo o que eu queria era pegar minha filha e sumir. Queria sim, covardemente fugir de você. Queria que você nunca mais nos encontrasse,

que se esquecesse da existência dela, eu queria tanto!

— Mas você não fez isso.

— Por ela! — Ela se afasta e me olha. — Não fiz apenas por ela, porque por mais que eu a ame, não posso impedi-la de amar seu pai, de conviver com ele, e Deus me perdoe, você é o pai dela! Por ela mais uma vez eu fingi que estava bem, eu o recebi da melhor maneira que pude, eu pensei que poderia manter uma distância segura de você. Mas você não podia ser só o pai da Eva, você achou que tinha algum direito sobre mim também e então você foi lá e cutucou essa dor escondida. Ela deu seu primeiro sinal naquele maldito desfile. Me desequilibrou, me tirou da zona de conforto, da segurança que com muito custo eu montei para mim mesma. E eu devia ter entendido o recado e fugido de você naquela anoite, mas não. Mais uma vez eu confiei em você. Eu, tão burra, confiei em você, justo em você!

Ela se afasta e passa as mãos pelos cabelos, exasperada.

— O que eu esperava de você, João Pedro? O que mais eu poderia esperar além do que tive? Além de você sendo de novo o maldito mal caráter que você é e quebrando de vez essa barreira segura, trazendo toda a dor de volta, toda a mágoa, todo o medo. Por que eu achei que você seria diferente?

— Laura, nem que eu vivesse mil vidas conseguiria me desculpar o suficiente com você. Eu sei disso. Desde que voltei estou fazendo o possível e o impossível para mantê-la bem ao meu lado, para que isso não seja mais difícil para você do que precisa ser. Se eu errei em algo agora...

Ela ri. Ri alto. Não é uma risada feliz, é carregada de incredulidade, de deboche.

— Eu não sei do que você está falando! — grito por fim. — Dizer que te amo a machucou tanto assim? Então me desculpa! Me desculpa se meu amor por você a fere tanto! Eu não sabia! Eu poderia jurar que vou deixar de amá-la para você ficar bem, mas não vou. Não sei como fazer isso, não quero aprender a fazer isso, então aprenda a conviver com meu amor!

Ela se aproxima de repente e tenta me acertar um tapa na cara de novo, mas a impeço. Seguro seus braços a tempo.

— Para de fazer isso! O que há com você?

— Você não vai tirar a minha filha de mim! Não é o bastante para você o quanto eu a cedi? Você acha mesmo que a merda do seu sobrenome vale mais do que o amor de uma mãe?

A solto porque não faço ideia do que está falando. Quanto mais confuso fico, mais ferida ela parece e não entendo o que está havendo.

— Você nunca, não importa o que faça, vai tirar a minha filha de mim! João Pedro, eu juro que morro antes de permitir que isso aconteça. Eu mato você antes de deixar que você me afaste dela! Eu quero que você suma da minha casa, suma da minha vida e nunca mais fale comigo qualquer coisa que não seja relacionada a ela. E se você acha que seu dinheiro vai te dar a vitória nos tribunais, está muito enganado! Porque eu vou mover céus e terra, eu vou mover o inferno se for preciso, mas eu acabo com você antes que você me tire ela.

— Laura — chamo calmamente tentando acalmá-la. — Eu prometo que nunca...

— Promete! Você promete! Faça-me rir! Suas promessas não valem de nada! Sua palavra não vale nada! Você é mau, João Pedro, não tem conserto, você é mau!

Ela se afasta novamente, fica dando voltas pela casa. Não está chorando, não aparenta estar fraca. Aquela Laura vulnerável de minutos atrás se foi. Essa Laura na minha frente é forte, decidida, uma guerreira disposta a acabar comigo. E ela pode, Deus, como ela tem esse poder! E eu a amo tanto agora! A admiro tanto enquanto me ataca, enquanto defende Eva e seu amor por ela. E então percebo como ela cresceu, como mudou desde que errei. Está longe da menina inocente e delicada por quem me apaixonei. Se tornou uma mulher maravilhosa e admirável a quem amo loucamente agora.

— Saia da minha casa! — ordena indo até a porta.

Mas não posso. Se eu sair agora ela não vai me dizer o que a está ferindo tanto, está no seu limite agora, é minha última chance. Preciso fazê-la ultrapassá-lo.

— Você está agindo como uma louca e até agora não entendo o que eu fiz para merecer toda essa ira, Laura! Qual é a sua dificuldade de falar o que

fiz ao invés de todas essas acusações de anos atrás? Supera o que ficou para trás e me diz o que foi que eu fiz agora!

Me pergunto se peguei pesado demais e a resposta vem em seguida, ela me acerta outro tapa. Seguro sua mão imediatamente e a ameaço:

— Da próxima vez em que você me acertar na cara vou beijá-la até que você me implore para tirar sua roupa. Estou avisando, Laura.

Ela tira a mão da minha e sua fúria é tamanha que não pode ser contida. Não pode ser disfarçada.

— Você está brincando comigo? Você acha que a minha vida é uma brincadeira? Você fez a sua escolha, João Pedro, mais uma vez. Então se prepare para arcar com ela.

Ela se afasta e estou prestes a pedir que seja mais clara, provocá-la mais, fazer com que perca de vez esse controle, mas então ela vem até mim e joga alguns papéis na minha cara. Os pego no ar e mal tenho tempo de ver do que se trata, pois ela me empurra porta afora de sua casa. E permito que ela me coloque para fora porque consigo finalmente entender o motivo de sua ira.

— Qualquer relacionamento amigável entre nós acabou, João Pedro. Porque você diz me amar, mas parece que não consegue manter uma relação comigo, você sempre tem que estragar tudo. Você gosta de me ver te odiando. Então é isso, eu o odeio. Com todas as forças!

— Laura, eu não sabia que...

Ela fecha a porta e não me deixa explicar. Bato em sua porta, chamo seu nome, tento ligar. Entro de novo no quintal do vizinho, mas desta vez ela cuidou de fechar a janela. Não consigo falar com ela. Não consigo explicar que eu não dei entrada no processo de guarda da Eva. Jamais tiraria nossa filha dela.

— Joaquim! Merda, Joaquim!

Esta foi sua vingança.

Derrotado, volto para casa e encontro meu irmão com um copo de uísque na beira da piscina. A mesma expressão perdida de antes.

— Que merda você fez? — pergunto jogando os papéis nele.

Ele sequer se dá ao trabalho de ver do que se trata, ele já sabe.

— Um favor a você. O dinheiro do nosso pai não pode ficar nas mãos dela, João Pedro! Você não percebe porque está cegamente apaixonado, mas com esse poder, Laura vai acabar conosco. Vai tirar você da vida da Eva sem pensar duas vezes, pode ter certeza disso. No fim das contas, convivi com ela por mais tempo que você e te garanto, eu a conheço o bastante.

— Bem, você garantiu que ela quisesse acabar comigo, não é? Você se vingou, parabéns, irmão.

Minha vontade é acertá-lo e descontar a raiva que sinto, mas então, como um click, tudo se encaixa.

— Você vai desistir do processo, não é? Vai deixar que por amor, ela leve tudo embora. Tudo o que é seu por direito.

— Na verdade, não. Você está certo. Pela primeira vez, você está certo. Vamos em frente com o processo. — A expressão surpresa de Joaquim quase chega a ser engraçada. — Vamos seguir com isso, veremos aonde isso nos leva.

Tentei ser amigo dela, fazer com que confiasse em mim aos poucos, chegar até ela de algum jeito, mas não está funcionando. Me dar bem com ela não está nos levando a lugar nenhum. Montei um desfile, fiz uma joia única com uma pedra rara e ainda assim ela sequer se deu ao trabalho de responder quando me declarei. Ela nunca vai me perdoar assim, nunca vai me amar de novo. Não. Essa Laura calma e centrada que é amigável comigo pelo bem da Eva é inatingível. Ela tem um muro de proteção à sua volta impenetrável. Mas a Laura que perde o controle, a que odeia, acusa, ataca, essa Laura eu posso atingir. É nesse momento que ela se abre, é o único momento em que se abre o suficiente para me deixar entrar de novo. Não é seu amor, é sua paixão. Isso que devo alcançar primeiro. Preciso ser mais do que o pai da sua filha, nem que seja, por enquanto, seu inimigo.

Então se ela precisa me odiar para me amar, que seja. Nunca vou tirar Eva dela, jamais faria isso. Mas deixe-a pensar que sim, deixe-a me odiar, pois é através do seu ódio, que vou reconquistar seu amor.

9

João Pedro

O dia de hoje está mais monótono e sem graça do que me lembro. Parece que esses anos na prisão me desacostumaram a seguir uma rotina de trabalho em uma empresa tranquila, calma, onde eu sou o chefe.

Estou em uma reunião chatíssima com Abigail desde a manhã e paramos para almoçar em um restaurante, antes de outra reunião chata. Como eu não me lembrava que essas reuniões com garimpeiras, distribuidores e parceiros eram tão chatas? Coloco toda a culpa pelo meu tédio no trabalho e não no fato de que não posso ligar para ela. De que há dois dias não ouço sua voz nem a vejo. Depois de tantos dias em que tudo o que eu queria era vê-la, não vê-la agora parece ainda mais difícil.

Abigail tem sido uma companhia agradável, embora às vezes, um pouco estranha. Por mais de uma vez a flagrei me olhando com os pensamentos longe. Não entendo como chegou à presidência da empresa. Quando deixei a Nobre, não a tinha em alta conta por conta de sua implicância sem sentido com Laura. Mas ela também não era a queridinha do meu pai, poderia pensar em pelo menos três pessoas lá dentro a quem ele incumbiria da presidência antes dela. Algo aconteceu nesses cinco anos que a fez ser tão confiável aos olhos do meu pai.

— Estava me perguntando, Abigail, quando você ficou tão próxima ao meu pai para ser a escolhida para a presidência na ausência dele?

Ela engasga com o vinho que toma e me olha desconfiada. Uma reação um pouco estranha para uma pergunta tão simples.

— Não entendo o seu tom de desconfiança, João Pedro.

— Não, não é desconfiança, você me entendeu mal. Apenas curiosidade.

— Você não tem gostado do meu trabalho?

— Sim, seu profissionalismo não está em discussão. Curiosamente, você fez perguntas demais ao invés de me responder e isso me deixou ainda mais intrigado.

Ela sorri. Deixa a taça de vinho de lado e me olha com certa malícia.

— Como você mudou, João Pedro! Antes de você deixar a Nobre era apenas um menino justo e bondoso demais, que nunca reparava duas vezes na mesma pessoa. Agora, você é um homem. Sua mudança é nítida não apenas na sua aparência, mas na maneira como fala, como se move, no jeito como pensa e nesse ar de perigo que você exala.

Sorrio de seu truque para mudar de assunto. Decido entrar na dela. Deixo minha própria taça de lado e me aproximo dela na pequena mesa que dividimos.

— Abigail — seu sorriso aumenta e ela se aproxima também. — Como você foi parar na presidência? É uma pergunta simples, eu imagino.

Ela se afasta completamente irritada, disfarçando muito mal. Quando abre a boca para me dar a resposta, meu telefone toca.

— Senhor João Pedro? Aqui é a Luciana, professora da Eva. Ela se machucou na hora das atividades ao ar livre e pediu que eu ligasse para o senhor. Está tudo bem, foi um corte pequeno...

— Ela está bem? Estou indo aí agora mesmo!

— Sim, não foi nada demais, só está um pouco assustada. Também liguei para a Laura, ela está a caminho, não é necessário que o senhor venha.

— Estou indo.

Peço a conta imediatamente e Abigail se levanta e me segue até o carro. Apenas quando estou chegando à escolinha me dou conta que ela ainda está aqui.

— Eu deveria tê-la deixado na empresa, me desculpe, Abigail.

— Não tem problema, também quero saber como sua filha está.

Descemos do carro no mesmo momento que um táxi se aproxima e Laura desce dele. Sua expressão ao me ver e ver Abigail não é das melhores. Quero abraçá-la e dizer que estou aqui, mas não o faço. Estou tão assustado que ela parece perceber, pois de má vontade cumprimenta Abigail e me acalma:

— Não é nada demais, crianças sempre se machucam, você não precisava ter vindo. Foi só um corte pequeno no joelho. Não há motivo para alarme.

— Você tem certeza? — pergunto e ela assente. — Como é estranho não poder proteger minha filha de tudo! Me sinto péssimo por ela ter se machucado, como se eu pudesse ter evitado.

— Você se acostuma. Eva é muito ativa e um pouco desastrada. Essas coisas sempre acontecem com ela.

Sinto-me imediatamente aliviado. Então, posso finalmente olhá-la. Reparo a roupa que usa vagorosamente e isso parece irritá-la.

Enquanto aguardamos a professora trazer Eva, Laura senta-se em um banco de frente para o que Abigail e eu estamos.

— Você tem saído muito, João Pedro? Curtido sua liberdade? Tem conhecido os points novos da cidade? Você gostava tanto de sair antes disso tudo acontecer — Abigail pergunta e percebo que abriu dois botões da blusa já decotada que usa.

— Na verdade, não. Com a morte do meu pai, não tenho tido ânimo.

— Que pena! Se você quiser companhia para um jantar amigável qualquer noite dessas.

— Claro! Podemos marcar alguma coisa. Mas aviso que não sou o melhor dos cozinheiros.

Pelo canto do olho vejo Laura revirar os olhos.

— O que costuma fazer quando não está na Nobre? — ela pergunta contornando o decote da blusa, como se não se desse conta do que está fazendo.

Laura se levanta e bate na porta da secretaria.

— Vai demorar muito?

— Quando não estou na Nobre, estou com a Eva. Quer dizer, os trinta minutos que tenho por dia com ela. — Olho diretamente para Laura, que se senta impaciente, com uma careta. — E então, fico na casa do meu pai, sozinho na maioria das vezes.

Abigail se move no banco para mais perto de mim. Consigo sentir o perfume forte que usa da distância que está agora.

— Então você não tem ninguém desde que saiu da prisão? Que pena!

— Não tenho ninguém. Na verdade, acho que não sei mais fazer certas coisas, estou bastante destreinado. Você sabe, não transo há mais de cinco anos!

— Isso é uma escola infantil! — ralha Laura finalmente.

Olho em volta e dou de ombros.

— Não estou vendo nenhuma criança aqui agora.

— Você não tem mesmo a menor noção — acusa.

— Como eu estava dizendo — me volto a Abigail. — Há cinco longos anos não faço sexo.

Laura se levanta e entra na secretaria. Abigail está quase deitada sobre meus ombros, e assim que Laura bate a porta, me afasto dela.

— Estou esperando a Laura. Me casei para ser de uma mulher só, não posso pertencer a outra.

Sua cara de decepção quase chega a ser engraçada, a deixo ali e entro

na secretaria para saber da minha filha.

Finalmente Eva é trazida até nós, tem um curativo grande no joelho e faz manha com a mãe e comigo. A professora explica que ela caiu de um brinquedo que se soltou e pede desculpas. Laura é educada, mas reclama da falta de cuidado, pois poderia ter sido uma queda mais grave e levamos Eva.

— Eu posso levá-las, estou de carro — sugiro e ela nega enquanto Eva aceita. — Você vai me obrigar a ficar com ela por apenas trinta minutos mesmo quando ela se machucou? Isso pode ser rotineiro para você, mas eu estou assustado, Laura.

Contra a vontade, ela aceita irmos a uma sorveteria e finge mexer no celular por todo tempo enquanto Abigail tenta puxar conversa com minha filha tagarela, que, por algum motivo, não quer conversar com ela. Logo, Eva pede para ir embora e Laura chama um táxi antes que eu possa convencer Eva de que quer ir comigo.

— Sua filha é ciumenta — Abigail comenta quando elas entram no carro. — Não gostou nada de me ver perto de você.

A mãe dela também, penso ao ver a expressão de desagrado com que me olha quando o carro arranca.

Há repórteres na porta da empresa nos últimos dois dias. De alguma maneira o testamento do meu pai se tornou de conhecimento público e estão me deixando louco em busca de uma entrevista, maiores informações, mais notícias. Também há a curiosidade geral, o motivo dos cochichos entre os funcionários da empresa. Por que Joaquim foi deixado de fora do testamento?

Meu telefone toca e ao ver o nome de Laura na tela, penso que algo aconteceu a Eva.

— Laura.

— João Pedro, há repórteres por todas as partes, não conseguimos sair da casa da Drika para a nossa. O que fazemos?

Sorrio, feliz com a oportunidade apresentada pelo destino.

— Não sei, se quiser falar com eles, fale. Se não quiser, não fale.

— É tudo o que tem a dizer? Isso está acontecendo por sua causa! É atrás da sua família que estão.

— Eva é minha família, Laura, você parece constantemente se esquecer disso. Bem, o que você quer que eu faça?

— Não sei, apareça! É você que eles querem. Eva está assustada, não sei o que fazer.

Minha filha está assustada e irei imediatamente resolver isso, mas Laura não precisa saber.

— Então diga. Diga que você precisa da minha ajuda.

— Você está brincando comigo?

— Se não vai dizer, se vira. Até mais, Laura.

Desligo o telefone e menos de dois minutos depois, ele volta a chamar.

— Laura? — Atendo já a caminho do estacionamento da empresa. — Quer me dizer alguma coisa?

— Preciso da sua ajuda — diz entredentes, e posso imaginar como isso foi difícil para ela. — Você vem ou não?

— Não se preocupe, estou a caminho.

Ligo para a mansão e peço a Otto, o chefe da segurança, que mande dois homens dele para me acompanhar. Vamos escoltar Laura e Eva até a casa delas.

Os flashes pipocam no meu rosto assim que desço do carro, mas passo pelos repórteres direto, sem permitir que me façam parar. Entro na casa de Drika e acalmo minha filha.

— Oi, amor. Não se preocupe. O papai vai pegar você agora e levá-la para casa. As pessoas que estão aí fora não são do mal, são apenas curiosas, tudo bem? Não precisa ter medo.

Ela assente e a pego no colo.

— Me siga — digo a Laura.

Os seguranças estão na porta, eles nos cercam e passamos com pouca

dificuldade até a casa de Laura, duas casas depois da de Drika. Entro com Eva e Laura entra logo atrás. Assim que fecha a porta, respira aliviada e se recosta nela.

Brinco um pouco com Eva, aproveitando o tempo a mais que ganhei com ela hoje, troco o curativo do seu joelho e quando ela vai tomar um banho, é que dirijo a palavra a Laura.

— Obrigada, João Pedro — Laura diz sem olhar para mim.

Não importa o quanto a ajude, ela nunca vai ceder.

— Você é uma irresponsável! — Acuso de repente em um tom de voz que a assusta. — O testamento foi lido há uma semana e você ainda está nesta casa pequena e nada segura com a Eva. Será que você não se deu conta que ela é milionária agora? Não parou para pensar que repórteres poderiam aparecer? Talvez ladrões? Qualquer pessoa que saiba que neste lugar pequeno e de fácil acesso vive uma criança herdeira de um império pode colocar a vida dela em risco e você não se precaveu contra isso.

— Mas eu...

— Hoje foram repórteres. Menos mal, não é? Nenhum deles faria nada contra vocês, mas e se fossem ladrões, Laura? Pessoas mal intencionadas?

— Eu não fazia ideia que esse testamento estava disponível no Google! — responde com seu sarcasmo.

— Então deveria ter previsto que isso poderia acontecer. Não é isso o que mães fazem?

— Não se atreva a questionar minha postura como mãe!

— Então não me dê motivos para questioná-la! Você está colocando a vida dela em risco. Por que não se mudou ainda para uma casa melhor? Para uma vida melhor? Um lugar mais seguro?

— Não deu tempo!

— Uma semana é tempo suficiente. Com o dinheiro que vocês têm, poderia ter feito isso em um dia se fosse mais cuidadosa. Aliás, por que ela ainda está indo àquela escola barata? Onde os brinquedos se soltam e a segurança das crianças não é garantida? Você não quer gastar o dinheiro dela

com sua educação?

Ela parece perplexa e extremamente irritada.

— O que há com você? Não ouviu quando eu disse que não deu tempo? Não deu para procurar uma casa, nem uma escola. Além do mais, o ano está acabando, não faz sentido tirá-la da escola na última semana de aula! Eu preciso pesquisar um bairro seguro e que a agrade, e depois uma escola boa o bastante. As coisas não acontecem em um estalar de dedos.

Rio, o que a deixa ainda mais nervosa.

— Você não é mesmo acostumada a ter dinheiro. Pessoas com o dinheiro que temos, Laura, não precisam esperar por nada.

Ela respira fundo, mas Eva aparece e ela se afasta, engolindo o que quer que fosse me dizer.

Quando Eva dorme, a coloco na cama com todo cuidado. Faço a oração que Laura fez nas outras noites e passo por Laura, parada na porta. Olho pela janela e ainda há alguns repórteres, poucos, mas há. Visto meu terno e caminho até a porta. Então paro, olho para ela mais uma vez, reparando em cada detalhe do seu corpo e digo:

— Você precisou de mim bem mais cedo do que imaginei, Laura.

Seu rosto tem aquele tom vermelho que adoro, mas passo pela porta e a fecho antes de ouvir sua resposta. Ela deve estar mesmo me odiando agora. E me sinto péssimo por fazer isso com ela. Se eu perceber que não está adiantando, vou desistir e aceitar que realmente a perdi.

Os repórteres presentes se aproximam e dou um aviso.

— Se qualquer um de vocês voltar a incomodar minha mulher e minha filha, vão levar um processo. Elas não são figuras públicas e não são obrigadas a responderem nada. Vocês entenderam?

Eles concordam e sei que vão espalhar a notícia. Talvez eu tenha mesmo essa aura de perigo que a Abigail mencionou. Pensar nisso me faz rir por um bom tempo.

Na tarde seguinte, tenho mais um motivo para irritar Laura. Por isso após ver Eva na casa de Drika, me recuso a ir embora depois de trinta minutos e fico com minha filha até que a mãe dela chegue. Vamos então para a casa delas e Laura manda Eva para o banho.

— O que pensa que está fazendo? Você tem trinta minutos com ela por dia, nem um minuto a mais! — pergunta irritada.

— Eu sei, tenho certeza que em breve o juiz vai mudar isso.

Sua postura muda imediatamente, seus ombros caem e posso ver a preocupação em seus olhos. Esse não é um bom caminho para alcançá-la. Não usarei mais esse processo para atingi-la.

— Esperei porque precisava falar com você. Sobre a Eva! — digo mais alto, cortando a reclamação que ia começar a fazer. — O que é isso?

Estendo a ela um papel com o plano de saúde da Eva, o valor e o que ele cobre.

— O plano de saúde dela, o mesmo da empresa, por quê?

— Eva se machucou, poderia ter precisado de um hospital, mas olha só! O plano dela só cobre um que fica muito longe. Imagine se ela passa mal durante a madrugada? Como é que você vai chegar rápido lá?

Ela cruza os braços e me encara.

— Vá direto ao ponto, João Pedro, não estou com ânimo para suas acusações.

— Ela é uma das crianças mais ricas do país e tem esse plano de saúde barato e imprestável?

— Não deu...

— Tempo? Uma doença vai esperar seu tempo, Laura? O incidente na escolinha não esperou. Você ter acesso a tanto dinheiro e não o estar usando para absolutamente nenhuma melhoria na vida dela é negligência, você sabia?

Funciona. Seus olhos parecem pegar fogo e seu tom de voz aumenta consideravelmente quando responde.

— Me desculpa se eu estava ocupada procurando a merda de um advogado porque o pai mal caráter dela entrou na justiça pelas minhas costas e não tive tempo de procurar um plano de saúde melhor! Você não precisa vir aqui e me dizer como devo cuidar da minha filha, porque fiz isso muito bem sozinha nos últimos cinco anos, ou você se esqueceu?

Tapa na cara bem recebido. Sorrio, quero tanto beijá-la que chego a dar um passo em sua direção, mas me contenho.

— Não tão bem, se ela estuda em uma escola cujos brinquedos ferem os alunos. Não tão bem, se o plano de saúde dela é uma porcaria! É isso o que você chama de cuidar dela?

— Pelo menos eu estava aqui por ela. Foi o que pude fazer, mas eu fiz. Eu não fiquei cinco anos lamentando pelos cantos os erros que cometi para depois ir me esconder debaixo do dinheiro do meu papai e assim me achar mais homem.

Dou outro passo em sua direção, ela percebe, mas não cede. Se mantém onde está, mesmo com minha aproximação. Estou irritado com sua acusação, ainda assim, há esse ímã que me puxa para ela e só o que quero é calar sua boca com a minha.

— Infelizmente, não tive escolha. Porque se tivesse, ela teria uma vida muito melhor do que a que tem agora. Mas você tem escolha agora, Laura, por que mesmo ela ainda está neste bairro perigoso? Nesta casa úmida e desconfortável? Ah, verdade. Porque você estava procurando um advogado e ao que parece, não dá conta de fazer mais de uma coisa por vez. Talvez eu deva resolver isso para você. Você quer minha ajuda de novo?

A vermelhidão em seu rosto pode ser um sinal de que vai explodir a qualquer momento, mas há uma conexão tão intensa entre nós agora, que não posso parar.

— Resolver o quê? Onde sua filha vai estudar e morar? Se você o fizesse não seria um favor para mim, seria sua obrigação como pai. Mas entendo sua confusão, já que você não sabe o que é isso.

Estamos tão próximos, que nossas roupas já se tocam, mais um pequeno passo e meu corpo estará colado ao seu.

— Ainda estou aprendendo, mesmo assim, de olhos fechados, eu faria isso bem mais rápido do que você! Já que o bem estar dela não parece ser sua prioridade.

Ela sorri, o sorriso mais lindo e me derreto por ela.

— Acho que estou entendendo esse seu tom de voz e seu mal humor. Mas querido, eu não tenho culpa se você não transa há cinco anos, não pense que gritar comigo vai resolver — diz e se vira para sair de perto de mim.

Seguro seu braço imediatamente e a puxo de encontro ao meu corpo. Ela bate com tudo em meu peito e a prendo em meus braços. Giro nossos corpos encostando suas costas na parede mais próxima e a cerco. Afundo o rosto em seu pescoço e respiro seu cheiro delicioso.

— Você tem culpa sim, Laura — falo baixinho em seu ouvido. — Tem culpa porque eu não estou sem sexo por falta de oportunidade. Estou apenas esperando você. Passei todos esses anos esperando por você. Ansiando em tê-la de novo nua sob o meu corpo, sonhando em tocá-la, como nas noites de amor que tivemos. Sentindo seu gosto na minha boca e ouvindo seus gemidos desesperados enquanto te fodo com força e é só por isso que estou esperando.

Sua respiração está acelerada, suas pernas parecem ceder e ela está apoiada em meus braços. Passeio a boca por seu pescoço e a porta do quarto da Eva é aberta. Me afasto dela imediatamente, tentando disfarçar o efeito que tem sobre mim e sorrio para minha pequena.

— O que você acha de ir morar na casa do vovô, Eva?

Seus olhos se iluminam e Laura rapidamente responde.

— Nem pensar! Eu já estou procurando uma casa, se lembra, Eva? A casa rosa, com piscina que vimos no computador da tia Dri.

— A casa do vovô tem piscina também. Foi só uma sugestão, Laura. A casa é segura, confortável, fica em um ótimo bairro. E claro, é dela. Nada mais justo do que ela viver lá.

— Não acho que seja uma boa ideia — Laura responde imediatamente.

— Ah, mamãe, mas eu ia adorar morar na casa do meu vovô. Eu ia sempre me lembrar dele. E ele ia brilhar ainda mais forte para mim porque ia

ficar tão feliz!

— Vamos olhar mais opções primeiro, tudo bem?

Eva fica emburrada, mas Laura não cede. Acho que eu não teria essa sorte, tê-la sob o mesmo teto. Seria uma tentação tanto quanto uma bênção.

Reparo a decoração de natal na empresa enquanto me sinto, mais uma vez, entediado. Sequer havia me tocado de que já estamos em dezembro. Há cinco anos não comemoro o natal. Na verdade, enquanto estive preso, eu sequer sabia quando o natal chegava. Nenhuma visita, nenhum cartão, nada. Aprendi que esquecê-lo era a melhor forma de evitar dores desnecessárias.

Mas este ano é diferente, tenho Eva agora. Seria a melhor coisa do mundo se elas estivessem morando comigo nessa data e pudéssemos passar um natal em família, juntos, como deveria ter sido desde o nascimento dela. Eva me disse que não gostou muito de nenhuma das casas que viram. Repeti apenas que a casa do vovô era dela, o vovô a deixou para ela e que ela sempre terá as portas abertas lá. Espero que isso seja suficiente para ela convencer a mãe.

Decido então tentar a sorte mais uma vez. Não vou ver Eva no horário estipulado por Laura, na casa de outra pessoa. Espero no carro que ela chegue do serviço, pegue Eva e entre em casa, então bato em sua porta. Eva abre a porta, o que é uma sorte e entro.

— João Pedro! O que está fazendo aqui? — Laura pergunta tentando disfarçar a irritação na frente de Eva, que já está no meu colo.

— Decidi que não faz sentido continuar vendo a Eva na casa da sua amiga, afinal de contas, somos adultos, não é mesmo? Podemos respirar o mesmo ar de vez em quando sem que um de nós morra por isso.

Ela abre a boca para me responder, sua expressão não é das melhores, mas observa Eva depositando pequenos beijos em meu rosto e desiste de falar.

— Você decidiu então que não faz sentido — comenta um tempo depois, enquanto Eva come um lanche ao meu lado. — Queria entender em

que momento você achou que essa escolha era sua.

— O natal é no final de semana. O que vocês costumam fazer?

— A gente sempre assiste filmes de natal, o dia todo. E a mamãe canta para mim na hora do jantar. E sempre tem sobremesa e a mamãe me deixa comer a sobremesa primeiro.

— E vocês não montam a árvore? Onde o Papai Noel vai deixar os presentes? — pergunto.

Eva se afasta e olha para a mãe, que tem um sorriso no rosto, depois para mim como se sentisse pena. Segura minha mão em suas mãos pequenas e dá tapinhas nela ao dizer:

— Papai, você não sabe? O Papai Noel não existe.

— Como?

— Não existe, o Papai Noel são pessoas que gostam de você e te compram presentes. Não tem velhinho de vermelho entrando na sua casa.

Encaro Laura irritado.

— Entendo que você não minta para ela, mas isso é maldade, Laura! Isso é tirar a magia do natal de uma criança!

Seu sorriso some, sua postura muda completamente.

— É mesmo? Então tenta explicar para uma criança de quatro anos cuja mãe não tinha um centavo para comprar um presente, porque o Papai Noel deu presentes para as outras crianças do bairro, menos para ela.

Engulo em seco e quero abraçá-la, sei que ela não vai permitir então abraço Eva.

— Eva sabe que a magia do natal não é um estranho dando presentes, não é amor? — Laura diz.

— Não, é ficar com a família e cantar. E comer a sobremesa primeiro. É estar com a mamãe, essa é a magia do natal. Agora com você também, não é papai?

— Claro, meu amor. Por que você não vai tomar um banho?

Ela concorda e corre até o banheiro. Laura está separando as coisas para o jantar quando me aproximo. Sinto tanta culpa por minha filha de cinco anos não acreditar no Papai Noel e entendo Laura. O que mais ela poderia dizer? E onde eu estava enquanto isso acontecia com elas?

Laura está lavando algo na pia quando me aproximo e seguro sua cintura. Giro seu corpo e a abraço. A prendo em meus braços e respiro o cheiro de seu cabelo. Preciso disso para me sentir melhor.

— Sinto muito, Laura. Eu sinto muito mesmo. Me desculpa por obrigá-la a coisas como essa. Me desculpa.

Uma lágrima fujona pinga em seu ombro e ela se afasta. Toca meu rosto com tanto carinho e seca a lágrima. Não diz nada, se afasta pouco depois, saindo dos meus braços e voltando aos seus afazeres como se não tivéssemos acabado de compartilhar algo aqui. Ela sequer diz que me perdoa. Claro, porque ela não perdoa. Porque não há perdão para esse tipo de coisa.

— Não comemoro o natal há tempo demais. Pensei em fazermos algo, na casa do meu pai, para a Eva. Você sabe que vamos ter que passar essa data juntos. Ela não vai aceitar menos do que isso.

Ela assente.

— Talvez seria melhor para ela passar essa data em sua casa nova. Se você se mudar até lá, podemos fazer na sua casa. Se não, seria bom que levasse a Eva para a casa que ela já tem. Que é confortável, segura e é dela.

— João Pedro...

— Você precisa entender que é sua também, Laura. Meu pai deixou você como a responsável por tudo, o dinheiro, a casa, tudo é seu. É sua casa. A sua pirraça não tem sentido.

— Encontrei uma casa. Vou levar a Eva lá amanhã e se ela gostar, vou fechar negócio.

— Onde fica essa casa?

— Longe o bastante.

Talvez seja a dor que ainda me incomoda pelo que elas tiveram que passar na minha ausência, mas me sinto de repente desapontado. Não vou

conseguir alcançá-la nunca. Não sendo seu amigo. Nem sendo seu inimigo. Talvez eu devesse desistir de uma vez por todas e aceitar que nunca mais ficaremos juntos.

Eva aparece vestida com seu pijama, dançando para me mostrar o que a mãe comprou para ela. Um pijama com estrelas que acendem. Ela segura minhas mãos e me faz girar com ela pela pequena sala, rindo alto sempre que seus movimentos fazem o led da roupa acender. E meu Deus, como eu queria poder dançar assim com ela todas as noites! Queria estar ali, na porta ao lado quando ela tivesse pesadelos e acordá-la com cócegas pela manhã.

— Eva, o seu avô ficaria muito feliz se você morasse na casa que ele deixou para você. Ele vai ficar muito triste se você se mudar para outro lugar — digo.

— O que você está fazendo? — Laura se aproxima irritada, e com razão. — Não pode manipular uma criança, você ficou louco?

— Não briga com ele, mamãe — Eva pede me abraçando. — Ele só está com saudade do vovô, eu também estou. Eu quero morar lá, quero morar na casa do meu avô, não quero ver outra casa, mãe, por favor.

Laura observa Eva por tempo demais, presa às minhas pernas, com olhinhos chorosos pedindo para ir para a casa que é dela. Me sinto péssimo por ter feito isso. Por ter manipulado minha filha desse jeito. Mas melhora um pouco quando Laura responde.

— Tudo bem, Eva, vamos nos mudar para a casa do seu avô.

Ela me lança um olhar e diz sem emitir som enquanto Eva comemora.

— Você vai pagar por isso.

— Estou contando com isso, amor.

Então, ao chegar em casa, chamo Mara e começo os pedidos para que a casa esteja pronta para uma criança. Todas as estátuas antigas devem sumir. Um quarto deve ser imediatamente esvaziado para que Laura escolha a decoração para Eva. Peço que a piscina seja limpa e brinquedos sejam instalados no jardim.

— Senhor João Pedro, nunca o vi tão feliz assim — observa Mara.

— Há muito tempo não me sinto feliz assim, Mara. Livros! Precisamos de livros infantis, Eva adora histórias, talvez uma biblioteca lá embaixo para ela? O que você acha?

— Acho que ela adoraria, senhor.

— Providencie isso. Mas claro, Laura deve escolher tudo. É a casa dela. Mara, faça com que todos a tratem como uma rainha aqui dentro. Ela é a patroa, não importa o que Joaquim diga. Cada pedido dela deve ser atendido imediatamente. Ela tem que se sentir em casa aqui, todos precisam ser a família dela.

— Isso não será problema, senhor, não se preocupe. Todos nós gostamos muito da senhora Laura, e vamos adorar ter a menina Eva aqui. Uma criança nesta casa de novo, vai ser uma bênção!

— Contrate também uma cozinheira.

— Pode deixar, vou resolver tudo. Quando elas vêm?

— Em breve, minha mulher e minha filha se mudam para cá em breve, Mara.

Então passo uma das melhores noites da minha vida, ansioso por tê-las em minha casa, por dividir os dias com elas. Não acredito que Laura estará no quarto ao lado. Ou mesmo que ela escolha o quarto mais distante possível de mim, estará sob o mesmo teto. Só consigo pensar no quanto poderei irritá-la para então roubar beijos apaixonados dela a cada dia.

Dois dias depois, Laura e Eva chegam à mansão. Tenho à minha frente um Joaquim emburrado, repetindo sem parar que isso é um erro. E não importa o quanto tenhamos discutido sobre isso nos últimos dias, ele vai tentar dificultar a adaptação de Laura aqui e eu vou protegê-la.

Laura parece completamente sem jeito quando chega. Eva corre até mim e me abraça. As apresento a Mara e Eva se pendura na governanta, fazendo-a rir como uma criança. Mara não se contém e abraça Laura, o que a agrada, percebo porque é a primeira vez que sorri desde que entrou aqui. Apresento a ela os funcionários, Mara diz que está procurando uma

cozinheira e Laura parece um peixe fora da água. Ela observa a alegria de Eva e coloca um falso sorriso no rosto, concordando com tudo o que a pequena diz, fingindo estar tão feliz quanto ela, mas é apenas mais um sacrifício que faz pela filha. Mais um sacrifício que faz por minha causa.

Mara leva Eva para conhecer a cozinha e a tão esperada piscina e a falsa felicidade de Laura some imediatamente.

— Então você resolveu ser a dona da casa, não é, Laura? No final você chegou exatamente onde todos nós achamos que chegaria quando você conquistou o João Pedro — acusa Joaquim.

— Joaquim! — ralho com ele, mas Laura está sorrindo. Está verdadeiramente sorrindo.

— Sim, sim. Você está certo. É minha casa agora. Então quero você fora dela!

Joaquim não responde, parece que demora um pouco a entender o que ela disse, mas claro, Laura repete.

— Você ouviu, Joaquim? Junte suas coisas e saia da minha casa.

— Você não tem o direito...

— Ela tem todo direito, Joaquim. Você viu o testamento, é a casa dela. Se ela não quer você aqui, você sai.

Ele parece nervoso, como no dia da leitura do testamento e dou um passo para perto de Laura, para protegê-la.

— Não pense que você pode entrar aqui e me dizer que tenho que sair da casa onde fui criado! Quem você pensa que é? — Ele grita dando um passo na direção dela, mas entro na frente, encarando-o.

— Nem mais um passo, Joaquim, ou vou tirar você daqui à força.

— Você concorda com isso? João Pedro! Esta é a minha casa!

— É a casa delas agora! Além do mais, não aja como se não tivesse para onde ir. Nós dois sabemos que sua empresa golpista está muito bem das pernas. Você não precisa morar aqui, Joaquim.

— Não se trata de necessidade, mas de direito! É a minha casa!

— Seu pai não a deixou para você, no final das contas. — Laura provoca, irritando-o ainda mais. — Talvez, se você tivesse sido um filho melhor, uma pessoa melhor, ele pudesse...

Joaquim tenta mais uma vez chegar até ela e o seguro.

— Isso não vai ficar assim! — ele grita afastando-se e se recompondo. — Vocês não vão fazer isso comigo! Você vai pagar caro por isso, Laura. Estou avisando, vai pagar muito caro!

Ele sobe as escadas, mas ela não parece estar com nenhum medo dele. Encaro essa mulher forte, guerreira, maravilhosa e inteligente e a amo tanto que me pego rindo como um bobo, olhando para ela sem conseguir desviar meus olhos.

— Por que você está rindo assim? Você também, João Pedro. Quero você fora desta casa. Não vou viver sob o mesmo teto que você.

— Eu imaginei que fosse fazer isso quando expulsou o meu irmão.

— Então por que está rindo como um bobo?

— Porque você é maravilhosa — respondo e a puxo para meus braços, beijando sua boca antes que ela tenha tempo de reagir.

Eu amo essa mulher. Não importa o que tenha que fazer, não vou desistir. Vou tê-la de volta. Vou compensá-la e à nossa filha por tudo de ruim que passaram por minha culpa e vou fazer das duas as criaturas mais felizes desse planeta.

10 Laura

João Pedro me pega de surpresa com seu beijo. Quero matá-lo, mas no segundo seguinte, quero ficar em seus braços para sempre. É o beijo do qual me lembro, quente, intenso, apaixonado. Está tão enraizado em minha memória, que é como se nunca tivéssemos nos separado. É natural beijá-lo, e é novo. Como um primeiro beijo. Como isso é possível depois de tantos anos e tantas mágoas? A voz de Eva o faz me soltar de repente e ainda me sinto desorientada quando ela passa correndo por mim. Mara e o jardineiro correndo atrás dela. Lanço a João Pedro meu olhar irritado, mas desisto, apenas me afasto dele.

Eva corre pela casa toda. Olho em volta e percebo que tudo o que era perigoso para ela, como as estátuas antigas e objetos de decoração pontiagudos, sumiram. No jardim há brinquedos que com certeza não estavam aqui antes. Há uma pequena biblioteca ao lado da área gourmet apenas com livros infantis. Também duvido que isso estivesse aqui.

Mas como João Pedro faria tudo isso em dois dias?

Eva quer pular na piscina, mas João Pedro diz que eles precisam fazer outra coisa primeiro, levando-a para dentro da casa. Encaro a piscina por tempo demais, sem muita vontade de segui-los. Me sinto fora do lugar, em um mundo que não é meu, uma vida que não é minha. Esta casa é estranha, não é meu lar. Mas ouço a risada alta de Eva enquanto comemora algo que

João Pedro deve ter feito e respiro fundo, aceito que, ao menos por hora, é a melhor decisão para Eva.

Nós podemos nos mudar se tudo der errado, não é?

— Senhora Laura, a senhora quer comer alguma coisa? Estamos sem cozinheira no momento, mas já estou procurando uma. Ou a senhora quer escolher? De toda forma, se a senhora montar o cardápio da semana, posso cozinhar até que a nova cozinheira chegue. Não sou uma chef, mas me viro bem em uma cozinha. Meus netos são todos rechonchudos e saudáveis.

Sorrio para Mara, uma senhora bondosa que tem o sorriso mais gentil que já vi.

— Mara, eu preciso te falar uma coisa. Sinto muito mesmo, mas eu não faço ideia de como se administra uma casa como esta. Eu nunca pensei que viveria em um lugar assim. Não sei montar o cardápio da semana. Geralmente eu faço o que tenho na geladeira, o que dá para fazer. Desculpe desapontá-la.

Ela parece emocionada e não faço ideia do motivo.

— Ah, senhora Laura, não precisa se desculpar comigo, olha isso! O patrão deve estar revirando no túmulo. A casa é sua, senhora, pode administrá-la como quiser.

Nego imediatamente com a cabeça.

— Não, você não entendeu. Não faço ideia de por onde começar.

— Talvez devessem escolher seus quartos, a senhora e a menina Eva. E então decorá-los, para que se sintam em casa.

— Dificilmente vou me sentir em casa aqui, Mara.

— Bobagem, a senhora vai se sentir em casa onde sua filha estiver bem. Vai ver, logo a senhora se acostuma.

— Você poderia escolher os quartos? Por favor?

— Claro! Com todo prazer!

Ela se afasta e volto a olhar para a piscina, mas retorna pouco depois e diz:

— A senhora deveria ver o que está acontecendo na sala.

A sigo preocupada e me deparo com Eva e João Pedro no chão da sala cercados por bolinhas coloridas. Uma árvore meio torta está na frente deles, não é muito grande, mas é maior do que Eva. Ela escolhe entre muitos enfeites espalhados, então corre até a árvore e tem dificuldade de pendurá-lo. Então observa o enfeite atentamente e depois a árvore, e entende como deve fazer isso. Rapidamente, está colocando um enfeite após o outro e a cada novo enfeite, pede a opinião do pai. O sorriso não some de seu rosto. Ela gargalha por qualquer coisa, e olha a árvore como se fosse o maior presente que já ganhou.

Talvez realmente seja.

— Olha, mamãe! — grita o meu notar. — Olha o tamanho desta árvore! Vem cá, vem ver se ela é maior do que você.

Me aproximo rindo e ela me pega pela mão e me compara com a árvore.

Abre a boca como se tivesse a melhor supressa do mundo e gargalha.

— Mas vocês são do mesmo tamanho! Mamãe tem o tamanho de uma árvore de natal! É por isso que você é tão especial! — decreta me abraçando em seguida.

Então volta ao pai, cai em seu colo e tira a bolinha que está na mão dele, indo colocá-la na árvore.

— Você não vai ajudar? — João Pedro pergunta.

— Acredite, você não vai gostar das minhas decorações de natal.

— Eu me lembro muito bem. O azevinho caiu no meu prato no primeiro natal.

Rio alto ao lembrar a desculpa que eu havia encontrado para beijá-lo a toda hora, que acabou caindo em sua ceia. Ele ri também, então me lembro que é ele aqui, e meu riso cessa. Me sento de frente para ele e o ajudo a colocar os fios nas bolinhas para que Eva as pendure. Quando ela caba, encara a árvore encantada.

— Vocês não estão esquecendo nada? — pergunto. — Onde estão as

luzes dessa árvore?

— As luzinhas, papai! — Eva parece realmente chateada por ter esquecido esse detalhe.

— Calma que o papai se lembrou disso — ele responde indo buscar uma caixa de luzes coloridas, que ele mesmo coloca.

Quando a árvore é acesa, Eva não tem reação. Encara as luzes boquiaberta. Sempre monto uma árvore pequena em seu quarto, em todo natal. Mas claro, nada comparada a essa. A dela é uma árvore de mesa, apenas para não passar em branco, mas essa, provavelmente é um sonho para ela

— Você está feliz, amor? — pergunto emocionada.

— Mamãe, eu fiquei até sem palavras — ela diz e me abraça, chorando de felicidade. — Podemos trazer as meninas da rua aqui? Acho que elas nunca viram uma árvore deste tamanho!

— Claro que podemos! Quando você quiser! A gente sai, compra um monte de presentes para elas e então vamos buscá-las, tudo bem?

— Mas onde você vai conseguir dinheiro para os presentes?

— Lembra o que a mamãe falou com você? O vovô deixou dinheiro para você. Ele deixou esta casa, deixou um carro e deixou dinheiro para você ter todos os brinquedos que quiser, para você viajar, para passear e, claro, para presentear suas amigas. É muito importante que você repasse a gentileza que o vovô fez por você. Nunca se esqueça disso.

Ela concorda feliz e então Joaquim aparece com as malas. Sua expressão de raiva já não me assusta. Dificilmente ele vai me machucar mais do que já machucou quando Eva nasceu, quando ela adoeceu, e quando me mostrou que João Pedro entrou na justiça para tirá-la de mim.

— A gentileza do vovô para você, Eva, acabou com a vida do titio — diz com seu tom usual de amargura.

— Você não tem culpa de nada, amor — João Pedro diz a ela. — O titio está passando por uma fase ruim, porque foi muito malvado com o vovô. Assim como o papai aprendeu, ele vai aprender também.

— Ele também vai para a prisão? — Eva pergunta assustada e Joaquim ri.

— Bem que sua mãe queria. Adeus, Laura, João Pedro. — Seu olhar encontra o meu e ele sorri antes de dizer. — Até breve, Eva.

Então se vira e sai da casa, mas claro que sua ameaça não me passou despercebida. Encaro João Pedro preocupada, mas ele diz que está tudo bem, que ele vai cuidar de tudo.

Quando a noite começa a cair, penso em fazer um jantar especial e a sobremesa que Eva tanto ama, já que é véspera de natal. Então, sou surpreendida por João Pedro com duas caixas de presente nas mãos.

— Eu tenho tudo sob controle — ele diz. — Não minha vida, claro. Estou falando da ceia de natal.

— Nem por um segundo pensei que estivesse falando da sua vida — comento sem querer e ele sorri.

— Isso é para você, Laura. E essa caixa grandona é da minha princesa.

Eva quase pula nele ansiosa em abrir sua caixa. Enquanto o encaro desconfiada.

— Pode abrir, Laura. Prometo que não é uma bomba.

— Vou acreditar porque a Eva está perto demais de mim.

Ele sorri enquanto ajuda Eva com sua caixa e ela tira de lá um vestido lindo. Ele é rodado, vermelho e creme. Tem uma fita de cetim com brilho e Eva está encantada. Abro minha pequena caixa e há um vestido nela. Um vestido vermelho de seda, com um decote profundo e uma abertura na lateral esquerda. Ele é longo e tem pedras que lhe conferem muito brilho na pequena calda.

— É para a ceia de natal — João Pedro explica. — Eu fiz tudo sem avisar a vocês, pensei que não teriam tempo de escolher o que vestir, então quis facilitar as coisas.

Abro a boca e ele logo me corta.

— Nem venha dizer que não irei vesti-la esta noite! É natal, Laura! —
Ralha irritado.

— Mas eu só ia dizer obrigada — minto.

— Duvido muito disso.

— Obrigada, João Pedro.

Ele sorri.

— Então você se sente bem por usar algo que eu escolhi esta noite? —
desafia.

— Nem um pouco, poderia enfiá-lo pela sua boca se não fosse tão bonito.

— Eu ou o vestido?

Sorrio. O que diabos estou fazendo? Caindo em seu jogo mais uma vez.

— Venha, Eva. Vamos tomar um banho e vou arrumar você.

— Ah, deixa que eu faço isso, senhora Laura. Vou dar banho nesta pequena e vesti-la, a senhora vá se arrumar. Venham, vou mostrar os quartos de vocês — diz Mara empolgada.

O quarto de Eva é no fim do corredor, do lado oposto ao do avô. Mara comenta baixinho que não queria que a menina se sentisse triste por dormir perto de onde passou os únicos momentos que teve com o avô, que não está mais e me sinto de repente abraçada por ela ter pensado com tanto cuidado em minha filha. Eva ama o quarto. Sei pelo jeito como abre a boca e não diz nada. Quando ela ama muito uma coisa, ou fica muito feliz, se cala. Geralmente, são os únicos momentos em que fica calada. É como se as palavras fugissem por conta do tamanho dos sentimentos.

— Sua mãe e você vão decorar este quarto ao seu gosto, senhorita Eva — Mara diz.

— Não precisa chamá-la assim, pode chamá-la de Eva. E a mim de Laura, por favor.

— Esse “senhorita” é muito estranho — Eva concorda rindo.

Mara deixa Eva em sua suíte, tomando banho enquanto me guia até meu quarto, logo ao lado do de Eva. O cômodo é enorme, possui uma cama imensa, duas mesas de cabeceira e uma televisão enorme. Ele é todo em cor creme, inclusive as roupas de cama.

— Este é o quarto com a vista mais linda da casa, venha ver, senho... Laura.

Ela abre as portas da sacada e então tenho a vista do sol se pondo atrás das montanhas. A mansão Fagundes fica na parte alta do condomínio onde está situada. A vista abaixo dela é espetacular.

— É uma vista digna de uma rainha — Mara comenta. — Como o senhor João Pedro disse que senhora deveria ser tratada.

A encaro imediatamente, mas me proíbo de pensar sobre isso.

— Obrigada, Mara.

Ela deixa o quarto para cuidar de Eva, e quase grito quando encontro a porta da minha própria suíte.

— Está brincando comigo! — falo sozinha.

A suíte é maior do que a casa inteira onde Eva e eu vivíamos até hoje de manhã. E tem uma banheira. Com vista para as montanhas.

— Duas pias! Sempre quis ter duas pias!

Volto à minha mala e pego minhas coisas, deixando-as espalhadas pela enorme bancada, apenas para confirmar que este lugar é meu. Então tomo meu banho para a ceia.

Por conta de Eva, nunca ceio à meia-noite na véspera do natal. O máximo que ela aguenta acordada é até as dez. E como não gosto que coma muito antes de dormir, costumamos cear às oito. Curiosamente, às oito alguém bate em minha porta e avisa que a ceia será servida.

Me olho no espelho uma última vez antes de descer e quase não reconheço a Laura refletida nele. Não me lembro de já ter tido algo tão bonito. E mais ainda, não me lembro quando foi a última vez em que parei para cuidar de mim. Quando foi a última vez em que me senti tão bonita?

Deixo o quarto e tento controlar a ansiedade por cear à mesa com João Pedro. No último natal que passamos juntos, eu estava grávida, com uma barriga enorme. Ele fez toda a ceia para que eu não me cansasse, e tudo ficou horrível. Acabamos pedindo uma pizza, demos uma enorme gorjeta ao motoboy para seu natal e dormimos no sofá enquanto ele me fazia promessas do que faria comigo quando fôssemos para a cama, já que eu mal conseguia me mover com a barriga enorme e cheia de pizza. E rimos muito disso pela manhã.

Aquela sensação ruim que me toma sempre que tenho uma lembrança feliz com ele me faz parar no meio das escadas. Só peço a Deus que não permita que Eva tenha esses momentos felizes ao lado do pai, para depois se tornarem apenas lembranças que ela quer apagar.

— Laura? — a voz de João Pedro me traz de volta e o avisto ao pé das escadas, esperando por mim. Seus olhos percorrem preguiçosamente cada curva do meu corpo, muito bem marcadas pelo vestido colado.

Desço as escadas sob seu olhar atento, ansiosa em sentir seu toque. E quando o alcanço ele beija minha mão. Há tanta admiração em seu olhar que quase acredito nele.

— Você está maravilhosa.

— Então acho que deveria agradecê-lo.

— Infelizmente não sou responsável por sua beleza.

— Nem comece — aviso fazendo-o rir.

Eva parece tão feliz à mesa! Os empregados nos servem e vão embora em seguida, nós os dispensamos para que passem a noite e o dia de amanhã com suas famílias. Eva prova um pouco de cada uma das oito sobremesas dispostas na mesa.

— Ela vai se empanturrar de doce e não vai jantar — ralho com João Pedro.

— Deixa, é natal.

Como eu previ, ela come até se sentir mal e logo está cansada, o sorriso não some de seu rosto e a flagro constantemente olhando para o pai e para

mim, como se não pudesse acreditar no momento que está vivendo. Até que começa a cochilar na poltrona, enquanto assistimos um filme de natal. São quase onze da noite e ela nunca resistiu por tanto tempo. João Pedro a carrega até seu quarto, a ajuda a escovar os dentes e visto seu pijama. Então ela cai na cama quase dormindo, segura minha mão e pede:

— Mãe, você pode dormir comigo?

Deve estar com medo da casa nova, o quarto novo, tantas mudanças de uma vez.

— Claro, amor. Durma, mamãe estará bem aqui.

Ela estende a outra mão para João Pedro.

— Você também, pai.

Ele me encara preocupado, mas não espera uma resposta. Tira os sapatos e se deita na cama, do outro lado dela. Ela se aconchega nos braços dele, enquanto segura minha mão, e dorme. Dorme rápido, então tiro minha mão da dela e me levanto. Saio do quarto sem falar com João Pedro, mas ele me segue.

— Obrigada pela noite, você pode ir agora — digo e ele sorri.

— Desde quando você é tão apressada? Antes, você gostava de fazer tudo bem devagar — provoca quando uma música começa a soar de algum lugar da casa. — Dance comigo, Laura. É quase meia-noite, meia-noite eu vou embora.

— Não precisamos dançar pela casa como dois malucos, Cinderela.

Ele ri alto, pega minha mão e me puxa de encontro ao seu corpo. Seu braço contorna minha cintura e seu rosto está colado ao meu. Sei que devo me afastar, mas não posso. Agora não. Fecho os olhos e deixo que ele me guie. Deixo que afunde o rosto em meu pescoço, que sua barba rala me faça cócegas e seus lábios macios passem por minha pele. Esqueço do mundo por um segundo quando ele beija suavemente meu pescoço. Esqueço do mundo por algumas músicas. Vozes vão mudando, as melodias vão mudando. Me sinto de novo em seus braços, como sete anos atrás, com o mundo prestes a desabar, mas segura aqui dentro.

Mas isso também me faz lembrar como um aviso do que veio depois, e muito mais cedo do que gostaria, me lembro de novo do mundo lá fora. Paro de me mexer e ele me solta aos poucos. Seus olhos estão nos meus e há uma intensidade tão grande neles! Essa coisa que me puxa até ele, mesmo que eu saiba que devo correr. O relógio dele apita, é meia-noite e ele me estende uma pequena caixa de veludo vermelha.

— Seu presente de natal.

— Eu não te comprei nada.

— Juro que não esperava que tivesse comprado. Além do mais, este presente já te foi dado, você só não o pegou ainda.

Ele abre a caixinha e ali está. O anel do desfile. A peça tem um brilho tão forte, que por um momento levo minha mão até ela. Então me lembro do que significa e o encaro antes de pegá-la.

— Isso é só um anel caro demais, não é?

— Claro! Uma peça única desenhada exclusivamente para você que tem um valor incalculável. Mas claro — continua quando vou pegar a peça, ansiosa em observar de perto seus detalhes. — É um anel de compromisso, você o estará aceitando.

Recolho minha mão imediatamente.

— E o quê? Vou ficar noiva do homem que quer tirar minha filha de mim?

Ele dá de ombros como se isso não fosse nada demais.

— E assim seus problemas serão resolvidos. Vivemos juntos e ela será de nós dois — diz com um sorriso.

— Como você é engraçadinho!

— Não vai pegar o seu presente?

— Não.

— Você já foi mais corajosa, Laura.

— Sinto muito desapontá-lo — digo com todo deboche que consigo e

ele ri alto novamente.

— Ele é seu. Vai ficar comigo até você achar que está pronta para aceitá-lo, então você só precisa dizer e o darei a você. A qualquer momento.

— Não entendo o seu jogo — digo de repente me abrindo de uma maneira perigosa. — Eu não te entendo. O que você está fazendo, João Pedro? Você me fere da pior maneira possível em uma semana, e me dá isso na seguinte? O que você espera?

— Mas meu jogo é muito simples, Laura! Não é difícil entender. Ele é claro, é óbvio, só você não entende. — Ele me olha por tanto tempo, como se quisesse me dizer algo. Por fim, diz: — Um beijo. Quero um beijo de presente de natal.

Ele dá um passo em minha direção e dou um para trás.

— Você fez isso mais cedo, ou já se esqueceu?

— Não foi suficiente — diz vindo em minha direção de novo, mas ouvimos um grito de Eva.

Subimos correndo e ela está sentada na cama, chorando.

— Foi só um pesadelo, meu bem. Está tudo bem. Mamãe está aqui — digo quando ela vem para meu colo chorosa. — Mamãe está aqui, está tudo bem. Durma de novo, o anjinho o sono já chegou. Ele deve ter ido apenas ao banheiro, por isso você teve um pesadelo, mas ele já voltou.

Ela assente e volta a se deitar.

— Vocês vão ficar? Mas não podem sair quando eu dormir.

— Vou ficar, prometo — João Pedro responde tirando o casaco, o sapato de novo e se deitando ao seu lado.

— Vem, mamãe.

Tiro o sapato, os brincos e me deito do outro lado. Claro que assim que ela dormir vou deixá-los e ir para meu quarto. Mas então adormeço antes dela.

Acordo com uma mão grande sobre a minha. Eva cochicha algo e ri baixinho. Abro os olhos e ela está me observando, seus pequenos olhos azuis carregados de alegria. Logo acima de sua cabeça, os olhos azuis dele me observam. Aquela mesma intensidade neles. É sua mão que está sobre a minha.

— Mamãe, você acorda tão linda! — Eva diz e enche meu rosto de beijos.

Livro minha mão da dele, que se levanta sem dizer nada e deixa o quarto. Dormimos juntos nesta cama. Nós três. A maneira como Eva está radiante é a maior prova disso. E como estou relaxada. Acho que desde que João Pedro voltou, um mês atrás, foi a primeira noite em que dormi bem.

Ajudo Eva a se trocar e penteio seus longos cabelos. Ela quer ficar linda para o pai. Ao invés de correr até ele assim que fica pronta, ela vai comigo até meu quarto me ajudar a me arrumar também. Não digo a ela que não quero ficar linda para o pai dela, deixo que ela mantenha essa felicidade. Esse sorriso que parece não deixar seu rosto há vinte e quatro horas. Então ela vê a banheira em meu banheiro e vai brincar lá dentro, esquecendo-se de mim.

— Vem, vamos tomar o café.

— Mamãe, depois eu posso nadar aqui?

— Você tem uma piscina lá fora, lembra? Não precisa nadar na banheira.

— Verdade! — grita como se lembrasse disso de repente e corre escada abaixo. Então estaca ao pé da escada.

Desço depressa, preocupada, e vejo o que a fez parar. A árvore que ela e o pai montaram está repleta de presentes. São tantos, que mal dá para andar pela sala. Ela não corre até os presentes, não corre até o pai sentado próximo a árvore esperando por ela. Ela fica parada. Só se move para segurar minha mão.

— Eva, está tudo bem? — João Pedro pergunta preocupado.

Ela olha para mim com os olhinhos cheios e chora. Abraça minhas

pernas e chora. E choro com ela, porque a conheço, ela está tão feliz que não consegue reagir. João Pedro se levanta imediatamente, preocupado.

— O que eu fiz? Por que ela está chorando? Eu não queria machucá-la, eu pensei...

— Está tudo bem, se acalme. Ela está feliz. Às vezes, ela fica tão feliz, mas tão feliz, que não tem palavras, não tem reação. Então ela chora. Você não a machucou, você a colocou no estado mais feliz em que ela pode ficar.

Ele respira aliviado, vejo o peso que parece sumir de seu rosto. Abaixa-se e toca o ombro dela.

— Ei, você está bem? Vem ver seus presentes.

Ela olha para ele e para os presentes.

— Tudo isso é meu?

— Tudo isso. Você ganhou muitos presentes. Acho que você tem seus próprios Papais Noéis. Você tem um monte deles. Deve ser mesmo muito especial.

Ela abraça o pai e vai até os presentes. Há presentes de João Pedro, do meu chefe e sua esposa, de Mara e de todos os outros funcionários da casa. Me pergunto se João Pedro comprou esses presentes e colocou ali, mas são presentes simples, brinquedos simples, foram eles que compraram para ela. Eles tiveram o cuidado de deixar esses presentes antes de irem.

Eva não sabe qual abrir primeiro. Ela pega uma caixa, então outra. Ri alto, conversa gritando. Chora. Ela nunca teve tantos presentes na vida. Em seus cinco anos até aqui, nunca ganhou essa quantidade de presentes.

De repente me pego chorando também, está difícil controlar. Saio de perto deles e vou para a cozinha. Algo toma meu peito, uma sensação ruim, a sensação de culpa. Duas mãos quentes tocam meus braços e João Pedro me gira em sua direção.

— Está tudo bem? — pergunta preocupado.

— Sim, tudo bem — respondo afastando-me. — Obrigada. Por tudo isso, eu nunca a vi tão feliz e tenho repetido isso nos últimos dias. Ela está cada dia mais feliz. Ela nunca teve um natal assim. Ela teve as árvores

pequenas em seu quarto e poucos presentes, ou nenhum presente e ela nem reclamou. E agora eu sinto que eu falhei. Eu tinha que ter feito isso. Não tantos presentes, mas eu não podia ter tirado dela o natal. Eu devia ter me virado, ter vendido alguma coisa, ter feito hora extra e ter dado a ela presentes em todos os natais. Eu devia ter...

— Não devia, não se cobre assim — ele diz segurando minhas mãos, me acalmando de alguma forma. — Você fez tudo o que pôde e muito mais, Laura. Ela sabe disso. A felicidade dela agora é merecida para vocês duas. Não se culpe. Talvez ela não fosse apreciar tanto o momento agora se o tivesse sempre, não é? E você não deu a ela presentes no natal, mas deu muito mais do que isso em todos os dias. Não se esqueça disso.

— Mamãe, vem ver isso — ela grita da sala.

Afasto-me de João Pedro e seco as lágrimas.

— Obrigada, João Pedro.

— Você me paga com um beijo — diz antes de se virar e ir para a sala.

Quando chego à sala, ouço João Pedro dizer a ela:

— Agora, você vai pegar todos esses presentes que ganhou e vai fazer o quê? O que a mamãe ensinou?

— Dividir com as minhas amigas. Ah, tem uma boneca que a Rebeca é doida para ter, vou dar para ela. E tem um carrinho que posso dar ao Enzo. Mas é vermelho, ele vai se importar?

— Acho que não, princesa. Acho que seus amigos vão ficar muito felizes se você levar presentes para eles.

— Então você não vai ver meu presente? — pergunto.

— Você comprou um presente? Onde está?

— Lá no jardim.

Ela corre até lá e escuto seu grito de felicidade antes de alcançá-la. Ela corre em volta da pequena bicicleta rosa, encantada.

— Eu sempre quis uma bicicleta.

— Eu sei.

Ela corre até mim e me abraça. Então sobe na bicicleta, mas não sabe pedalar.

— Você faz o almoço e eu a ensino a andar nisso? — João Pedro sugere e concordo, ele vai ensinar Eva e esse sorriso no rosto dela dura ainda por toda tarde.

Até que a noite cai e João Pedro se despede. E então a felicidade dela desmorona junto. Ela observa pela janela o pai ir embora e chora. Sento-me ao seu lado e espero que ela desabafe.

— Por que ele foi embora? — pergunta emburrada.

— Porque ele tem a casa dele. Esta casa agora é nossa. Mas ele vai voltar amanhã.

— Mas ele mora aqui! E nós moramos aqui. E eu pensei que íamos morar juntos.

— Foi por isso que você quis vir morar aqui?

Ela assente e esconde o rosto nas mãos, chorando baixinho.

— Amor, está tudo bem. O papai tem as chaves, ele vai ficar tanto aqui que você até vai enjoar dele.

Ela nega com a cabeça, diz entre soluços:

— Mas era pra gente ser uma família. Se ele for embora à noite não somos uma família.

Quero chorar com ela, quero ceder e pedir que ele se mude para cá de novo para que aquele sorriso tatuado em seu rosto volte. Mas ela precisa entender. Não posso sempre fazer suas vontades.

— Vem cá — peço e ela vem para meu colo. — Nós somos uma família. Você tem um papai agora, que a ama tanto, você já viu? E tem uma mãe que sempre a amou mais do que tudo. E agora você tem todo mundo que trabalha aqui que te deixou presentes porque amam você. Você tem uma família imensa! Como pode dizer que não somos família? A Mara é sua família?

Ela assente.

— E a Mara não mora aqui. Ela deixou de ser sua família por isso? — Ela nega com a cabeça. — E a tia Dri? Ela nunca morou com a gente. Ela sempre ia embora à noite, não é? Ela deixou de ser sua família?

Ela nega imediatamente.

— Então, nós somos sim, uma família.

— Mas você não vai casar com o papai — responde chorosa.

— Não vou, mas sempre vou ser amiga dele.

— Você gosta dele?

— Muito — respondo sem pensar, mas isso a faz sorrir, um pouco da tristeza se esvaindo.

Ela desce do meu colo e pega a boneca de pano que ganhou de Mara, seu presente preferido, e diz enquanto sobe as escadas.

— Você gosta dele, então vocês vão se casar um dia.

Ela sobe correndo antes que eu possa responder e me sinto exausta emocionalmente. Foram dias muito intensos.

A empresa está em recesso esta semana, por isso, tenho tempo de ir organizando as coisas com Mara. Ela tem uma paciência e carinho comigo, que às vezes quase me fazem chorar. Estamos decorando o quarto da Eva quando a campainha soa.

— O segurança avisou que o senhor Elias Fidalgo estava entrando, Laura — Mara diz.

Desço da escada e vou recebê-lo como estou. Um macacão velho cheio de tinta. Tenho tinta no rosto e no cabelo também.

— Elias! Bem-vindo. Aconteceu alguma coisa?

— Laura... — Ele me observa em minhas roupas de pintora e sorri. — Vim ver como está sua adaptação na casa nova. E trazer o presente da Eva.

— Não precisava ter se incomodado — digo e chamo minha pequena.

— Eva!

Ela desce as escadas correndo e para diante dele, encarando a sacola enorme em sua mão.

— Isso é um presente?

— Sim, mas é um presente para quem me der um abraço.

Ela o abraça imediatamente e ele entrega a sacola. Ela agradece e senta-se no chão para abrir.

— Obrigada, Elias.

— Na verdade, eu vim te avisar uma coisa, sobre o... — Ele para de falar de repente encarando meu rosto. — Está sujo aqui — diz aproximando-se e limpando a tinta da minha bochecha.

A porta é aberta e João Pedro aparece. Ele encara a cena por um tempo e pega Eva que corre até ele. Estou prestes apresentá-los quando João Pedro diz:

— A primeira audiência está marcada, Laura. Talvez tenha se esquecido, mas ainda vou à justiça pela minha filha. Espero que esteja preparada.

Sou pega tão de surpresa que sinto minhas pernas amolecerem de repente. Eva está em seu colo, absorta à sua ameaça. Então entendo tudo. Ele a está conquistando, enchendo-a de presentes, a fez vir morar na casa dele, se habituar a ela, para então tirá-la de mim. Todo seu charme, seu jogo, a bondade, tudo era para este fim. Me sinto péssima por ainda me ferir com suas atitudes. Quando vou aprender a não confiar nele?

— Você está bem, Laura? — Elias pergunta preocupado.

Tento esconder a tontura que sinto, o medo, a mágoa e sorrio.

— Estou bem. Elias, este é João Pedro, o pai da Eva. João Pedro — digo sem olhar para ele. — Este é Elias, meu advogado.

— Eu vim até aqui justamente para avisá-la sobre a audiência de conciliação — Elias explica.

— Vamos conversar no escritório — peço e ele me segue, enquanto

minha filha fica nos braços do pai.

O pai que quer tirá-la de mim. Elias mal fecha a porta, o encaro desesperada.

— Se acalme, fica calma. Lembra do que te disse? A justiça dificilmente tira uma criança da mãe. Você é uma mãe incrível, não corre o risco de perder sua filha, se acalma — garante ao ver meu pânico. — Ele sabe disso, Laura, sabe que não pode tirá-la de você. Não sei o que ele quer com esse processo, mas não se preocupe, tudo bem? Respira.

Tento respirar, quero acreditar nele. Por que não confio nas pessoas, mas sempre, sempre confio no maldito pai da Eva?

— Você tem certeza? Ele não vai tirá-la de mim? Ele nos trouxe para cá e ela está tão apegada a ele!

— Você é a mãe! Você a teve e a criou sozinha. Onde ele estava? Preso por tráfico. Não importa quem ele é, o sobrenome que tem, ou a equipe de advogados que conseguir. Ele não vai tirar a sua filha de você. Eu te juro, Laura. Não vamos permitir. Tudo bem? Você não vai perdê-la.

Assinto tentando me acalmar. Ele disse que seu jogo era claro, que só eu não entendia. E agora entendo. Entendo todo seu jogo. Tudo sempre por causa desse maldito dinheiro.

11

João Pedro

Laura está a tempo demais no escritório com seu advogado. Um homem que parece muito mais interessado nela do que seu lado profissional deveria demonstrar. E a culpa por isso é minha. Eu sabia que não devia mais usar esse processo para atingi-la, por que fiz isso de novo?

A resposta é óbvia. Porque não sei lidar com ciúmes.

Quando nos apaixonamos nunca houve outra pessoa, ela nunca olhou para ninguém além de mim, não corri o risco de perdê-la e isso me mata, pois, não aprendi a lidar com isso.

No momento em que avisei a ela sobre a audiência, me arrependi. No medo que tomou seu olhar, na maldita decepção. Eu a perdi um pouco mais naquele momento. Vai chegar uma hora em que ela sequer vai se decepcionar comigo, e então não terá volta.

Eles finalmente deixam o escritório e Laura sequer olha para mim, ao contrário do advogado, que pega minha mão ao se despedir. Ele a aperta mais do que o necessário e entendo seu aviso, também dou o meu: Laura é minha, mas o faço com o olhar, tenho certeza que ele entendeu. Assim que ele passa pela porta, me levanto para falar com Laura, mas ela se vira e sai da sala, me ignorando completamente. Deixo Eva brincando na sala e vou atrás dela.

— Então este é o seu advogado? Pensei que ele trabalhasse na gravadora. Ele não estava com você quando a Eva passou mal na escola? — pergunto aproximando-me dela na cozinha.

— Ele é advogado da gravadora — é tudo o que diz sem olhar em minha direção.

— Então não é o seu advogado no processo? É só um advogado com quem você trabalha?

Ela me encara confusa, responde de maneira firme:

— Ele é meu advogado no processo ridículo que você está movendo mesmo sabendo que não tem como vencer. Ele é advogado na empresa em que trabalho e é um ótimo amigo. Alguma pergunta mais ou a entrevista acabou?

— Laura, para ser sincero eu tenho um milhão de perguntas, já que você abriu a oportunidade. Quantos namorados você teve nesses cinco anos?

Ela revira os olhos e não me responde enquanto confere alguma lista de compras que Mara deixou sobre a bancada.

— Provavelmente você não amou nenhum deles como amou a mim, ou estariam juntos.

— Este é um erro que não vou cometer nunca mais, João Pedro.

— Quantos foram? — insisto.

— Não é da sua conta.

— Tantos assim?

Ela me encara e juro ter visto um sorriso em seu rosto. Dura um segundo, mas esteve li.

— O que você quer?

— Que sejamos amigos. Ao menos isso, Laura. Pelo bem da minha sanidade. Quero que você me conte da sua vida, eu preciso saber dos seus dias. Do seu passado, do que fez nesses cinco anos, quem conheceu, o que sentiu. Você pode me contar qualquer coisa. Por cinco anos tudo o que eu quis foi ter notícias suas, ainda não supri essa necessidade. Me conte,

converse comigo.

Ela deixa a lista de lado e se apoia na bancada, parece cansada demais de repente, seus olhos sequer se focam em mim num primeiro momento quando começa a falar.

— Tudo bem, acho que é normal sermos amigos. É normal eu ser amiga do homem que não satisfeito em ter me destruído uma vez, quer fazer isso de novo. Por que eu não dividiria a minha vida com você, não é mesmo? Você quer tanto acabar com ela! Deve estar mesmo muito interessado.

Mara se aproxima e Laura termina rapidamente de completar sua lista, com coisas que Eva gosta.

— Eu nunca quis machucar você, Laura. Também não quero agora, você me obriga a isso.

Ela ri, não olha para mim, não deixa de escrever na lista, mas ri.

— Isso vindo do homem que manipulou minha filha para trazê-la para cá. Vindo do homem que deu a ela o melhor natal da sua vida e a encheu de presentes, para então me lembrar que a audiência do processo que ele moveu para tirá-la de mim foi marcada. Sabe o que é tudo isso que estamos vivendo, Mara? Um terrível pesadelo. Olha só para mim! Até semana passada mal conseguia pagar minhas contas, uma lista dessas de supermercado? Nunca nem sonhei. Agora vivo numa mansão com tantos milhões na conta que sequer posso contar e sabe o que eu mais queria? Acordar deste pesadelo.

— Laura. — Tento me aproximar, mas ela se afasta.

— Eu queria acordar na minha casa pequena e desconfortável, com a conta zerada e longe desse homem que diz que me ama, que diz que quer ser meu amigo, enquanto tenta tirar tudo o que eu tenho. Enquanto manipula minha filha e a compra com uma vida perfeita. Porque depois, quando ele não tiver o que usar para tirá-la de mim, ela vai escolher ficar com ele — seu tom vacila no final, percebo que está prestes a chorar.

— Laura. — Tento de novo me aproximar, mas ela me empurra.

— É isso o que você está fazendo! Você a está comprando! E me deixou de mãos atadas, você foi perfeito, João Pedro. O que eu posso fazer

para impedir que ela o ame, que ela se apegue à vida que leva agora? Nada! Porque não vou privá-la de ver a merda do pai dela! Você está tirando a minha filha de mim debaixo do meu nariz e eu não posso fazer nada! Então não venha fingir que é meu amigo! Não quero sua amizade, não quero nada de você!

Ela sai da cozinha e tento segui-la, mas Mara segura meu braço, me impedindo.

— Não vai adiantar, senhor. Ela está certa. O senhor não entende, não entende o desespero de uma mãe. Eu sei que o senhor está fazendo tudo com bom coração, para conquistá-las e não tirar a menina dela. Mas então por que esse processo? Porque enquanto você ameaçar o que ela mais ama, ela só vai esperar o pior de você, senhor.

— Era tudo o que eu podia fazer, Mara. Eu disse que a amava, pedi que voltasse para mim e ela não quis. Ela não sentiu nada. Enquanto fui seu amigo ela não se abriu nada para mim. Assim ela se abre. Assim eu a atinjo de alguma maneira. O ódio não é um caminho curto para o amor?

— Encontre outra maneira de fazer isso que não seja ameaçando afastá-la da filha, então. O senhor tem muito o que aprender, senhor João Pedro. Ela aprendeu tudo enquanto o senhor estava preso, ela cresceu como mulher o que o senhor deveria ter crescido como pai. Ela sabe exatamente o que diz e faz, mas o senhor parece ter perdido o controle.

Me deixo cair sobre a cadeira mais próxima. Acho que também estou cansado demais.

— Talvez o senhor devesse aceitar que o amor de vocês não tem remédio, senhor — diz com uma voz baixa, calma, enquanto massageia meus ombros, como se isso fosse tornar mais fácil o que está dizendo. — Talvez ela realmente não o ame mais.

Assinto, concordando, entendendo que não posso obrigá-la a sentir de volta por mim o que sinto por ela. Me levanto cansado demais e saio pela porta dos fundos.

— Diga a Eva que precisei ir, eu volto em breve — peço sem olhar para trás.

Joaquim está na minha porta quando chego ao apartamento. Sua cara não parece melhor do que a minha.

— Dia difícil? — pergunta quando me aproximo.

— Impossível. O que você quer?

— Me desculpe por ter ameaçado a Eva. Eu estava transtornado, você sabe que não vou fazer mal nenhum à sua filha.

Abro a porta e ele me segue para dentro.

— Fico feliz por esclarecermos isso, irmão — respondo me servindo da minha dose de gin.

— Quero voltar para a Nobre, João Pedro. Mesmo que sob sua vigilância. Aquele lugar é minha vida, não posso me afastar de lá. Já não tenho o papai, a casa, me deixe ao menos fazer parte da empresa.

Não estou com cabeça para começar a pensar nisso agora. Só quero que ele saia, que me deixe sozinho com essa merda da prisão que carrego na alma. Essa prisão da qual nunca me livrarei. Mas ele está certo, perdeu coisas demais em pouco tempo. Talvez eu devesse começar a ser menos egoísta no fim das contas.

— Preciso pensar sobre isso, Joaquim. Você roubou a empresa, não é algo que mereça perdão. — Então me olho no reflexo do espelho da cozinha e rio de mim mesmo. — Quem sou eu para decidir quem merece ou não perdão? Faça o que quiser, Joaquim. Minha cabeça está doendo.

Ele agradece e parece ávido por escapar da minha casa agora que fiz o que queria.

— Você não vai me decepcionar de novo, não é? — pergunto quando ele abre a porta para sair. — Não gostaria de ter que agir com você como agiria com um inimigo, Joaquim.

Estou me referindo aos golpes na Nobre. Mas o que ele responde me deixa em alerta.

— Você não vai me querer como inimigo, João Pedro, acredite.

O encaro com um sorriso, é fácil irritar meu irmão. Dou de ombros e viro o resto da bebida como se não levasse a sério sua ameaça.

— Até parece que você me causaria medo, Joaquim.

Funciona, ele cai como um patinho na provocação.

— Pergunte à Laura se você não deveria me temer. O olhar dela quando me despedi da Eva foi de puro desespero. Acho que eu não encostaria na sua filha, mas na mãe dela não foram poucas as vezes em que encostei. Não me custaria tocá-la de novo.

Jogo o copo no chão e em um segundo o seguro pela camisa, prendendo-o à parede atrás dele.

— Ouse se aproximar da minha mulher ou da minha filha e eu acabo com você, Joaquim! Você não faz ideia de quem me tornei, das coisas que vi e fiz nesses últimos anos, eu acabaria com você em um estalar de dedos — ameaço pausadamente, deitando a cabeça e mantendo contato. Vi isso tantas vezes na prisão que não é nada difícil reproduzir.

Funciona. Ele engole em seco e não é capaz de responder. Seu rosto começa a ficar vermelho, estou prendendo seu ar. Então o solto.

— Suma da minha casa.

Ele sai sem dizer nada e vou limpar a bagunça que fiz. Mas algo não sai da minha cabeça. Será que o motivo que levou Laura a desgostar tanto de Joaquim tem a ver com um relacionamento entre eles? Será que já houve algo entre eles?

Tenho novamente uma das minhas piores noites. Em claro, pensando, sofrendo, sentindo as grades dessa maldita prisão na minha mente. Vejo o sol nascer na sacada do quarto, o frio não me incomoda mais, me sinto dormente e não é só por gora. E então a luz do sol ilumina aqui dentro dessa prisão e eu sei exatamente o que fazer agora. Ao menos para não ferir Laura tanto quanto estou ferindo.

Chego à mansão e Eva está almoçando no chão da sala de televisão com Laura. As duas fizeram uma enorme bagunça assistindo uma animação

qualquer. A risada da pequena é ouvida de longe. Um som encantador, um alento. Me sinto respirar de novo após horas quando a escuto.

Ela abre seu sorriso lindo e corre até mim quando me vê. Laura sequer olha em minha direção.

— Papai passou aqui rapidinho, princesa. Eu não posso ficar. Só queria avisar a sua mãe que vou jantar aqui amanhã.

Ela não responde, deixa o prato de lado, como se tivesse perdido a fome.

— Se ela não se importar, claro.

Laura continua calada e Eva responde por ela.

— Claro que ela não se importa! Não é, mamãe?

— Não, imagina! — responde finalmente. Seus olhos não vêm em minha direção.

— Eu preciso muito falar com você, Laura. É muito importante.

— Estou ocupada agora.

— Tudo bem, falamos amanhã.

Ela assente e deixo Eva para voltar à escuridão da minha prisão. Eu mereço passar por isso, eu me coloquei aqui. A pior prisão é essa em que você se coloca, porque você não sabe como se livrar dela. Você não sabe em que momento finalmente vai achar que não a merece mais.

Conto as horas quando o dia nasce para conversar com ela. Vou me desculpar, vou explicar que nada do que fiz por elas foi um plano. Jamais pensaria em algo assim. Ela não vai acreditar nas minhas palavras e espero por isso, mas vai acreditar na minha atitude. Vou retirar esse processo. E vou dizer isso a ela esta noite. Dizer porque deixei que Joaquim seguisse com isso, apenas para chegar até ela. Mas que aprendi que este não é o caminho.

Para alguém que sempre teve tudo de maneira fácil como eu, tem sido difícil aprender a conquistar o que realmente importa.

Precisei de uma tarde de compras antes do jantar, pois minhas roupas estavam desatualizadas. Agora uso uma camisa social que me parece apertada demais, mas as vendedoras da loja disseram que ficou perfeita, calça jeans e barba aparada mais uma vez. Marquei de chegar às oito, são sete e não consigo mais esperar. Do meu apartamento até a mansão não chega a trinta minutos de carro. Ainda assim, saio mais cedo. Talvez consiga conversar a sós com ela antes do jantar e assim tenhamos um jantar onde ela pelo menos olhe na minha cara.

Chego à mansão as sete e trinta e cinco. Assim que estaciono o carro a porta da frente da casa é aberta e ela aparece. Desço do carro e sorrio ao vê-la. Laura usa um vestido curto, colado ao seu corpo, na cor azul. Cada curva do seu corpo perfeitamente acariciada por ele. Tem os cabelos negros soltos em ondas e usa uma maquiagem diferente. Mais marcada do que costuma usar normalmente. Sorrio para ela como um bobo até que reparo em sua bolsa.

Ela tenta passar por mim, mas entro em sua frente.

— O que está acontecendo? Onde você vai?

— Tenho um jantar.

— Sim, comigo.

— Eva está esperando você lá dentro.

— Como assim Eva está me esperando? Você não vai ficar para jantar?

— Ela se arrumou e decorou a mesa. Diga a ela que está linda e que você amou.

— Laura, olha para mim! — Seus olhos castanhos pousam nos meus e me sinto perdido. — Onde você vai? Eu preciso muito falar com você.

— Fica para outra hora, João Pedro.

— Esta é a outra hora! Você não podia ontem, deixamos para hoje. Nós vamos ter um jantar em família, onde você vai?

Reparo mais uma vez o vestido. Ele não é sensual demais, acho que não

seria em qualquer outra mulher. Talvez seja porque é ela. E tudo o que ela usa, tudo o que faz, me deixam tão fascinado e excitado.

— Você está lindíssima!

— Obrigada.

O barulho de um carro soa e avisto o imbecil do advogado estacionando em frente ao meu carro.

— Isso é sério? Você vai sair com ele?

— Como eu disse, Eva está esperando você.

Ela desce um degrau em direção ao carro e entro em sua frente de novo. Seguro sua mão e ela olha em meu rosto.

— Não faça isso, por favor, não vá — peço.

Ela tenta passar, mas continuo segurando sua mão. Não a deixo ir.

— João Pedro, para com isso!

— Fica comigo, Laura, não vá com ele. Entra comigo, vamos jantar, vamos conversar primeiro, você vai entender o quanto é importante termos esta conversa.

— Podemos falar outra hora! Eu não estou à sua disposição. Eu tenho um jantar com um amigo agora, você pode parar de agir como um maluco e me deixar ir?

— Eu não sei deixar você ir! Você não entende isso?

— Não! Era para eu entender?

— Laura, por favor, não vá.

— Me solta, João Pedro. Isso já está ficando ridículo.

O advogado se aproxima curioso sobre a situação, Laura tenta se soltar, disfarçando para que ele não entenda o que está acontecendo aqui. E na verdade sou eu que não entendo o que está acontecendo. Ela se arrumou e preferiu passar seu tempo com ele.

— João Pedro, por favor— pede cansada e a solto.

Ela nem olha para trás quando o cumprimenta e entra em seu carro. E então vai com ele. E quero segui-los e agir como um louco, quero lembrá-la que ela é minha! É minha mulher, não dele!

Mas ela é livre. Ela é livre!

Entro na mansão me sentindo de novo desanimado. Laura e esse advogado devem estar juntos. Ela tem algum tipo de romance com ele. Ela nunca foi do tipo que sai com amigos para jantares e se arruma assim. Ela sempre foi fechada, na dela, de poucos amigos, caseira.

Minha filha me abraça e elogia a roupa que usa. Também elogia a mesa. Por ela, coloco o sorriso no rosto e brinco, canto, conto piadas. Deixo que coma a sobremesa primeiro. E entendo Laura, em cada vez que fingiu que estava bem para que Eva também ficasse, porque estou fazendo isso agora.

Enquanto come empurrada o jantar, já que a condição para que comesse a sobremesa primeiro foi que ela comeria o jantar todo depois, ela me observa com seus olhos azuis.

— O que você tem, papai?

— Nada, por quê?

— Você está com cara de dor de barriga — diz e ri baixinho.

— Eva, você conhece esse amigo com quem a mamãe saiu hoje?

Ela assente.

— Você gosta dele?

Ela assente de novo.

— Ele vem muito aqui?

Ela nega.

— Ele ia na casa onde você e a mamãe moravam?

Ela nega de novo.

— A mamãe disse que ele é o que dela?

Ela cruza as mãozinhas e me encara.

— Você quer saber se eles são amantes?

— Eva! Eu disse para você não usar mais esta palavra.

— Desculpa.

— Eles são? — pergunto quando ela não diz nada.

Minha filha de cinco anos está rindo da minha cara. Ao invés de responder, está olhando para mim e rindo.

— Eu acho que você está com ciames — responde finalmente.

— Ciúmes, Eva.

— Isso! Você está!

Ela está rindo abertamente agora. Segura uma mexa do cabelo entre os dedos, uma mania que Laura tinha, e me encara rindo.

— O tio Elias é legal, mas a mamãe gosta de você — diz de repente.

— E de onde você tirou isso?

— Da mamãe, ué! Eu perguntei se ela gosta de você e ela disse muito. Então eu disse que vocês vão se casar de novo.

— E o que ela disse?

— Nada! Eu saí correndo.

— Boa menina! — Estendo a palma da mão diante de seu rosto e ela toca minha mão com um sorriso. — Que tal se você perguntar a ela se ela gosta do tio Elias? E aí, você me conta. Mas ela não pode saber que eu te pedi isso.

Ela cruza os braços e me olha desconfiada.

— Isso é porque você quer se casar com a mamãe de novo?

Não reconheço em sua careta desconfiada e no seu tom de voz se está feliz ou chateada ao constatar isso, mas espero muito ter uma cúmplice agora.

— Sim, amor. É o que eu mais quero na vida.

Ela descruza os braços e vem até mim. A pego no colo e ela abre seu sorriso. Aquele sorriso doce que ilumina mesmo as sombras mais ocultas em minha alma.

— Tudo bem! Eu pergunto — concorda animada.

— Mas a mamãe não pode saber que eu pedi isso.

— Ela não vai. Vou dizer a ela que quero que vocês se casem de novo. Vou dizer todos os dias. Mamãe sempre faz o que peço, mesmo quando não é o que ela quer fazer.

Beijo sua testa e acaricio seu cabelo.

— Você não precisa fazer isso, meu anjo. Quero muito que a mamãe se case comigo de novo, mas só se ela realmente quiser fazer isso. Quero que a mamãe me ame como eu a amo. Então você só precisa perguntar a ela se ela gosta do tio Elias, tudo bem?

Ela assente, cabisbaixa.

— Isso vai demorar? Para você e a mamãe voltarem? Porque eu queria muito que vocês dois dormissem comigo de novo.

— Não precisamos estar juntos para isso, princesa. Quando você quiser o papai dorme aqui com você.

Ela me abraça e desisto de obrigá-la a comer. Deixo isso para sua mãe. A pego no colo e a levo para a biblioteca improvisada, para ler algo para ela.

As horas vão passando e nem sinal da Laura. Com certeza eles já jantaram. O que estão fazendo a essa hora? Eva começa a cochilar ao meu lado e a cutuco.

— Ei, acorda. Você não disse que ia esperar a mamãe chegar comigo?

— Estou acordada, papai — responde com a voz arrastada de sono. — Sou sua cúmplice.

— Cúmplice.

— Isso.

São quase dez e nem sinal de Laura. Que jantar demorado é esse? Me levanto e observo as janelas, na esperança que esteja no carro, ali fora, só esperando que eu saia para entrar, aturando a conversa chata do amigo enquanto quase me mata de ciúmes, mas não há carro algum além do meu.

Dou voltas pela sala, Eva está cochilando toda torta no sofá agora. Queria que ela ficasse acordada porque a usaria como a desculpa para estar aqui até tão tarde. Mas o que caralho estou fazendo, afinal? Laura está com outra pessoa, não posso fazer nada sobre isso. Não posso simplesmente fazê-la aparecer em casa para que eu fique mais tranquilo.

Sinto uma dor no estômago estranha e estou tão irritado que preciso beber. Pego Eva com cuidado e subo as escadas com ela. Tiro o vestido cheio de botões que usa e visto seu pijama. Tiro os laços do cabelo e a deito. A cubro e faço a oração. Apago a luz do quarto, mas deixo a do abajur acesa, Laura fez isso na outra noite quando deixou o quarto. Saio na ponta dos pés para que não acorde.

São quase onze e nem sinal da Laura. Eu vou embora, não tem porque ficar aqui esperando por ela. Mas então abro a porta e não consigo. Não consigo simplesmente entrar no carro e ir. Preciso vê-la, saber como está. Se vai voltar para a casa hoje, se vai voltar sozinha. Se estará arrumada como quando saiu daqui, ou seus cabelos estarão bagunçados como alguém que acabou de fazer amor com outro.

Estou surtando, parece que estou até mesmo suando frio. Sento-me nas escadas do lado de fora da casa, deixando que o vento frio leve esse suor embora. Minha pele não parece molhada, mas tenho essa sensação de estar suando. O que está havendo?

Espero ansiosamente que ela chegue, que os faróis de um carro iluminem a entrada da casa, e isso finalmente acontece. Eles chegam. Laura se despede dele com um beijo no rosto, para meu alívio. Mas isso não ameniza minha palpitação e dor de estômago. Ela desce do carro e se assusta ao me ver. Ele buzina para ela, como que perguntando se precisa de ajuda. Esse babaca! Ela faz um sinal que ele pode ir e ele vai. Ela fica parada, olhando-o partir. Não sei se lamentando sua partida ou apenas me evitando. Até que anda até onde estou e para no degrau à minha frente.

— Você já não deveria ter ido embora?

Penso em dizer que Eva acabou de dormir, que tive medo de ela ter pesadelos e nenhum de nós estar aqui para socorrê-la, mas não há motivo para isso. Levanto-me e a encaro. Tem o cabelo em ondas perfeitamente alinhadas, a maquiagem intacta. Ela não fez amor com esse babaca esta noite. Isso sim alivia bastante a tensão, palpitação e dor de estômago.

— E você não deveria já estar em casa. Assim, tão cedo. Nem precisei esperar muito.

— Você podia ter ido, a Eva não ia ficar sozinha, Mara está em casa e sabia que eu ia sair. Você só precisava tê-la chamado.

— Não estava esperando pela Eva. Esperei porque estou louco de ciúmes. Porque foi muita maldade sua ter saído com outro esta noite, Laura.

Ela revira os olhos, não acreditando em mim, como sempre. Passa por mim e sobe as escadas. Mas suas mãos tremem quando tenta colocar a chave na porta e as deixa cair. As pego para ela, parando logo atrás de seu corpo e espero. Estou tão perto dela, que seu cabelo macio faz cócegas em meu rosto. Sua respiração está acelerada, assim como a minha. Ela espera pela chave e estou feliz por ter trancado a porta.

Finalmente ela se vira. Devagar, tentando muito não encostar em mim, mas não tem como. A cerco com meus braços, apoiando as mãos na porta.

— Como foi a sua noite, Laura? — pergunto olhando dos seus olhos para sua boca.

— Maravilhosa e a sua?

— Quase um inferno. Claro, a presença da Eva não deixou a noite ser uma porcaria. Mas a sua ausência fodeu com a minha mente.

— Não posso dizer que sinto muito. Você não precisava ter se preocupado.

— Mas eu me preocupei. Estou neste momento sentindo seu cheiro e procurando um cheiro que não devia estar em você. Mas não há nada, Laura. Você sequer o abraçou. Você costumava ser mais quente em seus encontros.

— Eu não disse que isso era um encontro. Foi um jantar. Maravilhoso.

Com uma companhia maravilhosa. Alguém em quem eu realmente confio.

Sorrio.

— Então eu deveria estar grato que a confiança não seja sinônimo de paixão.

— Não sei do que está falando. Me dê a minha chave e vá embora.

— Você não confia em mim — digo e ela assente, como se isso fosse óbvio. — Ainda assim, eu poderia fazê-la derreter agora. Só um pouquinho. Só para você provar um pouco do inferno em que me deixou a noite toda, Laura.

Aproximo minha boca da sua orelha e mordisco de leve. Ela tenta se afastar, mas não permito. No segundo em que coloca as mãos em meu peito para me empurrar, a cerco com meus braços e a beijo. Com esse fogo, esse maldito fogo que ela me desperta. A beijo com a sofreguidão que me fez passar, com a necessidade que tenho dela. De tê-la, de fazê-la se lembrar que é minha. Que não precisamos de confiança e amizade para que essa paixão avassaladora surja. Isso, ela não pode negar.

Porque ela cede. Apesar de me odiar, de não confiar em mim, ela cede quando nossos lábios se tocam. Cede quando perdemos o ar e quero possuí-la aqui mesmo, contra essa porta. Cede quando mordisco seu pescoço e passeio minha língua por sua pele macia e quente. Cede quando a beijo de novo. Ela corresponde, pega fogo em meus braços, seus lábios se movendo em sintonia com os meus. O desespero também está em seu corpo, a urgência, a necessidade.

Interrompo o beijo e ela pede baixinho, os olhos fechados, a respiração acelerada, as mãos ainda em meu peito, mas não mais tentando me afastar dela.

— Chega, João Pedro, é o suficiente.

— Não está nem perto de ser o suficiente. Quando eu estiver dentro de você ainda não será o suficiente. Eu quero tanto você que estou a ponto de ficar louco, Laura.

— Por favor, João Pedro.

— Você entende que não é capaz de me afastar agora? Que precisa que eu seja forte por nós dois? Porque você ainda me quer, Laura. Porque essa paixão não morreu em você. Não é só o meu fogo que queima, você também incendeia quando eu a toco. Seu corpo me reconhece, seu prazer me reconhece. Não é o suficiente.

Afundo o rosto em seu pescoço, ela não tenta me afastar, mantém os olhos fechados e fica quieta em meus braços. Mas sei que não vai durar. Não. Ela precisa querer isso. Ao menos um pouco do quanto a quero. Se eu a tiver agora, ela vai me odiar ainda mais amanhã.

— Eu vou deixá-la entrar sozinha, Laura. Só porque não é o suficiente. Eu quero você e quero que você me queira de volta. Que você admita que me quer. Eu quero um beijo.

Ela abre os olhos, irritada.

— Você acabou de me beijar! Eu perdi a conta de quantas vezes.

— Mas eu quero que você me beije.

Ela sorri, aquele sorriso debochado, provocante. Como eu amo essa nova Laura!

— Vai sonhando, isso nunca vai acontecer. Você pode conhecer o meu corpo bem o bastante para me tirar de órbita como fez agora. Mas você nunca vai chegar naquele ponto do coração onde eu quero beijar você. Nunca mais.

— Vamos ver isso, meu amor — respondo abrindo a porta atrás dela.

Ela não tira os olhos de mim, dá um passo para trás e entra em casa, então bate a porta na minha cara. E me sinto vivo, em chamas, duro, desesperado e faminto por ela.

12

João Pedro

Encontro Christopher em sua sala, no dia seguinte.

— JP, que bons ventos o trazem? — me cumprimenta com um abraço antes de voltar à sua cadeira de CEO.

— Vim te pedir um favor, como amigo.

— Claro.

— Demita, por favor, seu funcionário chamado Elias.

Ele arqueia as sobrancelhas e não diz nada, então continuo.

— Um advogado que vive grudado na Laura como se precisasse usar a respiração dela para respirar.

Ele ri, ri alto e gira em sua cadeira, claramente se divertindo.

— Não vou demitir meu melhor advogado porque você está com ciúmes.

— Você disse que era meu amigo, Chris! Eu apanhei por você na prisão, isso não conta?

Ele ri mais ainda.

— Conta, conta muito, amigo. Menos para isso. Elias é um ótimo profissional e não irei demiti-lo. Mesmo porque, ainda que ele saia, outro funcionário qualquer pode se interessar por sua mulher, se você não percebeu, ela é muito atraente. E eu não vou ficar demitindo todo homem que se aproximar dela.

— Você é um péssimo amigo, Becker.

— As coisas com ela não vão bem, eu imagino.

— Não vão bem é bondade sua. Eu não a entendo. Ela queima por mim, cede quando a toco, se derrete nos meus braços. Mas não somos capazes de ter uma conversa civilizada sem que ela me mostre o quanto não signifique nada para ela. E eu tentei de tudo, Chris! Eu fui amigo, fui atencioso e companheiro e me declarei para ela naquele desfile. E nada! Ela não sentiu absolutamente nada! Então eu entendi que ela se fechou para mim. Ela sofreu demais por minha causa, chegou num nível da dor em que construiu um muro de proteção contra mim. E não consigo atravessar esse muro sendo legal com ela. Ela não me deixa entrar.

Olho em volta de sua sala. Não havia funcionários quando entrei aqui, Christopher parece estar aqui sozinho.

— E sabe como descobri isso? Ela me disse. Quando a feri de novo. Na verdade, foi o Joaquim, mas ela achou que fosse eu. Ela ficou péssima, nunca a vi tão mal, então assim, destruída, ela se abriu. Disse o que sentiu, o que passou, o que sente agora, tudo. Ela me deixou atingi-la. E eu percebi que era o único jeito de chegar até ela. Eu preciso atingi-la. Ela entra na defensiva, quase sempre na ofensiva e então ela se abre. Se expõe, me deixa chegar nela. Me deixa mexer com ela. Só que isso está me matando, porque ela se fere nesse processo e não consigo pensar em um jeito de atingi-la sem feri-la, por isso estou aqui.

Ele assente pensativo.

— Então você não veio para pedir a demissão do Elias

— Isso também. Mas vim principalmente para ser julgado. Joaquim entrou na justiça pedindo a guarda da Eva, eu assinei a merda do documento sem ler e ele o mostrou a Laura. Foi isso o que a destruiu. Foi isso o que, de

alguma forma torta, nos aproximou. Eu tentei me explicar, mas entendi isso, que era o único meio de chegar até ela, então deixei que ela acreditasse que vou mesmo tira a Eva dela.

Encaro meu amigo esperando seu sermão, mas ele está apenas pensativo.

— E você vai? — pergunta um tempo depois.

— Nunca faria isso com elas.

— Sua situação está uma merda, amigo. Acho melhor bebermos alguma coisa.

Ele se levanta para nos servir algo.

— Achei que a gravadora estivesse de recesso.

— Está, estou aqui hoje porque precisei adiantar algumas coisas da semana que vem. Vou viajar com a Ellen e o Rafael, não estarei aqui nos próximos dias. Vamos passar o ano novo na praia.

Ele volta e me serve uma dose de conhaque.

— Estou esperando, pode dizer que sou um monstro egoísta e lunático por ter feito isso com ela.

Ele ri, como se eu tivesse contado alguma piada.

— Você está brincando comigo, JP? Você acha que justo eu irei julgá-lo? Eu não joguei limpo para ter a Ellen. Eu fiz coisas que me envergonham até hoje.

— O que? Foi pior do que assumir um crime por ela?

Ele ri. A história de sua prisão é conhecida nacionalmente.

— Eu menti, a manipulei, criei situações para que ela dependesse de mim. Fui egoísta e um verdadeiro babaca até aprender a lição. Não que eu seja alguém melhor agora, mas eu aprendi essa lição. Para ela, não minto nunca mais. Por isso, não irei julgá-lo, eu o entendo. A gente faz o que é preciso, não importa o que seja, não importa o quanto isso nos mate por dentro aos poucos, a gente faz. Espero que seu final seja como o meu. E eu vou dizer, não foi fácil, JP. Você conhece uma parte da história, você esteve

nela comigo e depois que eu fugi da prisão, isso só piorou. Não foi nada fácil, achei mesmo que iria perdê-la. Mas olha onde estamos agora. Tenho a mulher da minha vida, tenho um filho lindo e saudável e não importa o que aconteça aqui fora, sempre serei feliz aqui dentro.

Viro o copo invejando meu amigo por alguns segundos.

— Se ela é a mulher da sua vida, faça o que tem que fazer.

— Só que eu não sei mais o que fazer — confesso. — A voz da razão diz que eu devia aceitar que acabou. Mas não posso. Não consigo. Não sou inteiro sem ela, Chris. Não sei o que fazer.

— Talvez você não precise machucá-la para atingi-la. Você é inteligente, JP, vai chegar a uma solução.

— No momento, sou só um maluco apaixonado. O Joaquim disse que ele e a Laura tiveram um caso. O que você acha? — pergunto temendo sua resposta.

— Pouco provável. Mas acho que você deveria perguntar isso a ela. Tenho a impressão que ela vai querer responder isso — sugere. — A propósito, o advogado que o ajudou a desmascarar seu irmão, foi o Elias — diz abrindo um sorriso zombeteiro.

— Que merda, homem! Você não tinha outro advogado para pedir esse favor?

Ele fica rindo e conversamos por mais algum tempo até que nos despedimos já que não sei quando o verei de novo.

Vou direito até a mansão seguir o conselho do meu amigo. Laura está no jardim regando algumas flores, enquanto Eva anda de bicicleta. Ela desce assim que me vê e corre até mim, com seu sorriso doce e os olhinhos brilhando, como sempre.

— Você perguntou o que pedi? — pergunto em seu ouvido enquanto rodopio com ela, que ri alto.

— Ela gosta dele — responde não tão baixo e vejo o olhar de Laura sobre nós.

— Psiu! Fale mais baixo, espiã. Assim você nos entrega.

— Desculpe — responde sussurrando.

— Vocês dois vão cair na piscina se não pararem de girar como malucos — Laura avisa me fazendo parar perto demais da piscina.

Sento Eva em uma cadeira e me sento com ela até que nossa tontura passe, e observo Laura em uma calça jeans e top, regando flores em gestos tão rotineiros e lamento mais uma vez não fazer parte disso. Lamento que uma cena como esta seja algo tão inédito para mim.

— O que mais ela disse? — pergunto a Eva.

— Que ele é colega de trabalho dela. Não sei o que é um colega. Acho que não gosto dessa palavra.

— É quase a mesma coisa que um amigo. Só que é aquele amigo por quem você não tem tanto carinho, quanto os que chama realmente de amigos. Tem certeza que ela disse colega e não amigo?

— Papai! Eu não inventei essa palavra feia! E não entendi nada! — defende-se irritada.

— Tudo bem, então acho que podemos ficar felizes.

— Quer dizer que eles não são amantes?

— Não! Não repita isso! O papai já disse a você, quer me arrumar problemas com a mamãe? E bem, não podemos ter certeza, mas colega não parece um título adequado caso ela pretendesse que ele fizesse parte da sua vida, então acho que não.

Ela fica rindo e vai correndo até a mãe. Pula nela a derrubando e comemora.

— Você não é amante do tio Elias, não é mamãe?

— Ei, sua pequena fofoqueira! — repreendo quando Laura me lança um olhar irritado e não responde a pergunta de Eva.

Pouco depois, a encontro no escritório, analisando algum papel como

se fosse algo importante. Bato na porta para avisar que estou entrando e ela sequer olha para mim, mas diz:

— Veio me perguntar diretamente se sou amante do meu advogado?

— Você não é, disse à Eva que são colegas. Você sequer o considera um amigo. Mas vim te perguntar diretamente se você e o Joaquim já foram amantes.

— Eca! Que nojo! Por que está me perguntando isso?

Ela me olha irritada e a careta de desgosto em seu rosto é tão engraçada que me pego rindo, aliviado e feliz com sua reação. Christopher estava certo sobre a resposta dela.

— Ele insinuou algo do tipo...

— Ele bem tentou — ela comenta voltando o olhar para o papel em sua mão.

— Como assim ele bem tentou? — Ela parece imediatamente arrependida, tenta deixar o escritório, mas a impeço. Fecho a porta antes que passe. — Laura, o que quer dizer com isso?

Ela não me responde e nem me olha, então tiro o papel de sua mão, forçando-a a olhar para mim.

— O que aconteceu?

— Não é o momento.

— Você está deixando conversas demais para depois. Quero saber agora. O que ele fez?

— Tirando a Eva, que é uma criança, seu irmão é a única família que você tem agora. Tem certeza que quer falar disso? Porque talvez você não vá mais tê-lo como família se tivermos essa conversa.

— Prefiro que você não me proteja quando se trata dos erros da minha família, Laura. Você não contou quando meu pai tentou comprá-la. O que não está me contando agora?

— Seu pai e irmão fizeram da minha vida um verdadeiro inferno, João Pedro. Se eu fosse te contar tudo, ficaríamos aqui até a virada do ano.

— Só me conte a verdade, por favor.

Ela aponta a cadeira para eu me sentar e o faço. Ela se senta de frente para mim. Parece procurar uma melhor maneira de dizer o que vai dizer.

— Quando você foi preso, Joaquim esteve ao meu lado. Até o seu julgamento ele ia me ver todos os dias. Levava coisas para a Eva, foi ele quem nos levou da maternidade até a casa onde morávamos. Ele me ajudou então com a mudança para uma casa menor. Ele estava sempre ali. E eu precisava tanto de um amigo, eu estava perdida e mesmo sentindo que ele não era confiável, deixei que se aproximasse. Ele era seu irmão!

Ela respira fundo, sempre que seu passado está ligado a alguém da minha família, parece difícil para ela. Por isso, seguro sua mão, para que sinta confiança de continuar.

— Ele não me viu chorar por você no dia do seu julgamento. Eu não fiz isso na frente dele. Eu estava em negação. Sei lá, eu tinha esperanças que tudo não passasse de um mal entendido e então você sairia livre, provaria sua inocência e viria até nós. Mas ele me contou que você foi condenado. E eu mantive a pose, como se não me importasse, como se não sentisse mais nada por você. Aqui dentro havia uma tempestade, mas lá fora...

— Você exibia o sol — completo e ela assente.

— Então ele me fez uma proposta, uma chance de me vingar de você. Ele queria registrar a Eva em nome dele. Assim, você não poderia registrá-la quando estivesse livre, ela já teria um pai que cuidaria dela, a quem ela amaria e ele acreditava que você não ia ter coragem de tirar isso dela.

Solto sua mão porque suas palavras parecem não estar entrando em minha mente.

— Ele disse que como pai da Eva, daria de tudo a ela, nós não teríamos que sair da nossa casa, ela teria tudo aquilo o que eu vivia desesperada repetindo que faltaria, e ele nos garantiria conforto o resto de nossas vidas. E em troca, ele queria que eu fosse sua amante.

Me levanto de repente, tomado por uma fúria que nunca senti antes, nem nos meus piores momentos. Sentindo a mesma necessidade de puni-lo, do que de me afastar dele.

— Ele não fez isso — digo para mim mesmo.

— Eu não estou inventando isso. Eu juro que eu...

Viro-me para ela e a abraço. A prendo em meus braços tentando conter a ira, a fúria, a vontade de ir até ele agora mesmo e matá-lo.

— Eu acredito em você, Laura. Ele me prometeu que cuidaria de você. E era assim que ele pretendia cuidar?

— Se acalme, você está me machucando.

A solto imediatamente e acaricio seus braços. Parece que não consigo ter controle sobre mim agora.

— Sinto muito, Laura.

Passo pela porta e ela me segue.

— Onde você vai?

— Matá-lo.

— Não fala uma coisa dessas nem de brincadeira. João Pedro, vamos conversar, se acalme primeiro, depois você o procura.

Não a escuto continuo andando e passo pela porta e por Eva sem me deter.

— Mara, olha a Eva, por favor — ouço Laura gritar e pouco antes de eu arrancar com o carro, ela se joga dentro dele. — Vamos para sua casa, está bem? A gente conversa e você se acalma primeiro. Por favor, não o procure assim.

Olho para ela desesperada ao meu lado, mas sigo direto até o apartamento onde sei que Joaquim está morando. Para meu azar, ele não está no momento, então volto ao carro, Laura correndo atrás de mim, tentando me convencer.

— Isso foi um sinal, não fale com ele agora. Por favor! João Pedro! — ela grita e paro. Olho para ela assustada, desesperada, temendo que eu vá cometer outro crime agora. — Eva precisa de você. Não faça nada de cabeça quente, por favor, vamos conversar em algum lugar.

Ando até ela e a abraço. Não a aperto dessa vez, ao contrário, me sinto acalmar quando ela me abraça de volta. Beijo sua cabeça e acaricio suas costas.

— Me perdoa, me perdoa por ter deixado você nas mãos dele. Me perdoa por você ter tido que passar por isso, já não era difícil o bastante, não é? Você não precisava do meu irmão mal caráter e perverso te fazendo essa proposta.

— Obrigada por acreditar em mim — ela diz.

— Laura, como eu não acreditaria? — pergunto tocando seu rosto.

— Não sei, ele é seu irmão, afinal de contas. Como eu disse antes, sua única família. Eu não imagino como você está se sentindo agora, duas perdas em tão pouco tempo. Então, obrigada por não duvidar da minha palavra.

— Você é meu único ponto de luz nessa vida, Laura. Você é meu ponto de equilíbrio, de verdade, minha bússola. Como eu não iria acreditar em você? Mesmo que o mundo todo dissesse o contrário, eu ainda acreditaria em você. Vem, vamos para a Nobre, podemos conversar no terraço.

— Não é uma boa ideia — responde, mas entra no carro e não tenta me convencer do contrário no caminho até lá.

Todos os olhares estão sobre nós quando chegamos. E então o vejo. Joaquim está na sala da Abigail, os dois riem de alguma coisa e é aí que me ocorre o que deixei passar sobre ela. Joaquim deu golpes na empresa nos últimos meses. A maioria deles quando ela era a presidente. Se eu identifiquei esses processos em um dia, como é possível que ela não os tenha visto?

É claro! Ela os viu. Ela sabia de tudo, estava com ele nesses golpes, por isso se tornou a presidente interina, não foi o papai que a colocou ali, foi o Joaquim.

— Acho que você vai querer chamar a polícia agora, Laura — advirto.

— O quê? — Ela avista Joaquim e vou direto até ele. — Não! João Pedro, não faça isso!

— Eu não vou matá-lo, só agredi-lo até quase a morte — respondo e ela não tenta mais me impedir.

Joaquim sorri ao me ver, vem em minha direção e assim que estou perto o bastante o acerto com um soco. Ele cambaleia para trás e ouço o grito de Abigail, então o acerto com outro, e mais um. Ele cai, mas está rindo. Se levanta devagar, com a ajuda de Abigail, que repete sem parar que estou louco e o maldito do Joaquim está rindo.

Assim que se levanta diante de mim, o acerto com outro soco.

— Isso, é por ter roubado nosso pai.

— João Pedro... — ele tenta falar, mas continuo.

— Esse, por ter negado à minha mulher o dinheiro que era dela por todos esses anos. Esse, é por ter oferecido registrar a minha filha e esse — acerto o último, que o derruba com a cara ensanguentada. — É por ter proposto a ela que fosse sua amante. Você nunca mais vai dirigir a palavra a ela, Joaquim, ou eu mato você.

Abigail se ajoelha ao lado dele desesperada, chamando uma ambulância.

— Abigail, pegue suas coisas e suma daqui, você está demitida!

— Mas, João Pedro, o que eu fiz?

— Você quer mesmo que eu responda isso aqui? Agora?

Ela abaixa a cabeça e nega. E saio de sua sala, para encontrar todos os olhares assustados sobre mim. Tomo então ciência do quanto acabei de fortalecer a imagem de bandido que tenho para muitos aqui, mas não me importo. Laura está parada no corredor, olhando Joaquim caído no chão. Quando seus olhos encontram os meus, temo ver esse mesmo olhar de medo, o mesmo olhar de acusação. Afinal, um homem não sai de uma prisão igual entrou nela. Mas não há, em seus olhos não há medo, ela diz:

— Não chamei a polícia. Só para você saber.

— E eu não o matei.

— Tem certeza? Ele não parece estar se mexendo. — Ela olha em volta e diz:— Acho melhor sairmos daqui.

Ela quer me livrar dos olhares, das acusações, do medo. É tão boa, que

mesmo achando que eu a manipulei e a Eva para tirá-la dela, ainda quer me ajudar. Ainda cuida de mim. Sempre a minha heroína. Me estende a mão e a toco e deixo que ela me leve até o carro.

Ficamos dando voltas pela cidade por horas. O dia escurece, a noite chega e ela está calada ao meu lado. Então a levo para casa. Quando reconhece o caminho, ela parece mais aliviada.

— Eu sinto muito — diz quando paro o carro em frente a mansão. — Pelo seu irmão. Eu sei como é ruim ficar sozinho. Por isso eu não queria te contar nada.

Assinto, apenas. Me sinto estranho, a raiva se foi, a fúria se foi, mas há algo. Como um vazio em meu peito, como se eu tivesse perdido de fato alguém. Estou de luto, o que é ridículo.

— Parece que esses anos na prisão me transformaram em um homem que resolve as coisas com violência — digo após ficarmos em silêncio.

— Não estou julgando você. Quer dizer, seu pai o tirou do testamento e você tomou a presidência dele. Se não foram castigos suficiente, não acho que haveriam castigos suficiente.

— Você acha que agora foi suficiente?

— Acho que agora ele vai sumir um tempo, está envergonhado. Seu ego está ferido. Você acabou com ele de todas as formas possíveis nas últimas semanas.

Concordo. Não sei se fico feliz ou triste por isso. Ela abre a porta do carro para sair, mas diz antes:

— Mas acho que ele vai se vingar. Tome cuidado.

— Ele não vai. Quer dizer, eu sempre achei que ele não era mau, só um garoto mimado, como eu. Talvez seja nosso DNA no fim das contas, somos todos bandidos. Acho que eu devia mesmo tomar cuidado.

Ela assente e desce do carro.

— Laura — chamo antes que feche a porta e ela se abaixa para me ouvir. — Você disse que eu poderia dormir na sua casa de novo se mais alguém da minha família morresse, então...

Ela sorri.

— Boa noite, João Pedro.

Desço imediatamente do carro e a sigo para dentro da casa. Se seu boa noite não foi um convite, ela não me manda ir embora quando entro, janto com elas e vou dormir com Eva. Laura não cede dessa vez, não dorme conosco na cama pequena, mas tenho uma das minhas melhores noites de sono ao lado da minha filha.

É véspera de ano novo e Eva me confidencia que nunca foi ver os fogos de artifício. Ela e a mãe sempre os viram ao longe, ou pela televisão. Mas Laura nunca quis arriscar sair com uma filha pequena, em um dia onde todas as ruas da cidade lotam, onde assaltos acontecem, onde quase não é possível transitar próximo à Lagoa onde acontecem as queimas de fogos. Claro, elas nunca tiveram condições de comprar por um passe para assistir à queima de fogos em segurança e com privacidade. Então faço isso imediatamente. É difícil por estar em cima da hora, mas consigo três passes em um local privilegiado para assistirmos a queima de fogos.

Então dou esta notícia a Laura, quando vou ver Eva. Sua reação não é nem de longe a que eu esperava.

— O Elias nos convidou para passarmos a virada do ano com ele.

— De jeito nenhum você vai levar minha filha logo na virada do ano — respondo imediatamente.

— Não pretendia fazer isso. Ele o convidou também, você pode ir conosco.

— Você está brincando comigo? E ficar lá de vela de você e seu coleguinha advogado? Vamos passar só nos três, Laura, como uma família! Ele não é da nossa família!

— Você não é da minha família, ainda assim sou obrigada a aturá-lo nessas datas festivas — responde irritada.

— Talvez a Eva queira escolher com quem quer passar a virada do ano — sugiro.

— Tenta a sorte, você não está pronto para essa batalha.

— Eva! Eva! — chamo e ela aparece pouco depois. — Adivinha o que o papai conseguiu? Ingressos para vermos os fogos de artifício na lagoa!

Ela comemora e abraça minhas pernas, o máximo que alcança, já que é bem pequena.

— Mas vamos só você e eu, tudo bem? — digo e seu sorriso some. Ela olha para a mãe e um beijo se forma em seus lábios.

— Por que você não vai?

— Porque a mamãe prometeu para o tio Elias que ia passar com ele, amor. Ele convidou você também. Mas, se você quiser ir com seu pai, eu vou entender.

— Mas eu vou ficar longe de você? Não quero ver os fogos sem você — ela diz e abraça a mãe.

— Mas Eva, você não disse que sonha em ver os fogos de perto? — tento.

— Eu quero, mas com a mamãe.

O sorriso no rosto de Laura dura pouco. Até minha cartada seguinte.

— O papai comprou três ingressos para a mamãe ir com a gente. Mas ela prefere passar o ano novo com o tio Elias e assim você não pode ver os fogos.

Eva a solta e a olha com um beijo maior ainda, e Laura me olha como se fosse me matar.

— Quer parar de manipulá-la! Ela não é seu brinquedo — ralha irritada.

— Mamãe, por favor. Eu quero tanto ver os fogos. O papai já tem os ingressos. Por favor! A gente pode ir na casa do tio Elias outro dia. Só amanhã tem fogos. A casa do tio Elias tem todos os dias. Mamãe!

O sorriso da vitória está em meu rosto agora.

— Você é desprezível, sabia? — Laura pergunta irritada.

— Você já me disse coisas piores.

— Mamãe, por favor. Podemos ir ver os fogos? A gente vai para a casa do tio Elias depois dos fogos. Mas podemos ir ver?

— Tudo bem, meu amor, nós vamos ver os fogos. — Eva e eu comemoramos, mas Laura logo mata minha felicidade. — Mas no domingo a gente passa o dia todo com o tio Elias, tudo bem? E você não vai ver o seu papai.

— Tudo bem! — Eva concorda imediatamente e lança a Laura meu olhar irritado.

— O primeiro dia do ano longe da minha filha?

— Por que você acha que só eu tenho que abrir exceções?

— Você me paga — aviso aproximando-me dela, há um sorriso em seu rosto, dura apenas um segundo. No seguinte, ela olha o papel em sua mão, algo sobre a maldita audiência, e seu sorriso some, assim como sua paciência comigo.

— A que horas você nos pega? — pergunta olhando para o papel.

— Às oito em ponto.

— Tudo bem, se você se atrasar um minuto, nós vamos para a casa do Elias e você vai passar a virada do ano sozinho — diz ainda sem olhar para mim, então se vira e vai para o escritório e não aparece nem mesmo para se despedir.

Estranhamente, estou me sentindo mal o dia todo. Meu corpo parece pesado, e tenho dificuldade em me manter acordado. Durmo por boa parte da tarde, e acordo com o despertador do celular para buscar Eva e Laura. Vamos jantar primeiro, e depois iremos até a Lagoa. Vai ser a primeira vez nos últimos cinco anos que vou realmente comemorar a virada do ano.

Tomo um banho com certa dificuldade. Não entendo de onde vem esse mal-estar, eu sequer almocei hoje. Não comi nada que possa ter me feito passar mal assim. Visto a calça e calço os sapatos, mas me sinto tonto. E está tão frio! Não costuma fazer frio nesta cidade na virada do ano.

Escolho um casaco no meu novo guarda-roupa e me sento na cama para fechar os sapatos. O perfume está no banheiro, me levanto para ir até lá, mas não consigo. Minha visão escurece de repente, me sinto mais tonto do que minutos atrás e então não vejo mais nada.

13

Laura

São oito e dez e nem sinal do João Pedro. Eva corre de uma janela para a outra e parece preocupada.

— Seu pai já chega, amor — aviso, torcendo que isso realmente aconteça.

Ela assente, mas mantém a carinha triste, parece realmente preocupada.

— Mamãe estava brincando, não vamos para a casa do Elias se ele se atrasar. Vamos passar a virada do ano com ele, tudo bem? Você não precisa ficar tão preocupada.

— Não é isso, é que liguei para ele o dia todo e ele não me atendeu. É a primeira vez que ele não me atende — diz emburrada.

Eva sempre liga para ele do meu celular e ele nunca deixou de atendê-la. Começo a ficar preocupada. Mais vinte minutos se passam, uma chuva começa a se formar lá fora. Estamos sozinhas em casa, porque dei folga a todos os funcionários e começo a pensar que João Pedro não vem. Será que tem a ver com Joaquim? Ligo para ele várias vezes, mas seu telefone cai sempre na caixa postal. Então ligo para a portaria do prédio onde mora.

— Oi, boa noite. Meu nome é Laura, eu gostaria de saber se o morador do 2201 está no apartamento.

— Você mora neste edifício, senhora?

— Não, eu sou a mãe da filha dele. Ele ficou de buscar a filha e não estamos conseguindo contato, estamos preocupadas.

— Só um momento, eu vou verificar. — Pouco depois ele retorna. — Liguei algumas vezes no apartamento, mas ninguém atendeu. O segurança disse que ele não saiu hoje. Talvez não tenha voltado para a casa ontem.

— Tudo bem, obrigada.

Desligo o telefone ainda mais preocupada. Eva ligou para o pai ontem à noite, ele estava em casa. Algo não parece certo. Começo a pensar em Joaquim e sua vingança. Pensei que demoraria bem mais para planejá-la, mas estou realmente preocupada.

Raios soam lá fora, o céu está escuro e é loucura sair com um tempo desse. Corro até a garagem para ver se há algum carro disponível que eu possa usar e há mais de doze carros aqui. Pego uma chave qualquer e aciono, uma BMW azul responde e volto para dentro de casa.

— Eva, vem com a mamãe, vamos buscar o papai.

Pego uma coberta para protegê-la da chuva ao chegar lá e saímos no carro do avô dela até a casa de João Pedro. O apartamento onde moramos por um tempo, um caminho que ainda me lembro muito bem.

Eva está dormindo quando chegamos ao prédio e uma chuva forte cai lá fora. A deixo dentro do carro enquanto corro na chuva até a portaria.

— Boa noite, meu nome é Laura, estou procurando por João Pedro Fagundes, o morador do 2201.

Ele liga para o apartamento, mas ninguém responde. Começo a temer que João Pedro tenha se acidentado no caminho até a mansão. Tento ligar de novo, mas não atende.

— Eu poderia subir? — peço e o porteiro nega imediatamente.

— Sinto muito, senhora. Apenas moradores.

— Eu sou mulher dele — minto para convencê-lo. — Estamos vivendo separados agora, mas somos casados. Estou com nossa filha no carro e está

chovendo muito. Ele vai ficar muito irritado se souber que você não nos deixou entrar.

Ele parece na dúvida, então pede licença e vai chamar outro funcionário. Quem aparece é Bento, um dos porteiros de quando eu morava aqui, assim que me vê abre um sorriso e vem até mim, me abraçando.

— Senhora Laura, que prazer vê-la de novo! Como a senhora está? Ela é a esposa do senhor João Pedro, Leandro, ela pode subir! Onde está sua chave, senhora Laura?

— Ah, Bento, eu acabei esquecendo. Saí com minha filha tão apressada para fugir da chuva, sinto muito.

— Imagina, a senhora pode entrar!

Ele me empresta a chave reserva, assim como a da garagem, quando explico que não quero descer com Eva na chuva. Estaciono o carro e vejo o carro de João Pedro em sua vaga. Ele não sairia a pé logo no ano novo. Já passa das nove da noite e enquanto subo pelo elevador com Eva nos braços, a tensão começa a me tomar.

— Meu Deus, que ele esteja bem, por favor que o Joaquim não tenha feito nada com ele.

O elevador para em sua porta e é estranho entrar aqui de novo. Abro a porta e entro em um apartamento escuro.

— João Pedro? João Pedro, somos nós, você está em casa?

Entro pela sala e acendo a luz. O apartamento está exatamente como me lembrava dele, a mesma decoração, os mesmos móveis. Deposito Eva no sofá da sala e a cubro com uma manta, então vou procurar João Pedro.

— João Pedro! Você está em casa? Sou eu!

Vou até o quarto e vejo a luz acesa e a porta aberta. E João Pedro está caído próximo a entrada do banheiro.

— João Pedro!

Corro até ele e o viro devagar, ele não parece machucado. Abre os olhos e repete coisas ininteligíveis, seus olhos azuis não se focam em nada.

Ele está ardendo em febre. Seu corpo está suado, ainda assim ele treme. Usa apenas uma calça social e sapatos. Corro até o banheiro e encontro uma toalha. A molho na água fria e volto, passando-a por seu corpo, tentando diminuir sua temperatura. Seria mais fácil se conseguisse levá-lo para debaixo do chuveiro, mas não consigo movê-lo. Ele é muito maior e mais forte do que eu.

— João Pedro, você está me ouvindo? Ei, fala comigo! Você consegue me ouvir?

Ele abre os olhos novamente e geme. Parece estar com dor. Corro até a cozinha e volto com remédios, verifico a validade e estão vencidos.

— Droga!

Ligo para a portaria e peço que comprem imediatamente remédios para baixar a febre dele e para a dor. Nem dez minutos depois, Bento bate à porta e me entrega a sacola com os remédios. Imediatamente, faço com que ele tome um antitérmico. E volto a fazer compressas por todo seu corpo. A calça social está colada ao seu corpo por conta do suor. E seu torso descoberto deixa à mostra as tatuagens que tem agora.

— João Pedro, você pode me ouvir?

— Laura — responde sem abrir os olhos.

— Isso! Preciso que você se levante. Vamos para a cama. Você pode se levantar?

Ele se senta com muita dificuldade, precisando que eu o ampare. Para ficar de pé é mais difícil ainda, parece fraco demais e não tenho certeza que está consciente.

— João Pedro, só mais um pouco, venha para a cama comigo.

— Laura, meu amor, é você?

Ele me procura e seguro sua mão.

— Sou eu, venha comigo, amor. Venha, deite-se aqui comigo — tento para ver se assim ele consegue se levantar. Funciona. Devagar ele se levanta e me segue até a cama. — Me deixa tirar sua roupa.

Abro a calça e a tiro com dificuldade enquanto ele resmunga que quer se deitar, então deixo que caia sobre a cama, apenas com a cueca boxer preta que usa, tiro os sapatos e meias em seguida. Ele puxa a coberta sobre seu corpo, mas não permito, o descubro e volto a molhá-lo com um pano frio. Passo a toalha molhada por sua testa e contorno seu rosto, limpando o suor, esfriando sua pele. Ele abre os olhos e sorri. Molho a toalha novamente e a desço por seu torso, reparando agora as tatuagens que tem. Uma flor de lótus está tatuada em seu braço, ela está cercada por espinhos, ainda assim sua cor é viva e é claro que ela vencerá esses espinhos. Em seu outro braço está escrito a palavra resiliência. Na lateral do abdome há uma palavra em japonês, não faço ideia do que significa. Em seu antebraço há uma pequena flor de lis com o nome Eva logo abaixo. Sorrio ao passar a toalha fria por essa tatuagem. E em seu peito, a mais bonita delas. Uma fênix que cobre o peito quase todo. Toco a tatuagem e sua mão logo toca a minha. Seus olhos estão abertos e ele me olha, mas não sei se está realmente me vendo aqui.

— Laura — diz.

Penso que está me vendo, mas então vejo o nome tatuado na fênix, no centro dela, o meu nome, está escrito Laura em seu peito. Seus olhos estão fechados de novo e sua mão ainda segura a minha. E quero chorar, me pego sorrindo enquanto quero chorar. Como ele fez isso? Quando? Consigo tirar minha mão da sua e contorno a tatuagem, a achando a tatuagem mais linda que já vi. Ele nunca mencionou que me tem tatuada em seu peito. Volto a molhar a toalha e a desço devagar por seu abdome, sentindo as ondas de seus músculos. O calor de sua pele febril nas pontas dos meus dedos.

Ele chama meu nome repetidas vezes, cada vez que meus dedos tocam sua pele, ele me chama. Molho suas pernas e braços de novo. Toco sua testa, ainda está quente.

— Vamos, reaja. Abra esses olhos, reaja.

Ele chama meu nome, então parece dormir. Encontro o termômetro e meço sua temperatura, a febre está cedendo. Não está tão alta como quando cheguei. Então vou ajeitar Eva no quarto de hóspedes. Tiro sua roupa, faço a oração e deixo a luz do quarto acesa, já que não há um abajur aqui. Vou até sua geladeira e tomo um copo de água gelada me sentindo exausta de repente.

Eu poderia ficar aqui mesmo, na sala. Ou no quarto com a Eva. É uma questão de tempo para que a febre passe e ele volte, não corre mais nenhum risco agora. Mas não consigo. Deixo o copo sobre a pia e vou até o quarto devagar. Ele ainda dorme, não delira mais.

Subo na cama devagar e me recosto ao seu lado, toco sua testa, seu rosto, ainda está febril, mas não mais quente como antes. O mesmo rosto que por tanto tempo foi minha visão preferida. Contorno seus lábios, a barba bem feita, seus olhos fechados. Então toco seu peito, contorno seus músculos, as tatuagens, conheço de novo seu corpo. Como ele mudou! Contorno seus braços bem devagar, apenas a ponta dos dedos. Então seus olhos se abrem, se focam em mim e ele sorri.

As pessoas gritam, os fogos podem ser ouvidos, as luzes iluminam dentro do quarto, uma vez que a porta para a sacada e as janelas estão abertas.

— O ano está virando? — pergunta.

— Sim, é meia-noite.

— Me beija.

— O quê?

— Me beija, Laura. Estou fraco, só preciso disso, preciso de você, me beija — pede baixinho e fecha os olhos.

— Não — respondo, mas não sinto a menor confiança em minha resposta.

Ele não abre os olhos, não sei se está piorando, se está acordado. Se é bom que durma tanto. Devagar, subo sobre ele na cama, tentando ao máximo não depositar meu peso sobre o seu corpo. Apoio meus braços para não cair sobre seu corpo e toco seus lábios com os meus. Bem de leve, só para fazer sua vontade. Quem vai se lembrar disso amanhã, não é mesmo? Ele abre a boca para receber a minha, o beijo de leve, uma onda de eletricidade percorre meu corpo imediatamente. De repente, me sinto tão febril quanto ele. Seus lábios sugam os meus com força e seus braços me cercam, me puxando de encontro ao seu corpo. E então ele me toma. Não sei de onde vem sua força, ele me prende em seus braços e sua boca domina a minha. Sua língua brinca com a minha, a toma sem piedade. Como um desesperado, ele me beija

agora.

Gira nossos corpos na cama e está sobre mim. Quase nu, seus braços fortes me cercam e passeio minhas mãos por seu corpo quente. Seus beijos se tornam ainda mais intensos, nossas respirações falham. Ele beija meu pescoço e rosto, sua barba curta causando uma sensação deliciosa. Segura meus braços ao lado da minha cabeça e olha em meus olhos. Então me derreto. Ali há aquela adoração, a maneira como me olha é uma carícia. Ele sorri, fascinado. Observa cada detalhe do meu rosto, admira tudo o que seus olhos alcançam. Ele sempre teve esse poder sobre mim, sempre me fez sentir a mulher mais linda do mundo.

— Eu te amo — diz baixinho. — Eu te amo, Laura, desesperadamente. Você é a razão por eu não ter me perdido completamente ainda. Há uma prisão na minha cabeça, Laura, há grades na minha alma e eu só me liberto delas quando toco você. É você. A minha luz, a minha salvação, sempre foi você.

Meus olhos estão cheios porque o que mais quero é que esse momento pare aqui, agora. Que ele não esteja delirando e que possamos apenas ficar juntos. Que nada do que vivemos tenha acontecido. Fecho os olhos e deixo que as lágrimas desçam.

— Você está bem? — ele pergunta preocupado, soltando minha mão para acariciar meu rosto.

— Estou — respondo tocando seu rosto de volta.

Enfio os dedos entre seus cabelos e puxo seu rosto em direção ao meu.

— Você está delirando, João Pedro.

Seus lábios tocam os meus e ele morde meu lábio inferior, sugando-o em seguida.

— Eu sempre deliro perto de você, amor — responde baixinho.

Me beija em seguida, voltando a me tomar inteiramente para ele. Transformando um beijo em um ato de amor íntimo, intenso, delicioso. Quero tanto que ele me toque que quase imploro isso a ele. E quando interrompe o beijo e afunda o rosto em meu pescoço, confessa:

— Estou acordado, Laura. Não estou delirando, eu sei o que está acontecendo aqui. Você cuidou de mim. Eu não estava me sentindo bem, me senti fraco e você chegou.

Suas palavras começam a penetrar a névoa de desejo em que me encontro. E então me dou conta que ele está mesmo acordado.

Empurro seu peito e ele se afasta, caindo pesadamente ao meu lado na cama.

— Você estava delirando quando eu cheguei, estava caído no chão — explico.

— Eu não conseguia me levantar. Eu não vi você chegar, só lembro de sentir seu cheiro e seu toque e eu soube que estava aqui. Então você me chamou para ir para a cama com você e disse que ia tirar a minha roupa. Achei mesmo que estivesse delirando — comenta sorrindo, me provocando.

— Foi necessário! Eu não conseguia levantar você e você estava ardendo em febre!

— Sei — provoca com um sorriso e reviro os olhos, desistindo de explicar. — Onde está a Eva?

— Dormindo no quarto ao lado.

— Ela perdeu os fogos.

— Ano que vem haverá outros. Ela estava muito preocupada com você, vai se sentir aliviada quando vir que você está bem.

— Por que você veio até aqui?

Seus olhos azuis buscam os meus. Há curiosidade neles, e um sorriso preguiçoso descansa em seu rosto. Apesar do susto, acho que há dias não o vejo tão relaxado. Preciso desviar meus olhos para manter a razão.

— Você não atendia, você nunca deixa de atender a Eva. E se atrasou muito, eu sabia que você não se atrasaria então fiquei com medo que o Joaquim tivesse feito algo com você.

Ele não diz nada, mas segura minha mão.

— Você está bem? Como se sente? — pergunto quando ele continua

em silêncio.

— Um pouco fraco, na verdade. Mas não sinto mais dor. Minha cabeça doía e todo meu corpo também.

— Eu te dei remédios. Deve ser por isso que a dor passou.

Ele fica em silêncio, olho para o lado e está sorrindo.

— E você tirou a minha roupa — comenta me provocando.

— E vou me arrepender disso o resto da vida. Eu devia ter deixado você morrer derretido na sua febre!

Ele ri alto, sacudindo o corpo ao meu lado.

— Você não faria isso, você é sempre a minha heroína.

Sento-me na cama e tento não olhar para ele. É diferente agora que ele está acordado, que está bem.

— Você quer comer alguma coisa? — pergunto.

— Você está mesmo me perguntando isso na cama comigo agora? Quero. Venha aqui.

Ele tenta me puxar, mas me levanto. Pego a coberta que joguei no chão quando ele se deitou e o cubro com ela. Ele fica rindo, seus olhos acompanham cada movimento meu. Me sento na beirada da cama e toco sua testa. Parece fria, mas por precaução coloco o termômetro em sua boca. A febre cedeu, está bem baixa agora, apenas um início de estado febril.

— Você fingiu estar delirando e me pediu um beijo — acuso e ele ri, os olhos azuis ainda focados nos meus.

— E você disse não. Mas me beijou assim mesmo, por que, Laura?

— Achei que estava cumprindo o último desejo de um moribundo.

— Mentira. Você queria me beijar. No fim das contas, você me colocou naquele cantinho do coração onde quis me beijar de novo.

— Agora sim, você está delirando. Quando foi a última vez que comeu? — pergunto me levantando.

— Acho que não comi hoje. Já acordei me sentindo muito mal, dormi a

tarde inteira. O que significa que não dormirei nada agora a noite. O que vamos fazer toda a madrugada acordados?

— Você, eu não sei. Eu vou fazer algo leve para você comer e vou dormir com a Eva depois.

— Você tem um jeito único de estragar o clima — responde e o deixo para ir à cozinha preparar algo que ele possa comer.

Estou terminando uma omelete quando ele surge na cozinha, usando apenas a cueca boxer.

— Você não devia ter se levantado. Não está tonto?

— Estou fraco, na verdade. Mas estava há tempo demais longe de você — responde aproximando-se mais e parando bem atrás de mim.

Sinto o calor do seu corpo, até mesmo o simples toque em meu cabelo, consigo sentir. Ele cheira meu cabelo e me afasto antes que ceda.

— Você poderia se vestir, não está mais com febre, imagino que esteja sentindo frio — sugiro desviando os olhos do seu corpo.

— Não, nem um pouco. Na verdade, estou sentindo muito calor. Cada vez que olho para você nesse vestido esse calor aumenta. Você está com frio? Quer que eu a aqueça?

Ele me abraça e o empurro, guiando-o até a cadeira atrás dele.

— Quero que você sente e pare de me atormentar.

Sirvo sua omelete enquanto ele ri e pego meu prato. Comemos em silêncio, mas seus olhos poucas vezes deixam os meus.

— Você pode ter tido uma febre emocional — comento quando terminamos de comer. — Quer dizer, você tem passado por muita coisa nas últimas semanas. Você sente falta do seu irmão?

Ele pensa um pouco, seu olhar perdido está ali, é esse olhar que vejo nele constantemente.

— Menos do que achei que sentiria, na verdade. Quando penso nele eu

sinto mais decepção do que qualquer outra coisa. Mas bem, se pararmos para pensar, já não tenho uma família há muito tempo, Laura. Meu pai deixou de ser família bem antes de tudo acontecer. O Joaquim sempre foi uma família mais distante. Quando meu pai me tirou de sua vida, ele também me tirou e eu não havia feito nada que desagradasse a ele, mas foi fácil para ele me excluir. Quando estive preso, Joaquim foi minha única visita. Mas até mesmo ele deixou de me ver nos últimos dois anos. Eu tenho essa sensação de estar sozinho há tempo demais. Então a decepção hoje me machuca bem mais do que a dor por tê-lo perdido.

Assinto porque não sei o que dizer.

— É diferente com você — ele diz de repente. Em seus olhos há de novo um brilho, como se ele sorrisse com o olhar. — Você deixou de ser minha família há muito tempo também. Por cinco anos não tive qualquer notícia sua, mas de você eu não consigo me desapegar. Você, eu não esqueço. Eu ainda sinto como se você fosse minha, minha mulher, minha família. Tenho essa familiaridade com você. Perder você sim, pode me destruir, o resto do mundo tanto faz.

Encaro seu rosto, esses olhos azuis quentes, esse sorriso triste. Levanto-me e o abraço. Não sei porque estou fazendo isso, mas ele parece triste e isso parece ajudá-lo. Ele me prende em seus braços, deita a cabeça em meus seios e em segundos sinto meu corpo todo aquecer. Acaricio seu cabelo e digo baixinho:

— Sinto muito que você esteja passando por tudo isso.

— Eu também sinto muito que você esteja passando por tudo isso comigo.

— Você deveria dormir agora. Descansar um pouco, Eva estará aqui amanhã e acredite, ela vai cansar você.

— Então vocês não vão para a casa do seu coleguinha? — pergunta descendo as mãos pelas minhas costas até quase tocar minha bunda.

Me afasto dele e o advirto:

— Vou mudar de ideia se você continuar me provocando.

Ele ri. Ao se levantar, se sente tonto e o amparo rapidamente. O levo ao banheiro e o ajudo a escovar os dentes. Ele aponta a gaveta do armário e há uma escova de dentes nova lá. Escovo meus dentes também e o ajeito na cama.

— Fica aqui comigo — pede quando estou saindo do quarto.

— Eu não...

— Estou com medo de dormir e minha febre voltar. Você pode ficar?

Saio do quarto e apago as luzes do apartamento. Verifico Eva mais uma vez e deixo a porta aberta para que ela não se assuste ao acordar em um lugar que não conhece. Então volto ao quarto. Não fecho a porta para que Eva possa nos encontrar com facilidade pela manhã.

Ele está cabisbaixo quando entro, mas quando subo na cama, sorri. Um sorriso lindo, grande, um sorriso de alguém que está verdadeiramente feliz. Me deito ao seu lado e ele me cobre com a coberta.

— Você deveria vestir uma roupa — digo, mas ele nega.

— Seria muito fácil para você.

— Nada relacionado a você é fácil para mim, João Pedro.

— Eu sei, por isso eu a amo ainda mais por ter ficado aqui.

— Estou exausta — confesso.

— Então durma, meu amor. Vamos dormir.

Fecho os olhos sentindo a tensão de tê-lo na mesma cama assim, sem Eva entre nós, seu corpo tão próximo ao meu. Ele não facilita, se deita perto demais de mim, tão perto que posso sentir o calor do seu corpo. Sua respiração alcança meu rosto, e me sinto tão bem com ele! É como se o mundo fosse um lugar feliz quando ele está perto de mim assim. O que há de errado comigo?

Eva está radiante quando me levanto, ela toma café da manhã com o pai e há uma mesa com tanta comida, que por um momento procuro em volta quem mais poderia estar aqui para justificar tanta comida.

Ela tagarela animada por ter conhecido a casa do pai, corre até o quarto onde dormiu e volta com uma foto antiga que achou minha e do pai. Pega a foto para ela e João Pedro não nega. Ele não nega quase nada a ela, percebo.

Voltamos para a mansão à tarde depois de uma volta pela lagoa para que Eva visse um pouco a rua. Ele passa a tarde com ela, janta conosco e então vai embora. Sua febre não voltou. Não faz ideia do que a causou, ele não quis ir a um médico, mas passou o dia bem. Ainda acho que foi emocional, que ele tenta parecer mais forte do que realmente é.

Nos dias que se seguem mantemos essa paz. Não tenho muito contato com ele, mesmo porque volto para a gravadora, e Elias me lembra constantemente dessa audiência que se aproxima.

O dia da audiência chega. Mesmo que Elias garanta com tanta certeza que não vou perder Eva, tenho medo. Tenho medo porque conheço João Pedro, sei que é inteligente e obstinado. Ele não é alguém que desiste de algo que quer, ou que entra em uma briga para perder. Elias me explica que essa primeira audiência é apenas a de conciliação, onde o mediador tentará fazer com que entremos em um acordo sem precisar levar o processo adiante.

Estamos no corredor do fórum, minha respiração parece falhar constantemente e Elias percebe isso.

— Você não consegue se acalmar — comenta segurando minhas mãos.

— Não consigo. Só quero que isso acabe logo.

— Já vai passar, vai ficar tudo bem.

Ele aperta minhas mãos nas suas e João Pedro chega com seu advogado. O olhar dele cai direto sobre minhas mãos nas de Elias. Os advogados se cumprimentam e aqui, prestes a entrar em uma audiência porque ele quer tomar a minha filha, não consigo olhar em seus olhos e sorrir. Essa familiaridade absurda que tenho com ele não pesa agora. Agora eu apenas o odeio. E sei que deveria odiá-lo bem mais, mas o ódio que sinto tem que ser o suficiente para me proteger dele.

— Laura, eu posso falar com você? — ele pergunta se aproximando, mas Elias não permite.

— Você não fala com a minha cliente até encerrarmos a audiência, senhor Fagundes.

João Pedro não insiste. Esperamos ainda por mais quinze minutos, quinze minutos em que não olho em sua direção, mas não preciso disso para saber que ele está olhando para mim.

Nos sentamos de frente um para o outro. Mantenho os olhos na mesa entre nós. O mediador dá início à audiência de conciliação e explica o que Elias já me explicou. Vamos tentar chegar a um acordo. Ele lê o processo movido por João Pedro, aquele processo que me partiu ao meio quando li. Assim que termina de ler e pergunta a João Pedro se está de acordo, ele nega.

— Não, na verdade, houve um equívoco. Não quero a guarda da minha filha só para mim. Não quero tirá-la da mãe. Laura é uma mãe incrível, eu jamais faria isso.

O encaro confusa e embora fale com o mediador, seus olhos estão em mim.

— Foi um erro, um terrível engano. Eu nunca, jamais, por motivo nenhum afastaria minha filha da mãe. Eu só quero pagar as pensões que estão atrasadas e fazer parte da vida da minha filha. Quero poder vê-la, ficar com ela, me responsabilizar por ela como seu pai.

— Bem, isso facilita bastante as coisas — o mediador responde.

Meus olhos não deixam os dele enquanto o mediador e os advogados conversam. Não entendo seu jogo, não sei o que pretende montando todo esse circo para chegar aqui e cancelar o espetáculo. Estou aérea, esperando a pegadinha. Esperando a coisa ruim que sempre acompanha as coisas boas que ele faz. Mas então o mediador determina.

— Fica determinando que João Pedro Fagundes pagará à senhora Laura Martins a determinada quantia referente as pensões em atraso da criança Eva Martins Fagundes até a o dia vinte deste mês. Fica determinado que o pai

pode ver a filha três dias na semana, dias esses previamente acordados com a mãe da criança. Fica determinado que o pai tem direito a passar dois finais de semana por mês com a criança. Fica determinado que os feriados devem ser divididos a serem acordados entre os pais. A senhora concorda com o que foi dito aqui, senhora Laura? — pergunta e percebo que só estão esperando minha aceitação.

— Eu concordo.

— Então esta audiência está encerrada.

Elias me guia para fora da sala, ele me diz que eu não tinha o que temer e ainda me sinto aérea. O que fui tudo isso? João Pedro passa por mim no corredor e segura minha mão.

— Vem comigo.

Sem me dar tempo de responder ele me leva com ele porta afora. Andamos até uma lanchonete próxima, onde ele pede algo para comermos.

— Estou faminto, você não?

— O que foi tudo isso, João Pedro?

Ele me pede para sentar e o faço. Ele se senta de frente para mim e ali está, aquele mesmo olhar perdido.

— Vou explicar para você o que eu fiz e vou pedir o seu perdão também, Laura. Quando eu fui jantar na mansão e disse que precisava conversar com você, era sobre isso que eu queria falar. Eu ia te dizer que estava desistindo do processo. Eu ia te contar a verdade sobre ele. Mas você não pôde me ouvir.

Nossos sucos são servidos e viro meu copo, precisando urgentemente molhar um pouco a boca, respirar. Ele ia me dizer isso na noite em que foi jantar antes do ano novo e eu não estava lá porque precisava me afastar dele. Aceitei o convite de Elias para não ter que vê-lo.

— Não dei entrada nesse processo ridículo. Joaquim o fez pelas minhas costas. Eu assinei documentos demais naqueles dias por conta da morte do papai, ele deve ter colocado esses documentos junto, assinei sem ver o que estava fazendo. Quando você jogou esses papéis na minha cara eu tentei te

explicar, mas você não permitiu.

— Mas você teve muitas chances depois disso para me contar!

— Sim, mas então eu percebi que, pela primeira vez, você havia se aberto para mim. Você estava ferida e se abriu para mim como não havia feito desde que nos reencontramos. Eu estava tentando de tudo para chegar até você, para alcançá-la de alguma maneira, mas você se fechou, Laura. Você se fechou para mim.

— Eu tive motivos.

— Eu sei. Eu entendo. Só que você se abriu quando achou que eu tivesse entrado com esse processo e, erroneamente, eu pensei que se você me odiasse, me permitiria alcançá-la de novo. Eu pensei que através do seu ódio, chegaria de novo ao seu amor. Porque funcionava, Laura, quanto mais eu a irritava, mais você cedia. Enquanto está tudo bem entre nós, você é inatingível para mim, mas quando me odeia, você me deixa atingi-la de algum jeito. Esse muro cede. Eu pensei que era o único jeito de ter você de novo. Eu não conseguia imaginar a minha vida sem você e eu não sabia mais o que fazer.

Respiro fundo, contendo as lágrimas. Estou irritada, estou sentida, estou ferida. Mais uma vez estou fora da minha zona de conforto e esse muro da qual ele tanto reclama, está ruindo neste momento por causa dele.

— Só que eu feri você com isso. Eu prometi a mim mesmo que não falaria mais desse processo para atingi-la, porque eu sabia que não ia levar isso adiante. Mas vi a merda do advogado com as mãos em você e num ataque ridículo de ciúmes eu a feri de novo. Quando você me disse o que pensou que eu estivesse fazendo... — Ele cobre o rosto com as mãos, mas o descobre em seguida e não olha para mim. — Que eu estivesse manipulando a Eva, tentando comprá-la, eu entendi que você só ia esperar o pior de mim. Que eu a estava ferindo tanto, e por nada. E então, mesmo que você me odiasse, mesmo que você achasse que eu estava tentando comprar a sua filha, ainda assim você cuidou de mim. Você foi até mim, se preocupou e ficou comigo quando eu pedi.

Seus olhos estão cheios, eles se focam nos meus e ele continua.

— Eu não ia tirar ela de você. De jeito nenhum eu faria isso. Eu teria te contado isso bem antes se não fosse um babaca, egoísta e ciumento. Eu só não sabia lidar com a ideia de que você não me ama mais, que não vai voltar a me amar, porque eu não consigo imaginar minha vida sem você. Mas eu entendi, Laura. Entendi que não posso obrigá-la a isso. Você está certa, eu não mereço o seu amor. Enquanto você cuidou do homem que mais a feria a cada dia, eu feria você apenas porque não sabia aceitar a sua recusa. Mas eu aprendi. Não vou ter você de volta, nosso relacionamento acabou. Eu desisto.

Algo em mim se quebra quando ele diz isso.

— Desisto. Não vou mais tentar forçá-la a me amar, nem a me odiar. Você está certa, eu preciso aceitar que te perdi. Preciso superar você. Então que bom que você conheceu esse advogado, ele parece ser uma boa pessoa. Espero que ele, ou quem quer que você escolha a faça muito feliz, porque você merece, Laura, você é a melhor pessoa que conheço. Eu também vou seguir a minha vida, vou tentar esquecer você. Não vou deixar minha filha, isso nunca, mas vou fazer o possível para esquecer você. E mesmo que eu não consiga, você vai acreditar que eu consegui. Estarei com outra pessoa, outra família, outras atitudes. Não vou mais ferir você. Nunca mais eu vou ferir você. E eu sei que você não acredita na minha palavra, nem tem porque acreditar, mas você vai perceber com o tempo.

Ele se levanta e deixa o dinheiro sobre a mesa.

— Me perdoa por ter feito você passar por tudo isso. Acho que eu não melhorei em nada como pessoa nesses anos na prisão, não aprendi nada no final das contas. Foi muito egoísmo meu fazer isso. Eu só estou perdido demais e tentei levar você comigo. E obrigado por ser tão boa, gentil e generosa. Por mesmo assim não me impedir de ver minha filha. Por mesmo assim ter cuidado de mim. Eu espero que você seja mesmo muito feliz, Laura. E que possamos ser amigos um dia. Tenha um bom dia.

Ele deposita um beijo em minha testa, um beijo que é uma despedida. E se vai.

Ele diz que desistiu de mim e vai embora.

Pego minha bolsa e chamo um táxi. Não atendo as ligações de Elias, depois falo com ele, vou direto para casa. Me jogo na cama e sinto uma dor

no peito que cala minha voz. Não consigo chorar, embora o choro esteja aqui, pronto para sair, mas a dor impede. Ele aceitou que me perdeu, eu deveria estar feliz, por que isso dói tanto?

De repente sinto-o em meus lábios de novo, me vejo em seus braços na cama dele, sentindo seu cheiro e seu calor enquanto ele acariciava meu cabelo. Me vejo fechando os olhos e fingindo dormir para não ter que admitir que percebi que ele me puxou para seus braços.

De repente vejo seus olhos azuis apaixonados, aquele olhar safado, provocante, quente. Aquele olhar que me acaricia, que me eleva.

E então aquele olhar morto. Os olhos perdidos, sentidos, os olhos com que o vi na maioria das vezes desde que voltou. Os olhos com que estava quando se despediu de mim. É como se eu pudesse curá-lo e escolhesse não fazer isso.

Mas é dele que estou falando! É o João Pedro! Seu amor é tão forte e intenso quanto a dor que ele causa. É tão bom, quanto perigoso. Ele me queria de volta, não mediu esforços para me ter. Ele mentiu, me manipulou, me viu destruída e, ainda assim, manteve seu teatro. Eu não deveria estar aliviada?

Então por que sua desistência dói? Por que só agora parece que nunca mais serei sua, se há anos eu já não era? Por que mesmo sabendo que ele errou tanto depois de ter prometido não errar mais, ainda quero correr até ele e fazer com que fique bem?

Me deixo cair em um estado de torpor onde não me entendo mais. O muro cai. Sinto-o ruir em cada fibra da minha alma. Sinto tudo se abrir aqui dentro. Todo aquele sentimento trancado, a mágoa, a dor, a raiva e o amor. Sinto tudo isso me tomar de novo. Fecho os olhos e o vejo em mil cenas diferentes. Seja chorando por ele, odiando-o ou amando-o com tudo de mim, uma frase apenas me escapa:

— Por favor, não desista de mim.

14

João Pedro

Viro a quinta dose e Christopher permanece em silêncio olhando pela janela à sua frente, o movimento de carros e pessoas lá embaixo. Com uma paciência que eu, com certeza não teria, ele espera que eu fale. Então falo. Conto a ele sobre a febre que tive e como Laura cuidou de mim, mesmo tendo todos os motivos do mundo para me odiar.

— Então eu disse a ela, contei toda a verdade. Contei sobre meu plano ridículo, que mais uma vez não deu certo e disse a ela que desisto. Não posso mais, eu desisto.

Ele me encara de repente, confuso e incrédulo.

— Você desiste dela?

— Não, homem! Desisto desse plano que só a feriu! Eu não vou mais feri-la, de maneira nenhuma! Mas não posso desistir dela, eu sei que devia, eu devo isso a ela no final das contas, deixá-la em paz. Mas não posso. Por que eu não consigo?

Ele se senta e me avalia, há uma calma em seu rosto que com certeza não há no meu.

— O que ela fez quando você disse a ela que desistiu? Como ela

reagiu?

— Não reagiu, não disse nada. Como quando eu me declarei, para ela não faz diferença. Como é possível que esse amor esteja tão forte e tão certo em mim e tenha morrido nela? É mesmo possível matar um amor assim?

Ele se serve também do seu conhaque e sorri calmamente.

— Ah, JP, não é possível matar um amor assim. Você está diante de um homem que se perdeu por amor, e depois de tudo o que fez com a Ellen, ela ainda me amava. Eu não merecia, em absoluto, mas ela amava.

— Você quer dizer que o amor da Laura não era verdadeiro?

— Quero saber quando foi que você ficou tão tapado, meu amigo! Acho que o amor está derretendo o seu cérebro. Você acha mesmo que ela não te ama? Você estava tentando tomar a filha dela! Ela achava que você havia manipulado as duas para comprar a menina e o que ela fez? Mesmo tendo outro lugar em que podia estar longe de você, foi até você quando não apareceu. Ela te viu caído e ao invés de chamar uma ambulância e fazer a parte dela, ela ficou com você. Cuidou de você pessoalmente, dormiu com você quando pediu. Se isso não é amor, meu amigo, ela é uma santa!

Meu telefone toca e a foto de Laura aparece no visor. Meu coração erra uma batida quando atendo, mas é Eva, em uma chamada de vídeo.

— Oi, minha princesa, está tudo bem?

Ela mostra o corredor da mansão, mas escuto sua voz sussurrada.

— Papai, você está me ouvindo?

— Por que você está sussurrando? — sussurro de volta.

— Mamãe não pode ouvir. Ela está estranha, acho que está chorando. Eu perguntei e ela disse que o amor dói. Mas eu não entendo. Eu amo você e isso não me machuca. Por que ela sente dor ao amar?

Ela chega à porta do quarto de Laura e a filma sentada na cama. Seus olhos estão perdidos, ela sequer vê Eva entrar.

— Eva, faz uma coisa para o papai, princesa. Pergunta a mamãe se ela ama o papai. Não se ela gosta, pergunta se ela ama.

Ela corre para dentro do quarto, Laura sorri para ela, vê o celular, mas não se dá conta de que está sendo filmada.

— Mamãe, seu coração ainda está doendo? — Eva pergunta e Laura assente. — É por causa do papai? É ele que você ama e faz doer?

Ela parece tão perdida! Quero ir até lá e consolá-la. Mas então ela assente.

Ela assente.

Desligo a chamada para que Eva não tenha problemas e mal posso acreditar. Christopher está rindo quando me levanto e o abraço.

— Eu tenho a filha mais inteligente e genial da face da terra! Eu tenho! — De repente, a ideia perfeita me vem. — E meu pai tem uma ilha, ela é da Eva agora, mas duvido que Laura tenha se dado conta disso. Duvido que consiga impedir meu acesso.

— Uma ilha? Do que está falando, JP?

— Até logo, Christopher, eu preciso ir.

— Ir aonde?

— Fazer amor com minha mulher.

Saio correndo e basta uma ligação para o advogado do meu pai para confirmar. Em uma hora tenho tudo planejado.

Falo com Eva ao telefone nos dois dias que se seguem. Laura precisa sentir que eu realmente não quero forçar nada, porque eu não quero. Bem, só um pouco. Eva me dá notícias dela várias vezes ao dia, diz que ela voltou a comer, a assistir filmes com ela. Que está sorrindo e bem. Mas conheço Laura, ela sempre parece bem para Eva, por dentro a tempestade, por fora sempre o sol.

Na quinta-feira vou ver Eva. Chego à mansão e minha pequena se prende em minhas pernas enquanto andamos pela sala.

— Onde está a mamãe?

— No jardim.

— Você vai fazer uma coisa para o papai. Vá até ela e diga que o papai precisa falar com ela, então volte correndo, o mais rápido que puder, não espere por ela, tudo bem?

Ela assente e sai correndo. Pouco depois, volta. Seu rosto está vermelho e ri alto. A pego imediatamente e me sento com ela no sofá. Ouço os passos de Laura e começo a falar:

— Infelizmente, a mamãe e o papai não vão mais ficar juntos, Eva. O papai ama muito a sua mãe, mas nem todo amor do mundo pode pagar o que fiz. Não fique triste, a culpa por isso é minha, eu machuquei demais a sua mãe. Eu fiz coisas que não têm remédio. Eu sempre estarei aqui por você, minha pequena, isso nunca vai mudar, mas não vamos nos casar de novo.

— Mas, papai. Você não pode fazer isso! Vocês têm que se casar de novo, eu quero a minha família! — argumenta chorosa e quero que isso acabe logo para dizer a verdade a ela.

— E você a tem, pequena. Papai sempre vai ser sua família, a mamãe também. Só não vamos ficar juntos. O papai não pode mais fazer isso, Eva. O papai desistiu.

Vejo o momento exato em que ela sai de volta ao jardim. Me levanto para confirmar que não está, então volto ao sofá.

— Esqueça tudo o que o papai disse, desculpa, anjo. É brincadeira. Papai ama sua mãe demais para desistir dela, mas isso é um segredo nosso, tudo bem? Não conta isso para a mamãe.

Ela ri alto e se joga em meu pescoço.

— Você ainda vai me ajudar? — pergunto.

— Só se eu puder escolher o vestido de noiva da mamãe.

— Ótimo! Ela vai amar isso, então você vai me ajudar com mais uma coisinha.

Explico rapidamente a ela meu plano. Somos surpreendidos por Mara, que escuta boa parte dele, mas tudo bem, também vou precisar dela. Se isso não funcionar, mesmo que Laura ainda me ame, terei que aceitar que ela não

vai me perdoar nunca. Há um grande caminho entre seu amor e seu perdão. E, para sermos felizes, vou precisar dos dois.

Em seguida, vou até o jardim e a encontro triste, pensativa. Sua postura muda quando me vê, ela sorri, tenta esconder a tristeza, mas seus olhos estão cheios.

— Ei, o que aconteceu?

— Nada! Eu furei o dedo com um espinho — mente que o motivo dos olhos cheios é o sangue em seu dedo.

Quero tanto abraçá-la e dizer que a amo e que jamais desistiria dela! Será que não estou errando de novo? Estendo os braços diante de seu rosto confuso e ela sorri. Sorri e dá um passo, entrando neles, me deixando abraçá-la. Ela me deixa consolá-la.

— O que eu faço com você, que chora por causa de um espinho, Laura?
— brinco e ela sorri ao se afastar.

— Me faça um curativo, que tal?

Entramos para a cozinha e enquanto ela lava as mãos dou início ao meu plano.

— Eu quero levar a Eva no final de semana. Para minha casa, se estiver tudo bem para você.

— Este final de semana? Já?

— Sim, posso levá-la dois finais de semana ao mês, lembra-se?

— Claro! — Concorda, mas não parece nada feliz. Imagino o quanto é difícil para ela dividir Eva assim. — Para onde você vai levá-la? Desculpa, você não tem que me dizer, é seu fim de semana com ela.

— Para a minha casa, relaxa, Laura. Vou levá-la apenas à minha casa e ela vai ligar para você o tempo todo, tudo bem?

— Tudo bem.

— Não é como se eu fosse viajar para o Rio de Janeiro com ela, não é?
— provoco.

— Não mesmo, porque eu mataria você se fizesse isso.

Sorrio em resposta e vou brincar com Eva.

No sábado de manhã, tenho tudo sob controle. Eva ri alto demais e preciso chamar sua atenção pela terceira vez.

— A mamãe vai te descobrir assim, sua barulhenta.

— Acho melhor levar a menina para dar uma volta, senhor. Laura vai ouvi-la — Mara sugere e Ângela, uma das funcionárias da mansão, leva Eva para passear pelo condomínio.

Estou atrasado, o jato me espera onde marquei e vou conversando com o piloto, ansiando em tê-la finalmente comigo. Chegamos ao Rio de Janeiro no tempo esperado e um carro já me espera para me levar ao iate.

— Volte imediatamente ao aeroporto. Minha mulher vai chegar em breve, você deve trazê-la até aqui. Se ela te perguntar se você viu uma criança, confirme que está comigo — ordeno assim que chegamos ao iate.

Mostro uma foto de Eva para que ele possa dizer características da criança que ela virá procurar. Então espero. Preparo tudo no iate e espero. Finalmente avisto o carro de volta e me escondo. Ela está irritadíssima! E não é para menos.

Laura foi avisada que eu saí do estado com Eva, que a trouxe para o Rio de Janeiro sem ao menos avisá-la. Ela me ligou mais de vinte vezes e deliberadamente não a atendi. Ela foi avisada que deixei um jato e um carro esperando por ela, caso quisesse se juntar a nós, e segundo Mara, embora tenha resistido a cair em um claro plano meu, saiu da mansão aos gritos de que iria me matar. Agora está a caminho deste iate, acreditando que Eva está aqui comigo. Que eu a trouxe sem a permissão dela.

Ela sobe até o iate batendo os pés e sua expressão ao me ver não é nada boa.

— Laura! Que surpresa você aqui!

— Onde está a minha filha? Como você a traz para o Rio de Janeiro sem me consultar? Você ficou maluco?

— Se acalme ou você irá assustá-la. Eva está bem, foi só uma brincadeira. Você me desafiou, lembra?

— Eu o desafiei? A culpa agora é minha?

— A culpa é sempre sua. — Ela dá um passo em minha direção e aponto para dentro da cabine. — Eva está dormindo lá dentro. Você pode ver com seus próprios olhos que está perfeitamente bem.

Ela entra na cabine e tranco a porta por fora. Logo, percebe que Eva não está e tenta abrir a porta. Está tão irritada que seu rosto está inteiramente vermelho.

— Que brincadeira é essa? Me deixa sair! Onde está a Eva? Eu vou matar você!

Giro a chave da cabine no dedo e ligo o iate, partindo finalmente para nossa ilha. Laura grita metade do caminho, por fim, desiste de gritar e está há uns dez minutos calada demais. Ligo para o seu celular, aproveitando o pouco sinal que ainda temos.

— Você está quieta demais, está planejando a minha morte?

— Onde está a Eva?

— Em casa, segura, Mara e Drika vão ficar com ela.

— Ela nem está aqui!?

— Claro que não. Você acha que eu a tiraria do estado sem sua permissão?

Ela desliga o telefone na minha cara, penso se devo ligar de novo, mas quando tento, não há mais sinal. Há apenas o mar até onde minha vista alcança. Ela deve estar com calor lá dentro. Olho pelo vidro da janela e ela está sentada, as pernas cruzadas e a expressão assassina.

— Se eu a soltar, você vai me jogar no mar? — pergunto alto para que escute.

— Não, porque eu não saberia pilotar essa coisa de volta!

— Eu amo a sua lógica — provoco enquanto abro a porta.

Imediatamente ela sai da cabine e respira o ar fresco. Olha em volta e percebe que só há o mar à nossa volta. Então olha para mim e me empurra.

— Você me sequestrou!

— Não, você entrou aqui por livre e espontânea vontade, eu tenho testemunhas.

— Você me coagiu a entrar.

— Mentira, eu sequer a convidei, você veio porque quis. Relaxa, foi só uma pegadinha, você caiu nela, não é nada demais — minha calma parece deixá-la ainda mais irritada.

— Onde diabos estamos indo agora?

— A uma cabana abandonada em uma ilha deserta para fazermos amor o final de semana todo.

Ela me encara por um tempo, então cai na risada. Uma risada nervosa tanto quanto temerosa.

— Fala a verdade, João Pedro, onde estamos indo?

— Você nunca acredita em mim.

— Eu quero voltar. Seja onde for que estivermos, dê a volta! — ordena com a expressão fechada. Aproximo-me fingindo consentir, mas respondo:

— Não vai rolar.

— Como não vai rolar? Você está me sequestrando! Sequer temos sinal! Como vou pedir ajuda?

— Por que você precisaria de ajuda?

— Porque você é louco! Isso é sequestro! — ela está gritando agora.

Faço uma careta como se estivesse cansado da sua ladainha e volto para o leme.

— Foi uma pegadinha, não um sequestro. Agradeceria se você parasse de gritar como uma maluca.

Ela vem em minha direção tão rápido, ainda assim eu poderia ter evitado o tapa que acerta em meu rosto. Mas não o faço. Não o faço porque

há uma consequência.

— Você me bateu, como eu esperei por isso, Laura. — A puxo imediatamente e cubro sua boca com a minha. Seu beijo é puro fogo, está irritada e isso o torna ainda mais quente.

Quando a solto, ela precisa respirar fundo algumas vezes para se acalmar. Provavelmente, para não me empurrar agora mesmo do iate. Ela se afasta e volta para a cabine e permanece por algumas horas lá. A ilha já pode ser vista quando ela deixa a cabine. Ela olha o mar e prende o cabelo com uma caneta que encontrou.

— Por que você está fazendo isso? — pergunta calmamente.

— Porque estou há cinco anos esperando você, Laura. Há cinco anos não toco em você, há cinco anos não a ouço gozar, estou em tempo de ficar louco.

— Você pode falar sério?

— Estou falando.

— Achei que tivesse desistido de mim, o que estou fazendo aqui?

Encaro seu rosto em busca de algum sinal, qualquer sinal de que está feliz por estar aqui, mas não há nada. Começo a pedir internamente que ela ceda. Ela precisa esquecer esse medo e ceder. Não vou fazer algo como isso de novo.

— Eu desisti, mas isso já estava planejado, não quis perder todo o trabalho.

Seu olhar é tão engraçado, que me pego rindo. Então me aproximo dela e digo a verdade:

— Preciso fazer amor com você ou vou ficar louco. Você pode nunca mais olhar pra minha cara quando sairmos dessa ilha, mas aqui, você vai ser minha.

Ela fica parada, olhando em meus olhos e vejo, o fogo nos seus olhos, ela quer isso tanto quanto eu. Me afasto e apresento a ela a ilha à nossa frente.

— Bem-vinda à ilha.

Ela abre a boca quando vê a pequena ilha se aproximando.

— Puta que pariu! Você me trouxe mesmo para uma ilha!

— Você nunca acredita em mim.

A ajuda a descer e ela observa a pequena, mas maravilhosa ilha, curiosa. A noite em breve vai cair, mas por hora é possível ver todo o encanto deste pedaço de terra que eu fiz meu pai comprar anos atrás. A guio pela trilha e logo avistamos a cabana, no alto. Não deixei que papai fizesse nenhuma alteração nela. É um lugar rústico, pequeno, mas aconchegante, Laura vai amá-lo.

— De quem é este lugar? — pergunta observando tudo à sua volta, enquanto subimos até a cabana.

— Bem, tecnicamente seu, já que você é a responsável legal pelos bens da Eva.

— Seu pai tinha uma ilha? Sério?

— Eu o fiz comprá-la.

— Bom, se é minha, eu posso expulsá-lo — comenta com um sorriso, remetendo ao que fez assim que se mudou para a casa dele.

— Pode e se o fizer, eu irei. Vou levar meu iate e você vai ficar presa aqui para todo sempre — respondo e entro na cabana, mas escuto sua risada.

Ela entra atrás de mim e não consegue esconder sua surpresa. A pequena cabana tem apenas um cômodo e banheiro. Ela possui uma cama ao centro, uma televisão, uma lareira com algumas prateleiras abarrotadas de livros de um lado, o banheiro do outro. Há uma pia, um frigobar e um fogão de apenas uma boca, além de um pequeno armário. Ela vai até o banheiro e vê a banheira. Então volta e se senta sobre a cama. Parece calma demais para quem estava tão furiosa.

— Nunca dormi longe da minha filha, podemos voltar?

Me sento ao seu lado.

— Não podemos, Laura. Não se preocupe, ela está bem. Nada vai acontecer com ela. Você dormiria sem ela de qualquer maneira hoje, não é mesmo? Ela estaria comigo.

— Quando exatamente este sequestro acaba?

— Não é um sequestro.

— Estou aqui contra a minha vontade, logo, é um sequestro!

— A porta está ali, você pode ir embora — provoco.

— Não me subestime, ou eu subo naquele seu barquinho e aprendo a pilotá-lo, então vou embora e o deixo apodrecer aqui! — responde irritada se levantando.

— Não chame meu iate de barquinho, ele fica ofendido. Aliás, se você quiser ter o que comer, vamos agora até aquele barquinho e me ajude a trazer a comida.

Ela cruza os braços, me desafiando.

— Olha só, ele pensou em trazer comida! Devo agradecê-lo por isso? Ah, não, espera. Eu não devia estar aqui!

Ela sai pela porta e a sigo rindo, o que a irrita ainda mais. Quando estamos quase chegando ao iate, a provoco mais um pouco.

— Não foi um sequestro, só para ficar claro. Você invadiu meu barco. Foi uma pegadinha.

— Assim que eu colocar meus pés na cidade de novo, vou matar você. Comece a se arrepender dos seus pecados, porque você vai morrer, João Pedro.

Rio alto, a ajudo a subir no barco e em três viagens levamos tudo o que trouxe até a cabana. Ela encara a comida enquanto ajeitamos tudo e parece preocupada.

— Você trouxe bastante comida. Por quanto tempo pretende que fiquemos aqui?

— Depende de você, amor.

Ela me encara confusa e explico, olhando em seus olhos para que entenda.

— Você só vai sair daqui depois que fizer amor comigo.

Ela ri.

— Vai sonhando. — Caminha até a cama e se joga nela, escolhendo-a para si. — Eu fico com a cama, como não há um sofá, você pode dormir lá fora, no seu barquinho.

Sorrio, pulo sobre ela na cama, provocando-a.

— Vai sonhando, você nem vai dormir esta noite, Laura. Como você é ingênua!

Ela me encara temerosa, vejo o maldito muro se erguendo. Não posso permitir que faça isso.

— Esquece o mundo lá fora, Laura. É só hoje, só amanhã. Faz de conta que caímos de paraquedas nesta ilha e nos conhecemos agora. Só esquece tudo, o passado, o presente, nossas brigas, as mágoas, esquece esse maldito muro. Você não tem que se proteger aqui, não de mim. Só vamos fazer amor, nós precisamos disso.

— E depois? — pergunta baixo, sem desviar os olhos dos meus.

— Depois a gente pode fingir que nada disso aconteceu, se você preferir. Será como se tivéssemos sonhado. Eu preciso ter você. Preciso senti-la, tocá-la, beijá-la. Quero seu gosto na minha boca de novo, quero você sob meu corpo, eu só preciso sentir que você é minha mais uma vez, Laura. Eu sonho com esse momento há cinco anos, por favor, não tire isso de mim.

Eu vejo em seus olhos que ela quer ceder, ela quer isso tanto quanto eu. Me aproximo devagar e a beijo. Um beijo lento, intenso, onde meus sentimentos se transformam nos toques dos meus lábios sobre os seus. Passeio minha mão pela lateral do seu corpo, e quando avanço para dentro de sua blusa, ela trava. Me empurra de leve, mas a solto e ela se levanta.

— Não posso fazer isso, sinto muito, João Pedro, não posso.

Me levanto também e a encaro confuso. Laura nunca foi medrosa, se não quer fazer amor comigo agora não é por medo, é apenas porque não me

quer mais.

— Não pode, ou não quer? — pergunto e meu tom impaciente a assusta.

— Não é tão fácil como você pensa! Não posso simplesmente desligar o passado que temos e fingir que você é alguém que conheci agora. Não funciona assim. Você deixou cicatrizes, João Pedro, não dá para esquecer isso.

— Você também me deixou cicatrizes, muitas, mas eu consigo esquecer, por você, Laura! Eu consigo perdoar, por você! Então eu repito a pergunta, você não pode me perdoar ou você não quer?

Ela ri, seus olhos estão cheios, mas ela ri, aquela risada debochada que, pela primeira vez, não amo ouvir.

— Você consegue me perdoar? Me perdoar pelo quê? Você acabou comigo e eu deveria te pedir perdão? Você só pode estar brincando, João Pedro! Além de não querer transar com você agora, o que mais eu te fiz?

— Você desistiu de mim! — Me aproximo dela e olho em seus olhos, admitindo pela primeira vez essa dor que carrego há cinco anos. — Por cinco anos, você desistiu de mim! Você subiu naquele altar comigo e jurou ficar ao meu lado na alegria e na tristeza, mas bastou que eu cometesse erros, para você mudar de ideia!

Ela está em choque. Abre a boca, mas nada sai, seus olhos estão cheios, os meus já transbordam e não consigo desviar dos seus.

— Eu precisava de você. Eu estava tão perdido, Laura, eu não tinha ninguém além de mim mesmo e eu me odiava naquele momento. E eu precisava tanto de você! Que você fosse me ver ao menos uma vez nesses malditos cinco anos. Nem que fosse para dizer que me odiava. Nem que fosse para dizer o quanto eu havia machucado você. Eu só precisava de um sinal de que você ainda se importava. Mas você não foi, você não escreveu, você não me respondeu, você não me deu nada! Assim como meu pai e meu irmão, você apenas me tirou da sua vida! Você era tudo o que eu tinha e de repente eu não tinha mais nada!

Ela chora, quebra a conexão dos nossos olhos, abaixa a cabeça nas

mãos e chora como uma criança. Chora alto.

— Sabe o que é pior de tudo isso? Eu perdoei você. Porque eu te amo. Você desistiu de mim, teve cinco anos para aprender a me odiar, para me esquecer, para se adaptar sem mim. Mas eu, continuei esperando você. Nesses cinco anos o meu amor por você só fez aumentar. — Me aproximo mais e seguro suas mãos, tirando-as do seu rosto, ela tem que olhar para mim agora. — Sabe aquele amor que me fez desistir de tudo e abrir mão da vida que eu tinha? Ele foi ficando cada dia maior. Nesses cinco anos, eu amei você mil vezes mais do que amava antes. O meu amor por você só foi crescendo, porque eu não te odiei, eu te perdoei a cada dia que dormia e acordava sem saber de você. E isso foi crescendo, crescendo, é tão grande agora, que não há nada que eu não faria por você, Laura!

Ela desvia os olhos para baixo, mas não permito. Seguro seu rosto e seus olhos voltam aos meus. Seu corpo treme levemente por conta do choro. E apesar das lágrimas também estarem deixando minha visão turva, preciso que seus olhos permaneçam nos meus.

— A amo tanto, que ainda perdoo você, agora, aqui, por me perguntar o que você pode ter feito comigo. Apesar de você ainda não querer me perdoar! Apesar de você nem mesmo tentar.

Ela se afasta, tira minhas mãos do seu rosto e me enfrenta.

— E em que momento você acha que eu poderia ter perdoado você? No primeiro ano, quando eu tentava te superar? Quando eu tentava sustentar a nossa filha? Talvez no segundo, quando ela quase morreu! No terceiro então, quando ela sobreviveu e o seu pai começou a me perseguir, quando ele fez da minha vida um inferno onde eu era humilhada constantemente. No quarto, quando o seu irmão me tomou como sua obsessão e tentava chegar até mim ameaçando a minha filha? Talvez agora, no último ano, quando eu finalmente consegui criar uma rotina, consegui respirar, consegui me sentir viva de novo e você voltou. E invadiu meu espaço, tirou minha segurança e ameaçou tomar a minha filha. Então me fala em que merda de momento eu deveria ter pensado em perdoar você? Quando foi que eu tive paz para olhar os meus sentimentos e entendê-los, João Pedro? Eu não tive! — grita.

Ela cai de joelhos e chora.

— Eu não tive. Você diz que está perdido, mas eu também não sei quem sou. Há cinco anos eu não sei. Eu sei que sou mãe e é só esse lado que vivo. Eu não sei mais que roupas tenho, o que gosto de fazer ou o que eu sinto por você. Eu não consegui parar e conversar comigo mesma, e entender o que estava sentindo porque me senti atropelada o tempo inteiro nesses malditos cinco anos!

Me deixo cair também, de frente para ela, cansado demais de repente. Isso tudo foi uma péssima ideia.

— É isso o que nos tornamos, Laura? — pergunto baixinho. — Nos tornamos duas pessoas que só fazem mal uma à outra? Tudo o que fazemos agora é nos machucar?

Ela me encara, mas não responde, dá de ombros, tão cansada quanto eu.

— Por que eu estou aqui? Você disse que eu desisti, que eu o abandonei e eu acabei de me dar conta que fiz mesmo isso. Eu falhei com você. Foi mais fácil enfrentar um dia depois do outro e culpar você por tudo, mas eu também falhei. Mas o que isso muda para nós dois? Por que estou aqui? Nós não existimos mais, João Pedro. Isso aqui é só para você me ter na sua cama e satisfazer seu ego? Porque você também desistiu. Você me disse isso com todas as letras. Então o que é que você quer me trazendo até aqui?

Encaro seu rosto cansado, de alguma forma a entendo. E me entendo. E entendo que não há a menor chance de uma relação entre nós dois. Há passado demais, ela está certa, não dá para simplesmente ignorar isso. Há dor demais, erros demais, de nós dois. Principalmente meus. Eu achei que deveria perdoá-la por ter me abandonado, mas ela deveria me perdoar pelo que passou nesses cinco anos sem mim? Qual de nós dois está mais ferido? Qual tem mais direito ao perdão?

Me levanto e nem olho mais em sua direção. Pego uma coberta no armário e abro a porta da cabana.

— Você pode ficar com a cama, vou dormir no barco. Quando o sol nascer, eu a levo embora.

Ela não diz nada, passo pela porta, mas volto para trás e a vejo ainda de joelhos no chão, tão destruída quanto eu. Nós dois nos destruímos, mas fui eu

quem começou tudo.

— Você está aqui porque amo você. Está aqui porque eu a perdoo sem pensar duas vezes. Talvez você também devesse tentar me perdoar. Não para voltar para mim, não tenho mais essa ilusão. Mas pelo seu próprio bem. Porque você não precisa de mais essa cicatriz na sua alma, Laura.

— Eu não...

— Ao menos tente — digo e fecho a porta ao sair.

Não sei onde estava com a cabeça quando a trouxe para cá. Quando pensei que ainda teríamos um futuro juntos, quase chega a ser engraçado o quanto me iludi nesses últimos meses. Nesses últimos cinco anos. Nunca, em nenhum dia, pensei mesmo que não a teria mais, esta era uma possibilidade que eu sequer considerava.

Uma chuva fina começa a cair, mas não me apresso para chegar ao barco. O frio aqui fora não é nada comparado ao frio que sinto por dentro. A prisão em minha alma está mais forte agora, ela é meu destino. Nunca vou ser livre dela. Não houve um momento desde que me vi livre em que eu tenha realmente estado livre.

A não ser...

— Que merda estou fazendo?

Jogo a coberta para o alto e volto correndo para a cabana.

A não ser quando a toco, quando a beijo, quando ela me abraça. Ela fez tudo sumir quando me abraçou naquela noite. Quando me beijou, quando me acariciou. Tudo. Eu não estava preso naqueles momentos, eu fui livre.

Piso no primeiro degrau de acesso à cabana e a porta é aberta. Ela estava indo atrás de mim. Sequer pergunto o que queria, a alcanço, a puxo para meu corpo molhado e a beijo. E a mágica acontece. Me sinto livre, vivo, feliz de novo. A beijo como um desesperado, entrando com ela na cabana. Suas mãos estão em meus cabelos, enquanto as minhas apressadamente tiram sua blusa. Ela não tenta me impedir. Meu corpo deve estar gelado em contraste com o calor delicioso do seu, mas ela não se importa.

— É por isso que você está aqui — digo antes de beijá-la mais uma

vez, guiando-a até a cama. — Porque você me faz sentir vivo, inteiro, livre. — Seu corpo cai na cama atrás de si e tiro minha roupa, pairando sobre seu corpo quente, beijando-a mais uma vez. — Você faz a prisão na minha alma sumir. — Tiro sua calça e minha boxer. Sugo seus lábios e desço os beijos por seu pescoço, até o vão entre seus seios. Então desabotoo seu sutiã. — Porque quando eu te toco tudo faz sentido de novo.

Abocanho um seio e o sugo com força, ela grita e se contorce embaixo de mim. Preciso do calor da sua pele, do seu cheiro mais perto, apenas pairando sobre seu corpo, me apoiando em meus braços, sugando seus seios, matando a saudade de preencher minha boca e ouvi-la gemer. Deixo que minha língua desça por seu corpo, sentindo o sabor de sua pele. Suas mãos tocam onde alcançam em mim. Ela também precisa desse contato. Encaixo os dedos nas laterais de sua calcinha e a tiro vagarosamente.

— Nós não nos machucamos, apenas. Também nos curamos quando estamos juntos, Laura. Nós somos a cura um do outro.

Seus olhos estão nos meus, há puro fogo e desejo neles. Beijo sua barriga devagar e desço os beijos até alcançar sua boceta. Ela grita quando minha língua toca seu clitóris, mais alto quando o sugo sem piedade. Preciso do seu gosto na minha língua, das suas pernas nos meus ombros agora. A beijo com força, a chupo com a fome que tenho dela. Ela se desmancha, grita meu nome em minha música preferida. Como eu senti falta disso! Descansa as pernas sobre meus ombros, como sabia que ela faria e me deixo cair na cama. Toco sua bunda e seguro sua pélvis, puxando-a mais de encontro ao meu rosto, à minha boca. Ela geme loucamente quando meus dentes tocam seu clitóris e a penetro com a língua. Chupando, lambendo e invadindo-a. Sei que está a ponto de se perder e quero vê-la, mais do que sentir seu gosto, quero vê-la gozando de novo.

Me sento aos seus pés na cama, seu olhar de desalento busca o meu, então a toco. Pressiono os dedos com força em seu clitóris e ela grita, movimento rápido, forte, meus olhos presos em seu rosto. Rapidamente ela goza, grita meu nome e se perde, seu rosto atingindo um adorável tom vermelho. Sua boca aberta na expressão com a qual sonhei quase todas as noites nos últimos anos. Seu líquido molha meus dedos e beijo sua boceta molhada para matar a fome por seu gosto em minha boca.

Subo meus beijos por sua barriga, até alcançar sua boca. E ela corresponde, puxando meu corpo para si, nossos corpos quase se encaixam, meu pau pulsa por ela. Cada veia do meu corpo pulsa por ela agora.

— Espero por isso há cinco longos anos, Laura — digo baixo antes de finalmente penetrá-la.

Ela se agarra em meus braços e aperta meu pau. Tento de novo, mais devagar, mesmo mais desesperado. A penetro mais uma vez, invadindo-a, sentindo-a se abrir para mim.

— Você não teve mais ninguém depois de mim, não é? — pergunto e ela diz:

— Como eu poderia?

Então a penetro de uma vez, uma investida mais forte, ela fecha os olhos e me recebe, seu corpo se adaptando ao meu de novo. Mas não posso esperar. Deixo que meu peso caia sobre seu corpo e a penetro de novo e de novo. Suas pernas estão ao redor do meu corpo, nossos movimentos aceleram mais. Minha pele já não é fria, ela queima. Beijo sua boca com a posse que sinto sobre ela. Ela é minha, sempre foi minha, nunca deixou de ser. E vou mais fundo. O ruído do encontro dos nossos corpos se mistura a nossos gemidos. Ela fecha os olhos, mas não consigo deixar de olhá-la.

Suas unhas se cravam em minhas costas, seus seios se friccionam contra meu peito e vou o mais fundo que consigo. Mais forte, mais rápido, não quero que acabe tanto quanto quero me perder nela.

— Olha para mim — peço baixinho e ela atende. Seus olhos castanhos estão nos meus, sua expressão de puro prazer, a boca aberta do jeito que amo, os gemidos deliciosos escapando e nossos corpos se encontrando desesperadamente. Meu pau a preenchendo, tomando o que é dele, encontrando de novo sua casa. — Vem, meu amor, vem para mim — peço e ela obedece prontamente. Goza gritando meu nome mais uma vez, seu corpo treme sob o meu, suas unhas rasgam minha pele e me permito me encontrar nela.

Mordo seu lábio enquanto me derramo dentro dela, sentindo de novo aquele prazer que por vezes parecia ser apenas sonho. Encontrando de novo o

rumo, a direção. Gozo dentro dela enquanto a marco para mim, nossos líquidos se misturando em uma prova incontestável do prazer que compartilhamos.

Deixo que meu corpo caia sobre o seu e ela me abraça. Cansada, feliz, tem um sorriso no rosto enquanto beijo levemente seu pescoço. Não quero me mover, mas o faço, antes que ela sinta frio. Puxo uma coberta sobre nossos corpos e permaneço aqui, entre suas pernas, deito minha cabeça em seus seios, escuto as batidas do seu coração. Ela acaricia meu cabelo. É familiar estarmos assim, é onde nos encontramos. Depois de cinco anos, estamos em casa.

15

João Pedro

Ela está em meus braços após a segunda rodada de amor. Descansa em meu peito e toca levemente minha pele, contornando caminhos e se familiarizando com eles. A janela à nossa frente tem as cortinas abertas e o dia está para nascer.

— Você quer que eu feche a janela? O sol já vai nascer bem na nossa cara — aviso.

— Dá para ver o nascer do sol pela janela?

— No mar, a cabana é alta é uma visão e tanto!

— Podemos ver? A gente dorme depois.

— Podemos fazer o que você quiser, amor.

Ela se aconchega em meu corpo e logo o sol nasce, o dia clareia aos poucos, o mar reflete seu brilho e devagar ele surge. Assistimos calados, juntos, e acho que a última vez em que me senti tão feliz foi quando peguei Eva nos braços pela primeira vez.

— Você disse que há grades em sua alma, o que você quer dizer? — ela pergunta quando me levanto para fechar a cortina. A pequena cabana fica escura imediatamente, mas posso vê-la assim que meus olhos se acostumam

com a escuridão.

Caminho de volta até a cama e espero que volte para meu peito para responder.

— Não estou livre, Laura. Eu não saí realmente da prisão. Saí daquela prisão que prendia meu corpo, delimitava meu espaço. Mas aqui na minha cabeça, essa prisão eu não consigo deixar. É como se houvesse uma grade na minha alma, no que sou. Eu me sinto perdido, não sei quem sou agora ou o que tenho. Eu tenho medo o tempo todo, e sinto culpa. Essa culpa é a maior prisão. Eu acho que não mereço ser livre, Laura. Eu corri tanto atrás de você, mas sabia que não a merecia. Eu não mereço ser feliz, nunca mais, eu mereço essas grades na minha cabeça.

— Não diga isso — ela diz e beija meu peito, onde bate meu coração.

— Às vezes ela me cansa, me esgota de verdade e tudo o que quero é me ver livre de novo, mas não é possível. — Meus olhos encontram os seus, e tudo parece mais fácil. — Então há você, e quando eu toco você, ela some. As grades somem, eu me sinto livre. Você pode não acreditar nisso, mas é a verdade, Laura. Você é minha liberdade.

Ela se apoia no meu peito e me beija. Um beijo leve, mas tão carregado de sentimentos! Me pergunto por um momento se ela tem alguma noção do amor que sente por mim. Se nesses minutos em que demoramos para ir atrás um do outro na noite passada, ela teve tempo de pensar em seus sentimentos. Porque ela é péssima em escondê-los. Demonstra esse amor na maneira como me olha agora, como me beija e me toca. Na maneira como se entregou sem reservas, mesmo depois da discussão que tivemos. Ela me ama. Quanto falta para que ela perceba e admita isso?

Agora que a tenho em meu corpo o que mais quero é ouvi-la dizer que me ama. Não vou parar até conseguir isso.

Acordamos no começo da tarde, Laura faz algo rápido para comermos, reclamando do exagero de comida que eu trouxe. Sorri encantada quando reclama que não tem roupa e entrego ela a sua mochila de fim de semana com roupas que comprei para ela quando renovei meu guarda-roupa. Ela escolhe

um vestido branco e vamos tomar sol. Não é o horário adequado, mas é o horário que temos, já que nossa noite não foi feita para dormir.

Entro na água enquanto ela me observa da areia. Logo, ela se junta a mim. O mar é calmo e de um azul incrível. Ela admira a água e não sai dos meus braços, como se sentisse tanto a falta desses contatos, como eu. Nadamos juntos, conto a ela sobre as tatuagens. Percebo o quanto ela ama seu nome no meu peito. E conto a ela o significado que ela tem para mim. A fênix, a força que ela tem, a maneira como renasce e se supera. Ela sorri fascinada e me beija e mal posso acreditar que estamos mesmo vivendo este momento.

Estamos jantando na cabana, cai uma chuva fina lá fora e há algo que não sai da minha cabeça. Ela usa uma blusa branca minha, fica linda nela. Sua pele mais morena por conta do sol, os cabelos negros jogados para o lado nas ondas que amo. É tão linda que deixo de comer para admirá-la.

— Você não gostou? — pergunta ao ver que não estou comendo.

— Está delicioso. É que você está me distraindo.

Ela sorri, aquele sorriso doce, sincero, sem reservas. É a minha Laura aqui, a mesma menina por quem me apaixonei. A garota cheia de sonhos e nenhum medo de se entregar. Não há um passado entre nós, embora ambos tenhamos toda consciência sobre ele. Ele não pesa. Isso me faz pensar que ela é capaz de me perdoar completamente. Espero muito que ela também entenda isso.

— Por que você não me conta sobre meu pai?

Sua postura muda e ela me encara com um sorriso triste.

— Não é uma boa ideia.

— Eu preciso saber, Laura.

— Quando vamos embora? — pergunta de repente e temo ter estragado tudo.

— Amanhã, por quê?

— Amanhã antes de irmos eu conto. Vamos só curtir agora, tudo bem?

Sorrio aliviado e concordo. Como depressa o jantar e a ajudo a comer, colocando a colher em sua boca, para poder levá-la de volta para a cama.

A manhã chega, dormimos muito pouco porque o caminho de volta é longo.

— Estou morrendo de saudade da Eva, nunca fiquei tanto tempo longe dela — reclama.

— Agora você entende o que passei por cinco anos.

Ela abaixa a cabeça e se senta na areia. O mar à nossa frente continua nos encantando com sua beleza e imensidão. Me sento ao seu lado e espero. Ela vai falar o que quero saber.

— Quando você foi baleado, seu pai foi ao hospital. Ele perguntou se eu não conhecia o homem com quem havia me casado, porque eu parecia perdida ao descobrir o que você fazia, mas ele não estava surpreso. Ele disse que me alertou que você não ia conseguir levar a vida que podia ter ao meu lado e que o que você fez foi bem próximo ao que ele esperava que você fizesse. Ele me disse para aceitar que eu me casei com um desconhecido ou deixá-lo. Pouco depois, quando você foi preso, ele me disse que eu havia tirado o filho amado dele. Que por minha culpa você tinha feito o que fez. E por muito tempo eu pensei que ele estava certo. Quer dizer, se você não tivesse deixado tudo por mim, não teria se envolvido em nada disso.

— Laura, não pense nisso nem por um segundo. O único responsável por meus erros sou eu. Eu era adulto e plenamente consciente do que estava abrindo mão, do que estava arriscando depois.

— Me deixa falar. Não vamos falar sobre isso de novo, tudo bem? Sobre nada do que eu vou dizer.

Concordo e ela continua.

— Você foi preso e ele foi me ver na casa onde morávamos. Ele zombou de mim e disse que eu não poderia manter a casa. A menos que entrasse na justiça para pedir os direitos da Eva, o que eu deixei claro que não

faria. Ele disse que eu faria, que ele cuidaria pessoalmente de me fazer implorar pelos direitos dela, e assim mostraria quem eu era de verdade, uma interesseira, segundo ele. Então nos mudamos para uma casa menor. Com o dinheiro que eu tinha, poderia mantê-la até voltar ao trabalho. Mas seu pai comprou a casa e me despejou. Ele fez isso com as outras duas casas onde morei depois.

Mal posso acreditar nisso. Por isso papai disse que ela me contaria quem ele realmente era e que eu o odiaria. Por isso ele deixou seu perdão, pelas coisas que eu descobriria sobre ele.

— Então me mudei para uma casa horrível, um cômodo, num lugar perigoso, desconfortável e assim ele me deixou em paz. Era onde ele queria que eu estivesse. Quando a licença acabou e voltei ao trabalho, ele me fez ser demitida. Consegui outro trabalho em seguida e ele me fez ser demitida de novo. Ficamos nesse jogo até eu entender que ele iria atrás de mim onde eu estivesse. E então a Eva adoeceu, eu estava desempregada e achei mesmo que fosse perdê-la. Eu não tinha nem como ir e voltar ao hospital, então me mudei para lá. Os médicos ameaçaram me expulsar, mas acabaram aceitando que eu não sairia do lado da minha filha. Mas isso durou pouco mais de seis meses. Ela ficou lá por seis meses, João Pedro. Ela ficou em coma, ela não respondia, foram os piores meses da minha vida.

Seguro sua mão quando seu corpo se encolhe com as lembranças.

— Durante esse tempo Joaquim me procurou. Disse que seu pai havia oferecido pagar todo o tratamento dela, mandá-la para um hospital particular, com médicos especialistas que fariam com que ela acordasse. Eles a curariam. Mas em troca, eu deveria entregar a Eva. Eu tinha que sumir da vida dela para que ele a salvasse. Então eu tinha essa decisão nas mãos, abrir mão dela pelo seu bem, ou deixá-la morrer porque eu não era capaz de fazer isso.

Ela tira a mão da minha e chora.

— Laura, eu sinto muito. — A puxo para meus braços e ela permite.

— Eu sei.

Pouco depois se recompõe e se afasta, olha o mar e não para mim ao

falar.

— Foi um milagre, eles disseram. Queriam desligar os aparelhos. Estavam esperando que o cérebro dela desligasse. Mas não aconteceu. Deus teve misericórdia, não era a hora dela. E ela acordou. Assim, do nada, abriu os olhos. Ficamos mais um tempo no hospital, mas eu não tive que abrir mão dela. E então eu tinha uma criança de dois anos, que quase havia morrido, que podia ter sequelas e não tinha para onde ir com ela. Foi quando conheci a Drika, ela trabalhava no hospital onde a Eva estava e me deixou ficar na casa dela até que a Eva se recuperasse. Então Joaquim me procurou de novo, a mando do seu pai. Ele disse que seu pai tinha um emprego a me oferecer e, João Pedro, eu estava tão desesperada com medo que algo faltasse à Eva, que eu fui. Eu fui ver o que ele tinha a oferecer. E ele queria que eu lavasse o seu banheiro. Era esse o emprego que ele tinha. Que eu lavasse seu banheiro toda vez que ele o usasse. Eu deveria ficar lá dentro, não podia sair, não teria horário de almoço, eu deveria me manter no chão, com o esfregão nas mãos, esperando por ele.

Mal posso acreditar em suas palavras. Sinto uma raiva que mal consigo controlar, ela percebe, pois segura minha mão. Sei que não posso interrompê-la, preciso saber de tudo, mas a dimensão do que ela passou nas mãos do meu pai e irmão me destrói.

— O que você fez, Laura? — começo a pedir baixinho que ela não tenha se humilhado assim.

— Eu joguei uma estátua na cabeça dele.

Rio. Rio alto, um pouco da raiva se dissipando, um alívio que nem sei mensurar. Logo passa, sei que as coisas não vão melhorar muito a partir daí.

— Então eu comecei a fazer bicos no hospital onde a Drika trabalha. Seu pai não conseguiu interferir lá porque eu não era contratada. Assim, aluguei a casa que você conheceu. E o dinheiro era pouco, não era certo, mas nada faltou a Eva. Eu não deixei. Ela não passou um dia sem comer tudo o que queria comer, ou sem brinquedos nos aniversários, ainda que os mais simples. Sem roupas bonitas que servissem nela, sem sapatos, sem suporte. A ela não faltou nada.

— Eu sei, você é uma mulher incrível, Laura, não podia ser uma mãe

melhor.

— Então, quando ela estava cem por cento recuperada, eu tinha aquela casa, tinha uma amiga e achei que as coisas poderiam melhorar, Joaquim resolveu ficar obcecado comigo. Ele achou que por eu ter amado você, deveria amá-lo também. Ele me seguia, me fazia propostas como a que te contei. Muitas delas. Ele não aceitava minhas recusas. Ameaçava tomar a Eva, dizia que se seu pai entrasse na justiça com o dinheiro que tinha, sendo quem era, a tiraria de mim facilmente. E ele impediria se eu fosse para a cama com ele, ele seria meu advogado de graça se eu cooperasse. Eu recusei todas as vezes, é claro. Mas eu temia o dia em que receberia a notícia de que seu pai entrou na justiça para tirar a Eva de mim. Eu tinha pesadelos com isso.

De repente entendo a merda que fiz ao fingir que faria o mesmo e a reação dela a isso.

— Até que um dia Joaquim apareceu e me pediu desculpas. Disse que estava confuso, sentido, que mesmo com você na prisão, seu pai não o enxergava. Que ele nunca teve o amor dele. Ele jurou que me deixaria em paz. E eu acreditei nele. Depois de um tempo, ele voltou e me ofereceu alguns milhões para entregar a Eva, disse que era a última oferta de paz do seu pai. Se eu o fizesse, ele me permitiria vê-la de vez em quando. E disse que ele não achava certo o que o pai queria fazer e seria meu advogado caso eu recusasse entregar minha filha. Ele queria que eu acreditasse que ele estava do meu lado. Nunca entendi seu jogo. Mas entendi que ia perder a minha filha.

— Foi disso que meu pai falou? Quando disse a você que não tentou comprá-la?

Ela assente.

— Mas se ele não mandou o Joaquim oferecer dinheiro a você, então...

— Ele também nunca entrou na justiça pela guarda da Eva. Isso nunca existiu, foi o Joaquim. Ele me manipulou o tempo todo para que eu achasse que seu pai faria isso e esperava que eu entregasse a Eva por dinheiro, para me desmascarar perante seu pai. Isso não justifica o quanto seu pai me humilhou, mas ele me culpava por ter perdido você, não me trataria diferente.

Eu o odiava mais pelas coisas que fez a Eva, ameaçando tirá-la de mim e tentando comprá-la. Mas essas coisas, depois comecei a entender que ele não havia feito. No dia em que morreu, quando me pediu perdão, ele disse que quando a Eva adoeceu seu erro foi esperar que eu pedisse ajuda ao invés de ir me ajudar. Quer dizer que todo o resto não foi ele. Foi o Joaquim. Depois disso, depois dos pedidos de desculpa, Joaquim me deixou em paz. Eles me deixaram em paz. Por poucos meses, mas deixaram. Até Joaquim começar a ir à minha casa querendo que eu deixasse a Eva conhecer o Otavio, porque ele estava doente.

Ela olha o mar um tempo, então confessa:

— Quando seu pai me pediu perdão à beira da morte, eu não queria perdoá-lo. Não estava pronta. Mesmo que não tenha tentado comprar minha filha ou tirá-la de mim, ele ainda foi horrível comigo.

— Então você não o perdoou?

— Sim. Eu ia embora naquele momento porque não queria mentir para alguém que estava prestes a morrer. Mas entendi que ele ia morrer e eu não teria outra oportunidade de perdoá-lo. E isso me custou muito, João Pedro, foi muito difícil. Mas quando eu disse que o perdoava, eu não estava mentindo. Não que eu tivesse esquecido tudo o que ele me fez, mas eu decidi ali fazer o possível para não o odiar mais.

— Você não faz ideia do quanto a admiro, Laura. Muito mais do que poderia ser capaz de expressar.

— Não acabou, há algo que você precisa saber. Sobre o Joaquim.

— O que mais ele fez?

— Antes de morrer, uns dias antes, quando seu pai pediu para falar comigo, o Joaquim parecia nervoso. Só depois da leitura do testamento eu descobri que foi nessa mesma data que seu pai mudou o testamento. Joaquim parecia temer o que seu pai diria a mim, então ele quebrou a estátua perto da Eva para me tirar do quarto. Mas seu pai me disse, uma frase muda, que Joaquim não viu. Mas eu consegui ler em seus lábios, ele disse: cuidado com o Joaquim. Seu pai sabia, João Pedro. No dia da leitura do testamento, Joaquim estava me esperando na porta, ele disse que meu futuro estaria nas

mãos dele a partir daquela tarde e que eu precisaria de sua boa vontade para ter minha filha. Ele fez o primeiro testamento para seu pai, a Eva era a herdeira, mas ele seria o responsável por tudo. Então ele teria uma vitória sobre você. Ele usaria esse poder para me fazer ficar ao lado dele, pela Eva. Ele teria o destino da sua filha nas mãos dele. Só que seu pai previu isso, e mudou o testamento tirando do Joaquim o poder sobre o destino da nossa filha. E naquele momento eu o perdoei de verdade por tudo.

Minha cabeça parece girar. Sei que meu irmão não é a melhor pessoa, mas até então, quem era eu para julgá-lo? Os roubos na empresa não eram algo que eu julgaria, a proposta que fez a Laura, sim. Isso sim me fez tirá-lo da minha vida, mas o que Laura está contando agora, muda tudo. O coloca completamente em outra perspectiva para mim.

— Seu irmão tem inveja de você. Desculpa estar falando isso agora, mas não vou contar essas coisas de novo, eu quero esquecer isso. Porém, ele ainda está ali, cercando você, esperando, tramando. Toma cuidado, João Pedro. Ele é esperto e cruel. Desde que seu pai morreu tenho conhecido cada dia mais quem é de verdade Joaquim Fagundes. Você também precisa conhecê-lo. Precisa abrir seus olhos.

Não consigo responder. Não consigo dizer nada. O homem a quem pedi que tomasse conta dela, fez da vida dela um inferno. Como se ela precisasse disso. As coisas que está me dizendo agora são diferentes de tudo o que imaginei sobre ele. Joaquim não é um coitado perdido sem o amor do pai, ele é alguém a se temer afinal de contas.

— Vou dar um jeito nele — digo a Laura.

— Você não vai...

— Não vou matá-lo, Laura, meu Deus! Vou dar um jeito de fazer com que pague pelo que te fez, que seja punido por isso. E assim irei mantê-lo longe de você e da Eva.

— E de você. Você precisa prometer que vai tomar cuidado. Por favor, João Pedro.

Encaro o medo em seu rosto e vejo o quanto ela se preocupa comigo.

— Eu prometo.

Ela se levanta e pega as coisas levando-as ao iate e acabo fazendo o mesmo, enquanto minha mente fervilha com mil possibilidades do que fazer para punir meu irmão. Para proteger minha mulher e minha filha. Agora temos tudo o que era dele. A empresa, a casa, a herança. A julgar por suas atitudes nos últimos anos, ele não vai deixar isso barato.

Laura não diz nada o caminho todo até a cidade. Nem quando entramos no jatinho. Também não consigo conversar, tenho coisas demais na cabeça agora. A principal delas é a segurança dela e da Eva. Mando uma mensagem a Otto, o chefe de segurança do condomínio onde elas moram e digo a ele para alertar a todos os seguranças que a entrada de Joaquim no condomínio está proibida. Apesar de estranhar a ordem, acaba aceitando acatá-la. E então tem tudo o que ela passou enquanto eu lamentava sua ausência. O quão sozinha estive. Como posso ajudá-la a superar isso? Como poderei me redimir por isso um dia? Porque se houver uma chance de eu fazer isso, eu vou fazer.

Descemos no aeroporto em Belo Horizonte e antes que Laura entre no carro que espera por ela, a puxo para um último beijo. Sua respiração está acelerada quando nos afastamos e digo mantendo-a em meus braços, olhando em seus olhos:

— Como prometido, será como se tivéssemos sonhado.

Ela assente, mas não tenta sair dos meus braços.

— Você conhece o meu pior lado, Laura. Se há alguém a quem mostrei cada um dos meus defeitos, este alguém é você. Ainda assim, você me ama. Mesmo sabendo quem sou de verdade, quem posso ser em meus piores momentos, você me ama. Então me diz, do que você tem medo?

Ela não responde, é pega de surpresa por minha afirmação. Também não nega que me ame. Ela não diz nada. A solto, não adianta pressioná-la. Ela virá até mim. Já se entregou, derrubou o muro, abriu a porta de novo. Ela vai perceber e virá até mim. Espero muito que isso não demore a acontecer.

— Eu nunca mais vou fazer você sofrer. Eu te prometo — digo e a solto. Ela ainda fica um tempo olhando meus olhos antes de dar um passo atrás e entrar no carro.

Então entro no carro que aguarda por mim. É só uma questão de tempo até ela vir até mim. Não posso mais pressioná-la, ela entende agora. Derrubou o muro, reviveu seus sentimentos, ela vai perceber. Não posso mais fugir de suas dores. Ela já sofreu demais, já apanhou demais, não é possível esquecer tudo o que viveu. Então ela precisa saber que não está sozinha, precisa ser mimada, cuidada. Está na hora de aprender a lidar com a Laura que eu criei e fazer o impossível para curá-la.

Quando chego ao apartamento, já sentindo falta dela e de Eva, encontro alguém esperando por mim.

— Filipa?

Mal posso acreditar que depois de tantos anos a esteja vendo de novo. Filipa vem em meu encontro e me abraça, se desculpando por aparecer sem avisar. A convido a entrar e tomamos algo enquanto ela me atualiza sobre sua vida em Portugal. Percebo que todo o tempo ela parece tensa. Por fim, diz o que veio dizer.

— Estou aqui a pedido do Joaquim, João Pedro. Eu não sabia que você havia saído da prisão até ver o sucesso da sua nova coleção de joias. Tentei entrar em contato, mas como não tinha mais seu número, liguei para ele. E as coisas que me contou me deixaram assustada. Vim imediatamente socorrê-lo.

— Espera, como assim você veio socorrê-lo? O que ele disse a você?

Ela parece assustada e com medo de me contar algo. Deixo o copo sobre a bancada e me sento de frente para ela.

— Filipa, há algumas coisas sobre o Joaquim que você precisa saber.

Então conto tudo a ela, as coisas que fez Laura passar, seus planos, os golpes na Nobre, o testamento. Ela está em choque quando acabo meu relato. Imagino que seja assim que fiquei quando Laura me contou. Se levanta ainda em choque e fica dando voltas pela sala, dizendo palavrões em francês.

— João Pedro, me perdoa. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo. Joaquim me disse que foi deixado de fora do testamento do seu pai, mas Otavio foi tão cruel com você quando se casou com a Laura, que

pensei que houvesse apenas sido cruel com o Joaquim também. Eu não pensei, nem por um segundo, que ele tivesse merecido isso.

— Por que está falando assim? O que você fez, Filipa? Que tipo de ajuda o Joaquim te pediu?

— Ele disse que o pai o havia expulsado da Nobre, então eu dei a ele as minhas ações da empresa.

— Como? Filipa, o que você fez?

Ligo imediatamente para o advogado da Nobre e infelizmente, a partir de agora, serei obrigado a aceitar Joaquim de volta na empresa, já que uma parte dela é legalmente dele.

— Esta guerra está longe de acabar — digo para mim mesmo, planejando o próximo passo para acabar com meu irmão.

16

Laura

O final de semana chegou de novo, e desta vez, João Pedro vai levar Eva com ele. É o segundo final de semana que passarei longe dela e não consigo me sentir tranquila com isso.

— Você não acha que talvez seja melhor adiar isso? — pergunto pela quinta vez para um João Pedro decidido.

— Não, mãe, eu quero ir para a casa do papai — Eva repete o que está me dizendo desde a manhã, quando me fez ajudá-la a arrumar sua mala para ir com ele.

— Eu prometo que não irei levá-la para nenhum lugar além da minha casa — ele diz.

— Isso não me tranquiliza em nada, já que você fez a mesma promessa na semana passada.

Finalmente ele sorri. Durante a semana ele esteve distante, veio ver a Eva três dias, como acordado, sempre preocupado e cansado. Ele não me disse o que está acontecendo, mas não é como se eu pudesse cobrar qualquer coisa dele. Eu mesma deixei claro que não somos amigos. E mesmo depois daquele final de semana onde ficamos mais próximos do que poderíamos ter ficado, ele age agora apenas como o pai da Eva. E cumpriu o que prometeu de que este final de semana seria como se tivéssemos apenas sonhado.

— E eu cumpri, não levei a Eva a lugar algum. Ela sequer saiu do condomínio.

Cruzo os braços nada tranquila com sua resposta, mas ele a leva com ele. Assim, do mesmo jeito como chegou, se despede cordialmente, sem nenhum olhar quente ou amoroso. Apenas o olhar de um pai levando a filha pela primeira vez.

Drika aparece assim que eles saem, vê minha expressão nada feliz, mas sabe o motivo. Está curiosa por outra coisa, o motivo pela qual a chamei até aqui. Drika perdeu o emprego recentemente no hospital, ela trabalhava na cantina de lá, como cozinheira. Justamente o que estamos precisando aqui na mansão.

— Eu chamei você para perguntar se você gostaria de trabalhar aqui. Estamos sem cozinheira. Você poderia se mudar para cá, há tantos quartos! E não precisaria mais pagar aluguel. Mas se você não quiser, ou não se sentir bem com isso...

— Você está brincando? Eu adoraria morar nesta mansão e ter minha pequena de volta. Sério, eu até sinto sua falta, mas morro de saudade da Eva.

Chamo Mara para que possamos acertar a contratação dela, mas antes que a senhora chegue, Drika provoca.

— Será que essa sua cara azeda não é porque você queria ir junto com o pai da sua filha?

— Junto com a minha filha, você quer dizer.

— Não, não quero não. Quero dizer com o pai dela mesmo.

— Acho que irei demiti-la antes mesmo de contratá-la, Drika!

Ela fica rindo, Mara finalmente aparece e passo o resto do dia com o celular nas mãos esperando uma ligação de Eva. Ou do pai dela. Mas parece que pela primeira vez em anos, terei que me virar estando sozinha. Percebo logo que não gosto nada dessa sensação, pois isso me obriga a pensar demais e entender de menos a confusão dentro do meu peito agora.

A noite chega chata como o dia passou. A casa sem Eva não tem vida.

Minha vida sem ela não é vida. Drika, Mara e eu estamos largadas no enorme sofá da sala de televisão, assistindo um filme qualquer e comendo pipoca, quando meu telefone finalmente toca. Espero ouvir Eva ao atender o número de João Pedro, mas é sua voz do outro lado da linha. Sua voz que me faz aquecer instantaneamente.

— Laura, houve um pequeno incidente — diz e ouço Eva chorar ao fundo.

— O que aconteceu? Eva está bem?

— Sim, ela está bem. É que, me desculpa Laura, estávamos brincando e não sei como ela fez isso, mas caiu do sofá e tem um pequeno galo na testa agora. Ela não para de chorar. Não sei mais o que fazer para acalmá-la.

Ouçó-a chamando meu nome ao fundo e me levanto imediatamente.

— Estou indo aí.

— Laura, você não vai levá-la, apenas para que saiba. Ainda é meu final de semana, você vai apenas acalmá-la.

— Você a deixou se machucar nas primeiras horas com ela, então eu vou decidir se você fica com ela ou não.

Ele ri do outro lado da linha.

— Tudo bem, estou esperando você.

Sua voz baixa e doce quase me tira de órbita de novo e preciso voltar a mim e ir socorrer a minha filha.

— Drika, você vem comigo?

Ela nem se move no sofá, mas olha para Mara como se compartilhassem um segredo.

— Não, obrigada, você não vai precisar de mim lá, vai por mim, pode ir sozinha.

— Mara? Você quer ir?

— Ah, não querida. Não tenho mais idade para ver essas coisas — diz e as duas riem como hienas.

Não entendo o que querem dizer, mas não tenho tempo. Sei como Eva é quando se machuca. Pego uma chave qualquer na garagem, a aciono e o Rolls-Royce preto acende.

— Vamos de Rolls hoje, por que não? Nem vou me sentir uma gangster com esse carro.

Chego ao apartamento em vinte minutos, um recorde, provavelmente. Leandro é o porteiro da noite, mas me deixa subir assim que me vê. A porta está aberta e desço do elevador já na sala de João Pedro. Eva está deitada no sofá fazendo drama, chora baixinho enquanto João Pedro tenta animá-la.

— Graças a Deus você chegou — diz quando me vê e Eva se levanta imediatamente e me estende os braços.

— Oi, minha princesa, deixe-me ver isso. — Observo o galo em sua testa e a pego no colo, depositando-a em seguida sobre a bancada na cozinha. — Não foi nada demais, amor, um pouco de gelo e esse galo feio vai embora.

Ela sorri enquanto coloco gelo em um pano e o pressiono em sua testa.

— O que a mamãe disse sobre pular em cima do sofá?

— Mas o papai deixou — defende-se.

— Porque ele é um tonto e não é acostumado ao furacão Eva. Você já caiu outras vezes, sabia que podia cair de novo, mesmo que o papai deixasse, você não deveria ter feito.

Ela assente cabisbaixa e olha para o pai de lado.

— Desculpa, papai.

Ela deita a cabeça em meu peito e mantém as mãos em meus braços, buscando contato comigo para acalmá-la. Quando tiro o gelo de sua testa e ela se afasta, acaricio seu cabelo e digo:

— Você vai passar mais finais de semana na casa do seu pai, não pode exigir minha presença sempre que se machucar. O seu pai está aqui. Ele é como a mamãe, se você o abraçar bem forte a dor vai passar do mesmo jeito.

Ela olha para o pai desconfiada e nada convencida.

— Mas ele não tem seu cheiro — reclama.

— Mas não é meu cheiro que cura você, é o meu amor. E o papai te ama na mesma medida.

— Não vou questioná-la quanto a isso, sei o quanto seu cheiro pode ser viciante — ele responde e reviro os olhos por resolver voltar a ser ele justo na frente da Eva.

— Você quer ir embora com a mamãe ou quer ficar aqui com papai? — pergunto.

— Quero que você fique aqui comigo e com o papai.

— Isso não estava nas opções que te dei.

— Ela é visionária, não limite a criatividade da criança — ralha João Pedro.

— Cale a boca, você deixou a minha filha cair de um sofá onde ela nem deveria estar pulando — ralho de volta e ele sorri.

— Você fica, mamãe?

— Só hoje, está bem? — digo para tranquilizá-la.

Finjo não perceber o sorriso preguiçoso no rosto de João Pedro enquanto vemos um filme até que Eva durma. Ele a coloca em sua cama, percebo que mudou a decoração do quarto, está tentando agradá-la, deixando que ela tenha seu espaço e embora seja difícil saber que ela terá seu espaço em um lar que não é o meu, fico feliz que ele tenha se preocupado com isso.

Assim que saímos do quarto, agora com um abajur devidamente ligado ao lado da cama dela, João Pedro me diz:

— Me desculpa, Laura. Ela estava tão feliz correndo a casa toda e pulando. Eu deveria ter previsto que ela poderia se machucar. Isso é tão novo para mim, estou me sentindo péssimo.

Sorrio de sua expressão assustada, esperando uma reprimenda.

— Eva é um pouco estabanada. Se você ainda não percebeu, ela se machuca com certa frequência.

— O que podemos fazer quanto a isso?

— Nada. Ela é uma criança. Não podemos deixá-la como um enfeite onde sempre estará protegida. Ela vai correr, vai se divertir e vai se machucar, faz parte do processo. Você tem que se acostumar com isso.

Ele assente, seus olhos de repente encontrando os meus daquele jeito. Com aquele amor, aquele calor, aquela carícia. Rapidamente desvio meus olhos e pego minha bolsa.

— Eu vou indo, então. Espero vocês amanhã à tarde.

Caminho a passos rápidos até a porta, mas João Pedro é mais rápido. Ele passa por mim, a tranca e esconde a chave atrás de si. Há um sorriso travesso em seu rosto quando o encaro confusa.

— Você não vai embora, Laura. Nem pensar vou permitir que passe por essa porta.

— Do que está falando? Eva está dormindo, não tenho mais o que fazer aqui.

Ele ri.

— Eu estou acordado. — Dá um passo em minha direção, os olhos quentes fixos nos meus. — Tenho muitas ideias de várias coisas que você pode fazer aqui. — Mais um passo e ouço o barulho da chave caindo em algum lugar no chão quando ele a joga longe. — Não chamei você aqui, você decidiu vir, como fez no iate, então é minha obrigação agora não a deixar ir embora até que faça amor comigo.

— João Pedro... — abro a boca para dar uma desculpa qualquer para fugir daqui, mas não consigo. Não posso. Eu quero ficar, quero ser dele de novo. Quero seu olhar quente, a boca sobre meu corpo, seus braços à minha volta.

Jogo a bolsa no chão e ele entende, em um segundo me alcança, sua boca está na minha enquanto suas mãos me levantam com facilidade. Passo minhas pernas por sua cintura e ele me prende à parede mais próxima, beijando-me como se sua vida dependesse disso. Suas mãos estão presas à minha bunda, sustentando meu peso contra essa parede.

— Me leva para o quarto — peço baixinho entre um beijo e outro e prontamente ele atende.

Ele me deixa sobre a cama. Esta mesma cama onde fizemos amor tantas e tantas vezes. A mesma cama onde Eva foi feita. Ele parece se lembrar também, tira a blusa devagar enquanto seus olhos estão em mim, há uma emoção neles, está também em seu sorriso bobo, na maneira como morde os lábios e se aproxima de mim.

— Não acredito que você está aqui comigo de novo.

Ele se abaixa até onde estou beijando-me levemente, mordiscando meus lábios, pressionando, brincando, enquanto suas mãos sobem minha blusa e ele a tira. Enquanto desabotoa meu sutiã, abro sua calça e liberto seu pau. O toco e ele geme em minha boca, então o empurro afastando-o de mim, me levanto enquanto ele se senta na cama, me ajoelho entre suas pernas e alcanço seu pau com a boca. Preencho minha boca com seu membro, o sinto enrijecer entre meus lábios, enquanto movimento a boca por sua extensão, provando de novo seu gosto, sentindo sua pele quente em minha língua. Contorno a cabeça com a língua e volto a colocá-lo na boca, até meu limite, até onde aguento levar. Ele segura meus cabelos guiando meus movimentos. Me apoio em suas pernas firmes e observo seu rosto, o prazer estampado ali, a maneira quente como seus olhos não saem dos meus. Uma mão permanece em meus cabelos, guiando-me de acordo com seu desejo e a outra acaricia meu rosto, um toque leve, contornando-o. Mas antes do que gostaria afasta minha boca, segura meu rosto levando-me até o seu e me beija desesperadamente.

Levanto-me com sua ajuda, termino de tirar a roupa e ele faz o mesmo. Me estende os braços e me encaixo neles, subindo sobre ele na cama, deixando com que me preencha devagar, até que esteja todo dentro de mim. Ele me abraça, sem se mover no começo, beija meu ombro e pescoço carinhosamente, seus braços cercando meu corpo nu, meus seios pressionados em seu peito. Então ele me movimenta. Só preciso desse incentivo e encontro meu ritmo, subindo e descendo, sentindo-o me preencher e então de novo, alcançando algo em mim que me faz ter dificuldade de raciocinar. Seus olhos estão nos meus, suas mãos firmes em minha bunda e seu corpo se movendo, acompanhando meu ritmo. Ele

abocanha meu seio enquanto me movimento, morde de leve o mamilo e o movimento brusco que faço, causa uma dor deliciosa ali. Me agarro em seus ombros, cravando as unhas em sua pele como sei que gosta.

Então ele gira nossos corpos, caindo sobre mim. Suas investidas são mais fortes agora, toco sua barriga enquanto ele me toma, contorno os músculos, as tatuagens, até segurar em seus braços. Uma mão sua toma um seio, beliscando-o, acariciando e fazendo de novo. Quando não posso suportar mais, seu corpo cai sobre o meu, seu peso me prende sob seu corpo forte e gozo, me perdendo no prazer, no seu cheiro, no seu suor misturado ao meu, no calor de sua pele cobrindo a minha. Em sua boca que acaricia todo meu pescoço, em seus braços fortes que levantam meu corpo para ir mais fundo quando ele também goza.

Ficamos um tempo assim, embolados, suados, ele dentro de mim. Seu rosto em meu pescoço, sua respiração acelerada em meu ouvido. Até que ele me beija de um jeito tão doce!

— Vem tomar um banho comigo? — pergunta em meus lábios e assinto.

Não sei onde vou conseguir forças para me levantar agora, mas não é preciso. Ele me pega em seus braços, levando-me até o banheiro. Me deposita já debaixo do chuveiro e liga a ducha, a água quente me cobre e seus braços me cercam. Ficamos abraçados sob a água. Ele beija meu cabelo e me agradece baixinho. Não faço ideia do porque está agradecendo, mas permaneço quieta em seus braços, completamente conectada ao seu corpo e deixo que me dê banho depois, lavando-me gentilmente, beijando meu corpo, acariciando-o, só para fazer o mesmo com ele e assim dormimos juntos em sua cama.

Acordo com o dia nascendo, antes que Eva acorde, para ir embora. Não é bom que me veja aqui, isso pode confundir sua cabeça e não serei capaz de explicar à minha filha algo que não sei explicar nem para mim mesma. Eu sinto que não deveria ceder, há uma voz em minha mente repetindo sem parar que vou me ferir de novo. Mas não me importo. Quando ele me olha daquele jeito nada mais importa. Saber que tudo de bom que vem dele vem

acompanhado por consequências ruins não é o bastante para me fazer parar agora. Temo que nada seja o bastante então.

Ele abre os olhos quando estou me levantando e segura minha mão assustado, me impedindo de sair da cama.

— Onde você vai? Por que está saindo escondido?

O sol nasce lá fora, vejo pelo reflexo na cortina. Abro a boca para esclarecer sobre Eva, mas antes disso ele se senta e me puxa para seus braços.

— Você vai fingir que isso não aconteceu também? — pergunta e parece magoado.

— Não. — Consigo me afastar e olho em seus olhos sentidos. Acaricio seu rosto e explico: — Eva vai acordar daqui a pouco, se nos vir dormindo juntos vai ficar confusa. Achei melhor eu ir embora antes que ela acorde. Não gosto de mentir para ela e não posso explicar que dormi aqui na cama com seu pai.

Ele sorri.

— Pensei que você ia fugir.

Me levanto e me visto rapidamente. Calço os sapatos e não encontro a bolsa, então me lembro que a joguei na sala ontem à noite.

— Boa sorte para achar a chave da porta, não faço ideia de onde a joguei — provoca.

Sorrio em resposta e quando chego a porta, olho para ele deitado ali, com um sorriso preguiçoso e um olhar quente. Há uma alegria em seus olhos que vejo sempre que ele me toca, como ele mesmo disse. Não estava mentindo sobre isso. Seu torso descoberto exibe as tatuagens e as ondas que possui. O cobertor cobre apenas seu pau, suas pernas estão relaxadas, me convidando para voltar e montar sobre elas.

— Eu não estou fingindo que a ilha não aconteceu — digo. — Não é como se eu fosse cumprimentá-lo a partir de então com “boa tarde, João Pedro, que transou como louco comigo em uma ilha durante um sequestro na semana passada.”

Ele ri alto. Então se lembra de Eva e cobre a boca, quando responde o

faz baixinho.

— Não foi um sequestro. Mas não deixa de ser um sonho, até este momento ainda custo a acreditar que é real. Você sabe, eu não mereço.

— Não fala isso, não repete mais isso. Eu preciso ir, mas você pode falar comigo se precisar. Você tem parecido preocupado nesses últimos dias.

Ele se senta na cama e me observa, cruza os braços e exhibe um sorriso convencido.

— Como assim? Quer dizer que agora somos amigos? Você disse tantas vezes que não éramos, estou confuso.

Reviro os olhos o que o faz rir.

— Considerando a quantidade de vezes em que você entrou em mim desde o último final de semana, nós temos que ser alguma coisa, não é, João Pedro?

— Fala desse jeito comigo de novo e eu te joga nessa cama e vamos acordar a Eva com seus gritos.

Sorrio, deixo o quarto e fecho a porta. Encontro a bolsa com facilidade, a chave, nem tanto. Dou uma conferida em Eva antes de sair, ainda é difícil deixá-la. Parece errado eu ir embora enquanto ela dorme. Mas vou.

Me joga em minha cama quando chego à mansão e um sorriso bobo não sai do meu rosto. E então me vejo de novo, como sete anos atrás, completamente boba, encantada, fascinada, sem conseguir entender o que eu sentia, mas consciente que eu sentia algo forte demais para ser ignorado. Penso o que falaria para essa Laura caso a encontrasse agora, se eu diria para ela fugir desse amor antes que tudo acontecesse. Mas o sinto dentro de mim de novo, seus braços à minha volta, seu cheiro, o jeito como me olha. Será que alguém mais nesse mundo me amaria desse jeito? Um sentimento que transbordasse em olhares, lábios e toques? E me assusto ao assumir que eu diria para essa Laura que vai sofrer tanto, que ela precisará passar por tudo porque vai valer a pena.

Na quinta-feira estou conversando com Mara após chegar do trabalho,

ela tem cuidado de Eva enquanto as aulas não voltam. Não me deixou contratar uma babá garantindo que é um prazer ficar com ela. Então ouvimos um grito de Eva. Subo correndo até seu quarto e a encontro sentada na cama, ela chora baixinho e olha assustada para um ponto. Ouço passos atrás de mim antes mesmo de me virar para ver quem é. Joaquim está aqui. Ele caminha até a porta com um sorriso e a tranca, tirando a chave em seguida. Sua mão está por dentro do terno que usa, não faço ideia se há alguma arma com ele ou se quer apenas me assustar.

— Sente-se, Laura — ordena. — Nem pense em tentar sair pela janela.

— Como você entrou aqui? — pergunto sentando-me em frente minha filha, cobrindo seu corpo com o meu.

Sinto seus braços presos em minha roupa e ela não chora mais, mas treme. Deixo minhas mãos sobre as suas para que entenda que irei protegê-la.

— Esta é minha casa, Laura, entro nela quando eu quiser. Vocês não podem ter mesmo pensado que iriam me proibir, me banir assim do meu lar, como se eu fosse um bicho qualquer.

— Você tem razão, eu não deveria ter acreditado que teria tanta sorte!

Ele sorri, dá um passo em minha direção e levanto a voz, não gritando para não assustar mais Eva, mas o suficiente para que ele entenda que não vou deixar que chegue perto dela.

— Não se aproxime da minha filha! Você não sabe do que sou capaz para protegê-la, Joaquim!

Ele estende as mãos em sinal de paz e se senta em uma poltrona.

— O que você quer aqui?

— Falar com meu irmão. Não sei se ele contou a você, imagino que não, já que tem passado todo o seu tempo grudado na sua nova melhor amiga, Filipa Albuquerque.

Eu não fazia ideia que Filipa havia voltado e ele percebe minha surpresa, exhibe agora um sorriso vitorioso.

— Ele não te contou, não é? Também não te contou que a Filipa doou as ações dela na Nobre para mim? Sou sócio da empresa agora. Mas então,

quando fui trabalhar, exercendo o meu direito, ele se achou no direito de me expulsar de lá.

Sorrio em resposta.

— Bem feito

— Você não sabe se estou armado, Laura.

— Não vai me fazer sentir pena de você se estiver, Joaquim.

Ele sorri de volta, parecendo então mais calmo.

— Gostei do que fizeram com este quarto. Ficou bem delicado — comenta olhando em volta.

— Fale logo o que você quer e saia daqui.

— Só vou embora quando meu irmão aparecer aqui, Laura. Você vai pegar seu telefone agora e vai ligar para ele, vai dizer a ele que estou aqui, que estamos conversando amigavelmente e que ele deve se juntar a nós, ou...

— Ou o quê?

Ele encara atrás de mim, está olhando para Eva, sinto pela maneira como seus dedinhos apertam minha roupa e ela encosta o rosto, escondendo-o em minhas costas.

— Está tudo bem, meu amor. O tio Joaquim não vai machucar você, só estamos esperando o papai, tudo bem? — digo e sinto-a assentir.

— Por que você nunca conversa comigo, pequena Eva? Titio gosta tanto de você!

— Eu não gosto de você — ela grita em resposta, o rosto ainda escondido em minhas costas.

— Que pena! Não fiz nada a você para merecer isso. Vamos, Laura, não tenho o dia todo. Ligue para meu irmão e o traga até aqui.

Não quero ligar. Tudo em mim avisa que não devo fazer isso. Joaquim volta a tocar dentro de seu terno e Eva está assustada atrás de mim. Não tenho saída. Se estivesse sozinha eu arriscaria, mas não posso arriscar Eva. Joaquim está louco. A inveja corroeu completamente sua alma, está

infectando seu cérebro. Não parece perigoso ou desequilibrado olhando-o assim, sentado na poltrona esperando que eu aja. Mas o conheço o bastante para saber que seus sorrisos e sua calma são sua pior ameaça.

Pego o celular e faço a ligação. Quem atende o celular é uma mulher, Filipa. Reconheço sua voz.

— Laura, está tudo bem? O João Pedro está em uma reunião agora, deixou o celular em sua sala, é urgente?

— É urgente. Preciso falar com ele agora.

Ela interrompe a reunião, escuto o que diz quando passa o telefone a ele.

— Laura?

— Joaquim está aqui, no quarto da Eva comigo, ele espera por você para que vocês conversem.

— Estou indo — ele diz e a ligação é desligada.

— Filipa atendeu o telefone dele? Vou te contar um segredo sobre ela. Éramos muito amigos quando você trabalhava na Nobre, imagino que se lembre. Bem, ela bancou seu casamento enquanto estava apaixonada por seu noivo. — Ele ri alto e não sei dizer se está mentindo. — Imagine isso? Como sofreu nossa pobre Filipa! Ficou tão feliz quando me ligou e eu contei que João Pedro e você estavam separados sem a menor chance de reconciliação! Ela pegou o primeiro voo de Portugal para cá. Não encontrou o João Pedro então veio até mim. Mas claro, assim que o encontrou grudou nele como deveria ter feito sete anos atrás. Você vai gostar de saber que em breve ela vai fazer com o que o João Pedro a deixe em paz, Laurinha. Talvez ele abandone até mesmo essa criança que ele sequer criou.

— Não fale assim na frente dela. Ela sabe que o pai nunca a deixaria.

— E você continua defendendo-o cegamente. O que ele faz que deixa as mulheres tão fiéis a ele, eu não entendo. Meu irmão sempre teve isso, esse poder sobre as mulheres. Elas ficam burras por causa dele — diz e dá de ombros, como se não fosse nada demais.

— E você sempre teve inveja disso também, não é? Posso imaginar a

sua vida infeliz, Joaquim. O irmão sempre o preferido do pai, o preferido dos amigos, o preferido das mulheres. E para você sobrou o quê? Ser sempre o rejeitado, o solitário, o filho excluído do testamento.

Ele se levanta e vem em minha direção. Segura meu rosto e me arrependo por tê-lo provocado. Por que não segurei a língua? Eva volta a chorar e ele se afasta.

— Mande essa menina calar a boca, não vou encostar um dedo mais em você. Em nenhuma de vocês. Ela não precisa ter medo.

Aperto as mãos de Eva e ela chora mais baixo.

Os minutos parecem se transformar em horas e nada do João Pedro. A Nobre não fica longe da mansão, geralmente uns quinze minutos, imagino que menos, já que ele deve estar vindo como um louco. Vai chegar a qualquer momento. Drika e Mara batem na porta, mas Joaquim responde que só vai abrir quando o irmão chegar. Drika pergunta se deve chamar a polícia e Joaquim diz que é só uma conversa, mas tudo vai acabar mal se elas o fizerem. Então seus olhos estão sobre mim. Desde quando perdeu o controle e quase me agrediu, mantém os olhos em mim.

— Você é tão bonita, Laura! Confesso que no início a quis apenas para feri-lo. Seria lindo se ele saísse da cadeia após tantos anos do seu silêncio e a encontrasse comigo. Seria perfeito. Mas você não cooperou, é uma pena. Com o tempo, suas constantes recusas, sua língua afiada e essa força que você exala, eu realmente me apeguei a você, Laura. Eu a desejei muito. Eu cheguei a sonhar em ter você.

— Há uma criança neste quarto, caso você não se lembre — respondo mal contendo a repulsa em minha voz.

— Perdão, me esqueci dela, ficou tão quietinha. Boa menina, Eva, continue assim.

As batidas na porta são fortes e logo João Pedro grita:

— Joaquim! Abra essa porta ou irei derrubá-la!

— Meu irmão chegou — ele comenta contente.

Levanta-se devagar, me olha de cima a baixo e abre a porta. João Pedro

o pega imediatamente pelo colarinho e me levanto indo até ele.

— Eva está aqui — lembro-o para que não a assuste ainda mais. Quando perdeu o controle com Joaquim na Nobre, quase o matou. Não quero que Eva presencie uma cena como essa.

Volto até ela e a pego no colo, tirando-a do quarto. A levo até a cozinha para acalmá-la. Não sei o que acontece no quarto depois disso, penso que João Pedro irá agredi-lo de novo e não quero que Eva veja o tio machucado e saiba que foi o pai. Então, por mais que ela chore e chame por João Pedro, não permito que vá até ele.

Até que Drika surge na cozinha e faz um gesto com a cabeça. Ela pega Eva nos braços e vou até eles. João Pedro o está escoltando até a porta de saída, segurando seu braço e o empurrando enquanto Joaquim ri.

— Não se atreva a voltar aqui, Joaquim — avisa baixo, mas num tom de voz assustador. E Joaquim não parece ferido.

— Acho que você não entendeu o meu recado, irmão. Posso atingir você bem mais fácil do que imagina. Tente me tirar da empresa de novo e você vai ver. Assim como entrei fácil agora, o farei quantas vezes forem necessárias. Da próxima vez posso não vir apenas para uma conversa. — Seus olhos encontram os meus e ele sorri. — Laura, você está cada dia mais linda! Talvez na próxima eu entre no seu quarto e não no da Eva.

João Pedro dá um passo em sua direção, para o punho no ar, a poucos centímetros do seu rosto, mas não o acerta. Faz um movimento negativo com a cabeça e parece se acalmar de repente.

— Não vai bater em mim, irmão? — Joaquim provoca.

— Não, hoje não. Vou fazer muito pior, você vai desejar ter apanhado. Seria sua saída fácil, porque eu vou acabar com você de maneiras muito piores, Joaquim. Você nem vai ter chance de pensar no que fazer a seguir.

Joaquim ri, mas não consegue esconder o medo. Se despede de mim e vai embora. Assim que fecha a porta, João Pedro me puxa para seus braços e me prende a ele.

— Meu Deus! Que susto, Laura! Se ele tivesse tocado em vocês, não

sei o que eu faria.

— Está tudo bem, acabou, está tudo bem.

Ele parece desesperado enquanto me abraça. Eva vem correndo chamando pelo pai e ele a pega. A abraça também, tranquilizando-a quando ela chora. Mantém nós duas em seus braços até que fique calmo, que esteja respirando normalmente, que não haja mais a raiva em seus olhos.

— Papai, não quero mais ver o titio, estou com medo — Eva diz.

— Você não vai mais vê-lo, meu anjo, não vou deixar. Estarei aqui para proteger você, tudo bem?

Ele me olha por tempo demais e de repente, tem um sorriso no rosto. Um sorriso! Quando está tão irritado e assustado, um sorriso não pode indicar coisa boa.

— Papai vai voltar a morar aqui, Eva. Com você e com a mamãe. Ninguém mais vai assustar nenhuma de vocês duas.

Eva comemora e de repente sinto o chão sob os meus pés tremer. Ele vai viver aqui? Sob o mesmo teto que eu? Justo agora que mal consigo me controlar perto dele?

Isso não vai dar certo de jeito nenhum!

17

João Pedro

Laura não tem reação. Ela me olha com algo nos olhos e não sei identificar se é algo bom ou ruim. Mas não nega imediatamente, não está me proibindo, nem tirando da nossa filha, que pula pela casa, a felicidade desmentindo que voltarei a morar aqui. Após o susto de quando ela me ligou, agradeço internamente a Joaquim pela enorme ajuda que me deu. Claro, isso não vai me impedir de acabar com ele. Ainda sinto a raiva, o medo, a vontade de matá-lo correndo por minhas veias agora.

Eva corre até mim e abraça minhas pernas.

— Obrigada, papai, muito obrigada.

— Pelo que, pequena?

— Por voltar para casa, por me dar o que eu mais peço a Papai do céu, minha família finalmente!

Laura a observa e não diz nada. Ela não diz que não virei. Ela vai me aceitar aqui. Sorrio, não consigo me conter.

— Não precisa agradecer, minha pequena. Sua mãe e eu sempre estaremos aqui por você. Por que você não vai contar a novidade à vó Mara?

Ela corre imediatamente até a cozinha. Laura a observa correr e seus

olhos buscam os meus em seguida. Me aproximo devagar, ela não se afasta. Quero tanto tomá-la agora e acabar com essa ira que me toma dentro dela! Quero fazê-la gritar bem alto, para que sua voz acalme as vozes na minha cabeça me dizendo que a culpa é minha, que coloquei ela e Eva em perigo com minhas ações.

— É irônico, não é? — pergunto aproximando-me mais. — Que justo quando decido esquecê-la tenha que vir morar sob o mesmo teto que você.

Seus olhos estão nos meus, nossas roupas se tocam agora.

— Mas você não precisa me... — Ela se cala de repente.

— Não preciso o quê? Termine, Laura.

— Se mudar para cá — responde prontamente, um brilho em seus olhos que a entrega.

— Tem certeza que é isso o que você ia dizer? — pergunto e toco seu cabelo.

Ela fecha os olhos por um segundo, mas torna a abri-los e estão de novo conectados aos meus.

— Claro! O que mais eu diria? — provoca com um sorriso.

— Que eu não preciso esquecer você — respondo baixinho e beijo o canto de sua boca.

A risada de Eva chega até nós e Laura dá um passo para atrás quando a pequena surge correndo e a abraça, gritando pela casa que vai ter sua família finalmente.

— Mamãe, eu vou escolheu o seu vestido. O papai disse que podia — ela diz e volta a correr.

— Eva, nós não... — Laura tenta, mas Eva já sumiu. — Precisamos explicar a ela que isso não significa que vamos nos casar de novo.

Sorriso.

— Eu não, mas boa sorte para tentar explicar isso, já que você não mente para ela — digo irritando-a e passo pela porta, preciso buscar minhas coisas. Antes, dou uma bronca em Otto que já me liga inconformado e mando

que ele mesmo fique de prontidão na porta da mansão até que eu volte.

Jantar em família hoje é diferente das outras noites. Eva canta músicas sobre a comida feita por Drika e finaliza dizendo que está com saudade do purê da mamãe. Laura ri e promete que vai cozinhar para ela amanhã. A ajudo a escovar os dentes e vestir o pijama depois. E era isso o que eu mais queria, fazer isso sabendo que estarei no quarto ao lado se ela precisar de mim. Que poderei vir acordá-la pela manhã e ser o primeiro a ver seu sorriso preguiçoso. Farei parte da rotina dela agora, dos seus dias, do seu lar. Estou colocando-a na cama quando Laura entra. Usa uma camisola de seda rosa clara que vai até seu pé e abraça seu corpo ressaltando cada curva. Fico impressionado em como é linda. Ela sempre me impressiona.

Laura faz a oração e fico na cama com Eva até que ela durma. Logo, vou atrás de Laura. A porta do seu quarto está fechada e penso em bater, mas não o faço. A abro devagar e ela está penteando os cabelos em frente a um espelho. Não diz nada quando me vê, nem quando entro. Tiro a escova de sua mão e o penteio para ela.

— Vim saber qual vai ser meu quarto — brinco.

— O que você quiser. Desde que seja o mais distante possível de mim — responde com um sorriso.

— Você sabe bem onde isso vai acabar.

Ela desvia os olhos e percebo que parece preocupada.

— Você devia ter entregado o Joaquim à polícia. Ainda dá tempo.

— Não é preciso. Vou fazer algo muito pior com ele. Depois sim ele vai para a prisão, mas não apenas por invadir a casa. Ele vai pagar por tudo.

Vejo em seu olhar que não concorda, está com medo, também estou. Mas sei o que estou fazendo.

— Confia em mim, Laura.

Espero imediatamente sua resposta debochada sobre meus erros e as vezes em que confiou em mim, mas ela apenas assente. Meu coração parece dar um salto no peito e a deixo apenas porque preciso fazer algo agora, algo

muito importante. Há alguém a quem tenho que pedir ajuda se quiser acabar com meu irmão.

Christopher me espera na gravadora na manhã seguinte. Filipa fez questão de vir comigo, uma vez que está se sentindo muito culpada por ter dado a Joaquim o acesso que ele precisava à empresa. Apesar das ameaças de Joaquim, não permiti sua entrada na empresa hoje. E claro, dobrei o número de seguranças na porta da mansão. Tentei convencer Laura a ficar em casa, mas sabia que seria inútil. Então fiz com que aceitasse vir trabalhar com um segurança.

Christopher vem até mim e a expressão de Laura ao ver como ele me cumprimenta chega a ser engraçada. Isso não vai acabar bem. Aquela paz gostosa, nosso joguinho de sedução, de olhares, de beijos roubados, vai sofrer um belo abalo agora. Entramos em sua sala e ela vem em seguida.

— Posso entrar, senhor Becker?

— Já ia chamar você, Laura. Imagino que o JP não se importe se você acompanhar o que vai ser dito aqui.

— Não me importo.

— JP? De onde vocês se conhecem? — pergunta confusa.

Christopher me encara e o encaro de volta. Ele sorri, sorriso de volta. Então seguro os ombros dela e digo da maneira mais calma possível:

— Seu chefe esteve preso comigo em Caxambu por algum tempo. Ele é algo como meu melhor amigo desde então.

Ela não reage e isso não pode ser bom. Encara Christopher com a pergunta no olhar, como ele não diz nada, ela deduz.

— Então foi por isso que consegui o emprego.

Christopher assente.

— Mas, antes de você se demitir por orgulho, te peço que por favor, não faça, Laura. Você é valiosa demais aqui. Sim, eu a procurei e ofereci o emprego porque era a mulher do meu melhor amigo, mas se você não fosse

apta ao cargo que ocupa, não o teria confiado a você. Teria confiado algo menor, pode ter certeza disso.

Seu olhar volta ao meu, há decepção nele. Imagino o que esteja sentindo, eu deveria ter contado isso antes, por que não o fiz?

— Obrigada pela oportunidade assim mesmo, senhor Becker — ela diz, desviando os olhos dos meus.

— Você não vai se demitir, não é? Por favor, Laura, eu deixo de ser amigo do JP se for preciso — Christopher diz para amenizar o clima.

— Não, não irei me demitir. Só não quero que o senhor me trate em nenhuma circunstância como a mulher do seu amigo.

— Não vou. Não o fiz desde que você desmascarou o Ramon e não o farei. Eu prometo.

Ela assente e pretende deixar a sala, mas seguro sua mão.

— Você deveria ficar. O que vamos dizer aqui tem a ver com Joaquim, e, indiretamente, com a Eva e com você.

Ela encara Filipa sentada em uma cadeira. Filipa sorri gentilmente para ela, mas Laura não faz isso de volta. A cumprimenta como se não quisesse que ela estivesse aqui e é nítido isso. Ela passa por mim e se senta em um banco longe da cadeira na qual sabe que irei me sentar.

— Do que você precisa, JP? Não vou demitir ninguém por sua causa, já aviso — Christopher provoca encarando Laura com um sorriso.

Faço uma careta para que cale a boca e digo:

— Preciso da sua ajuda para acabar com meu irmão, Christopher.

Ele sorri. Por um momento penso que vai negar ou me dar algum conselho completamente oposto a isso, já que fez as pazes com o irmão enquanto esteve preso e falou algo sobre o amor fraternal na ocasião.

— Você quer a minha ajuda para acabar com seu irmão? Você procurou a pessoa certa, o que tem em mente?

— Preciso fechar a firma de advocacia dele. E também a firma clandestina. Preciso que ele perca as ações que tem na bolsa em seguida. De

forma que tudo o que restar a ele sejam as ações que a Filipa deu a ele na Nobre.

Ele assente, observa Laura atrás de mim e giro a cadeira para olhá-la também. Ela parece com medo.

— Não se preocupe, meu bem, você e a Eva estarão seguras — garanto.

— Você disse isso da última vez e ele entrou no quarto dela.

— Não vou falhar dessa vez. Confie...

— Sêrio? Confiar em você? O que mais eu faço na vida, não é, João Pedro? Como se eu tivesse outra escolha.

Ela se levanta e encara Filipa.

— Por que você está aqui?

Filipa é pega de surpresa pela pergunta direta. Ela gagueja um pouco, mas ajeita os cabelos loiros atrás da orelha e responde como se estivesse levando uma reprimenda.

— Porque me preocupo com João Pedro, estou aqui para apoiá-lo.

— Ela está aqui porque foi ela quem deu as ações ao Joaquim, está apenas tentando remediar seu erro — explico em seguida, pois a resposta de Filipa não foi a que eu esperava.

— Bem, acho que de erros todos nós entendemos muito bem — Laura diz para ninguém em particular, pede licença a Christopher apenas e deixa a sala.

— Consigo fechar a Vortex ainda hoje para você. A Fagundes Advocacia vai ser mais complicado, e mais complicado ainda será que a pessoa a quem vou recorrer para isso é o Elias.

— Merda, Chris!

— Não tem outro jeito, homem, você vai precisar dos favores do seu rival. João Pedro, preciso admitir que acompanhar sua vida tem sido uma diversão e tanto! Olá, Filipa, é um prazer conhecê-la, você é o que do JP mesmo?

Ele me lança um olhar divertido e só consigo procurar Laura entre as pessoas na empresa, mas não a encontro mais.

Ela não janta com a gente esta noite, mas vai colocar Eva para dormir. É gentil comigo na frente dela, mas temo que não vai ser assim sem a presença da pequena. Assim que Eva dorme, ela se levanta e segue até seu quarto, ignorando que estou falando com ela.

A sigo. Ela bate a porta na minha cara, mas não me intimido. Entro assim mesmo, já que ela não a tranca.

— Você está brava? — pergunto aproximando-me devagar.

Ela procura algo em seu guarda-roupa e percebo que ocupa apenas uma das seis portas disponíveis para ela. Tem pouquíssimas coisas para si, enquanto Eva tem um guarda-roupa bem abastecido. Ela comprou roupas novas para ela assim que se mudou para a mansão, mas não para si mesma.

— Por você estar sempre manipulando a minha vida? Não! Por que estaria?

— Eu não estava manipulando ninguém Laura, eu não pedi esse favor a ele. Ele é quem foi me buscar quando saí da prisão e me disse que havia te conhecido e oferecido um trabalho a você, porque vocês estavam passando por dificuldades. Então sim, foi por minha causa que ele ofereceu o emprego a você, já que a conheceu através de mim, mas não a meu pedido.

— Tem certeza? Não foi como quando você convenceu a Eva a vir morar aqui porque era o que você queria? Ou quando me fez entrar naquele iate?

— Eu só estava cuidando de vocês.

— O que você chama de cuidado, eu chamo de manipulação — responde aproximando-se de mim, me desafiando.

— Nós temos opiniões divergentes sobre isso.

— Isso é tudo o que você vai dizer? — Há tanta mágoa em seus olhos que começo a pensar que essa coisa boba, uma informação que esqueci de dar a ela, vai colocar todo meu progresso a perder. — Me irrita que você só conte

o que te convém contar, você não me contou que meu chefe era seu melhor amigo, como não me contou que sua amiguinha rica e linda estava de volta.

— O que isso tem a ver?

— Ela está apaixonada por você? Foi por isso que você não me contou?

Sinto um alívio tão grande quando seu rosto começa a ficar vermelho, que me pego sorrindo. Sei que isso apenas irá irritá-la mais, mas não consigo segurar. Ela está com ciúmes. Laura está com ciúmes de Filipa. Não é que todo progresso esteja perdido, pelo contrário, ela tem medo de me perder.

— Almoça comigo amanhã? — peço de repente e ela se surpreende.

— Não. Preciso procurar uma escola para a Eva.

— Já cuidei disso, deixei uma pasta no escritório com duas escolas ótimas. Fiz toda a pesquisa. Quero saber quando você pode ir até elas comigo para que possamos escolher.

Se olhar é tão surpreso, que me pego rindo.

— Não me olhe desse jeito tão surpreso por eu estar sendo pai.

Ela sorri de volta. Ainda há aquela chama dos ciúmes em sua expressão, mas sorri.

— Não estou — tenta negar, mas desiste. — Você me surpreendeu, desculpe.

— Logo, você pode almoçar comigo amanhã.

— Sua amiga Filipa está apaixonada por você?

— Não, claro que não! De onde você tirou isso?

Ela dá de ombros e se afasta, escolhe uma blusa qualquer, aquela maldita camisa masculina que não sei de quem é e tira a blusa que usa na minha frente. Como se eu não estivesse aqui. Tira a calça e o sutiã, pega a blusa e segue em direção ao banheiro.

Me sinto duro de repente, me sinto quente, ansioso, excitado. Vou atrás dela imediatamente, mas ela trancou a porta do banheiro. Bato na porta, mas não tenho resposta.

— Ah, Laura, cruel Laura! Bela vingança! — reclamo e ouço sua risada. — Você almoça comigo amanhã?

— Não! Almoce com sua amiguinha, e não é para você ficar entrando no meu quarto, ele não é um ambiente de livre acesso da casa.

— Tudo bem, eu almoço com a Filipa — respondo e deixo o quarto. Dois podem jogar esse jogo.

Hoje é o aniversário da Eva, a acordamos na cama com beijos e abraços e acho que nunca vi minha filha tão feliz. Ela nos faz contar uma história para ela ainda na cama e não pergunta por presentes ou por uma festa. Descemos para tomar café e estranho não ver a movimentação pela casa. Na semana passada, quando perguntei a Laura pelos preparativos para a festa ela disse que tinha tudo o que precisava. Trabalho de casa hoje para ficar mais tempo com ela, ao contrário de Laura, que precisa ir para o trabalho.

Quando ela chega, ainda não há movimentação na casa de pessoas arrumando tudo e estranho isso. Talvez tenha decidido fazer a festa no final de semana. Então entrego a Eva meu presente. Uma pulseira feita para ela, com seu nome lapidado em ouro branco. Há pequenas pedras coloridas nela, um diamante, uma safira, uma esmeralda e um rubi. Ela fica encantada. Mostra para a mãe assim que a vê. Repete a Elias, que veio com Laura, que é uma peça única e ninguém mais no mundo tem uma pulseira, uma mãe e um pai como os dela.

Elias veio porque vai me ajudar a derrubar Joaquim. Ele me cumprimenta da mesma maneira de antes, com um aviso velado. Laura vai até a cozinha buscar algo para comermos e o jeito como ele acompanha sua saída com os olhos, sem desviá-los, não me agrada em nada.

— Vai ser muito fácil fechar a Vortex, Fagundes. Temos provas das fraudes e dos golpes na Nobre, mas seu irmão saberá se você entrar com esse processo.

— Tudo bem. Faço questão que meu irmão saiba que fui eu a tirar tudo dele.

Elias olha em volta, provavelmente se certificando que Laura não está

ouvindo, então sua postura muda totalmente.

— É um jogo perigoso esse que você joga. Seu irmão é claramente um bandido, como você. Mas ao se vingar de você ele não vai machucá-lo, vai fazer isso com a Laura e a Eva. Você deveria tomar mais cuidado.

— Agradeço o seu conselho, se isso foi um.

— Foi um aviso. Você não deveria estar nesta casa, sob o mesmo teto que ela. Você não a merece, João Pedro. Deveria deixá-la em paz!

Por alguns segundos ele consegue me atingir, porque tenho ciência que não a mereço. Eu poderia admitir isso se não tivesse sido dito por um homem que quer por suas garras na minha mulher.

— Deixá-la em paz para que ela caia nos seus braços, Elias? Até poucos dias eu era a pessoa a quem ela mais odiava no mundo, você era o amigo dela, ainda assim não foi capaz de conquistá-la?

— Ela não está em um maldito jogo.

— Não está, ela é minha mulher! Quero que fique bem claro que eu a amo, e sim, tenho ciência que não a mereço, mas por algum motivo ela me ama de volta. E não vou desperdiçar isso jogando-a nos seus braços. Não vou deixá-la em nenhum outro braço que não seja o meu. Laura é minha, vai se casar comigo de novo e você deveria se acostumar a isso.

Laura volta com os lanches, estranha o clima entre nós dois, mas não diz nada. Elias explica tecnicamente a denúncia e entrada no processo. A Vortex será fechada. Ele também pegou algo sobre a Fagundes Advocacia, mas não é suficiente para fechá-la. Os advogados da equipe de Joaquim foram os meus advogados por anos, não quero prejudicá-los. Elias tem provas de que ao menos um deles está envolvido nos golpes contra a Nobre, então trato de entrar em contato com amigos do meu pai. Consigo uma firma melhor com salários melhores para a equipe dele. Joaquim não vai trabalhar há dias, eles disseram, não é difícil convencê-los a abandonar o barco.

— Não se preocupe, Elias, se Joaquim e seu sócio deram golpes na Nobre, com certeza o fizeram em outras empresas. Vou conseguir isso para podermos fechar a Fagundes Advocacia.

— Você fará isso, Fagundes. Vou cuidar da Vortex, porque me comprometi com o Christopher, mas não irei ajudá-lo mais, com nada disso.

Ele se levanta e vejo que Laura está confusa com sua reação.

— Você deveria tomar cuidado, Laura. O que ele está fazendo vai colocar você e a sua filha direto na mira do irmão maluco dele. Você devia se mudar desta casa com ela e se afastar o quanto antes desse homem. Acho que você não se lembra mais o perigo que ele representa para vocês.

Temo a reação de Laura quando alguém com uma possível razão mexe assim com a mente dela. Ainda mais quando ela não concorda com meu plano, ela está com medo, preferia que eu tivesse entregado Joaquim à polícia por ter invadido a casa. Mas, com uma confiança que ela provavelmente não tem, responde:

— Estive na mira de Joaquim Fagundes por todos esses anos, Elias. O que quer que o João Pedro faça não vai melhorar ou piorar isso. E alguém precisa pará-lo.

Ele não esconde a decepção por ela me defender, mas se despede dela cordialmente e vai embora.

— Ele está mais do que disposto a te oferecer sua proteção — comento emburrado. — Melhor tomar cuidado com as intenções dele.

— E ele não é o único, não é mesmo? — provoca e se afasta.

Uma chuva começa a cair lá fora quando Laura surge com um bolo feito por ela e o coloca na mesa. Há massa de bolo em seu rosto e cabelo. Balões estão espalhados por toda casa, mas na mesa da sala de jantar há apenas fotos de Eva e o bolo.

— Isso é a festa que você preparou para a Eva? — pergunto olhando em volta.

— Não, também há pastéis no forno, ela os adora. E docinhos, Drika já vai trazê-los.

— Achei que você fosse fazer uma festa. Uma grande festa. É o primeiro ano em que você tem condições para isso.

— Eu sei, e vou. Mas não hoje. Ela tem muito agora, terá festas maravilhosas todos os anos e quase tudo o que desejar ter, mas foi assim que comemorou seu aniversário desde sempre. E não quero que ela perca suas raízes. Ela precisa se lembrar, mesmo tendo de tudo, que o simples também é bom.

Sorrio. A admiro tanto que sem perceber me aproximo dela e a beijo. Aqui, na sala de jantar, onde Eva pode nos ver a qualquer momento. O som da campainha a faz se afastar de mim e Mara passa por nós indo atendê-la. Logo, a voz de Filipa é ouvida e o olhar que Laura lança a mim faz meu coração aquecer imediatamente.

— Filipa, que surpresa! — digo quando ela surge seguindo Mara.

— Boa noite, espero não estar incomodando. Eu trouxe um presente para a Eva. Laura, boa noite.

Laura apenas sorri, passa por ela e vai se trocar.

Cantamos parabéns para Eva na sala de jantar com um bolo feito pela mãe e salgados feitos pela madrinha, os funcionários da casa estão todos aqui. E Filipa também. Uma chuva forte cai lá fora, mas aqui dentro, Eva tem o maior sorriso do mundo, ele ilumina a casa como o sol. Ela sopra as velas, dá o primeiro pedaço de bolo para a mãe e me pede desculpas, mas diz que os primeiros pedaços sempre são para ela. Recebe os abraços de todos os funcionários e não reclama por não ter outra criança em sua festa, ou por não receber mais do que três presentes. Ao contrário, se pendura em meu pescoço e diz que é o melhor aniversário da vida dela, porque estou aqui pela primeira vez para abraçá-la.

Encaro Laura quando ela diz isso, seus olhos também estão em mim. É como se tudo voltasse, foi nesse dia, seis anos atrás, que fui preso. Foi nesse dia que Laura precisou de mim, passou pelo parto sozinha e descobriu em seguida que eu havia sido preso por ter voltado para o mundo do crime. Foi quando perdi tudo. Agora, sinto como se tivesse conquistado tudo de volta. Sorrio para ela, nossos caminhos não foram fáceis até aqui, mas vou cuidar para que sejam muito melhores a partir de agora. Ela sorri de volta. A tenho de novo e constatar isso a cada pequeno gesto dela é como ganhar o tempo

todo minha liberdade. Estar com Eva nos braços finalmente em um aniversário me faz lembrar das últimas cinco datas em que desejei os parabéns à minha filha à distância, rezando para um dia estar com ela em um momento desses.

— Onde está seu namorado? — Eva pergunta a Filipa quando estamos só nós quatro na mesa.

— Eva! — Laura ralha, mas Filipa sorri, sem se importar.

— Eu não tenho um, você tem? — Filipa pergunta.

— Não! Mas eu sou criança! O papai e a mamãe são amantes, mas o papai disse que não posso contar isso.

Laura engasga com o refrigerante e não consigo esconder o sorriso.

— Eva! Me desculpe, Filipa, acho que ela comeu doce demais hoje — ela diz lançando seu olhar de advertência à Eva, que decide apenas ignorá-lo.

— Você já viu como minha mãe é linda? O papai está sempre olhando para ela. O tempo todo.

— Eva, agora chega! Vamos trocar essa roupa e dormir. Já está tarde demais! — Laura diz e a leva para o quarto.

Assim que se afastam, Filipa observa desanimada o tempo lá fora.

— Como eu vou embora com esse tempo?

— Acho pouco provável que possa ir. Você fica aqui, há tantos quartos nesta casa.

— Laura não vai se importar?

— Tenho certeza que não — respondo, embora saiba que ela não vai gostar disso nem um pouco.

Laura pensa que Filipa sente algo por mim, não sei porque acha isso, mas confesso que adoro os ciúmes que sente por pensar assim.

Converso com Filipa por mais um tempo e peço licença para dar boa noite a Eva. Laura está fazendo a oração quando entro no quarto, assim que acaba, Eva se levanta e corre até mim.

— Papai, tenho um último pedido de aniversário para fazer.

— Faça, minha princesa.

— Não seja amante dessa sua amiga loira, você tem que voltar para a mamãe, você me promete?

Laura nos encara sem reação, vejo a preocupação em seu olhar pelas ilusões que Eva está criando em sua cabeça e entendo porque ela fez eu me mudar quando veio para cá. Era exatamente assim que ela teria reagido na ocasião. Não foi por vingança, no final das contas, foi para proteger Eva.

— Filipa é só uma amiga do papai, Eva. Ela não é nada mais do que isso. E quanto ao seu pedido, o papai promete.

— João Pedro! Eva, venha dormir.

Ela volta para a cama imediatamente, com um sorriso tão grande que Laura não é capaz de me desmentir.

— Mamãe, ora de novo, eu me levantei.

Laura repete a oração e Eva vira para o canto para dormir. Sigo Laura para o corredor imediatamente.

— Está chovendo muito lá fora — comento.

— E sua amiguinha não tem como ir embora, certo? — Sorrio em resposta por seus ciúmes. — Uma vez você apareceu na minha casa em um tempo parecido com este, sua intenção era dormir comigo?

Entendo o que quer dizer. Acaricio seu rosto e garanto a ela, olhando em seus olhos.

— Filipa não armou isso, Laura. Ela não sente nada por mim, não há absolutamente nada entre nós dois, nem haverá. Não se preocupe.

— Mara já está preparando o quarto dela. Do outro lado do corredor — comento com um sorriso, satisfeita por tê-la colocado o mais distante possível de mim. — Vou tomar um banho e me deitar, boa noite para vocês dois.

Ela se afasta e vai para seu quarto, ao lado do meu, graças a Mara. Volto até Filipa e a levo ao seu quarto. Curiosamente, quando estou saindo, ela me pergunta onde fica o meu e respondo apenas:

— Um pouco distante, ao lado do da Laura e da Eva.

E claro, vou direto até Laura. Abro a porta do seu quarto sem bater e a observo pentear os cabelos, usando a maldita camisa masculina que fica tão linda nela.

— Você precisa parar de entrar no meu quarto — ela diz sem olhar para mim.

— Se você quisesse realmente isso, trancaria a porta. De quem é essa camisa que está usando?

— Minha.

— De quem era antes de ser sua?

Ela a observa e dá de ombros.

— De um homem, eu suponho.

— Você supõe? Não o conhece?

Ela está sorrindo quando deixa a escova de lado e me observa.

— Não, Drika a encontrou nos achados e perdidos do hospital. Ela me deu muitas roupas que encontrou lá, inclusive esta camisa.

Não consigo esconder o sorriso.

— Mas eu devia ter dito que era do meu ex, acho que você merecia, já que sua amiguinha está dormindo aqui.

— Lá do outro lado do corredor, mais um metro e ela dormiria na casa do vizinho.

Ela ri e me aproximo.

— Tira essa camisa, amor.

Ela nega com a cabeça, me olha de um jeito diferente, como se houvesse descoberto algo em mim.

— Tire-a, vou trazer outra para você, já que quer dormir com uma camisa masculina.

Deixo o quarto e quando volto ela penteia os cabelos ainda usando a

camisa. Me aproximo dela por trás e toco a barra da blusa, esperando o momento em que vai me mandar afastar dela, mas ela não o faz. Observa pelo reflexo no espelho enquanto tiro sua camisa. Seu corpo delicioso e seminu está perto demais do meu agora. É deliciosa a forma como meu corpo reage ao dela imediatamente. Ela me atrai como um ímã. Pego uma camisa minha, a branca que ela usou na ilha e passo por sua cabeça. A visto nela que, através do reflexo do espelho, continua me observando de uma maneira diferente.

— Muito melhor assim, você está deliciosa. Eu poderia tirá-la imediatamente se você quisesse.

— Você está diferente — comenta. — Antes, na maior parte do tempo, você tinha olhos tristes, cansados, culpados. Agora parece tão leve! Você parece constantemente feliz.

— Porque me sinto livre, Laura. Sabe aquela maldita grade na minha alma? Eu me liberei dela. Ainda me sinto culpado, ainda sei que não mereço ser feliz, mas essa grade se foi. Você sabe que ela só some quando tenho você. Quando você me toca, quando me beija, quando cede de alguma maneira, quando sinto que você é minha, ela some. Desde aquela ilha não a sinto mais, estou livre desde então. Porque você é minha de novo, desde aquela ilha, é curioso como não se deu conta.

Meus olhos estão nos dela pelo reflexo do espelho. Seu cabelo macio toca meu rosto, e toco seus braços acariciando-os de leve.

— Eu me dei conta — ela responde de repente, arregalando os olhos em seguida.

— O quê? — pergunto.

— O quê? — pergunta de volta se afastando. Caminha rápido até a porta e a abre. — Boa noite, João Pedro, pare de entrar no meu quarto.

Rio alto, sinto uma alegria tão grande, uma felicidade diferente de tudo, algo que me preenche, como se eu pudesse sair cantando agora mesmo feito um maluco porque a felicidade parece grande demais para que eu possa segurar. Caminho até ela com esse sorriso no rosto, a observo dos pés à cabeça na minha camisa, o mundo parece nos eixos de novo.

— Vamos comprar roupas para você amanhã, amor — informo antes de beijar sua testa e passar pela porta.

Deixo seu quarto cantando e dançando pelo corredor, realmente como um maluco e, ao invés de ir para meu quarto, vou para o de Eva. Deito na cama com minha filha, ela abre os olhos, sorri ao me ver e deita em meu peito, adormecendo de novo em seguida. E me sinto de repente grato demais por tudo o que tenho agora. Não mereço nada disso, nem de longe mereço, mas por algum motivo eu tenho. Só me resta cuidar e amar com tudo de mim.

Na tarde seguinte, chego mais cedo da empresa, estressado com as coisas que descobri sobre Joaquim, sentindo-me cansado. Ainda livre, mas extremamente cansado. Me vingar do meu irmão não é uma coisa fácil, não é algo que faço com gosto, faço porque é preciso. Porque preciso proteger minha mulher e filha, porque ele precisa pagar por todo mal que fez a elas. Ainda que isso doa em mim.

Saí mais cedo porque não aguentava mais após ver os documentos que o cúmplice dele concordou em me entregar caso eu o livrasse da prisão. Joaquim tem enganado gente demais, por tempo demais, há coisas sobre ele nesses documentos que eu sequer havia imaginado, já tenho o bastante para mandá-lo para a prisão, mas não irei fazê-lo ainda. Ele ainda precisa pagar mais caro. Ir preso apenas seria fácil demais, um castigo pequeno demais. Ele cuidou de tentar fazer com que meu castigo fosse muito maior do que o que eu já tinha e vou devolver este favor a ele.

A porta do meu quarto está fechada quando chego e não encontro Laura em lugar nenhum. Já tive problemas com esta porta antes, a fechadura precisa ser trocada, costuma sair do lugar e não abrir, sorte que já me acostumei à maneira certa de abri-la. Levanto a porta com o pé e consigo colocar de volta o trinco no devido lugar, assim, a porta é aberta.

Logo que entro me surpreendo, Laura está aqui dentro, me olha assustada e envergonhada.

— Laura?

— Eu fiquei presa — confessa envergonhada e me pego rindo.

— A porta está com defeito, acho que não mencionei.

— Você não me conta muita coisa — diz e tenta passar por mim, mas não deixa. Seguro seu braço e fico de frente para ela.

— O que está fazendo aqui?

— Nada, eu fiquei presa, já disse.

— Por que entrou aqui?

— Você entra no meu quarto o tempo todo, não pode achar ruim eu entrar no seu.

— Não acho, pelo contrário, acho que você acabou de salvar meu dia muito chato e cansativo. Acabou de me encher de luz e alegria de novo neste exato momento, Laura, porque acho que você entrou aqui para se certificar de que a Filipa não dormiu aqui na noite passada. Mas ficou presa ao tentar sair.

Ela nega com a cabeça apenas, mas não desmente.

— Ah, Laura. Você veio até mim de novo. Você sabe que quando vem até mim assim, de tão boa vontade, não posso deixá-la ir até que faça amor comigo.

— Estamos no meio da tarde.

— E você está deliciosa como sempre — respondo trazendo-a para um beijo.

Um toque de nossos lábios e a intensidade do desejo que tenho por ela faz tudo de ruim sumir. A empurro até a porta e a tranco, então a pego nos braços e a levo de volta para a cama.

— Filipa não dormiu na minha cama, ninguém mais dorme na minha cama, porque ela sempre será sua. É você que eu amo, é só você que eu desejo. Nem meu corpo, nem minhas mãos, nem minha boca tocarão outra mulher que não seja você.

Ela sorri em meus braços e me beija. Um beijo doce, apaixonado, carregado por esse sentimento que nos consome. E me perco nela esquecendo o resto do mundo quando a tenho sob meu corpo, gemendo meu nome e se doando um pouco mais a mim.

18

Laura

Após passarmos a tarde de ontem na cama, João Pedro me trouxe hoje para comprar roupas. Ele não acha certo que eu tenha imediatamente enchido o guarda-roupa de Eva após ter acesso à herança, mas não tenha feito o mesmo por mim. Cheguei a argumentar antes de sairmos:

— Por que eu precisaria de mais roupas? Quer dizer, tirando roupas para o trabalho, eu quase nunca saio de casa. Todo meu tempo fora do trabalho é dedicado à Eva.

— Então está passando da hora de você dedicar seu tempo a você — foi o que respondeu.

Então, apenas para passar mais tempo com ele, estamos aqui, em um bairro bom da cidade, andando por lojinhas, boutiques e shoppings. Enquanto ele carrega sacolas e me deixa escolher o que quero. Não importa a roupa que coloque, ele diz que estou linda, então chega um ponto em que decido parar de pedir sua opinião. Até que coloco um vestido vermelho, curto, com um decote profundo, de um tecido tão macio, que me sinto como se não estivesse usando nada. É tão provocante que ao me olhar no espelho, me pergunto se teria coragem de usar algo assim.

Encontro o olhar de João Pedro sobre mim através do espelho. Sua boca está aberta e ele não diz nada. Levanta-se e, devagar, se aproxima.

Segura minha mão e me faz girar em frente a ele.

— O que você achou?

— Estou duro neste exato momento, preciso foder você.

Olho em volta me certificando que nenhuma vendedora ouviu isso.

— João Pedro! Você ficou louco?

— Com toda certeza. Você vai levar esse vestido. Vem comigo.

Ele segura minha mão e me leva de volta ao provador, entrando comigo e fechando a porta.

— O que está fazendo? Você não pode entrar aqui!

Sua boca toma a minha e seu corpo se recosta ao meu, enquanto seus braços me prendem a ele. Posso sentir sua ereção, ele realmente ficou excitado com um vestido.

— João ... — tento falar entre beijos. — Há câmeras de segurança aqui.

— Não no provador — diz e continua me beijando, suas mãos dessem pela lateral do vestido e passam por baixo dele, gemo quando toca minha calcinha. — Silêncio, não há câmeras aqui, mas há ouvidos.

Então ele me toca, afundo o rosto em seu pescoço e preciso me apoiar nele imediatamente, enquanto seus dedos, somados à sua boca percorrendo minha pele me fazem perder completamente o juízo no trocador de uma loja de roupas.

— Você nunca mais vai fazer compras comigo — ralho depois que saímos da loja.

Ficou claro que fizemos algo ali dentro. Quando saímos, três vendedoras nos esperavam com cara de paisagem e risadinhas. João Pedro deu uma alta gorjeta a elas então, mas isso não muda a vergonha que passei.

— Por que você não deixou o emprego? Você tem muito dinheiro agora, não gostaria de passar mais tempo com a Eva?

— Ela iria para a escola, de todo jeito. Além do mais, você sabe melhor

do que ninguém o quanto me esforcei para terminar a faculdade e me especializar em uma profissão. Não quero jogar isso fora. Todo dinheiro a que tenho acesso agora é da Eva, não meu. Eu vou continuar trabalhando pelo meu dinheiro.

Continuo andando quando percebo que ele não está ao meu lado. Está parado, um pouco atrás de mim, com um sorriso bobo no rosto. Vem até mim de repente e me beija, assim, no meio da rua, me prendendo em seus braços como se eu fosse algo tão especial e único para ele.

É aí que vejo.

Há um pequeno bar na rua onde estamos, fica na esquina, com apenas uma mesa do lado de fora. Há duas pessoas nessa mesa. Não reconheço a pessoa que está de costas, mas reconheço a que está de frente, é Heitor. O amigo do João Pedro que o convenceu a investir em metanfetamina. Ele não deveria estar preso? Os dois se levantam e se despedem amigavelmente. Então o homem que estava de costas olha para trás por um segundo. Um único segundo e o reconheço.

Não consigo pensar em mais nada depois disso. João Pedro quer ir comer algo, mas digo que estou com saudade da Eva e quero ir para a casa, assim vamos embora rapidamente.

Passei uma noite péssima, em claro, pensando. Ainda tranquei a porta quando fui me deitar para que João Pedro não entrasse em meu quarto. Não quero falar nada antes de ter certeza. Ele deve estar confuso e magoado agora. Chego cedo demais ao trabalho, sei que Elias sempre chega mais cedo e preciso de um favor dele.

O encontro na cantina, tomando café sozinho enquanto lê algo no celular. Me sento à sua frente e imediatamente ele deixa o aparelho de lado e me deseja bom dia.

— Eu preciso de um favor, Elias. Mas acho que você não vai gostar do que vou pedir.

— Está tudo bem? Você parece preocupada, por que está com essa cara? O que houve?

— Preciso que me ajude a descobrir qual é a ligação entre duas pessoas. É muito importante.

O carinho que tem por mim some imediatamente de seu rosto e há a desconfiança.

— Isso tem a ver com João Pedro Fagundes de novo? — pergunta e assinto. Imediatamente ele nega com a cabeça. — Laura, não posso, você não devia...

— Por favor! É muito importante. Eu sei que não deveria estar te pedindo isso, mas não sei mais a quem recorrer, você é o único em quem confio para contar isso. Por favor, Elias.

Ele olha para os lados, irritado. Não quer fazer isso, é nítido em sua expressão, mas vai porque sou eu pedindo.

— Você sabe dos meus sentimentos por você, não sabe? — pergunta e, completamente sem graça, assinto.

— Não quero usar o que você sente, estou te pedindo isso como amiga, que é tudo o que posso ser para você.

— Como você pode amar e perdoar alguém que te fez tanto mal, Laura? Alguém que continua fazendo.

— Quem entende essas coisas? Há muito mais nele do que o que você vê, Elias, do que o que todos vocês veem. — A incredulidade em seu rosto me faz continuar falando. — Vocês veem o menino mimado, que errou muito e se perdeu e ele tem mesmo esse passado. Mas vocês não veem o homem que se tornou. Não sabem o marido perfeito que ele era, cuidadoso, atencioso, companheiro. Não têm noção do pai maravilhoso que é agora. Vocês não o conhecem, apenas seus erros, mas há tantas qualidades nele que eu ficaria a vida aqui enumerando-as. E para ser sincera, não acho legal falar sobre isso com você. Eu sinto muito que você se sinta sobre mim de uma maneira que infelizmente não me sentirei por você, mas preciso da sua ajuda, Elias. Isso é muito importante.

Ele me observa em silêncio, não consigo ler sua expressão, não faço ideia se irá me ajudar, mas caso não faça, pedirei ajuda ao meu chefe. Não queria fazê-lo porque ele vai contar ao João Pedro.

— Irei ajudá-la, Laura. Como não iria? Do que você precisa?

Conto a ele uma história que se passou seis anos atrás, uma história com a qual ele já está familiarizado desde que meu rosto foi exposto junto à coleção de joias de João Pedro. Ele pesquisou sobre nós dois na época. E então conto a ele o que vi hoje e, imediatamente, ele entra em contato com um amigo detetive e me pede que aguarde em breve notícias suas.

Recuso a ligação de João Pedro pela terceira vez e envio uma mensagem dizendo que estou em uma reunião, mesmo sabendo que ele poderia desmentir isso com meu patrão, seu melhor amigo. Estou tão tensa que não consigo me concentrar no trabalho.

Alguém se senta à minha frente e me estende a mão, e encaro confusa Filipa Albuquerque diante de mim. Toco sua mão e espero que diga o que veio dizer.

— Desculpe aparecer assim, sem avisar, Laura. Eu não tenho seu número.

— Por que você teria, não é mesmo?

Ela se sente desconfortável pela minha hostilidade e me sinto culpada, afinal de contas, ela bancou meu casamento e Joaquim tende a ser mentiroso. Talvez não aja nada entre ela e João Pedro e eu esteja sendo grossa por nada.

— Eu vim te pedir um favor, Laura — começa nervosa, percebo que é algo difícil para ela. — Na verdade, um favor para o João Pedro.

Fecho o laptop, para onde estava olhando nos últimos quarenta minutos e peço que prossiga.

— Você precisa convencer o João Pedro a se mudar da mansão Fagundes.

— Não entendo, por que isso?

— Laura, nós duas sabemos que as coisas que ele fez a você não têm perdão. Você não vai perdoá-lo, não vai voltar para ele, então não faz sentido que ele viva sob o mesmo teto que você!

Cruzo os braços e a encaro, Joaquim não estava mentindo. Ela continua.

— Essa proximidade desnecessária não faz bem a nenhum de vocês. Eva está criando ilusões em sua cabecinha e o João Pedro... ele nunca irá esquecê-la vendo você todos os dias.

— O que você tem a ver com isso?

— João Pedro. Ele precisa esquecer você, precisa seguir adiante com sua vida. Tirar a culpa do olhar, o peso nas palavras e voltar a ser ele. Ele acha que deve muito a você, é verdade, ele deve, mas já que não há volta, você deveria liberá-lo.

Começo com um sorriso. De repente, estou rindo na frente dela, que confusa, olha para os lados desviando o rosto do meu.

Levanto um dedo quando seus olhos voltam a mim e começo a contar.

— Primeiro, João Pedro é adulto e toma suas decisões por si mesmo. Não sou a mãe dele para dizer o que ele deve fazer. Segundo, as ilusões criadas por minha filha são responsabilidade nossa, você não tem o menor direito de me dizer como devo agir com ela. Terceiro, ele se mudou para a mansão porque o irmão maluco dele, graças a você, se achou no direito de entrar no quarto da minha filha, colocando-a em risco. Então o medo que o fez se mudar para lá, existe dez vezes maior em mim, é a minha filha! E se ela se sente mais segura com o pai por perto, é lá onde ele deve ficar.

Ela concorda, parece realmente sem graça por minha resposta.

— Eu entendo Laura, mas...

— Ainda não acabei, Filipa. Quarto, há poucos erros para os quais não existe perdão. A maioria deles, mesmo os que ferem mais, podem ser perdoados quando há amor e dedicação, então, vamos ao ponto desse seu pedido. Você deve ter percebido que ele tem sido bastante dedicado a conquistar o meu perdão, logo, não entendo porque você presume que me

conhece o bastante para adivinhar que o meu é algo inalcançável.

Ela arregala os olhos, há tanto desgosto como surpresa em suas feições.

— Você irá perdoá-lo?

— Voltamos então a questão anterior à número um, Filipa. Não é da sua conta! Não vou pedir que ele saia de perto da minha filha, nem de mim. Se você o quer, diga isso a ele e veja se ele sente isso de volta.

— Você não entende! Eu não o quero! Sou sua amiga apenas, e estou preocupada com ele. Você é egoísta quando o mantém preso a você sabendo que não vai voltar para ele, é egoísta quando deixa que ele se iluda e nem sequer tenta entender o que sente, eu só quero protegê-lo de você.

Bato palmas.

— Ah, que boazinha você é! Poxa, queria muito uma amiga como você!

Ela se levanta irritada, mas diz antes de sair:

— Nunca gostei de você, Laura. Sempre a achei simples demais, grossa e mal-educada para alguém como ele. Você nunca foi a mulher certa.

— Você nunca gostou de mim porque sempre gostou dele. O que você não gostava em mim não eram meus modos ou falta de bens, mas o fato de que era eu quem dormia na cama dele e não você.

Ela nem responde mais, pega sua bolsa e sai marchando por onde entrou. Assim que ela entra no elevador, minha confiança some. Filipa é uma mulher bonita, educada, rica, com uma classe que dinheiro nenhum no mundo vai me dar. Filipa era a pessoa certa para João Pedro. Ouvi isso de tantas pessoas antes! E agora ela está de volta, claramente disposta a tê-lo para si. Por mais que João Pedro me ame, há um enorme buraco entre nós dois, um passado tão cheio de feridas! Será que é possível superar isso? A mágoa que sinto...

A mágoa...

Toco o peito com uma sensação estranha de que falta algo aqui.

Não consigo contato com Elias durante a tarde até que eu deixe a Becker Records. Ele não atende o telefone e terei que passar mais uma noite sem saber como agir perto de João Pedro. Se eu disser o que vi, isso irá feri-lo demais, e talvez não seja o que estou pensando. Mas se for verdade... bem, ele ficará mil vezes mais ferido. Eu ficarei. Esse passado que tentamos superar será remexido da pior maneira possível. Não quero que ele passe por isso se não for realmente necessário, isso abriria feridas que já cicatrizaram.

Chego à mansão e Drika diz que ele chegou também, como não está com Eva na biblioteca, onde ela agora mora tentando aprender a ler com Mara, só pode estar em seu quarto. Eu deveria evitá-lo, mas não quero que pense que desisti dele. Talvez eu devesse dar boa noite, dizer que foi um dia cansativo, que não estou me sentindo bem e vou me deitar. Talvez ele possa ficar comigo, sem falar nada, só ficar do meu lado e tudo isso seja, de alguma maneira, mais fácil.

Aproximo-me de seu quarto e escuto vozes, ele não está sozinho lá. Consigo então reconhecer a voz de Filipa e o que está dizendo a ele.

— Mas você mesmo disse que precisa esquecê-la. Você precisa tentar! Não vai conseguir isso morando aqui com ela, vendo-a todos os dias! Ela só deixou que você ficasse por causa da Eva, João Pedro, você está tão iludido quanto a sua filha!

Não entendo o que ele responde, mas ela retruca.

— Você não tem curiosidade? De ao menos provar outra boca? Outra mulher? Depois de todos esses anos, você não é mais o mesmo menino, João Pedro, é um homem! Você tem necessidades, seus gostos mudaram, você mal sabe quais são seus gostos agora. Talvez você se surpreenda ao ficar com outro alguém. Talvez esse amor que você acha que sente não passe de culpa. Assim que ela o perdoar você vai perceber que não sente mais nada, que não deve mais nada a ela e então eu estarei aqui. Como sempre estive. Esperando você, disponível, disposta a dar tudo o que você precisa sem qualquer julgamento. Sem nunca o culpar ou acusá-lo por nada. Não haverá mais dor, desculpas, mágoa, comigo não. Ela será sempre uma lembrança dos erros que você cometeu, João Pedro, mas eu não. Eu posso ser seu recomeço.

Não consigo ouvir mais. Entro em meu quarto, ao lado do seu e bato a

porta. Sinto uma raiva tão grande! Uma impotência que me faz querer gritar! Quem ela pensa que é para dizer essas coisas a ele? Quem ele pensa que é para recebê-la em seu quarto? Ele jurou que ela não sentia nada por ele, será que é assim tão burro? E então a recebe em seu quarto? A deixa dizer essas coisas, confundir sua mente, o que ele pensa que está fazendo?

Vou até a sacada sentindo-me sufocar, quero gritar, quero chorar, quero ir até lá e tirá-la de perto dele pelos cabelos. Quero segurar seu rosto e implorar que não a escute. Será que serei mesmo para sempre a lembrança do que ele precisa esquecer para ser feliz? Será que mesmo que haja tantos sentimentos entre nós dois, o peso do que passamos, do que fizemos, vai cair sobre nós cada vez que um fizer algo que desagrade ao outro? E então esse sentimento vai morrer por coisas tão menores depois?

Se eu estou me perguntando tudo isso ao ouvir um pedaço de uma conversa que nem sei há quanto tempo está correndo, como ele deve estar? Deve estar assim, como eu, cheio de dúvidas, pesando as possibilidades que tem agora. Decidindo que futuro quer viver a partir daqui.

A porta do meu quarto é aberta e ele entra. Está assustado, em seus olhos um brilho que não sei identificar e ele tenta se explicar.

— Laura, não sei o quanto você ouviu, mas te juro que não sabia de nada do que ela sentia por mim! Eu não fazia ideia!

Não digo nada. Observo-o aqui, tentando se justificar, e não consigo responder. O que eu diria? Abro a boca e só quero perguntar se ele acha que ela está certa, quero implorar que ele não a escute. Há tantas coisas em minha mente e ainda quero gritar e chorar para fazer isso passar. Eu tenho medo agora, sempre tenho medo quando se trata dele, mas agora não é medo dele em si e sim medo de perdê-lo.

— Você não vai reagir? Você nunca reage! Por que você sempre foge?
— ele grita, agita as mãos no ar e vejo em seu dedo, a aliança

Ando até ele e a toco, não preciso tirá-la para saber que tem meu nome escrito em seu interior. Ele voltou a usar a aliança.

— Por que você está usando isso? — pergunto. — Você recebe outra mulher em seu quarto, fica lá ouvindo enquanto ela se declara e mantém no

dedo uma aliança com o meu nome!

Ele sorri, está irritado, mas sorri.

— Esta aliança é minha! A uso quando eu quiser. Se quer saber, a coloquei porque achei que estávamos caminhando para algo. Mas Filipa está certa. Você nunca vai parar para decidir o que sente e me dar uma posição. Você não vai se arriscar de novo comigo. Vai me manter à sua volta e então agir como está agindo agora.

— E como você esperava que eu agisse?

— Como uma mulher apaixonada! Esperava ao menos que você reagisse!

— E que merda você acha que estou fazendo agora? Você diz que não sabia do que ela sentia, você é tão inocente, não é? Então por que a recebeu em seu quarto? Por que deixou que ela falasse com você por tanto tempo? Você estava ouvindo o que ela disse! Você acha que ela está certa!

— Ela está mesmo certa! É isso o que eu acho.

Suas palavras me atingem como um tapa. Viro-me de costas e sinto as lágrimas se formarem. Eu jurei a mim mesma que ele não me veria mais chorar por ele e ele não verá. As seco imediatamente e preciso de todo autocontrole para segurá-las.

— Você é confusa e imprevisível, Laura. Você me ama, eu sinto isso, você sabe disso, mas nunca vai me perdoar. Você não consegue! Então você se entrega a mim, faz amor comigo, ri comigo, flerta comigo, e de repente você tranca a merda da porta do quarto e não me atende mais! E eu fico sem saber se você está presa de novo a algo que fiz que a magoou, porque eu nunca vou poder me redimir por tudo o que causei a você. Então eu fico aqui me sentindo impotente, sem saber de qual das suas cicatrizes eu deveria cuidar agora!

— De todas elas! — grito olhando-o de volta. — Você as causou! Deveria cuidar de todas elas!

Paro de falar porque isso está saindo do controle. Estou estranha com ele por conta do que vi, ele não tem como adivinhar isso e não adianta

brigarmos agora. Nada disso faz sentido. Filipa veio no pior momento possível para confundir sua mente e dar outra opção a ele, veio quando ele sente que o estou deixando. A única coisa que penso agora é que ele acha que ela estava certa em toda aquela baboseira de que eu serei sempre a lembrança dos erros que ele cometeu.

Ele sai do quarto e bate a porta. Eu deveria ir atrás dele e o faço. Mas nos esbarramos assim que a abro. Ele me guia para dentro do quarto e entra de novo, fecha a porta e a tranca. O encaro desafiando-o, por mais que tenha medo do que veio dizer, eu o desafio a falar. Aproximo-me dele e espero. Meus olhos presos nos seus, esperando o momento em que ele vai dizer que prefere ficar com ela e vou fazer o possível para impedi-lo.

— Não a recebi em meu quarto, ela invadiu — explica de repente. — Chegou de repente e começou a falar um monte de coisas. Deixei que falasse porque me surpreendi, não tive reação a tempo. Então você chegou. O que você não ouviu porque estava aqui batendo a porta do quarto, foi que eu disse a ela que pertenco a você. Foda-se esse passado, esses erros, essas lembranças. Eu sou seu. Sempre serei seu. Você me querendo ou não. Você estando comigo ou trancando a porta do quarto. Se você estalar os dedos, estarei aqui por você, se me quiser longe, ficarei te esperando, porque essa é a prisão em que vou viver agora. E sabe o que é pior? Você me apagou do seu coração por cinco anos. Você fez isso, a dor, a mágoa, foram fortes o bastante para prender esse amor em um canto onde você não o alcançava mais. Mas eu não sei fazer isso. Eu não poderia apenas apagar você, não importa o quanto você me assuste. Mas quem, Laura, me garante que você não vai fazer isso de novo? Que se eu errar com você não será a gota d'água para você me esquecer de vez, como fez em todos esses anos?

Meu coração parece querer saltar pelo peito. Quero abraçá-lo, quero deixar essas lágrimas saírem e dizer que só temos que ficar juntos, que ficar bem. Vamos ficar bem, nós vamos dar um jeito.

— Ela acha que você é uma covarde, que jamais vai arriscar me perdoar e tentar de novo, mas acho que ela está errada. Porque você já perdoou, Laura. Você já me perdoou, você se entregou a mim naquela ilha sem a menor reserva. Mas você é sim covarde, porque é incapaz de admitir isso. Porque é mais fácil para você não pensar nisso, ficar aí, sem reação, se

escondendo. Você não é mais alguém que enfrenta seus sentimentos. E até quando eu terei que ficar aqui esperando você decidir o que sente por mim? Até quando vou esperar que você aceite que já me perdoou para que possa então me dizer o que sente? Porque não importa o tempo que você precise, eu vou esperar! Mas isso me mata!

— Você está certo — digo e ele se cala. — Em quase tudo.

Ficamos em silêncio e quando o encaro, seus olhos estão nos meus. A aliança ainda está em seu dedo, ele brinca com ela e parece cansado.

— Eu o perdoei, João Pedro e nem me dei conta. Eu preferi não pensar no que sentia sobre você porque era mais fácil. Esse muro que construí para me manter segura me fazia temer você. Mais do que mágoa, eu tinha medo. Era o medo que não me deixava pensar no que sentia. Tinha esse muro e era tão mais fácil me segurar nele do que pular de novo com você! Mas você derrubou esse muro naquela ilha e desde então, o medo foi embora. Eu me entreguei a você e não o faria se tivesse qualquer mágoa. E depois que o medo se foi, não ficou nada. Não ficou mágoa, nem reservas. Só ficou o sentimento. Essa necessidade de ficar perto de você. Nem se eu quisesse eu conseguiria odiá-lo de novo.

— Laura... — ele dá um passo em minha direção e segura minhas mãos. — Então olhe para esses sentimentos agora e me diga o que você vê.

Fecho os olhos pela primeira vez em tantos anos em busca do que sinto por ele, como se isso fosse preciso. Como se não estivesse tão claro em tudo em mim. Então meu telefone toca. O tiro do bolso para recusar a ligação, mas é Elias. Finalmente Elias.

— Só um minuto, João Pedro. Me espera aqui, é só um minuto, eu já volto e vamos conversar, tudo bem?

Atendo o telefone e vou até a sacada e o que Elias me diz confirma exatamente minhas suspeitas. Preciso de um minuto, preciso respirar fundo e então volto ao quarto, mas ele não está. Não está em seu quarto também e o procuro pela casa, até Drika me dizer que ele saiu de carro. Ele simplesmente saiu. E não consegui dizer a ele o que sinto.

Espero por ele por toda noite, fico presa de novo em seu quarto e acabo

dormindo em sua cama. E quando acordo na manhã seguinte, ele ainda não voltou e preciso ficar dez minutos batendo na porta até que alguém escute e me tire daqui.

Enquanto pego um carro na garagem e vou procurar por ele, começo a temer que ele tenha procurado refúgio nos braços dela. Da amiga, a pessoa certa, a compatível com ele. Aquela que encheu sua cabeça sobre nosso futuro incerto e todos os riscos que ele corria. Porque eu fiquei pensando nisso. Eu fiquei pensando em como me apeguei ao meu muro para me proteger dele e em como ele se entregou com tudo, sem a menor chance de se proteger de mim. Eu fiquei pensando em como ele deve se sentir comigo, a culpa e o medo constantes por conta desse passado entre nós. Eu comecei a acreditar que Filipa está certa. Ele acha que sou sua liberdade, mas e se eu for sua prisão?

Vou direto até a Nobre e ele está em sua sala, Filipa está com ele, o que me faz revirar os olhos. Já que não a corresponde e ela invadiu seu quarto, ele não poderia ao menos mandá-la de volta para seu país? Por que ela ainda está aqui? Há também mais três funcionários, mesmo assim entro. Tenho em minhas mãos as provas que Elias me mandou ontem à noite. Ele me olha surpreso quando entro, mas diz:

— Não posso falar agora, me espere lá fora.

O encaro com um sorriso irritado por seu tom de voz. Não vamos começar isso de novo.

— Isso não pode esperar.

— Estou em uma reunião e você...

— Vou falar com você agora! Isso não pode esperar!

Filipa se levanta e vem até mim com seu falso sorriso cordial no rosto.

— Laura, querida, ele não pode falar agora, você pode esperá-lo ali fora. Vamos demorar mais uns vinte minutos, talvez.

— E você é o que dele? Sua secretária? Além de invadir seu quarto você também fala em nome dele agora?

Olho para ele e ele está sorrindo. Está sorrindo! Estou a ponto de pegar Filipa pelos cabelos e jogá-la janela abaixo e ele está sorrindo.

— Você vai me ouvir agora. Preciso falar com você e é urgente.

Ele apenas assente e entrego a ele a pasta. Antes de soltá-la em sua mão, digo:

— Eu sinto muito, João Pedro. Sinto muito mesmo.

Ele franze o cenho e abre a pasta. Assim que vê a primeira foto, se deixa cair na cadeira atrás de si, incrédulo. A dor em seu rosto não pode ser disfarçada. Filipa se aproxima e olha por sobre seu ombro, abre a boca em choque ao ver a foto. João Pedro passa as imagens, lê as conversas, os e-mails e vê as outras fotos, rápido agora, passa uma por uma sem mal olhá-las, não é mais necessário, ele entendeu tudo. Sua respiração parece pesada e suas mãos tremem. Ao ver a última foto é possível identificar quem fez a denúncia que o mandou para a prisão.

De repente ele joga a pasta longe, as provas se espalham. Os funcionários nesta sala podem vê-las agora. Fotos e conversas de Joaquim em diferentes momentos e lugares com três pessoas. Uma delas, Vitório, o amigo que o convenceu a transportar a carga da primeira vez. As outras com Heitor, o que o apresentou a metanfetamina. Outra com o chefe do esquema que o mandou para a prisão e a última, mostra Joaquim na data em que João Pedro foi preso, no carro da polícia que descobriu o esconderijo no momento exato em que ele estava lá. Tudo, cada erro de João Pedro até aqui, foi manipulado por seu irmão.

Ele mandou Vitório, mandou Heitor em seguida. Ele contratou alguém para fingir ser o chefe da operação, com quem João Pedro foi se encontrar e estava esperando por ele com a polícia. Ele cavou uma cova, João Pedro se jogou nela e ele o enterrou. O tempo todo, era Joaquim por trás de tudo.

João Pedro é pura fúria agora. Ele dá um soco na janela que fica atrás de sua mesa, cacos de vidro voam ao seu redor, em seguida, quebra as coisas que encontra pela mesa. Os funcionários se afastam, chamam por ele, tentam acalmá-lo. Ele grita, grita o nome do irmão e bate as mãos na mesa. Está se machucando porque não sabe lidar com a dor. Não sabe como extravasá-la. Filipa está em um canto assustada e com medo de se aproximar dele. Então

ele fica parado, as mãos ensanguentadas cobrem o rosto, a respiração está acelerada e me aproximo.

— Laura, saia de perto dele, não é seguro — Vicente diz.

Mas não desisto. Toco suas mãos, tiro-as do seu rosto, ele permite. Seus olhos estão perdidos, fixos no nada.

— João Pedro — chamo baixinho e seus olhos encontram a mim.

Então ele chora, ele cai de joelhos e me abraça.

— Me ajuda, Laura. Faz isso passar, me ajuda.

O abraço de volta, acaricio seu cabelo e deixo que chore. Os funcionários saem um a um da sala, comovidos por sua dor, pela traição que sofreu. Apenas Filipa permanece, quieta em um canto, nos observando.

— Me ajuda — ele pede de novo.

— O que eu posso fazer, meu amor? Você só precisa dizer, o que quer que eu faça?

— Fica comigo, fica aqui comigo.

— Não vou a lugar nenhum.

Ele fica um tempo ainda chorando em meus braços. Até que vai cedendo, as lágrimas vão parando. Ele parece fraco e perdido de novo. Maldito Joaquim!

— Vem, me deixa cuidar disso para você — peço tocando suas mãos.

Ele me segue. Se levanta e me deixa guiá-lo até uma cadeira. Acho o kit de primeiros socorros e limpo suas mãos. Há cortes, vários deles. Ele fica quieto, apenas observando o que estou fazendo enquanto jogo um remédio e enfaixo suas mãos.

— Vai passar. Você sabe, não existe dor que não passe — digo.

— Se é você dizendo sou obrigado a acreditar.

Me sento em seu colo e ele volta a me abraçar, afundando o rosto em meu pescoço, acaricio seu cabelo e ficamos assim por vários minutos. Enquanto ele se acalma, enquanto volta a si, enquanto se encontra de novo.

Não vi o momento em que Filipa deixou a sala, mas quando saímos dela, ela não está em lugar nenhum.

Passo a tarde com ele. Quando vejo que não chora mais, digo a Eva que o papai está triste e precisa dos sorrisos dela. Funciona. Ela o beija, acaricia seu cabelo, repete que o ama, que ele é o melhor pai do mundo, fica abraçada com ele e não aceita sair de seu colo. Em menos de dez minutos ele ri e brinca com ela. A fúria não existe mais, até mesmo a dor foi dissipada. Só existe ela, seus olhos brilham quando a observa, há tanto amor por ela neles! Este amor é o que o está curando agora.

O deixo com ela e vou até Mara. Há algo que quero mostrar a ele. Algo sobre sua acusação de que eu fui capaz de apagá-lo da minha vida por cinco anos. Quem dera tivesse sido assim, teria sido tão mais fácil! E tenho como provar a ele que não sou nem de longe mulher forte que fingi ser quando ele voltou.

— Mara, quando me mudei para cá dei a você uma caixa e pedi que a guardasse, você se lembra? Onde ela está?

— Claro! A coloquei no sótão, vou já pegá-la para você.

— Não precisa, eu mesma pego. Obrigada, Mara.

Finalmente vou conhecer o sótão, nunca estive aqui, é um lugar enorme, cheio de prateleiras de todas as coisas. A caixa que entreguei a Mara está em um canto, debaixo de uma mesa e a pego. Irei entregá-la a João Pedro. Me sinto exposta demais fazendo isso, mas assim ele não vai sentir tanto medo. Assim, talvez não sinta tanta culpa e talvez as coisas que Filipa disse a ele não façam mais tanto sentido.

Sobre esta mesa em que minha caixa estava escondida há coisas de Joaquim. Há caixas com o nome dele, foram tiradas de seu quarto, mas não sei porque estão aqui. Entre essas coisas há um saco de pano. Está empoeirado, mas me chama atenção por parecer algo tão diferente do resto das coisas dele que estão aqui. O abro e há várias folhas soltas dentro dele. Puxo uma e vejo a letra de João Pedro. É uma carta.

23 de junho de 2014

Laura,

Hoje fazem cinco anos que nos vimos pela primeira vez. Que você se atirou naquele terraço achando que salvaria minha vida. Que, sem perceber, você pulou comigo, você salvou mesmo a minha vida. Quantas vezes mais você pulou comigo então? Arriscou seu emprego, sua faculdade, sua paz. Eu a feri no caminho, mas você fechou os olhos, segurou minha mão e pulou de novo. E de novo. E agora, quando não a vejo há exatos mil e oitenta e sete dias, quando a saudade dói tanto que já não há um segundo do dia em que eu não sinta dor, só queria que você pulasse de novo. Mais uma vez. Uma única vez.

Por favor, venha me ver. Sei que não mereço isso, você pode vir carregada de toda sua mágoa e ódio, eu mereço. Só venha. Mesmo que se sente aqui e me diga o quanto me odeia agora, só preciso olhar você de novo. Preciso sentir seu cheiro e tocar sua mão, só um toque, ainda que breve, para que essa dor passe.

Porque parece que não posso mais suportar, Laura. Eu passaria mais mil anos aqui dentro, se esse fosse o preço para vê-la ao menos mais uma vez.

Eu, que não posso te pedir nada, preciso de você para tudo. Eu, que me tornei cego pelo caminho, só vejo luz em você. Porque só há trevas em mim agora, apenas a escuridão da solidão, mas você é e sempre será o meu fogo, o meu paraíso, o meu único destino. Só me deixe saber que ainda não deixei de existir. Venha me ver, por favor.

Do sempre seu, João Pedro.

Uma carta para mim, ele a escreveu para mim enquanto estava preso. No aniversário da data em que nos conhecemos. Ele só queria me ver. Se eu tivesse recebido esta carta eu teria ido. Ainda que soubesse que não deveria, ainda que fosse para dizer o quanto o odiava, eu teria ido. Com toda certeza teria.

Pego outra carta e é mais uma carta para mim. E mais uma, e outra. Há

tantas delas! Há mais de cem cartas aqui. E nunca recebi nenhuma! Me deixo cair no chão do sótão e começo a lê-las. E há tanto amor em suas palavras! Tanta dor, tanto arrependimento! Como ele pagou pelo que fez! Sim, eu sofri, foram cinco anos em que não houve um dia em que eu me sentisse feliz, mas ele também não. Nós dois pagamos.

Paro de ler quando está escuro demais para isso. Fiquei a tarde toda aqui dentro lendo essas cartas e não consegui ler nem a metade. Talvez porque li cada frase mais de uma vez, ou porque as lágrimas me impediram de ler diversas vezes. Quando o dia vai embora e o sótão cai na escuridão, me sinto cheia. Cheia desse sentimento que compartilhamos, cheia de um amor tão intenso e forte!

Levanto-me e pego esse saco, colocando as cartas de novo lá dentro. Pego também minha caixa. Não tem cem cartas aqui, acho que umas doze, mas é alguma coisa. Há uma especificamente que preciso mostrar a ele.

Não o encontro no quarto de Eva, nem no dele e decido tomar um banho primeiro, estou cheirando a poeira de sótão. Visto algo leve, um dos vestidos que ele escolheu para mim, achando absurdo a quantidade de roupas que possuo agora. E vou até ele. Ouço sua voz vindo da sala, carrego comigo a caixa, e o que preciso que ele leia está por cima, para que seja a primeira coisa que ele vai ler. Espero que isso o faça entender que não haverá esse vazio entre nós, esse abismo de um passado. Porque não temos que esquecer esse passado, ele formou quem somos agora. Nós o vencemos, e merecemos reconhecimento por isso, porque não foi fácil. Ele precisa estar conosco, mas não entre nós.

E quando entro na sala, Filipa e ele estão se beijando.

19

João Pedro

Estou no quarto da Eva quando Mara vem me dizer que há alguém esperando por mim na sala. Mando que Eva vá tomar um banho e, embora não queira de verdade receber ninguém, desço para dispensar quem quer que seja. É Filipa. Ao seu lado está sua mala, deve estar voltando para Portugal agora que já fez o que pedi e veio se despedir. Decido falar com ela, uma vez que foi enganada por Joaquim e esteve ao meu lado o tempo todo desde então, até desfazer seu engano.

— Então você já vai?

— Sim, a menos, é claro, que você queira que eu fique. Você vai precisar de algo mais?

— Não, Filipa, você fez o bastante, muito obrigado por sua ajuda.

Ela abaixa a cabeça, está triste e parece querer dizer algo que não consegue.

— Sinto muito pelo que descobriu sobre o Joaquim.

— Foi a Laura quem descobriu, ela o viu ontem com o Heitor. Então ligou os pontos, mas esperou ter provas antes de me dizer uma coisa dessas. Eu adoraria poder dizer que não me surpreendeu, mas a verdade é que isso

me destruiu. Era para tudo ter sido tão diferente!

Ela concorda, mas em seus olhos só vejo a decepção.

— A conexão que há entre vocês é mesmo muito forte. O jeito como ela o acalmou na Nobre hoje cedo! Quer dizer, eu não teria chegado perto de você, mas você deixou que ela se aproximasse, é como se você a puxasse para si e ela o puxasse de volta. Eu entendo o que você disse sobre pertencer a ela. Já assinei todos os documentos, assim que você der a ordem, meu advogado no Brasil vai cuidar de tudo. As ações que dei a Joaquim voltarão para mim e eu as venderei em seguida para você.

— Você sabe que ainda pode ficar com elas, é um bom investimento, minhas joias estão vendendo muito, vou começar outra coleção em breve. Você vai ter um bom lucro, Filipa, eu garanto.

— Não duvido disso, bem, nós conversaremos então. Se não for incômodo para você que eu continue fazendo parte da Nobre, eu fico com as ações. Senão, as vendo para você.

Concordo e me aproximo dela para abraçá-la e me despedir. E de repente ela beija meus lábios. Dura poucos segundos, assim que me afasto ouço um barulho e vejo Laura sair da sala. Ela viu.

— Merda!

Vou atrás dela imediatamente, Filipa diz alguma coisa, mas não a escuto mais. Encontro Laura logo adiante, no corredor em frente ao escritório. Está sentada no chão, há uma caixa em suas mãos e ela parece tão ferida! Me aproximo devagar, temendo sua reação. Acho que ela chora baixinho, seus olhos estão focados na caixa. Penso que, como sempre, vai se fechar e não dizer nada. Ou então vamos ter uma briga, mas então ela diz:

— Você jurou que não ia mais me fazer chorar. Jurou que suas mãos e lábios não tocariam outra mulher. — Não é uma acusação, sua voz é baixa e sentida, seus olhos não estão em mim, mas posso sentir o quanto a magoei, de novo.

Quero dizer a ela que não foi o que está pensando, mas então ela pergunta:

— É com ela que você quer ficar? Você acha que com ela não vai mais sentir tanta culpa, nem se lembrar de tudo isso que passou?

— Laura, eu não te entendo. Se a presença da Filipa a incomoda, você só precisa me dizer. Basta uma palavra sua e eu nunca mais terei contato com ela. Nem com qualquer mulher que a incomode. Você só precisa me esclarecer, porque estou perdido aqui, Laura. Só precisa dizer que me ama.

Seus olhos buscam os meus, estão molhados. Ela prometeu que eu nunca mais a veria chorar por mim, mas não está cumprindo agora. Há tanto medo na maneira como me olha!

— Então você desistiria dela por mim?

— Se você me amasse? Eu desistiria de qualquer coisa pelo seu amor, você sabe disso.

— Talvez você seja mais feliz com ela. Se for pela sua felicidade, eu...

Espero que diga, mas ela apenas me olha. Ela vai se esconder como sempre. Vai abrir mão de mim, assim, tão fácil. Me levanto para sair quando ela diz:

— Eu te amo.

Volto para trás imediatamente, me ajoelho à sua frente e olho em seus olhos.

— Diga isso de novo.

— Eu te amo — ela repete, olhando em meus olhos. — Eu te amo! Eu estava mentindo, não vou permitir que você fique com ela. — Sorrio e ela continua. — Você não tem que escutar o que ela diz, não é verdade. Não há um abismo entre nós, nosso passado existe sim, e não foi fácil. Mas não precisa ser algo que vai nos separar, pelo contrário. Quantas coisas nós vencemos? Eu te amo, nunca deixei de te amar e eu sei que você acha que corre o risco de eu esquecê-lo, mas não existe esse risco. Porque eu nunca te esqueci. Nem por um segundo, nunca! Eu posso provar. Eu fui buscar isso e encontrei suas cartas. Eu nunca recebi essas cartas João Pedro, nenhuma delas. Se as tivesse recebido, ainda que o odiasse, ainda que sentisse medo, eu iria até você. Só para você não sentir mais a dor que estava ali em suas

palavras. E eu queria te mostrar isso.

Ela me estende uma caixa e a abre quando não o faço. Pega o primeiro papel que está lá e o coloca em minha mão.

— Fui buscar isso para te mostrar que nunca desisti de você.

Meus olhos estão cheios agora, não sou capaz de responder e finalmente entendo quando ela não consegue reagir a algo. Assim como Eva, ela trava quando o sentimento é tão grande que a assusta. Ainda assim ela disse que me ama, está pedindo que eu acredite nela. Está passando por cima de todo orgulho, mágoa e medo para me pedir que fique com ela.

Esse papel em minha mão tem sua letra, é uma carta destinada a mim. Ela me escreveu. Ela conta que Eva recebeu alta do hospital nesta carta, conta por alto sobre a proposta feita por Joaquim, e então ela escreveu.

Eu poderia pegar a Eva e sair daqui, eu deveria fazer isso, ir embora, ir para longe da sua família e do quanto me machucam todos os dias, mas não posso. Não consigo ir, não posso porque tenho medo que você não nos encontre mais. Eu prefiro passar por isso e ficar aqui, onde sei que você virá, onde eu poderei vê-lo mais uma vez. Onde você poderá me encontrar, se ainda quiser me ver um dia. Estarei sempre aqui esperando por você.

— Laura... — tento falar, mas nada sai. Meu coração parece prestes a explodir no peito, sinto uma felicidade e um alívio tão grande, que não sei como mensurar. Quero rir e cantar agora, quero beijá-la e fazer amor com ela. Quero gritar de volta o quanto a amo.

— Me desculpa por não ter tido coragem de enviar. Eu fiz você pensar que desisti e você merecia isso, mas não foi para puni-lo. Foi porque tive medo. Tive medo de enviar isso, de dividir de novo minha vida com você e esperar uma resposta que nunca chegaria. E então eu saberia ao certo que não tinha mais você. Eu só tive medo, tudo o que fiz nesses últimos anos foi ter medo. E eu sei que ela é o caminho mais fácil para você, o futuro mais certo. E estou sendo egoísta agora, mas por favor, não fique com ela. Fica comigo. Volta pra mim, eu prometo que nunca irei deixá-lo, eu prometo que vou te

amar todos os dias, ainda que nós dois cometamos erros, eu estarei aqui. E não vou mais ter medo, nem vou me esconder, vou enfrentar tudo com você.

— Laura... — Toco seu rosto sem saber ao certo por onde começar a explicar que eu nunca pensei em desistir dela, que as palavras ditas por Filipa entraram por um ouvido e saíram pelo outro imediatamente.

— Por favor, não desista de mim. Não faça isso — pede mais uma vez.

Seguro seu rosto quando as lágrimas rolam por ele e digo:

— Eu nunca vou desistir de você. Isso sequer passou pela minha cabeça. O que a Filipa disse não fez a menor diferença no que sinto por você, exceto, talvez, me fez perceber que eu a amo mais do que pensei amar. Eu te amo mais do que tudo nesse mundo, Laura. Me perdoa por ter feito você chorar agora, por ter permitido que pensasse que eu a deixaria, mas coloca uma coisa na sua cabeça: Eu não existo sem você. Não existe nada sem você. Não importa o que acontecerá, não irei deixá-la. Você é minha vida, a minha liberdade, o meu coração. Eu amo você.

Ela se joga em meus braços e mais do que depressa a pego no colo e subo as escadas correndo. Como um desesperado, porque me sinto mesmo assim. Vamos ao meu quarto desta vez, empurro a porta com força suficiente para que ela trave, logo que entramos. Agora não importa o passado, os erros, as armadilhas. Não importa o que poderia ter sido diferente. Importa apenas que ela está em meus braços, em minha cama, que não tem mais medo de assumir que me ama e eu não poderia pedir mais nada além disso. A deixo de pé sobre a cama e ela tira minha blusa, tira a sua também, e beijo sua barriga enquanto tira o sutiã.

Seus seios estão livres e ao meu alcance. Os aperto em minhas mãos, preenchendo-as com eles, brincando com seus mamilos, admirando o sorriso gostoso em seu rosto. Suas mãos passeiam por meus braços, seu toque leve e provocante, me deixando ainda mais ansioso em estar dentro dela. Ela me beija, e tiro sua saia enquanto seus lábios brincam com os meus. A peça cai sobre seus pés e a calcinha logo a acompanha. Ela me ajuda a tirá-las, está nua agora diante de mim, de pé nessa cama. Beijo sua barriga, segurando-a para que não caia e desço os beijos até sua boceta. Passeio a língua por seu centro e ouço seu gemido baixo, seus olhos estão fechados e ela joga a cabeça

para trás. Então faço com mais força, a língua subindo e descendo, suas pernas querem ceder, mas a mantenho de pé, a mantenho em minha boca. Ela abre as pernas e passa uma por meus ombros, me dando mais acesso. Então a chupo com força. Na posição em que está, consigo alcançá-la por inteiro, a mantenho presa à minha boca, mesmo quando tenta se afastar e sugo seu gosto com toda fome que ela me desperta. Ela geme alto, puxa meus cabelos, arranha minha pele e só paro quando suas pernas realmente cedem. Quando ela grita e se desmancha, caindo de joelhos na cama.

Seu gosto está em minha boca agora, ela se recupera e tira minha calça, liberando meu pau. O toca com calma, brincando, me deixando louco. Está de quatro na cama agora, leva meu pau à sua boca e o conduz até o seu limite. Depois o tira devagar, sua língua passeando, saboreando, experimentando, me enlouquecendo. O coloca de volta na boca, dessa vez chupando sua extensão. Faz mais forte quando chega na cabeça e quase sou eu a perder a força nas pernas. Seguro seus cabelos negros em volta da minha mão e guio seus movimentos, fazendo com que faça mais rápido e mais fundo. Ela acompanha meu ritmo, chupando com força, entregando tudo de si, tirando minha sanidade com seus gemidos e toques.

Não posso aguentar mais, quero gozar dentro dela, preciso estar dentro dela. Seguro seu rosto e ela entende, deixa meu pau e se ajoelha na cama, estende a mão e a toco subindo na cama com ela. A beijo desesperadamente enquanto caio para trás e a puxo comigo. Seu corpo está sobre o meu agora e nos beijamos apaixonadamente. Então ela se move, passa as pernas ao meu redor e monta em mim, me deixa entrar nela aos poucos, devagar, seus olhos castanhos presos aos meus. Ela se move devagar no começo, mas preciso tanto senti-la, abraçá-la, tê-la ainda mais perto!

Seguro sua bunda e guio seus movimentos, ela ri da minha pressa, mas atende ao meu pedido. Cavalga sobre mim, apoiando as mãos em meu peito enquanto sobe e desce sobre meu pau. A preencho finalmente, entrando e saindo, arrancando seus gemidos, perdendo os meus. Nosso ritmo acelera, seguro seus braços e a puxo para baixo, seu corpo cai sobre o meu, enquanto nos movemos e nos beijamos. A abraço prendendo-a a mim, meus movimentos mais fortes, sua respiração falha, ela geme alto agora. Seu cheiro me atinge, me deixando ainda mais louco por ela. Giramos na cama e volto a

me mover. Assim, juntos, nossos corpos colados, seus pés batendo em minha bunda enquanto a fodo mais forte. Enquanto fazemos amor como dois desesperados.

Sugo sua boca e tomo seus gemidos, nossos corpos estão suados, seus seios deslizam por meu peito e suas unhas se cravam em minhas costas. Seu quadril acompanha meu ritmo, se entregando, o calor de sua pele acendendo ainda mais a paixão que compartilhamos, então ela grita. Suas unhas se afundam mais em minha pele e ela grita, fechando os olhos e se perdendo. Continuo preenchendo-a, mais forte, fazendo com que choramingue, prolongando o orgasmo e a acompanho me perdendo nela, deixando meu peso sobre seu corpo e repetindo incontáveis vezes que eu a amo.

Ela está nos meus braços agora, me observa de um jeito curioso, seus olhos pequenos de sono, enquanto passeia os dedos por meu peito, contornando-o.

— Por que você me olha quando estamos fazendo amor? Quer dizer, você não deixa de me olhar por um segundo sequer, você não fecha os olhos nem os desvia. Como se precisasse me ver. Por que? — ela pergunta de uma maneira doce.

— Porque preciso ter certeza que não estou sonhando. Tive muitos sonhos com você nos últimos seis anos, Laura. Tenho medo de fechar os olhos e ao abri-los, você não estar mais.

Ela sorri, beija meu peito, onde meu coração bate e diz:

— Eu não sei o que será daqui para frente, acho que não há como se entregar a um sentimento com garantias de que tudo vai dar certo, não é? Mas bem, aconteça o que acontecer, por favor, não vamos nos separar mais.

— Não vamos, meu amor. É minha última chance, tenho plena ciência disso.

— Não, não é. Você sabe que não. Enquanto houver amor, haverá chances. Mas não significa que você precise usá-las — ela adverte e sorrio.

— Prometo tentar.

— E mesmo que seja eu a errar com você, não podemos nos separar por isso.

— Casa comigo? Ainda estou esperando você pedir o seu anel.

Ela sorri, seus olhos sonolentos se fecham e adormece assim, nos meus braços, prometendo nunca me deixar. A felicidade que sinto por tê-la finalmente de volta compensa a dor que Joaquim Fagundes, aquele que um dia chamei de irmão, me causou. Laura não poderia ter escolhido um momento melhor para admitir que voltou para mim.

Numa manhã de terça-feira, finalmente recebo a ligação que tanto esperei. O advogado do meu pai, Nuno Ferraz, me informa que todos os bens de Joaquim foram bloqueados, ele é agora, oficialmente, um foragido, já que não se entregou no prazo. Provavelmente estava contando com o dinheiro das ações da Nobre. Filipa, seguindo minhas orientações, disse a ele que estava disposta a comprá-las por um bom preço. Joaquim a procurou para vender essas ações e o advogado de Filipa cuidou de tudo. Joaquim foi informado que estava devendo a Filipa por essas mesmas ações um valor maior do que o que pediu por elas, assim, as ações voltaram a Filipa, uma vez que ele não tinha qualquer prova de que ela cedeu a ele essas ações. As provas desapareceram de seu escritório.

É uma questão de horas até ele perceber que não tem para onde ir, não tem onde se esconder e me procurar.

Isso acontece duas boras depois de todos os noticiários estarem falando sobre os golpes dados por Joaquim. Ele me liga e pede para nos encontrarmos.

Nos encontramos no apartamento de Abigail, sua amante. Ela não está quando chego, Joaquim diz que está fora da cidade, ele não pode ficar lá, ela não vai aceitar para não piorar sua situação na justiça. Ele parece nervoso, perdido, tenso. Anda de um lado a outro se perguntando como isso foi acontecer.

— Foi de repente, irmão. Você fechou a Vortex, mas bem, eu não

contava realmente com ela. Iria dar um fim a ela em breve para evitar que as coisas chegassem ao ponto que chegaram agora. Mas então toda a minha equipe me deixou, assim, do nada. Não tive como manter a Fagundes Advocacia. Papai estaria rindo da minha cara se estivesse aqui agora.

Ele fala sem parar enquanto anda de um lado a outro. Estou apenas observando-o, tentando controlar a fúria que me toma, a dor, o desapontamento. Meus punhos cerrados estão pressionados sobre uma mesa, para impedi-los de parar em seu rosto, como ele merece.

— Preciso de dinheiro, João Pedro. Todos os meus bens foram bloqueados. A Filipa me deu um golpe, você acredita?

— Não é golpe se ela pegou de volta o que você pegou dela com mentiras.

Ele dá de ombros.

— Ainda assim não esperava algo como isso dela. Eu preciso sumir. Até conseguir contato com um velho amigo. Ele é o melhor advogado do país, mas não está aqui agora, ele vai me representar. Vou pegar pouco tempo e sair em menos ainda. Só preciso conseguir chegar até ele e então vou me entregar. Isso vai facilitar as coisas, não posso ser pego fugindo. Quanto você consegue me arrumar em pouco tempo?

Ele me encara esperançoso. Seus olhos azuis não mostram a menor desconfiança.

— Não sabia que você era amigo do Vitório Medina, Joaquim.

Sua expressão muda completamente. Ele tenta sorrir, mas falha.

— Não sou, o conheci como você, nas festas da Nobre quando o pai dele as frequentava. Depois nunca mais tive contato com ele.

— Também foi assim com Heitor? Ou o falso chefe da operação de tráfico?

— Merda! — Ele leva as mãos aos cabelos, ciente que já sei de tudo.
— Como você descobriu?

— Laura descobriu.

Ele ri, ri alto e bate palmas, como se estivesse encantado.

— Ah, Laura. Eu teria trocado tudo o que consegui nesses anos por ela. Uma mulher como ela você não encontra nunca mais, João Pedro. Tão linda, tão forte, tão esperta. É uma pena que meus planos com ela tenham dado errado, eu adoraria ter colocado as mãos naquele corpo...

O calo com um soco. Sua cabeça vai para o lado e ele ri enquanto pinga sangue de sua boca.

— Achei que fosse melhor do que isso, João Pedro. Você disse que sua vingança viria muito pior do que uma surra. Desistiu?

Sorrio em resposta.

— Você acha que não veio? Você está aqui, desesperado me pedindo dinheiro para contatar um advogado que não o atende. Todos os seus bens estão bloqueados e você está foragido. Quem você acha que fez tudo isso?

Ele me encara com puro ódio no olhar, consigo ver isso perfeitamente agora. A frieza ali, o desprezo com que sempre olhou as pessoas à sua volta.

— Você não poderia.

— O quê? Devolver o que você me fez? Ah, realmente não poderia, Joaquim, porque não sou cruel como você.

Ele abre a boca, mas nada sai, dá voltas pela pequena sala onde estamos, sua ficha caindo aos poucos.

— Por que, Joaquim? Por que tudo isso? Eu não fiz o suficiente por você? Fui assim um irmão tão ruim que você precisava destruir a minha vida?

— Não é culpa sua! Não é por você! Mas você me tirava tudo, João Pedro, tudo! Você me tirou o amor do nosso pai, completamente. Tantas coisas que você poderia ter sido, mas não, você tinha que ser como ele. Um designer de joias como ele, um talento nato, algo que eu nunca consegui ser! Por toda minha vida, desde que você chegou, só existiu olhos para você naquela casa! Naquela empresa! Na escola! No nosso círculo de amigos, sempre! Você sempre teve tudo e eu fui sempre o rejeitado!

— Não justifica! Nada disso justifica! Você acabou com a minha vida, com a vida da Laura! O que ela fez a você?

— Escolheu você! Foi isso o que ela fez.

O acerto com o segundo soco, ele cospe mais sangue. Não está mais rindo, mas não tenta se defender.

— Você e ele são tão iguais! — diz com dificuldade. — Você e o papai. Só imagino o que ela acha dessa sua vingança. Porque você está agindo exatamente como ele.

Rio. Rio alto. Ajeito o terno bagunçado depois de tê-lo acertado.

— Ela acha qualquer coisa que destrua você aceitável.

— Você não percebe o que está se tornando, não é? Eu posso ter colocado o Vitório, o Heitor e qualquer outro em seu caminho, mas você decidiu sozinho agir. Eles não tiveram que insistir muito, você não foi forçado a nada, não pode me culpar pelos seus erros.

O pego pela gola da camisa, preciso controlar a raiva, a fúria, a mágoa, senão poderia matá-lo agora mesmo.

— E você ter escondido as cartas que mandei para ela todos esses anos? Foi culpa minha também? Você ter tentado comprar a minha filha? Você ter oferecido que ela fosse sua amante? Você ter contratado um falso chefe do tráfico depois que eu me desliguei disso? Isso também foi culpa minha?

Ele ri e o deixo para acertá-lo novamente.

— Não vou te dar nada, faço questão de vê-lo apodrecendo atrás das grades, Joaquim. E não pense que você vai sair rápido, porque você não vai. Tenho mais coisas contra você do que pode imaginar. Você vai passar o resto da sua vida na prisão.

— Veremos. Não vou dizer que foi um prazer vê-lo, irmão. Mande lembranças a Laura por mim. Vou pensar nela.

Pego o celular e ligo para a polícia, ele percebe o que estou fazendo e foge, dou sua localização e espero. É uma questão de dias para que ele seja pego, mas quero que ele sofra, que perceba que não tem nenhum amigo que aceite ajudá-lo. Não tem ninguém que irá lhe estender a mão agora. Eu cuidei pessoalmente disso. Quero que fique desesperado, sem saber para onde ir, o que fazer, como agir. Ele precisa sofrer.

Pensar no que ele me tirou por todos esses anos! Ele está certo, ele me deu os meios e eu cometi os crimes, mas tudo poderia ter se resolvido se Laura tivesse recebido minhas cartas. Eu a teria então, sempre a teria. Ela esperaria por mim, como esperou, mas nós dois saberíamos disso. Tudo seria diferente se eu soubesse disso.

Laura está agitada, ela e Drika andam de um lado a outro. A festa da Eva está chegando. Não comemoramos antes porque seu aniversário foi bem próximo ao carnaval e Laura decidiu esperar que o feriado passasse para fazer sua festa. Estamos em março agora, e ao contrário do que pensei, Eva preferiu sua festa no bairro onde moravam, onde moram seus amigos. Os presentes não serão para ela, mas para eles. Laura contratou tantas atrações para aquelas crianças, que terão provavelmente um dos melhores dias de suas vidas amanhã.

A abraço quando chego e a mantenho assim, nos meus braços. Apesar de saber que está ocupada e agitada. E ela fica aqui, comigo, perto de mim como preciso que fique, ainda que eu não tenha pedido isso. Ela entende.

— Você está bem? — pergunta um tempo depois.

— Agora sim. Sempre fico bem com você, meu amor — a beijo levemente nos lábios e ouvimos um gritinho agudo próximo a nós.

Eva nos viu. Está agora com os olhos azuis cheios, a boca aberta e não diz nada.

— Tudo bem, meu anjo? — pergunto a ela, mas ela não reage.

Seus olhos possuem um brilho diferente, ela sorri, embora chore. Esconde o rosto nas mãozinhas e anda até a mãe, então se esconde em suas pernas. É um daqueles momentos onde fica tão feliz que não consegue ter reação. Laura se abaixa e a abraça. Deixa que ela chore, é um choro feliz. Quando consegue se acalmar ela me abraça também.

— Obrigada, papai. Vocês vão se casar, não vão?

— Vamos, filha. Em breve — confirmo.

— E vamos ser uma família para sempre?

— Para sempre, amor.

— E eu vou ter uma irmã?

— Calma! Ainda nem nos casamos — Laura responde fazendo-a rir.

— Obrigada, papai do céu. Obrigada, vovô. Eles me ajudaram — ela explica após levantar as mãos para o alto e agradecer.

Mara está chorando em um canto, Drika está suspirando no outro e Eva tem agora o maior sorriso do mundo, que não some de seu rosto nem mesmo quando vai comer.

É o dia da festa da Eva, Laura termina de arrumá-la e tira fotos da minha princesa. Ela desce correndo para o carro e antes de descermos também, seguro Laura e fecho a porta do quarto.

— Nem pensar! Vamos nos atrasar, nossa filha está no carro, você nem pense em tirar minha roupa... — A calo com um beijo, amo a maneira como ela me acalma, como me anima, como me faz ficar bem, seja qual for a situação.

— Não ia propor isso, amor. Você quem deu a ideia — brinco, rindo de sua expressão assustada.

— O que você tem?

— Medo, Joaquim me disse uma coisa que está martelando em minha mente desde então. Ele disse que sou igual ao nosso pai. E olhando agora tudo o que fiz com ele, será que não sou mesmo?

Ela pensa por um tempo, mas quando responde, o faz com convicção.

— Não acho que você tenha que ser um santo para não ser como seu pai, João Pedro. Seu pai era preconceituoso, arrogante, cruel, frio e muitas outras coisas nada admiráveis que eu poderia ficar aqui até amanhã citando, sinto muito. — Sorrio. — Você não é mau só porque fez justiça com seu irmão. Ele jogou pesado com você, comigo, com nossas vidas. Você fez pouco, tudo de ruim que acontecer com ele será merecido. Não se sinta mal por isso. Somos humanos, nós vamos errar, temos nossas falhas, não temos que compará-las com alguém ruim. São nossas. Você tem seus erros e são

seus. Não são dele.

A abraço, aceitando sua resposta. Ela é a pessoa a quem mais feri na vida, e se ela acha que tenho salvação, quem sou eu para contestar?

— Eu te amo, Laura. Obrigado por me perdoar. Você disse que me deve perdão, mas não deve. Você agiu com sua dor, com seu medo. Eu agi de caso pensado sabendo que poderia machucar você. Um erro não justifica outro, você foi a vítima e eu tenho muito que compensar você. Que bom que você é a mulher da minha vida. Que bom que amei você. Porque ninguém mais nesse mundo me perdoaria assim, sem ressalvas. Que bom que você pulou em mim como uma maluca naquele terraço naquele dia.

Ela ri em meu peito, beija meu pescoço e diz:

— Eu te amo, João Pedro, e sabemos que vou amar sempre.

Rio de volta, seguro sua mão e descemos até uma Eva impaciente que aperta sem parar a buzina do carro.

Tudo está como os sonhos de Eva, segundo ela repetiu umas trinta vezes desde que chegamos. Ela corre com suas amigas por toda rua. Laura está à vontade entre as antigas vizinhas e estou com Christopher segurando a mão do seu filho, Rafael, enquanto Ellen, sua esposa, come algo com Laura. Eva me pede meu telefone, mas não o encontro, o deixei no carro e ela pede o de Laura para tirar fotos com as amigas.

— Não teve notícias do Joaquim ainda? — Christopher pergunta.

— Não, mas não estou preocupado. Ele vai ser pego.

— Não temo por isso, temo pelo que pode fazer até que seja pego. Você acha mesmo que ele não vai tentar algo uma vez que irá se entregar?

— Ele já o teria feito. Não?

— É melhor você tomar cuidado.

— Você está certo. Vou pegar meu telefone no carro e já volto.

Corro até o carro e volto em seguida. Encontro Christopher e Ellen dando algo de comer a Rafael, Laura não está com ela. Procuro por ela pelas

peessoas, há muitas pessoas aqui. Todo o bairro e a vizinhança participam da festa. Mas não a vejo em lugar nenhum. Curiosamente, também não vejo Eva. Devem estar juntas.

Volto para perto de Christopher e estamos conversando quando meu celular toca. É uma chamada de vídeo de Laura.

— Oi, amor — atendo, mas não a vejo e sim um galpão escuro. Joaquim está lá, anda de um lado a outro agitado. Ele repete coisas, está falando sozinho, tem uma arma na mão. — Laura, onde você está?

A câmera do celular gira e vejo Eva assustada, os olhos azuis arregalados e ela fica em silêncio.

— Merda! Amor, o papai já vai, o papai vai te buscar, fica quietinha e guarda esse telefone para o titio não ver, tudo bem? — Ela assente e Christopher já está ligando para o irmão, que tem uma empresa de segurança e é bastante conhecido, e Ellen para a polícia. — A mamãe está aí com você? — pergunto e ela nega. — O titio foi quem a pegou? — Ela assente. — Onde você está, amor? Pega o celular e me mostra em volta, onde você está. Com cuidado, para o seu tio não ver.

Ela o faz e reconheço a placa, é um antigo armazém, não muito longe daqui. Uns dez minutos provavelmente.

— Papai está indo. Deixe o celular gravando para que eu possa ouvi-la, tudo bem? Não se preocupe, não tenha medo, o papai já vai.

Corro entre a multidão procurando Laura, mas nem sinal dela. Christopher está pronto, ele vai comigo. Diz que seu irmão e a polícia estão à caminho. Laura não está em lugar nenhum. Vejo Drika pouco antes de entrar no carro, ela parece assustada.

— João Pedro! — grita correndo e a espero. — Ellen me disse o que aconteceu, a Laura está lá. Ela seguiu a Eva.

— O que está dizendo? Como você sabe?

— Ela viu a Eva correr para a rua de trás, disse que estava indo até lá e não a vi mais. Ela a seguiu.

Assinto, olho o celular, mas Eva desligou a ligação. Entro no carro e

Christopher não precisa de um pedido, ele ultrapassa sinais vermelhos e dirige como um louco, preciso salvar minha mulher e minha filha.

Ele consegue chegar em seis minutos ao armazém, o carro de Joaquim está na porta, ele pretendia ser encontrado, por isso deixou Eva com o celular. Começo a temer o que vou encontrar ao entrar, mal saio do carro e há um disparo, segundos depois, outro. Entro com tudo no galpão e vejo apenas Laura, Joaquim está atirando nela. Ele dispara mais uma vez e me lanço na frente dela, recebendo a bala no peito.

Ouçó seu grito desesperado quando caio, seu rosto paira acima dos meus olhos, quero saber onde está Eva. As mãos de Laura tocam meu rosto e no segundo seguinte, há outro disparo e não vejo mais nada.

20

Laura

Eva corre com meu celular nas mãos, há aquele sorriso em seu rosto que não some dele desde ontem, quando viu João e eu nos beijando. Me viro para conversar com Ellen quando o vejo: Joaquim. Olho de novo e ele não está mais. Imediatamente olho para Eva. Ela está brincando com uma amiga.

— Vou pegar a Eva para comer algo e já volto — aviso a Ellen e saio.

Encontro Drika no caminho querendo me mostrar algo, mas vejo Eva seguir sozinha para uma rua lateral.

— Drika, Eva entrou sozinha naquela rua, eu já volto — digo e corro atrás da minha filha.

Corro o máximo que posso, passando entre as pessoas, os palhaços, os brinquedos e barracas. Chego à rua e nem sinal dela, é uma rua pequena, corro até seu final e vejo Eva, ela grita enquanto Joaquim a joga dentro de um carro.

— Eva! — grito e corro até eles, mas Joaquim arranca com o carro antes que eu o alcance.

Não vou conseguir seguir atrás deles correndo. Um carro passa em seguida e entro na frente dele, que para a centímetros de mim. Minhas mãos tremem e minhas pernas querem ceder, mas não posso parar agora.

— Me ajuda, socorro, ele levou minha filha! — peço entrando no carro

e o motorista, um completo desconhecido, segue o carro de Joaquim.

Ele não vai longe, para em um armazém abandonado, e paramos em seguida. A porta está trancada e, enquanto o estranho chama a polícia, procuro outro lugar por onde possa entrar. Dou a volta pelo galpão e encontro uma janela.

— Moça, espera a polícia chegar, ele está armado! Moça! — o estranho tenta me impedir, mas não escuto, pulo a janela e vejo Eva encolhida com o celular na mão.

Devagar e sem fazer barulho vou até ela, que chora baixinho, escondida atrás dos balcões velhos e prateleiras que há aqui. Faço um sinal para que faça silêncio. Joaquim não está olhando para ela, ele anda de um lado a outro, falando consigo mesmo, uma arma em sua mão. Parece surtado.

A cabeça do homem que me trouxe até aqui surge na janela e mostro Eva a ele. Ele entende que ela está escondida e que o homem com a arma não parece prestar atenção nela. Consigo alcançá-la e a prendo em meus braços.

— Amor, está vendo aquela janela? Você precisa correr. Corra até lá, não olhe para trás, não volte para cá, não importa o que você vai ouvir. Você vai correr até lá e aquele senhor ali, é um amigo da mamãe, ele vai pegar você, tudo bem?

Ela nega com a cabeça.

— Não, o papai está vindo, não vou sem você, ele está vindo.

— Amor, eu preciso que você vá. Por favor, faz o que a mamãe está pedindo.

— Não, eu não vou sem você, mamãe.

— Eva! — Seguro seu rosto em minhas mãos, o desespero começa a me tomar, temos pouco tempo, não sei se a verei de novo, mas sinto que não. As lágrimas turvam meus olhos e lamento não poder vê-la direito uma última vez. — Promete para a mamãe que você vai correr até lá, vai sair por aquela janela com o amigo da mamãe e vai esperar o papai lá fora. Por favor, mamãe precisa que você faça isso. Você vai correr até ele, e quando ele te colocar para fora a mamãe vai também. Tudo bem? Mas eu só posso ir depois que

você for, você tem que estar segura primeiro.

— Então você também vem? — pergunta desconfiada.

— Claro! Não vou deixar você sozinha. Eva, mamãe nunca vai deixar você sozinha, entendeu? Nunca! Estarei sempre com você!

Ela assente, deixa o celular no chão e me dá um abraço. Observo se Joaquim está prestando atenção, mas não está. Confirmo com o estranho que vou manda-la até ele, ele faz um sinal, está escondido atrás de uma prateleira, ele vai tirar Eva daqui.

— Vai, corre, filha, vai!

Ela sai correndo e chama a atenção de Joaquim. Imediatamente me levanto, atraindo sua atenção a mim.

— Deixe-a ir! Deixe-a ir, Joaquim, é a mim que você quer. Por favor, eu fico com você, vou onde você quiser, faço o que você quiser, mas deixe-a ir.

Ele sorri, observa Eva fugir e assente, concordando.

— Uma boa troca, mas temos pouco tempo, sua filha vai chamar a polícia.

Ele destrava a arma e se aproxima. Vejo o homem passar Eva pela janela e pular atrás dela rapidamente. Minha filha está salva. Fecho os olhos e espero que ele atire em mim, mas claro que ele não o faz imediatamente. Aproxima-se de mim, sinto sua presença perto demais, sua respiração acelerada, o cheiro do seu suor. Ele toca meu cabelo e passa o cano frio da arma por meu rosto.

— Desde quando você é também um assassino? — pergunto.

— Não sou, serei agora, apenas agora. Mas vou me entregar depois, vou me entregar e passar o resto da vida na prisão por isso.

— Então não faça isso, me deixe ajudar você.

Ele ri.

— Ah, Laura. Se tivéssemos tempo eu a levaria comigo. Mas não temos, infelizmente. Eu sinto muito, não queria machucar você, nem a Eva.

Mas eu preciso machucá-lo.

— Você não precisa! — imploro. — Joaquim, você já o machucou demais. Você tirou cinco anos da vida dele, o fez passar por um inferno. Você me fez passar por um inferno nesses cinco anos também, o que mais você quer?

— Tudo! Quero tudo. Estarei acabado na prisão. Serei preso de todo jeito, João Pedro sabe coisas demais sobre mim. Ele também tem que estar. Não na prisão, não, ele sobreviveu a isso. Tem que estar em seu próprio inferno, um inferno particular. Tem que se culpar dia e noite. Sabe o que percebi na última vez em que o vi, Laura? Ele não se culpa mais. Está livre, o olhar dele não tinha mais aquela tristeza, ele estava feliz. Isso não pode acontecer. Não posso ser preso enquanto ele fica com a empresa, a casa, o dinheiro, a mulher e a filha!

— Ele te dará tudo! Vingue-se assim. A gente liga para ele e você o faz dar tudo a você! A casa, o dinheiro, a empresa, ele dará tudo!

Ele ri, mas se afasta.

— Eu sei que ele daria, por você ele daria a própria vida. Mas não quero. Quero que ele tenha tudo o que tirou de mim para se lembrar que a culpa por você não estar com ele, é dele. O seu sangue vai correr nas mãos dele.

Ele se afasta, a arma apontada para mim, o dedo no gatilho.

— Joaquim, por favor — peço chorando. — Por favor!

— Sinto muito, Laura! Você acha que isso é fácil? Não é fácil!

Ele abaixa a arma, está chorando também, passa a mão livre pelo cabelo, puxando-o. Não está em seu juízo perfeito, isso é nítido.

— Preciso fazer isso. Eu só quero entender, Laura. Como você pôde perdôá-lo? Depois de tudo o que ele fez, como você pôde?

— Eu o amo, você não entende porque não ama ninguém. Você pode atirar em mim agora, mas vou continuar com ele. Sempre estarei com ele. A dor da minha perda vai passar e ele vai ser feliz sem mim. Você não vai acabar com ele assim.

— Não, não, você está mentindo. Sua morte vai matá-lo também. Ele não vai poder ir com você porque terá a filha para cuidar, mas nunca mais ele será vivo. Eu sei disso, eu vi isso em todas as vezes em que fui vê-lo na prisão.

— Joaquim, me escuta, você pode mudar também. Pode ter isso, ter sua vida de volta, seu dinheiro. Me solta, a gente dá um jeito, eu te prometo. Você sabe que honro minhas promessas. Você pode conhecer alguém que o amará desse jeito, que não vai julgá-lo, que fará você inteiro, que vai te dar todo esse amor que você não teve. Não é tarde demais.

Ele parece pensar a respeito, mas o som de um carro cantando pneus lá fora o faz apontar de novo a arma para mim.

— É tarde demais. Sinto muito, Laura.

— Não, Joaquim por favor!

Ele aponta a arma e dispara. O tiro passa longe, acerta a parede atrás de mim. Ele dispara de novo, mais perto dessa vez, mais ainda não acerta.

— Acho que estou um pouco nervoso — diz e aponta a arma, então dispara pela terceira vez. Desta vez realmente em minha direção.

Fecho os olhos, dessa vez ele acertou, estava em minha direção, ele acertou. Não sinto nada e ao abrir os olhos, vejo João Pedro caindo à minha frente. Seu peito sangra e ele acerta o chão. Em seguida, Christopher entra e parte para cima de Joaquim. Então o barulho das sirenes é ouvido lá fora. Abaixo-me chamando por ele:

— João Pedro, fica comigo, abra os olhos, fica comigo! João Pedro!

Ele fecha os olhos quando mais um tiro é disparado. Christopher atingiu Joaquim na barriga. A polícia entra, Christopher chama uma ambulância. Mais pessoas entram e estou em choque, ao lado de João Pedro, sem conseguir me mexer. Minha mão está sobre seu peito, coberta de sangue, ele não parece respirar, não parece estar respirando.

— Não! Não! Abra os olhos! Fala comigo! Não faz isso! Você prometeu!

Christopher se abaixa ao meu lado quando Joaquim é contido. Ele tenta

me puxar, mas não solto João Pedro.

— Está tudo bem, vai ficar tudo bem. Ele sabia o que estava fazendo, vai ficar tudo bem. Laura! Onde está a Eva?

Deixo que ele me tire de perto de João Pedro e aponto para a janela.

— Vou buscá-la eu já volto.

— Não! Não a deixe entrar aqui, não a deixe ver o pai assim.

Ele assente e se vai. Retorna pouco depois para dizer que ela está bem, a polícia a levou de volta à festa, para ficar com Mara e Drika, ela está bem.

As horas que se seguem são angustiantes. Ando de um lado ao outro no hospital esperando notícias de João Pedro. Ele não morreu na hora, o que consideraram um milagre, mas sei que ele não vai me deixar. Ele não vai me deixar, não pode me deixar. Fui atendida assim que cheguei aqui, por estar nervosa demais, chorando muito, histérica. E recebi uma notícia que ele precisa ouvir.

Observo o corredor do hospital, o mesmo corredor, do mesmo hospital e não posso acreditar que seis anos depois estou passando pela mesma coisa.

— Seis anos atrás eu estava aqui. Neste mesmo corredor, ele havia levado um tiro no peito. Os médicos disseram que ele não sobreviveria. Eu só rezava, e pedia a Deus que fizesse um milagre, o pai dele veio aqui então. Me disse coisas horríveis, me fez sentir culpada pelo que havia acontecido. Ele me contou como João Pedro havia sido baleado e eu não queria acreditar nele. Agora estou aqui de novo. Ele está fazendo isso comigo de novo! E peço a Deus, mais uma vez, que o traga de volta! Ele não pode me deixar!

Christopher se levanta e me abraça.

— Christopher, ele não pode. Naquela ocasião eu tinha algo para contar a ele e tenho algo para contar a ele agora. Ele precisa saber, não pode me deixar.

— Ele não vai, ele é forte, tem sete vidas. Brincávamos sobre isso na prisão. Seu marido levaria uma bala por mim, Laura. Ele quase o fez quando me ajudou a fugir. Ele me conhecia há pouco tempo, mas decidiu acreditar

que eu era inocente. Ele apenas acreditou em mim e me ajudou, arriscando a própria vida. Acredite, também já rezei para que ele estivesse vivo antes. Ele vai sair dessa.

Assinto, ele vai sair, tem que sair.

Mais algumas horas se passam até que tenhamos notícias dele. A médica surge com uma expressão cansada, segura minhas mãos e carinhosamente diz:

— Seu marido sobreviveu. Um guerreiro, eu posso afirmar. Ele vai ficar bem.

O alívio que sinto não pode ser medido. Christopher comemora ao meu lado. A médica explica que as próximas horas são cruciais, mas que acredita que ele vai sobreviver. Retiraram a bala, logo acima do coração, de novo. Seu coração é bem protegido. Só mais algumas horas e ele vai acordar, ela diz.

Espero por essas horas ansiosa. Christopher foi embora se encontrar com a esposa. Estou em outro corredor agora, andando de um lado para o outro, esperando que possa vê-lo e finalmente acontece. A enfermeira me deixa entrar. Ele dorme quando entro. Tem a aparência de alguém doente, não posso acordá-lo, não posso estressá-lo, não posso fazer com que tente se mexer. Recebo uma série de instruções e garanto seguir todas. A máquina ligada ao seu coração está apitando, há vida nele.

— Meu Deus, João Pedro, eu vou matar você. Como você me assusta assim?

Seguro sua mão de leve e espero. Mesmo que ele durma por dias, estarei aqui com ele. Penso em ligar de novo para Eva, mas decido esperar mais um pouco. Quem sabe ele não abre esses olhos e possamos fazer isso juntos?

Algumas horas se passam, é madrugada, está frio e o toco para conferir se está com frio, parece estar gelado, então pego um cobertor no armário e jogo sobre ele. Estou ajeitando o cobertor, quando ele segura minha mão.

Seus olhos estão abertos. Ele sorri.

Sorrio de volta, mal acreditando que vi seus olhos azuis apaixonados de novo.

— Olá, bem-vindo de volta — digo baixinho.

— Oi, meu amor. Você não achou que eu a deixaria, não é?

Sorrio, meus olhos transbordam, mas sorrio.

— Achei. De verdade. Você me deu um susto enorme. Sabe, se eu não tivesse perdoado você ainda, o teria feito agora, com certeza. Você zerou todos os seus erros — brinco.

Ele ri, mas parece sentir dor.

— Obrigada — digo segurando sua mão. — Obrigada por salvar a minha vida. Você é meu herói.

— Algum dia eu teria que retribuir, não é mesmo?

— Não faça isso de novo.

Ele segura minha mão e fica assim, olhando para mim por um tempo. Então dorme de novo, assim que digo que Eva está bem e esperando notícias dele.

Quando acorda ligamos para ela, é a primeira coisa que faço. Assim que escuta sua voz, ele parece aliviado, um sorriso se instala em seu rosto e seus olhos tem aquele brilho amoroso que só ela é capaz de despertar.

— Oi, minha princesa! O papai está bem, já, já vamos pra casa. Você foi tão corajosa, minha Eva! Quando eu a vir, quero encher você de beijos.

Ela ri ao telefone e chora. Ainda está assustada.

— Amor, a mamãe já vai pra casa, está bem? Vou buscar você para ficar aqui junto com o papai, você quer?

— Quero, mãe, me busca. Eu quero ficar com vocês — pede chorando.

— Tudo bem, a mamãe vai te buscar. Não se preocupe, não precisa mais chorar. Já passou, está bem? O tio Joaquim está preso, ele não pode mais nos assustar. Papai está bem, está tudo bem, tá bom?

— Está bem, mamãe.

— Eu te amo, princesa.

— Também te amo mamãe e te amo papai — ela diz e desliga o telefone.

João Pedro segura minha mão. Há pura emoção em seus olhos agora.

— Me perdoa, Laura, a culpa foi minha. Você pediu para eu entregá-lo à polícia quando ele invadiu a mansão, eu deveria tê-lo feito e nada disso teria acontecido.

— Você não tinha como saber, pare de assumir a culpa. Você zerou seus erros, lembra? Chega! Nada de culpa mais! João Pedro, nós vamos errar muito daqui pra frente, mas estaremos juntos. Vamos superar tudo juntos. Nós prometemos.

Ele assente.

— Eu prometi e agora sou um homem que honra cada promessa. Enfim você entende. — Ele sorri, sorrio de volta e tenho aqui dentro essa certeza que o sol habitará para sempre agora.

Nada de tempestades internas, nada de apenas sobreviver. Vamos viver juntos, em família, esse amor que nos foi presenteado. Não foi fácil até aqui, talvez não seja daqui em diante também, mas tudo bem. Eu o tenho, nós temos um ao outro, temos tantas provas do amor firme, sólido e intenso que sentimos, que não temos mais porque temer qualquer coisa. Deixa a vida vir, deixa os erros acontecerem. Vamos aprender juntos. Nada mais de tempestades, agora seremos apenas sol.

Epílogo

João Pedro

Hoje terei alta, finalmente. Eva dorme desajeitada em uma cadeira, não arrastou o pé daqui nos últimos três dias. Laura cantarola enquanto arruma as coisas de Eva em uma bolsa. Estou sentado na cama esperando a alta, massageando o local onde estava o acesso, agora dolorido. Ainda me sinto um pouco fraco, só quero dormir em uma cama onde minha mulher possa dormir comigo de novo.

Minha mulher. Tateio a roupa que uso agora, o anel não está nela. Procuro em volta a roupa com que estava quando cheguei, mas não a vejo.

— Amor, onde está a roupa que eu estava usando?

— Foi jogada fora, além de um buraco de bala havia muito sangue nela.

Faço uma careta e ela me observa curiosa.

— Você está procurando algo? Está procurando isso?

Ela tira do bolso o anel. Ele estava em meu bolso naquela tarde porque eu ia pedi-la em casamento na festa da Eva. Sorrio quando ela estende a caixinha diante de mim.

— Ele é seu no fim das contas.

— Você ia me pedir em casamento na festa? Achei que fosse esperar eu

pedi-lo.

— Não dá para esperar você, às vezes você é muito tranquila.

Ela ri. Aquele sorriso lindo que amo. Aquele sorriso que pensei que nunca mais veria.

— Não faça isso enquanto a Eva dorme ou ela vai ficar muito brava.

— Eva! — grito e ela acorda assustada. Seus olhos azuis encontram os meus e seguro a mão da mulher da minha vida, tirando dos seus dedos a caixinha e a abrindo. — Casa comigo, Laura. Para sempre desta vez. Para todos os momentos, desta vez. Para todos e cada dia, para cada sorriso e lágrima, para cada erro e acerto, casa comigo.

— Eu aceito.

Coloco o anel em seu dedo, Eva se levanta e pula na mãe, admirando a peça. A médica nos dá parabéns quando chega com minha alta e, graças aos seguranças do irmão de Christopher, Erick Fabris, conseguimos sair sem sermos vistos pelos jornalistas acampados na porta.

Laura me ajuda a tomar um banho de verdade quando chegamos em casa. Eva prepara a mesa do jantar na minha cama, me visto com a ajuda da minha mulher e ela diz, como quem não quer nada.

— Você se lembra do que aconteceu na primeira vez em que você tomou um tiro?

— Aconteceram tantas coisas, Laura.

— A única coisa boa.

— Eva. Você estava grávida.

Ela assente.

— Isso não vai acontecer uma terceira vez, porque não tenho saúde mental para você levar o terceiro tiro.

A encaro confuso e então entendo o que quer dizer, mas mal posso acreditar.

— Você está? — Encaro sua barriga e ela a toca carinhosamente. — Você está grávida!

A abraço rodopiando com ela pelo banheiro.

— Laura, não acredito. Você está mesmo grávida?

— Sim, vamos ser pais novamente. Mas, João Pedro, por favor não me deixa passar pelo parto sozinha.

— Eu juro, amor. Não vou sair do seu lado um segundo sequer durante toda a gestação. Vou acompanhar você em tudo, eu vou... — as palavras somem, sinto uma felicidade tão grande que não consigo expressar mais em palavras.

— Eu sei, eu entendo. Vai dar tudo certo, dessa vez — ela diz, compreendendo porque não posso mais falar, a puxo para meus braços e a beijo. A tomaria aqui, agora mesmo, se Eva não estivesse preparando o jantar. A mantenho em meus braços agradecendo por tudo o que consegui, era para ter sido assim, desde o primeiro momento, desde a gestação de Eva. Finalmente vamos viver o amor que deveríamos ter vivido se não fossem tantas interferências da minha família e meus erros.

Eva surta ao saber que terá um irmão, corre pela casa gritando, chora, ri, nos abraça, chora de novo. Corre pela casa mais uma vez. Quer escolher o nome, o quarto, e Laura deixa que ela faça tudo.

Enquanto ela corre pela casa, seguro a mão de Laura e acaricio sua barriga.

— Oi, bebê, é o papai aqui. Passamos um susto e tanto, sua mãe, sua irmã e eu. Mas sabe, agora que está tudo bem, até estou feliz por ter levado um tiro desta vez pelo motivo certo. Porque agora sim eu me perdoei. Finalmente eu me liberei de toda e qualquer grade na minha mente. Quando você chegar, vai encontrar um lar repleto de amor, harmonia, paz e felicidade. Você será muito bem-vindo, meu bebê. Papai vai cuidar de você, vai te amar e proteger e ensinar sempre. E você vai ter a melhor mãe do mundo. E, claro, a melhor irmã! — Eva entra no quarto e se joga no colchão, também quer conversar com o bebê.

— Eu vou mimar muito você, e vou te dar todos os meus brinquedos, tomara que você seja uma menina. Eu te amo, bebê!

SETE MESES DEPOIS...

O julgamento de Joaquim foi alguns dias após eu ter recebido alta. Ele foi condenado por vários crimes. Os mais graves deles, tentativa de homicídio qualificado e sequestro. Sua pena é de vinte anos, ele teve um advogado do estado, recusou qualquer outra defesa. Ele assumiu sua culpa e foi rapidamente condenado.

Sua expressão quando me vê chega a ser engraçada, a surpresa e medo misturados a um certo alívio. Ele não lembra em nada meu irmão mauricinho e sempre com uma aparência impecável. O cabelo castanho está desgrenhado, como se ele não se importasse mais com sua aparência. A barba está grande e os olhos azuis apagados. Até mesmo sua postura é outra. Não tem mais sua arrogância e altivez, ele está sentado curvado, mesmo quando me vê, sua postura permanece assim, a postura de alguém culpado.

Está preso há seis meses e é a primeira vez que venho vê-lo. Mas sei que ninguém mais veio. Nenhum dos seus amigos, ou contatos. Nenhum dos seus funcionários. Ninguém.

Ele toca a barriga quando me sento, no local onde levou um tiro de Christopher.

— Irmão, não fazia ideia que levar um tiro doía tanto.

Não digo nada, o observo aqui à minha frente em silêncio. Seu sorriso fraco some, ele olha para os lados e então de volta para mim.

— Isso aqui é um inferno, irmão. Ninguém vem me ver. Os outros presos mal falam comigo. Estou sozinho há tanto tempo, que às vezes canto para não esquecer minha própria voz. Eu descobri coisas aqui, sou mais esperto do que todos aqui dentro, e não tenho para quem contar. Estou a ponto de enlouquecer. Que bom que você veio me ver, irmão. Só você me restou.

— Não somos irmãos, não estou aqui para lhe conceder perdão,

Joaquim. Entendo como é ficar sozinho, você está aqui há apenas seis meses, passei por isso por cinco anos. Graças a você, claro.

Ele abaixa a cabeça. Quando volta a olhar para mim reconheço em seu olhar aquela mesma frieza e desprezo de antes.

— Então por que está aqui? Se não veio me perdoar, nem reestabelecer nossa relação, o que quer?

— Você está sofrendo? — pergunto olhando em seus olhos. — Você sente ao menos remorso pelas coisas que fez?

— Por absolutamente tudo — responde rapidamente.

— Não acredito em você — respondo ao não ver nenhuma mudança em sua expressão, em seu olhar, apenas mais uma de suas mentiras.

— Então você só veio aqui para tripudiar? Para me ver sofrer? — Há um sorriso em seu rosto, esse sim é o Joaquim de quem me lembro. — Não esperava menos. Você veio me dizer que venceu. Eu faria o mesmo, na verdade, eu fiz, muitas vezes, cada vez que ia ver você com notícias falsas da sua filha só para voltar para a cidade e dar em cima da sua mulher. É bom, não é? Estar do outro lado?

Sorrio de volta.

— É ruim, não é? Estar do lado que você está agora? Eu sei como é, Joaquim, se você ainda consegue sorrir então não está nem perto do fundo do poço em que vai chegar. E acredite, você vai chegar lá. É o pior castigo, o pior inferno, não as grades que o cercam, mas a solidão que irá consumi-lo. E você vai deixar de pensar em quanto tempo falta para estar livre e começar a entender que não faz diferença. Porque não haverá ninguém quando você sair. Você não terá para onde ir, com quem contar, não terá nada.

Ele engole em seco, os olhos cravados nos meus, entendendo tudo o que estou dizendo a ele.

— Mas não, eu não vim aqui tripudiar. Eu vim para que você não se sinta tão sozinho. Já estive em seu lugar, afinal de contas. Talvez eu volte um dia, talvez não. Eu não perdoo você, Joaquim, pode parecer hipocrisia depois de tudo o que fiz, mas não perdoo. Ainda não. Você não merece. Sequer se

arrependeu. Mas eu torço muito que seus anos aqui o tornem alguém pelo menos decente. E um dia talvez eu entre aqui e encontre um ser humano de verdade no seu lugar, aí sim, nós conversaremos.

Ele não diz nada de imediato, mas vejo em sua expressão que consegui atingi-lo. Ele sabe que estou certo. Me levanto para ir embora e escuto sua voz atrás de mim.

— Venha me ver, João Pedro. Mesmo que seja para acabar comigo como fez agora! Por favor, venha me ver! Eu imploro, volte! Volte aqui! Por favor!

Não olho para trás e não respondo. Apesar de tudo, ele foi meu único visitante nos anos em que estive preso. Fazia parte de seu jogo, de sua manipulação, mas eu sabia que ao menos ele apareceria um dia. Eu voltarei, o farei mais vezes, até que um dia encontre de volta o meu irmão nele. Senão, vou seguir minha vida e será como se meu irmão tivesse morrido junto com meu pai.

Laura, Eva e eu nos mudamos um mês depois que recebi alta. Queríamos uma casa nossa, onde pudéssemos escrever nossa própria história. A mansão Fagundes nunca foi de verdade um lar para Laura e havia lembranças ruins demais lá. A Nobre teve um dos seus maiores lucros nos últimos meses. As duas coleções que lancei a alçaram a voos ainda mais altos. Papai teria ficado orgulhoso. Apesar de tudo o que Laura me contou, eu o perdoei, se ela o perdoou o que me impedia de também fazê-lo?

Estamos todos jantando à noite, Drika e Mara à mesa conosco, quando Laura fica quieta de repente, para o garfo no ar e me olha com um sorriso.

— O que foi, amor?

— A bolsa estourou — diz calmamente.

Me levanto imediatamente, indo de um lado a outro. A ajudo a levantar, subo correndo para pegar as coisas da bebê, enquanto ela está tranquila, ainda vai tomar um banho antes de irmos para a maternidade. Dirijo feito um louco até lá, Laura está lixando as unhas no caminho quando de repente grita. Freio o carro com tudo, preocupado, e ela está tentando rir de mim.

— Contrações, é normal, vai logo — explica.

Volto a dirigir feito um louco e chegamos à maternidade finalmente. Laura é encaminhada diretamente para uma sala de parto e enquanto seguro a mão da minha mulher, que grita de dor, me pergunto como ela fez isso sozinha quando foi Eva.

Após três horas, muitos gritos, lágrimas e muita força, escuto o choro da minha filha. Primeiro bem baixinho, mas logo, ela grita. É tão pequena que nem parece real. Meio tremendo corto o cordão umbilical e logo nossa pequena é colocada nos braços de Laura, que chora emocionada. Ela abre os olhos quando escuta a voz dela, seus olhos parecem castanhos como os da mãe. A boca também parece a dela, e o nariz. Ela tem muito cabelo, um cabelo negro que a torna ainda mais perfeita. Laura diz que ainda é muito cedo para sabermos com quem vai se parecer.

Laura a estende a mim, e, completamente sem jeito, pego minha filha nos braços. Não tive a oportunidade de pegar Eva no colo quando era desse tamanho e acho que nunca lamentei tanto por isso.

— Oi, Liz, bem-vinda, princesa. Bem-vinda, meu amor.

Mal posso acreditar que esse ser tão pequeno vá se tornar uma menina alegre e bagunceira como Eva. Tenho que devolvê-la à enfermeira rápido demais. E espero ansioso que a tragam de volta para que eu possa admirá-la mais.

— Laura, eu te amo! Não sei se te disse isso hoje, então estou dizendo de novo por garantia. Eu amo você. Você é incrível. É maravilhosa, é perfeita, é o amor da minha vida.

As enfermeiras ficam rindo das minhas declarações, Laura está cansada e emocionada, e logo somos levados ao quarto e tenho de novo nos braços minha pequena Liz. Seu nome foi escolhido por Eva, era para ser Elizabete, o nome da minha mãe, mas Eva simplificou chamando-a de Liz.

Mal posso esperar para que Eva a conheça. Sei que vai amar a irmã, vai ser uma irmã protetora, amiga, que contará histórias a ela e dormirá com ela quando sentir medo. Olho mais uma vez minha mulher ao meu lado, ela nos observa com aquele olhar amoroso.

— Nunca mais vamos transar no seu apartamento — diz baixinho e me pego rindo.

— Quem disse que não? Talvez possamos tentar um menino ano que vem.

— Só se encontrarem uma maneira de você o parir até lá.

Rio e assusto a pequena e observadora Liz, que de barriginha cheia está há alguns minutos me observando.

— Ela vai puxar seu gênio, sabe? Debochada e meio atrevida? Estou sentindo isso — comento para uma Laura que ri da maneira como estou mesmo abobalhado por ter uma criança tão pequena nos braços.

Eva chega em seguida e sua reação não podia ser outra. Ela chora, sorri, abre a boca e não diz nada. Coloca as mãos no rosto e então corre para os braços da mãe, está feliz demais para reagir. Eu estou feliz demais para reagir. Coloco Liz em seu colo com todo cuidado e ela beija a cabecinha da irmã, abraçando-a como se ela fosse seu presente mais precioso.

— Eu já amo você, Liz, vou ser sua melhor amiga, eu prometo.

Olho mais uma vez a mulher que amo na cama, ela olha para nossas filhas e chora emocionada. E reconheço que, desde que errei, este é o dia mais feliz da minha vida. Que todos sejam assim a partir de agora.

FIM

Dedicatória

Este livro é dedicado a Adriele Oliveira (Drika). Obrigada por todo seu carinho, apoio, torcida e amizade a cada dia. Me sinto honrada por ter você comigo nesse sonho.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me ajudado a espantar o fantasma do bloqueio que havia grudado em mim e ter me deixado concluir este, que se tornou um dos meus trabalhos preferidos!

Agradeço à minha família sempre, por serem os melhores do mundo em me apoiar. Em especial à minha prima Sheilla Sousa, por ler todos os meus livros e gostar deles.

Obrigada a Maria Rosa Moraes, eu poderia até colocar você de coautora deste livro de tanto que te perturbei, amiga. Sem você nada disso seria possível, te amo! E amo o Rafael. Obrigada por estar sempre aqui por mim e por ter lido esse livro mesmo quando não estava bem. Nada seria o mesmo se eu não pudesse dividir com você.

A Ellen, minha amiga linda, por existir na minha vida. Por sempre acreditar em mim, por não desistir por mais estranha que eu seja e por dividir comigo a louca paixão por novelas turcas. O que seria de mim sem você, minha amiga?

A minha amiga e diva literária Bia Tomaz, amiga, que saudade da minha blogueira preferida!

Às betas deste livro e pessoas que tanto amo, minha eterna gratidão. Vocês me deixaram tão aliviada e confiante para seguir em frente com ele! Obrigada Iandra (a primeira pessoa a ler este livro completo), Ellah e Alinne por toda

ajuda e conselhos. Amo vocês!

A Cleidi Alcântara e Paulo, sempre, por toda amizade, conselhos e apoio!

A Amanda Lopes, minha gringa preferida, por tudo! Saudade de tu!

A Tati Pinheiro, minha amiga, meu exemplo, por sempre torcer comigo, se alegrar comigo e compartilhar minhas conquistas, te amo!

A Jennifer Torres por cada dia da sua amizade.

Obrigada aos meus amores que me acompanham pelo Wattpad, com seus comentários divertidos, o incentivo a cada dia, obrigada de coração por estarem sempre comigo: Michelly, Marina, Renata, Erica, Rosimeire, Mannacy, Gil, Milla, Pripila, Bolinjo, Thay, Ediane, Gabi, Ana Lucia, Andreia, Lorrana, Kethy, Mary, Jaqueline, Raisinha, Sherlane, Thami, Mayara, Eloisa, Valdirene, Larissa, Ligia, Eliani, Suziane, Lind, Tais, Bruna, Luciana, Aline, Mari, Andreza, Erluzia, Katrina, Helena, Gesselma, Melina, Alessandra, Rayane, Vanessa, Maria Eduarda, Dayane, Gisele, Rosinha, Vera, Juju, Thatty, Evilly, Giih, Fhee, Ana Claudia, Daniel, Juliana e todos que estão lendo este livro e me ajudando com feedback, voto, comentários, mensagens e visualizações. Muito obrigada!

Às minhas amoras do meu grupo do zap que tornam meus dias mais divertidos: Joseania, Alexandra, Lais, Larissa, Amanda, Hanna, Gil, Andrea, Emilene, Danny, Flavia, Nessah, Erika, Adriana, Jessica, Emanuela, Mony, Jheniffer, Fabiana, Cleria, Bruna, Jeh, Nina, Rosa, Jhenniffer, Drih, Thamara, Aysha, Helena, Taty, Patricia, Kehry, Maristela, Jana, Tati, Ana, Gabriela, Duda, Vitória, Katharine, Júlia, Nayara, Geovana, Atilia, Raisa, Talita, Jheni, Jennifer, Deize, Nete, Rhe, Danielle, Juliete e Joyce.

A Rozzy Lima, Carla Carvalho, Dolores Gaspar, Sara Rodrigues, Barbara Restani, Cristiane Navarro, Alessandra Conrado, Nadia, Thamires Lemes, Shirley Nonato, Rosiane Conrado, Cacau Bariani, Renata Ferreira, Deise Cristiane, Giovana Cristina, Ana Patricia, Grzayela Lando, Rosana Rodrigues, Priscila Bispo, Gysa Sousa, Valdirene Jeronimo, Amanda Santana, Amanda Pessoa, Nathalia Matos, Mah Rina, Tania Oliveira, Erica Nascimento, Cibelia Ciba, Maria Augusta, Fernanda Lopes, Ana Clara, Leda Arantes, Camila Lima, Josiane Roque, Ellen Cobra, Tatiane Silva, Tatiane Serafim, Viviane Nicole, Evelyn e Deborah, Juliana Cardoso, Suelen Xavier,

Lidiane Nunes, Marlene, Denise, Fabiola, Prsicila, Ingrid, Micaelly, Tatiana, Silmara, Amanda, Danila, Emilly, Paula, Adriana, Cleonice, Thay, Luzhya, Mya, Jaque, Keissiane, Fabiane, Lidiane, Luyse, Jessika, Fernanda, Vanessa Fiorio, Bianca Patacho, Aline Silva, Aline Mendes, Nathalia Pinto e cada leitora e amiga que comenta meus posts, curte, compartilha, que me manda mensagens e me incentiva sempre, muito obrigada!

Às minhas amoras que me acompanham pelo IG, obrigada de coração Lethy, Hylanna, Elizabete, Andreia, Juliana, Mayara, Sarah, Brenda, Angela, Eugenia, Dikiara, Dri, Rosimeire, Ariane, Eduarda, Carol, Morgana, Bia, Crislaine, Drica, Patricia, Jeeh, Bru, Silvana, Geovana, Josiely, Cauane, Caina, Brunna, Monica, Andressa, Lores, Fla, Bee, Cys, Thati, Gabriela.

Aos igs literários que incentivam e apoiam tanto a literatura nacional e o meu trabalho, muito obrigada livrosdocoracao, amorliterario5, leituras_da_Kali, entreoepilogo, umlivronamente, ruivinha_leitora, lendoemhogsmead, kamie.reads, editsofbooks_, talendotai, leigaleitora, osmelhoresromances, cantinho.daleitura2019, olivroqueeuqueroler, becca_livros, resenhasdaevelyalves, romance_and_poesia, paty.costa_bookslove, livros.sussurros, divando_livros, lovelivros20, contandoeuconto, ebooksc, mundodenalice, marijleite_books, compulsivaporromances, leiturasdaro, leiturasdahopejoy, paginas_marcadas_, ebooksdathata, lerporamor_, dmromances, resenha_book, farfalle.pop, lsdiass2, umviciochamadolivro, entreoepilogo, vicio.em.livros, loucadosromances, rozzylimaleitora e tantos outros que apoiam e incentivam a literatura nacional. Muito obrigada pelo carinho de vocês sempre!

Às minhas colegas de profissão que admiro e amo, Adriana Brasil, Cinthia Basso, Sara Fidélis, Thais Martins, Ana Paula Vilar, Priscila Tigre, Uiara Barzzotto e Tathy Tenorio.

A você que leu este livro, minha eterna gratidão.

Outras obras da autora

REDENÇÃO(IRMÃOS BECKER #1)

A bela e impulsiva Gabriella vê a sua vida mudar ao atropelar o milionário executivo Richard Becker. Com seu jeito arrogante, o homem a humilha, fazendo com que Gabriella queira dar-lhe uma pequena lição, mas o que ela não imaginava, era despertar a obsessão dele por isso.

Gabriella tem apenas 22 anos e uma responsabilidade enorme, seu irmão, Benjamin. Após a morte da mãe, ela abandonou tudo para cuidar do pequeno, que sofre de leucemia, e desde então parece carregar o mundo nas costas.

Richard é frio e solitário, em consequência de uma desilusão em seu passado. Até que encontra Gabriella, seu desejo por ela, e a sua recusa em lhe pertencer, despertam o pior que há nele, e Richard não mede esforços para tê-la, seja por bem ou por mal. Principalmente, quando seu irmão, Christopher, apaixona-se por ela.

Porém, o ódio inicial que Gabriella sente por Richard pode se transformar em um sentimento arrebatador, pois, por trás de um verdadeiro monstro, há um homem ferido, apaixonado e disposto a tudo para cuidar dela e do irmão.

Um romance quente, envolvente e emocionante. Richard precisa ser digno de seu amor e Gabriella precisa ser forte, por Benjamin. Para possuí-la, ele deve cuidar deles, mas a redenção que Richard tanto precisa para conquistá-la, pode custar-lhe o sentimento que ela nutre por ele.

SACRIFÍCIO (IRMÃOS BECKER #2)

Ellen está passando por sua prova mais difícil. Acabou de perder a irmã, a única família que tinha, e viu seu noivo ser preso por isso, mesmo sendo inocente. Sem saída para livrá-lo da prisão, começa a trabalhar para a Becker Records, apesar de sua condição delicada de saúde. Logo, torna-se alvo do desejo descontrolado de seu chefe: Christopher Becker. Ele não está acostumado a não conseguir o que quer, mas, ao mesmo tempo em que parece assustador e incontrolável, é também o homem que mais a protegeu e entendeu até então.

O que Christopher Becker menos precisava era ter se apaixonado pela frágil e delicada criatura que atropelou em uma manhã conturbada. Após ser rejeitado pela noiva do irmão, jurou a si mesmo nunca mais amar, só que ele não contava conhecer a doce Ellen, uma mulher linda que tem feito seu mundo virar de cabeça para baixo. Disposto a tudo para tê-la, ele não joga limpo, fazendo com que ela o enxergue como um herói que ele realmente não é.

Mas, Christopher aprende da maneira mais difícil que o verdadeiro amor é muito maior do que qualquer plano ou mentira. Ao descobrir que sua amada pode ter pouco tempo de vida, abre mão de tudo para dar a ela o que ela mais deseja: seu noivo livre da prisão. Mesmo sabendo que irá perdê-la para sempre, ele sacrifica sua liberdade para que Ellen tenha sua tão sonhada felicidade.

Será o amor capaz de livrá-lo de sua prisão e provar a verdade à mulher que

ama?

Contato com a autora

Facebook: <https://www.facebook.com/carlieferrerautora/>

Wattpad: https://www.wattpad.com/user/Carlie_Ferrer

Site: <http://carlieferrers.wix.com/autora>

E-mail: carlieferrers@gmail.com

IG: <https://www.instagram.com/carlie.ferrer/?hl=pt-br>

Confira outras obras da autora na Amazon: <http://migre.me/ua38C>